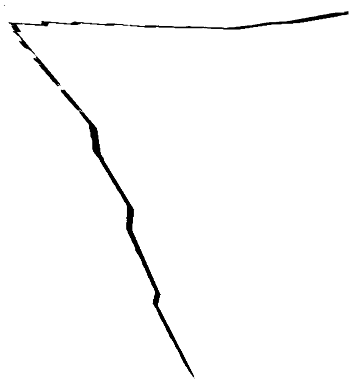
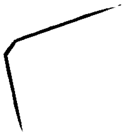
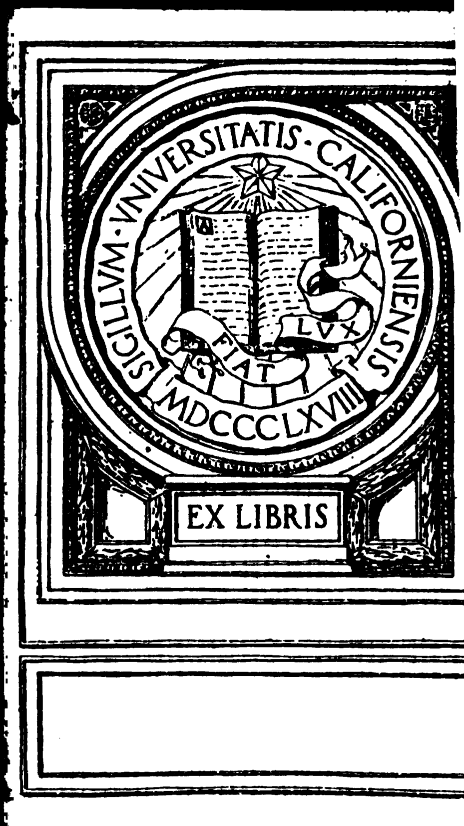







BIBLIOTHEK RISSTISSEN



OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

I

(CAMÕES)

1

OBRAS COMPLETAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

THEATRO:

Tomo I, **Catão.**
Tomo II, **Merope, Gil-Vicente.**
Tomo III, **Frei Luiz de Sousa.**
Tomo IV, **D. Philippa de Vilhena, Tio Simplicio, Fallar verdade a mentir.**
Tomo V, **A Sobrinha do Marquez, As prophecias do Bandarra, Um noivado no Dafundo.**
Tomo VI, **O Alfageme de Santarem.**

VERSOS:

Camões.
D. Branca.
Lyrica.
Fabulas, Folhas cahidas.
Flores sem fructo.
Romanceiro — 3 vol.
O Retrato de Venus, precedido de um ensaio sobre a historia da lingua e da poesia portugueza.

PROSA:

Viagens na Minha Terra — 2 vol.
Arco de Sanct'Anna — 2 vol.
Portugal na balança da Europa.
Tractado de Educação.
Helena (romance).
Discursos parlamentares, Memorias biographicas.
Escriptos diversos.

CAMÕES

PELO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

OITAVA EDIÇÃO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1886

INDICE

NA QUARTA EDIÇÃO

Concluimos emfim esta quarta edição authêntica do poema Camões que ha tanto era desejada. Foi revista e augmentada pelo auctor ainda com mais escrupulo e esmêro do que as antecedentes, que nenhuma d'ellas, e ésta menos que nenhuma, se póde dizer reimpressão da antecedente: todas teem sido additadas assim no texto do poema como nas notas.

A nitidez e elegancia typographica da presente edição tambem é facil de ver quanto excede as outras: homenagem de reconhecimento não menos devida pelos editores que pelo auctor á excessiva indulgencia e favor público com que ésta obra tem sido universalmente accolhida.

Lisboa, 21 de Março 1854.

NA TERCEIRA EDIÇÃO

Démos a segunda edição authêntica do presente poema em mais de meado de 1839; e em menos de um anno estava extincta, quasi no só consummo da Europa, pois que as contrafeições brazileiras impedem o da America. Vem tam demorada ésta terceira edição porque o auctor a não queria consentir sem rever escrupulosamente a obra, sem a corrigir e augmentar de novo, como é seu costume. Fal-

tava-lhe vagar; mas resolveu-se emfim a satisfazer ao impenho do público: e hoje sai outra vez o poema Camões mais perfeito e mais digno da sua popularidade, pela muita correcção, additamentos e melhorias que leva.

Entre as muitas homenagens que este bello poema tem recebido de nacionaes e estrangeiros, escolhemos, para lhe dar logar aqui e para mais illustrar ésta nossa terceira edição, a elegantissima ode de M.lle Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida collecção que tem por titulo *Au bord du Tage* (Paris 1841). Aopé d'ella achará o leitor, no logar competente, a linda traducção que dedicou ao nosso illustre poeta um de seus mais distinctos admiradores, o Sr. J. M. do Amaral, actualmente ministro do Brazil na Russia.

Lisboa, 8 de Julho 1844.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição d'este poema, que se concluiu em París em 22 de Fevereiro de 1825, extinguiu-se logo em dous annos pelo ingenuo favor do público, que se não faziam então ainda em Portugal as reputações dos homens e dos escriptos a tanto por linha nas columnas de um jornal. Era, de mais a mais, obra de um proscripto: apenas se annunciava entre os amigos, ao ouvido. Só um anno depois de

publicada e mais de meia extrahida a edição, é que d'ella se pôde fazer aviso nas folhas públicas de Portugal, quando restaurada a liberdade pela outorga da Carta. No fim de 1827 ja se reclamava segunda edição do poema Camões. Mas primeiro as vicissitudes politicas do reino e occupações graves do auctor, depois o desejo de se mostrar grato ao favor público, apperfeiçoando e corrigindo em edade de mais reflexão o que elle sinceramente intendia que só lhe fôra desculpado por verdura juvenil, foram addiando indefinidamente a execução d'este que era commum desejo do auctor e do público.

No entretanto contrafeições brazileiras reproduziram as primeiras edições d'ésta assim como de outras obras do auctor; estímulo que principal e finalmente o resolveu a tirar ás horas do descanso de suas occupações para corrigir a obra e a intregar de novo ao prelo.

Muitas publicações litterarias nacionaes e

estrangeiras tinham, no intervallo, examinado, censurado e louvado o Poema Camões. Entre outros jornaes, o *Portuguez em Londres*, o *Padre Amaro*, o *Popular*, os *Ocios de los Españoles emigrados*, Mr. Kinsey no seu *Portugal Illustrated*, o *Foreign Quarterly Review*, e ultimamente a *Revista* do Porto. Cada um a seu modo e gôsto notou o que lhe pareceu belleza ou defeito; todos porêm o fizeram com urbanidade e indulgencia tal, que não só pinhorou o auctor, mas produziu em seu ânimo o que infallivelmente produz sempre a censura bem-criada — o contrário das invectivas grosseiras que hoje são moda — desejo e impenho verdadeiro de emendar os defeitos notados, e os muitos mais e maiores que por si proprio descobríra e de que se accusava.

N'este intuito releu o seu juvenil insaio, e algum tempo hesitou se o renovaria dos fundamentos e tractaria inteiramente em novo plano. Resolveu porêm não o fazer, porque embora

ficasse a obra melhor — quem sabe se ficaria? — era outra, não ja a mesma: e intendeu ser quasi um crime de falso para com o público dar-lhe, com o mesmo nome e titulo, uma composição differente da que ja merecêra, ainda que por insigne indulgencia, a sua incontestada approvação.

Sem alterar portanto a contextura original do poema, todo se deu a corrigir o stylo, a supprir algumas não poucas defficiencias no desenho de varios quadros, a apperfeiçoar as côres de todos, inriquecendo-o e augmentando-o tanto, que, sendo indisputavelmente a mesma, é todavia uma nova obra a que n'ésta edição se publica.

Algumas das notas exuberantes e em que se via o desejo de criança que queria brilhar de erudita, foram cortadas, muitas outras necessarias á intelligencia do texto, ou uteis para illustrar alguns pontos de archeologia e historia litteraria, foram augmentadas. Repettimos

que é inteiramente uma nova obra, e a mesma todavia.

Por parte dos editores houve todo o esmêro e cuidado: algumas pequenas incoherencias orthographicas são devidas á incerteza da medida legítima entre nós, que o auctor tanto tem forcejado por fixar, afferindo-a pelo seu unico typo verdadeiro e possivel, a etymologia modificada pela pronúncia.

Lisboa, 30 de Septembro 1839.

NA PRIMEIRA EDIÇÃO

A indole d'este poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por máres nunca d'antes navegados.

Conheço que elle está fóra das regras; e que, se pelos principios classicos o quizerem julgar, não incontrarão ahi senão irregularidades e defeitos. Porêm declaro desde ja que não olhei a regras nem a principios, que não consultei Horacio nem Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte

e operações combinadas do espirito. Tambem o não fiz por imitar o stylo de Byron, que tam ridiculamente aqui *macaqueiam* hoje os Francezes a torto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e commetter impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal ingenho e talento que, com um só lampejo de sua luz, offusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou classico nem romantico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em cousa nenhuma); e porisso me deixo ir por onde me levam minhas ideas boas ou más, e nem procuro converter as dos outros nem inverter as minhas nas d'elles: isso é para litteratos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu abhorreço.

A acção do poema é a composição e publicação dos Lusiadas; os outros successos que occorrem são de facto episodicos, mas fiz

por os ligar com a principal acção. Tam sabida é a fábula ou inrêdo dos Lusiadas e a vida de seu auctor, que nem tenho mais explicações que fazer a este respeito, nem será difficil ao leitor o distinguir no meu opusculo o historico do imaginado: mas não separará decerto muita cousa, porque das mesmas ficções que introduzi, têem sua base verdadeira as mais d'ellas.

Sôbre orthographia (que é fôrça cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etymologia *em razão composta* com a pronúncia; que accentos, só os puz onde sem elles a palavra se confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais acertado, apenas haja algum geral e racionavel em Portuguez: o que tam facil e simples sería se a nossa academia e govêrno em tam importante coisa se empenhassem.

Parìs, 22 de Fevereiro 1825.

Ao Illmo e Exmo Sr.

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA-GARRETT

Son nom suffit à sa gloire.
J. J. Rousseau.

Publicou-se ultimamente em París um opusculo que contêm algumas poesias de Mlle de Flaugergues. Entre essas poesias deparei com uma ao auctor do poema Camões. Tentei traduzi-la, e eis-aqui a minha traducção tal qual a pude fazer. Ella não aspira senão a ser recebida como uma pobre mas sincera homenagem ao chefe da moderna litteratura portugueza, e a ser por elle corrigida

O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadivas sumptuosas são do amor proprio.

Lisboa, 26 de Fevereiro 1842.

José Maria do Amaral.

A M. DE ALMEIDA-GARRETT

SUR SON POËME DU CAMÕES

Du chantre de Gama, chantre mélodieux,
Que ta voix a d'éclat! que ton luth est sublime!
Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
Consolé, radieux,
Le barde méconnu, d'un siècle ingrat victime,
Le grand homme vengé par tes chants glorieux.

Dis, quand la nuit endort les vains bruits de la terre,
Dans le temple désert as-tu porté des vœux?
Du tombeau délaissé la lourde et froide pierre
S'ouvrit-elle à tes yeux?
Un chant sublime et doux, grave et mystérieux
Soudain a-t-il vibré, dans la nef solitaire?

Un souffle a-t-il passé comme un éclair brûlant
Sur ton front pâlissant d'une terreur divine?
As-tu senti, dis-moi, haleter ta poitrine?
Fuir ton genou tremblant?
As-tu, comme celui qu'un songe ardent fascine,
Vu des feux se croiser dans l'air étincelant?

AO SR. ALMEIDA-GARRETT

SOBRE O SEU POEMA CAMÕES

Cantor mavioso do Cantor do Gama,
Estro sublime em lyra alti-sonante!
Ao teu cantar se move e resuscita,
Ovante e ja sem mágoas,
D'ingrato sec'lo o bardo mal-prezado,
Heroe que os versos teus gloriosos vingam.

Vate! quem t'inspirou?—Fizeste votos
No silencio da noite, em ermo templo?
E em teu orar que viste?—Erguer-se a campa
Do desprezado tumulo?
Ouviste echoar pela calada nave
Em graves sons cantar mysterioso?

Crestou-te a fronte, de pavor gelada,
Sôpro ligeiro, qual corisco ardente?
N'esse pavor faltaram-te, arquejante,
Os tremulos joelhos?
Viste, como esse que em delirios arde,
No ar coruscante scintilarem fogos?

Est-il venu vers toi sur la nuée ombreuse!
Sur le char embrasé qui porte le soleil?
Ou dans la sainte horreur de la nuit ténébreuse,
Quand, fuyant le sommeil,
Tu chantais, attendant l'aurore au front vermeil,
Ou suivant dans son cours l'étoile lumineuse?

Planez d'un vol égal aux séjours éthérés,
Aigles! allez de front sur vos ailes géantes!
Dites vos fiers aieux au noir cap des tourmentes;
Bardes, vos chants sacrés
S'envoleront plus loin que leurs nefs triomphantes;
Ces nefs qu'un Dieu porta sur les flots azurés.

Astres d'un même ciel, vos harpes immortelles
Éclairent ces beaux lieux comme un phare éclatant;
Des fabuleux gémeaux tels les astres fidèles
Brillent au firmament.
Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,
Même encens vous est dû, même autel vous attend!

P. de Flaugergues.

Ergueu-se a ti Camões em nuvem densa?
Vinha do sol no carro flammejante?
Ou nas da noite pavorosas sombras,
Quando esquivado ao somno
Cantavas aguardando a rosea aurora,
Ou seguindo co'a mente a estrella d'alva?

Correi, correi de par, aguias gigantes,
Subi aos astros nas possantes azas!
Cantae vossos avós, os feros nautas
Do cabo das Tormentas:
Longe Deus lhe guiou as naus ovantes...
Bardos, vosso cantar irá mais longe.

Astros de um mesmo ceo, são vossas harpas
Faroes eternos que dão brilho á patria;
Taes fulguram no Olympo essas, dos gemeos,
Fabuladas estrellas.
Co'as mesmas palmas inramais as frontes,
Reinais no mesmo altar, co'o mesmo culto.

J. M. do Amaral.

CAMÕES

CANTO PRIMEIRO

> Ésta he a ditosa patria minha amada,
> Á qual se o ceo me dá que eu sem perigo
> Torne com ésta empresa ja acabada,
> Acabe-se ésta luz alli comigo.
>
> LUSIAD.

I

Saudade! gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
—Mas dor que tem prazeres—Saudade!
Mysterioso numen que aviventas
Corações que estalàram, e gottejam

Não ja sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lagrymas—Saudade!
Mavioso nome que tam meigo soas
Nos lusitanos labios, não sabido
Das orgulhosas bôccas dos Sycambros
D'estas alheias terras—Oh Saudade!
Magico numen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo,
Do vago amante á amada inconsolavel,
E até ao triste ao infeliz proscripto
—Dos entes o miserrimo na terra—
Ao regaço da patria em sonho levas,
—Sonhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar!—Celeste numen,
Se ja teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endeixas, se piedoso
Em teus altares humidos de pranto
Depuz o coração que inda arquejava
Quando o arranquei do peito malsoffrido
Á foz do Tejo—ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Timido e acovardado entre os olmedos
Que as pobres aguas d'este Sena regam,
Do outrora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rôllas gemedoras tiram,
A alma buscar-me que por ti suspira.

II

Vem; não receies a acintosa mofa
D'esta voluvel, leviana gente:
Não te conhecem elles.—Eia, vamos!
Deixa o caminho da infeliz Pyrene:
Taes mágoas, como ahi vão, poupa a meus olhos;
Assaz tenho das minhas.—Largo! aos máres:
Livres corramos sôbre as ondas livres
Do Oceano indomado por tyrannos,
Livre como sahiu das mãos do Eterno,
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homens não poderam inda
Avassallar, destruir. Ahi d'entre as vagas
Surge a princeza altiva das armadas,
Patria da lei, senhora da justiça,
Couto da foragida liberdade.
Salve, Brittannia, salve, flor dos máres,
Minha terra hospedeira, eu te saúdo!
Se ora pousando em tuas ricas praias,
Podesse ir abraçar fieis amigos
Que pelas ribas d'esse nobre Thamesis
Vivem á sombra da árvore sagrada
De abençoada independencia a vida!
Não posso; mas sobeja-me a lembrança

Indelevel, e a voz não morredoura
Da amizade gratissima e sincera.

III

Certo amigo na angústia, que aos tormentos
Myrradores que a vida me intravavam,
Adoçaste o amargor, e com benigna
Dextra cravaste á roda do infortunio
Cravo que o gyro barbaro lhe impeça;
A ti, a quem a vida, que se me ia
Em desalento, em desconfôrto, devo,
A ti minhas endeixas mal cantadas
Nas solidões do exilio, onde as repetem
Os ermos echos de extrangeiras gruttas,
A ti meus versos consagrei na lyra:
Quebrada sôbre o escôlho da desgraça
Inda languidos sons desfere a medo,
Que a teu fiel ouvido vão memorias
Lembrar da patria e recordar do amigo.

IV

Ouves? Rija celeuma aos ares sobe
E fere os ventos que nas ondas folgam.
—'Terra, terra!' bradou gageiro álerta.

—'Terra' echoa confusa vozeria
Da maritima turba: Oh! voz querida,
Doce aurora de gôso e de esperança
Ao coração do nauta infraquecido,
Do alquebrado sequioso passageiro,
Que a espôsa, os filhos, ou talvez a amante,
N'essa voz doce e grata lhe alvejaram.

V

Terra, e terra da patria! Debuxada
Se ve pullando a magica alegria
Nos semblantes de todos. Ja contentes,
Um se affigura surprehender o amigo,
Outro á espôsa fiel cahir nos braços;
Este da velha mãe, que ha tanto o chora,
Ir inxugar as lagrymas afflictas;
Aquelle, entre alvoroços e receios,
Não ousa de pensar se ao pae inférme
Na descarnada mão rugosa e sécca
Osculo filial lhe é dado ainda
Respeitoso imprimir,—ou se a ternura,
Se o amor do filho sôbre a lage avara
Se irá quebrar de gelido sepulchro
Que em sua ausencia—tam longa—lh'o roubasse
Qual da amada, que sempre foi constante,

—Ou sempre, ao menos, lh'a pintou de longe
A namorada idea—perto agora
Começa de temer que tal distancia,
Separação tammanha e tam comprida,
Novo amante mais perto...—Mas quem sabe?
Talvez...—E esse *talvez* é de esperança
Sempre querida, sempre lisonjeira.

VI

Um só no meio de alegrias tantas
Quasi insensivel jaz: callado e quêdo,
Incostado á amurada, os olhos fitos
Tem n'esse ponto que negreja ao longe
Lá pela proa, e cresce a pouco e pouco.
Era esse o extremo promontorio
Que dos montes de Cynthia[1] se projecta
Sôbre o fremente Oceano que na base
Tremendo quebra as inroladas vagas.
No gesto senhoril, mas annuviado
De sombras melancholicas, impresso
Tem o character da cordura ousada
Que os filhos innobrece da victoria:
Gesto onde o som da bellicosa tuba

[1] Os montes ou serra da lua, i. e. a de Cintra.

Jamais a côr mudou, nem feito indigno
Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
Honrada cicatriz, que invergonhára
Adamados de côrte, dá realce
Ás feições nobres do gentil guerreiro.
D'esses olhos que a luz ateou do ingenho,
Quem um dos lumes apagou?—A guerra
No campo das batalhas. Um que resta
Vivaz centelha, e avido se alonga
Á recobrada patria.—'Patria' disse
Em voz tam baixa, que a tomáras antes
Pelos echos do interno pensamento
Fallando ao coração sem vir aos labios,
'Patria, alfim torno a ver-te.'—E lacerando
Entre os labios mordidos o ai sentido
Que as piedosas palavras lhe seguia,
Recahiu na tristeza taciturna
De que a idéa da patria o despertára.

VII

Gallerno e fresco o vento sussurrava
Pelas inchadas velas. Ja na terra,
Que a ôlho se avisinha, as mal distinctas,
Diversas côres surdem;—logo o escuro
Dos pardos sulcos discrimina a vista

Dos arrelvados campos; depois vêem-se
As casas alvejando entre a verdura:
Eis claro o porto amigo. Tal observas,
Sob os pinceis de artifice divino,
Primeiro a incerta côr de vagas tintas
Que aos toques mestres, n'esse cahos d'arte,
Se desinvolvem claras, se aviventam;
Azula o ceo, altea-se a montanha,
Copa-se o bosque, escarpam-se rochedos,
De amenas flores se recamam prados
Que pisam nymphas bellas... Pasma absorta,
Admirando-se n'arte a natureza.

VIII

O sol descia rapido, e ja perto
De seu diurno termo, começava
A destingir no verde-mar das aguas
A açafroada côr de que se adorna
No occaso derradeiro. Leves gyram,
Do seguido baixel cruzando emtôrno,
Como um bando de loucas mariposas
Em derredor da chamma,—as destemidas
De ferrea proa rapidas muletas.
Grosseiros parabens em brado rudo
Dos leves barcos soam: modulada

Ao rouco som das vagas nos cachopos,
A voz do pescador brama como ellas.
—'Piloto!' gritam; e a um signal de bórdo
Do alteroso galeão, d'um salto pulla,
—Qual delphim namorado nas campinas
Do azul-escuro mar—o palinuro
Nos segredos do Tejo iniciado.
Rege a manobra fallador apito:
—'Ala... amaina!' Eis passada a estreita bôcca
Por onde seus tributos d'agua e d'ouro
Leva ao Oceano o rio d'Ulyssea.
Juncto da tôrre antiga e veneranda,
—Hoje[1] tam profanado monumento
Das glórias de Manoel—ânchora desce;
E aos ingratos, inhospitos baloiços
Do longo velejar, succede o brando
Meneio da suavissima corrente,
Que no remanso de seguro pôrto
Tam doce é de sentir ao nauta exhausto
Dos repellões irados de Neptuno.

IX

Á monotona grita compassada
Da festiva companha se ala o esquife

[1] Em 1824. A tôrre de Belem foi restaurada em 1843. Vej. nota no fim.

Ao bórdo erguido, d'onde desce ás aguas.
Alegres, — como a noiva que franqueia
O limiar da paternal morada
No risonho cortêjo que em triumpho
A leva ás casas do anciado espôso, —
Ao pintado escaler velozes saltam
Dos passageiros a avida caterva.
Desce último o guerreiro pensativo.

X

— 'Rema!' Da poppa; onde modera o leme,
Brada o mestre: obedece á voz o remo;
E ao golpe certo resvallou d'um pullo
Pela corrente lisa o leve esquife.
Um sentido clamor, como suspiro
De amargurado tom, vem da amurada
Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos
Machinalnalmente ao sítio donde veio.
Quem viram n'elle? Um pallido semblante,
Onde á malaia côr requinta o cobre
Viva expressão d'angústia. Os olhos negros,
N'essas faces tostadas do sol d'Asia,
Brilham por entre as nevoas d'uma lagryma,
E parecem dizer na muda súpplica:
—'Oh! não abandoneis o pobre escravo!'

XI

Do homem, que é mau do berço á sepultura,
Uma só coisa á natureza deixam
Os habitos ruins que não pervertam:
Do coração é o primeiro impulso.
O gesto afflicto do Indio supplicante
Dos remeiros contrai as mãos callosas,
E involuntaria a compaixão se pinta
No parecer de todos.—Mas não tarda
A soffocar a debil voz do instincto
O que chamaram *reflexão* no mundo:
Melhor dirias *reacção* dos habitos
Que um instante vergou a natureza.
—'Avante!' clama o torvo mestre 'Ávante!'
Como que invergonhado do momento
Que involuntario ao coração cedêra.
—'Á fe que não' gritou c'o accento austero
Que tam bem fica aos labios da virtude,
Quando ante a prepotencia ousam de abrir-se,
'Á fe que não' bradou, e em pé se erguia
O nobre, melancholico soldado,
Sem desfitar do humilde escravo a vista,
'Incontrae a tomá-lo.'
—'O quê amigo?

Por vida minha, o que quereis ao Indio?
N'este meu escaler d'essa fazenda
Não levo a terra.'
—'Tal fazenda é ella,
Que d'esse estôfo a não vereis a miude.'
—'Gran' valor é o do escravo!'
—'É meu amigo.'
—'Amigo! amigos taes trazeis ao reino!
Ricco vindes da India.'
—'Ricco!... certo:
De feridas aomenos...'
Suspendeu-se,
Corrido das palavras que soltára
Deante de tal gente: a côr do rosto
Claro lhe indica o pejo que invergonha
O homem honrado se indiscretos labios
No calor da disputa lhe cahiram
Em reprehensivel gabo de si proprio.

XII

No gesto do guerreiro se fixaram
Os olhos circumstantes; e o respeito
Que uma acção generosa inspira ao vulgo,
Por aquelles semblantes se pintava.
Mas o grosseiro mestre não se corre

Do feito descortez: e os signaes tantos
Da desapprovação geral o irritam.
Rudas imprecações, que rudas soam
Como os calabres que reger costuma,
De novo os remos a vogar excitam.
D'alta amurada do galeão suspira
O desprezado escravo.—Um movimento
De involuntaria colera e despeito
Leva a mão do guerreiro malsoffrido
Da espada ao punho. Olhou-o, e c'um surriso
Que parece dizer: ' Quem sôbre as ondas
'Vida de p'rigos vive, não infia
'Aos lampejos da espada'—só responde
O carrancudo mestre.—N'esses tempos,
Que heroicos chama o enthusiasta ardente,
Barbaros o philosopho, e que aocerto
Foram pasmosa mescla de virtudes
E atrocidades,—de honra e de crueza,
Era o sangue juiz de taes pendencias,
E ao defeito da lei suppria a espada.
Barbara usança!... porém nobre ao menos.
Hoje que hemos soffrido de covardes,
Sem pejo, que nos roube a prepotencia
Dos tribunaes as leis, das mãos a espada...
Degenerados netos, ousaremos
Nossos livres avós taxar de barbaros?

XIII

Víra o Tejo suas aguas crystallinas
Roxas alli de sangue; e o breve espaço
Do curvo esquife não tivera as íras
Da mal-avença aos dous, se um podêr alto,
Tam forte quanto é meigo, não viera
Intervir na disputa malferida.
N'um canto do escaler, humilde e absorto
Em pensamentos que não são da terra,
Um velho, em que atelli não attentaram
Indifferentes olhos, se assentára.
Alvejavam-lhe as cans das longas barbas
No burel negro que lhe cobre o peito.
O tempo, que tam longe tem passado
Pela accurvada frente, lhe ceifára
Messes em que talvez a mocidade
Viçosa lourejou: hoje o que resta,
—Raro respigo ao segador cahido —
Tira á côr baça do ligado argento.
Como que a humanas cousas retirados,
Se incovaram nas faces descahidas
Os olhos, onde a luz quasi assemelha
Á lampada que ardeu no tabernaculo
Inteira a noite, e ao arraiar do dia

Fallece á míngua d'oleo. A mão tremente
Em viageiro bordão arrima; e calçam
Nus os pés as sandalias costumadas
A sacudir o pó da terra do impio.
Ricco de affrontamentos e trabalhos,
Vinha do longe oriente á occidua praia,
Não ao repoiso placido á velhice,
Mas a solicitar novas fadigas
Em recompensa d'outras. D'estes eram,
—Antes de se inredar em vans disputas
De orgulho e presumpção mais que mundana—
Os que n'Asia opulenta, Africa adusta
Levavam depós si nações inteiras
Ao culto de um só Deus, da lei mais sancta,
Que—tirae-lhe o que os homens lhe hão mesclado—
Jamais na terra appregoaram homens.

XIV

Foi este o anjo de paz que em tal fermento
De azedas íras verteu mel suave
Da branda persuasão que as amacia.
—'Cavalleiro, essa mão na cruz da espada'
Disse grave e solemne o missionario,
'Quer dizer inimigo, á frente, na aze[1]

[1] Ala.

Da batalha, em pendencia generosa
Pelo rei, pela patria... Aqui amigos,
Christãos, mercê de Deus, somos nós todos
Quantos somos aqui. E ao ceo não praza
Que um cavalleiro portuguez arranque
Contra seu natural armas de sangue.
Perdoae as lhanezas de um soldado
Que cercos tambem viu, e jogou lanças
Com mouros e gentios: – n'este velho
Corpo nem sempre andou burel de monge;
Malha tambem vestiu...—mas uma espada
Ou na batalha em mãos de cavalleiros,
Ou fóra d'ella a rufiões só cabe'.
—'Tam covarde não sou que a tal contrário...'
Balbuciou, serenando o cavalleiro:
'Mas'—e de novo a voz se lhe animava—
'Mas o meu Jáo fiel, o meu amigo,
Unico amigo!'
—'Honra-vos dizê-lo,
Honra-vos, cavalleiro' torna o velho,
'Que andrajos e pobreza vos não pejam,
E ousais chamar amigo ao desgraçado.
Mas; filho... mas senhor, não ha bom feito
Que justifique um mau.'
Ao duro nauta
Voltando-se lhe diz:

—'Amigo, é justo
O que pede este nobre cavalleiro.
Duros de coração Deus não ajuda.
Que pésa o pobre escravo? Ir-me-hei a bórdo,
E o meu logar lhe cederei com gôsto.
Que tem? Filho de Deus como nós somos.
Mal inroupado? Corações bem nobres
Incobre a miude o saio remendado.
Se o cavalleiro te offendeu, seguro
Que não é elle de negar o justo
A quem devido for.'
—'Não sou por certo:'
O guerreiro accudiu; e mal pesada
Tirou pequena bolsa:
—'Ahi tendes, mestre;
Poucos pardaus contém... (Menos me ficam,
Talvez nenhuns...' em tom mais baixo e trémulo,
Quasi de não se ouvir; nem certo o ouviram.)
'Porém d'aqui á praia não vai muito,
E a passagem do Jáo...'
—'Guarda a tua bôlsa'
Ruda interpoz a rouca voz do nauta,
'Cavalleiro orgulhoso; tanto quero
Os teus pardaus, como a tua espada temo.
Mas este padre falla como um anjo;
E o que elle disse, é ditto. Atraca a bórdo;

E abaixo o amigo Jáo.—Rema!'
                                        D'um salto
O Indio na lancha; e a lancha em mores pullos
De oito nervosos braços compellida
Sobe do Tejo a limpida corrente.

XV

Após o disputar veio o silencio,
Que em finda altercação, mal repoisado
O ânimo pede,—e aos na contenda extranhos
Por sympathia natural se estende.
Era então noite: rapidos se esvaem
Em nossos doces climas os momentos,
Que entre as trevas e a luz vacillam curtos.
A natureza, prodiga em beldades
Por tam risonhas terras, lhe ha negado
A magica illusão que os veos estende
N'essa hora de saudosos pensamentos
Sobre os campos boreaes:—hora tam triste,
Mas de tal suavidade melancholica!
—Não te hão formado o coração no peito
As maternaes intranhas, se não ouves,
N'essa hora mysteriosa do crepusculo,
Uma voz que te diz: *Estes momentos*
Consagrou natureza a doces mágoas.

O amigo ausente, a solitaria amante,
O pae longe, o filhinho em terra extranha,
Imagens são que do vapor das terras
Amigas fadas no crepusc'lo formam,
E ante os olhos volteiam d'alma absorta
N'hora sagrada ao genio da saudade.
Oh! serei eu nos sonhos do sepulchro,
Entre o nada das cinzas,—quando a noute,
Qualquer que seja o angulo do mundo
Em que meus pés se poisem, me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos
Que, n'esse intercalar de dia e noite,
Da nebulosa Albion gosei nos campos,
Quando no berço teu, bardo[1] sublime,
Inimitavel, unico, espraiava
Por infindas planicies d'alvo gêlo
Os desleixados olhos, e topava,
Ao cabo lá da vastidão, co'as cimas
Das elevadas grympas que se aguçam
Sobre as arcadas simplices do templo,
Entre as choupanas da vizinha aldeia;
E se me affigurava á mente alheada
Ouvir o canto funebre das harpas
Que da sensivel Julieta ao tumulo
As nenias accompanham.

[1] Shakspeare.—Veja as notas no fim.

XVI

Mas quam longe
Me tornou a volver do Tejo ao Thamesis,
Cortado de memorias que o confundem,
O pensamento vago! — Escura a noute
Suas roupas de dó tinha estendido
Pelas tôrres da inclita Ulyssea.
N'aquelle puro ceo nem leve sombra:
Ausente èra Diana e seu modesto,
Sereno brilho: mas, sem luz que as vexe
Com mais vivo fulgor, se esparze doce
O alvo lume das candidas estrêllas,
Que em tremulos reflexos pelas aguas
Do crystallino rio se espelhavam;
D'onde consoladora se exhalava,
Como um sussurro de viçosas folhas,
A alma brisa da noute, refrescando
Os corpos então aridos das chammas
Com que o touro celeste em furia ardia.
Raras começam a brilhar nas trevas,
Pelas estreitas gothicas janellas,
As veladoras luzes: accalmava-se
O vivaz borborinho da cidade,
E no socêgo placido da noute,
Pouco a pouco, insensivel se perdia.

XVII

Ésta se abria magestosa scena
D'ante os olhos dos nautas que surcavam
Aureos caudaes do Tejo. Silenciosos
Se derramavam de olhos satisfeitos
Por quadro tam magnifico, e buscava
Cada qual, pelas trevas mal cortadas
De froixo lume aqui, alli acceso,
Descubrir o paterno, amigo tecto,
E o leve fummo que do ar se eleva,
Onde a ceia frugal, que o não espera,
Apprompta a cara espôsa, mal cuidosa
Que hade aquinhoá-la o pae c'os tenros filhos.

XVIII

Tam vivas se pintavam nos semblantes
Éstas ideas aos callados nautas,
Que lh'as leu n'elles quem taes pensamentos
Triste não participa. — Quem é esse?
O filho melancholico da guerra.
Leu-lh'as; e um sentimento quasi inveja...
Não é tam baixo — e amarga, oh! mais do que ella!
Lhe trouxe do mais intimo do peito

Um suspiro que morre á flor dos labios,
E suffocado ao coração reflecte.
Aguda foi a dor, acerbo o espinho
Que esse ai lhe pungiu d'alma.—Quem soubera
Os mysterios d'esse ai! Quem revelára
Os segredos do incognito guerreiro!
Consome-o acaso a heiva da doença?
De mal vingada affronta a injúria o rala?
Injustiças dos homens o perseguem?
Ou são penas d'amor?—Silencio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo.
Espreitar indiff'rente os pensamentos
Que os labios do infeliz feixam no peito,
Curiosidade é van, mal generosa
E de ânimo insensivel: não exijas,
Se o pódes consolar, preço tam duro
Por teus confortos. Pouco vale a dextra
Que não inxuga as lagrymas do afflicto,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do pranto a causa.

XIX

O escaler abicou na praia amiga;
E a suspirada terra emfim pisaram
Os desaffeitos pés. Quantas penurias,

Quantos perigos, desalentos, sustos
Em viageiras fadigas se hão penado,
Este momento só, ésta alegria,
Oh quam sobejo as paga! O sentimento
Quasi devoto com que beja o nauta
As areias da patria, é porventura,
Na peregrinação da nossa vida,
—Se exceptuas a morte—o mais solemne.

XX

Separaram-se; e foi caminho usado
Cadaum de seu lar. Ledos se foram...
Todos?—Não: tres diviso sôbre a areia,
A quem parecem vacillar na mente
As ideas penosas que accommettem
O viajante isolado em terra alheia.
São extrangeiros?—Dous. Que patria, longe
Do paiz lusitano, os trouxe ao dia?
—Entre as palmeiras do cheiroso Oriente
Um na infancia folgou: deu-lhe impia guerra,
Em trôco pela patria e liberdade,
Ferros de escravidão:—mas ha nos ferros
Vinculo ás vezes que té prende o ânimo.
Raro o caso verás; porêm não chora
O Jáo pelos palmares do seu ninho:

Prende-o a amizade, não grilhões de escravo,
A seu senhor, amigo e companheiro.
—E ess'outro?—Deu-lhe o ser matrona do Ebro;
E os pendões de Isabel hasteou nos muros
Da vencida Granada: mas a frente,
Hoje de raras cans mal povoada,
Nem só das murtas se coroou da Alhambra;
Capellas de magnolia em mundos novos
Lhe deram sangue e crimes... Crimes foram,
Que o socio de Cortez cobriu do sacco,
E humilhou nas cinzas a cabeça
Dos louros da victoria descingida.
Pardo burel lhe roça a penitencia
Nos membros que luziram d'aço e d'oiro.
Voto solemne e zêlo d'outra glória,
O levou d'além cabo das tormentas
Da aurora aos roxos seios.—Estes eram
Os que juncto ao guerreiro silencioso
Mudos como elle e quedos o fitavam.

XXI

Longo o callar não foi: com passo trémulo
Do joven se approxima o ancião guerreiro:
N'esta grande cidade ambos extranhos
Somos, ao que parece.'

'Extranho eu?... Quasi.
Sou e não sou extranho.'
—'Não me é d'uso
O metter mão curiosa nos segredos
De quem os tem.'
—'Segredos não n'os tenho:
Sou portuguez, e de ser tal me... prézo.'
—'Mas de Lisboa não?'
—'É minha patria.
Desejais saber mais?'
—'Minhas perguntas,
Cavalleiro, não são de curioso;
Outra vez o repito: um pobre monge
Tem uma pobre cella e magra ceia,
Mas ambas offerece d'alma e gôsto.
É tarde; e se outro hospicio á mão não tendes,
Sereis bem vindo a um gasalhado humilde
De quem melhor, a tê-lo, o offerecêra.
Má noute passareis; mas um soldado
Não teme estrados maus nem leitos duros.
Soldado fui tambem: ser-me-ha ventura
Em meus quarteis d'hynverno receber-vos.'
—'A cortezia é de ânimo sincero;
Nem sou homem, senhor, que a desvalie.
Mas um desconhecido, e porventura
D'ella não mer'cedor, deve acceitá-la?'

—'E porque não, se lhe é mister e a préza?'
—'Conheço...'
—'A noute passa. Horas são éstas
Improprias de ir buscar outra pousada.
Se vos não peja de acceitar a minha.
Vinde. E pejo de quê? Mesquinha e pobre
É, ja vos disse; mas senhores grandes
Em mais pobres mosteiros alvergaram.'
—'Ancião venerando, sou comvosco:
Honra-me, não me peja a offerta amiga.
Uma só coisa... Nada. Eu ja vos sigo.'

XXII

Áparte chama o escravo, e da pequena
Bôlsa tirou porção pouco avultada
De seu modico haver.—'Busca poisada
Para ésta noite; e ámanhan bem cedo...'
—'O que fazeis, senhor!' acode ancioso
O velho que os intentos lhe percebe,
—'O que fazeis, senhor! Sou eu mais barbaro
Que o mestre do galeão? Pude com elle
Que de um servo fiel não separasse
O senhor generoso, e havia agora
De fazer eu peior! Invergonhais-me...
Offendeis-me talvez. Amigo, vinde,

Segui vosso bom amo: para todòs
Em nossa humilde casa ha tecto e abrigo.'

XXIII

Ao Jáo fiel cahiu de puro gôsto
Uma furtiva lagrima que havia
Rebentado de timido receio,
Mágoa de se ver só, deixar seu amo,
E ir procurando por tammanhas ruas
A quem?...—Ninguem conhece o pobre escravo.

CANTO SEGUNDO

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, a côr murchada,
Tal está morta a pallida donzella,
Sêccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr co'a doce vida.

LUSIAD.

I

Que sons descompassados troa o bronze
Nas tôrres do mosteiro? Que ais carpidos,
Que agudos huivos desgrenhadas gritam
Essas mulheres pallidas? Que funebres
Alas são essas de homens todos lucto,
De escuro vaso e longo dó vestidos?
Que hymnos de morte roucos murmurando

Vão esses cabisbaixos sacerdotes?
Que pompa é essa? Um atahude a fecha.
Orgulho do homem, dás o arranco extremo
Na vaidade da campa. Que grandezas,
Que distincções queres pleitear ainda
Na egualdade terrivel do sepulchro?
Desingano da morte, es tu acaso
Outro sonho dos miseros viventes?
Quem desinganas tu?—Viram de longe,
Caminho do mosteiro, os viajantes
Infiar a porta maxima do templo
Ordem longa de tochas, baço lume,
Clarão triste de mortos. Sons perdidos
Do psalmear monotono lhes trouxe
A gemedora viração da noute;
E o ar pelos ouvidos lh'estremece
Com o dobrar das campas desintoadas.

II

Ruin agouro! Um sahimento funebre
Ao regressar á patria! Não se póde
Conter do involuntario pensamento
O portuguez viajante. Mal conhece
A intrepidez dos bravos esse louco
Terror do vulgo que estremece á vista

D'um gelido cadaver: costumados
A ver a face pallida da morte,
As agonias roxas, e o tranzido
Suor do passamento,—não se movem
Seus musculos tam facil. Mas ressumbra
Não sei quê tam solemne e grave e augusto
De um funeral entrando a passo lento
As portas do jazigo, que essa pompa
Triumphal da morte, do mais duro peito,
Ao gesto mais tranquillo traz de fôrça
Contracção impossivel de incubrir-se.
Não lhe chamo terror, nome lhe assignem
Qual queiram mais; que o sentimento d'alma
A impressão natural é sempre a mesma.

III

D'esta commum fraqueza—se tal era—
Não foi isento o Lusô;—e porventura
Um preságio de incognita desgraça,
Presentimento vago e mal distincto
De não sabido mal, se uniu áquella.
O Jáo supersticioso, como é de Indios,
Fez claro um gesto de terror, a face
Volveu á esquerda, e co'a mão fria trava
Da curta capa ao amo:

—'Á esquerda, á esquerda,
Meu senhor, não incares um finado
Em sua última viage: ha mal em ve-lo
Face por face.'
—'Deixa-me, ignorante,
Com teus medos ridiculos.'
—'Embora,
Embora: mas na India...'
—'Não prosigas.'
—'E que ha' disse, apontando para o feretro
Que entrava a egreja então, o missionario,
'Que ha tam medonho e mau n'esses despojos
Da passageira vida? Um tronco sêcco,
Pelos ventos do outomno despojado
Do viço e folhas,—tenda abandonada
Pelo viandante que voltou á patria.
Oh! seja-lhe piedoso o juiz eterno.'

IV

Chegavam aos cancellos do convento,
E o missionario disse:—'Cavalleiro,
Da casa do Senhor aberta a porta,
Não passarei sem ir ante os altares
Meu tributo de graças off'recer-lhe.
Cuido me seguireis: o humilde cantico

De nossa gratidão irá junctar-se
Com as preces dos mortos. Mas que importa?
Ouvirá Deus a todos. Se lh'o impedem
Surperstições e medo, fique embora
E nos aguarde o escravo.'—Não responde
O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

V

Fôsse terror, ou sentimento fôsse
De mais occulta origem, pelas naves
Do templo entrou com passos mal seguros.
Elle, que tantas vezes ha rompido
As cerradas fileiras,—que á guardada
Brecha se appresentou com rosto frio,
E a entrou sem vacillar!—Oh! que ente és, homem,
Incomprehensivel tu!—Do templo em meio,
Alto e funereo estrado se levanta,
Negro da côr dos tumulos. Emcima
Poisava um atahude. Alva capella
De quasi murchas, desbotadas rosas
Indicava que a victima da morte
D'hymeneu illibada succumbíra.
Pesados luttos e arrastrados fummos
Cubriam, perto, amigos e parentes
Funebre silenciosos. Arde emtôrno

Renque de brandões pallidos; e affummam
Do imbalado thuribulo os vapores
Da resina sabea. Echoa o templo
Co'as tremedoras notas d'esses hymnos
Que, na solemne entrada do sepulchro,
Terrivel canta a egreja,—quasi um echo
Da profundez do abysmo, que reflecte
Pavoroso na terra.—A ponto entravam
Os viajantes no templo quando o côro:

—'Tedio da vida concebeu minha alma;
E é fôrça que desate a propria lingua
Contra mim mesmo,—e desabafe o peito,
A amargura fallando de minha alma.'
'Direi a Deus: não me condemnes, ouve-me.
Porque assim me julgaste? Acaso é digno
De ti calumniares-me, avexar-me,
A mim que sou das tuas mãos feitura?'

'São teus olhos de carne como os d'homem?
Como elles ves e julgas?—Porque ao dia,
Do carcere materno, me has trazido?
Oxala que eu não visto perecêra
De ôlho nenhum vivente, e houvera sido
Como se nunca fôsse,—trasladado
Do ventre á sepultura!'

'O escasso número
Dos dias meus não será findo em breve?
Deixa-me pois chorar a minha mágoa,
Gemer co'a minha dor antes que desça,
Para mais não voltar, á tenebrosa
Terra que a escuridão cobre da morte:
Terra de mingua e trevas, habitada
Pelas sombras da morte, — onde mais ordem
Que o sempiterno horror ha hi nenhuma.'[1]

VI

As vibrações da musica, as palavras
Não menos fortes, o logar, a hora,
A grinalda de rosas sôbre o tumulo,
Porventura ignoradas circumstâncias
Que ás sombras d'este quadro dão relêvo
Com mais fortidão n'alma, tudo a um tempo
No predisposto cerebro, de embate,
Violento abalo deu ao Lusitano.
Os cabellos na frente se ouriçaram,
Como selva de lanças se ergue subito
Ao grito alarma em dia de batalha.
O coração parou-lhe, — e o corpo turgido

[1] Job. cap. x.

Pesou sôbre os joelhos, que vergaram
De golpe a terra. Do que sente ignaro,
E de sua fraqueza invergonhado,
Baixa o rosto, e se incosta á balustrada
Do côro que por caso tem deante.

VII

Ou não sentiu, ou de sentir não mostra
A turbação que o espirito aliena
Ao companheiro seu, o missionario:
Juncto d'elle ajoelhou, e em voz submissa
Ao Deus dos vivos e dos mortos ora.

VIII

Findava o canto lugubre das preces:
Quatro inluttados cavalleiros sobem
Os degraus do moimento; da eça tomam,
Levam nos braços o atahude, e descem.
Todo o cortêjo, murmurando os psalmos
Das rogações extremas, se incaminha
Em passo lento a lateral capella
Que ornam vasados, gothicos pilares
De marmore tam negro como as vestes
Dos inluttados vultos que os rodeiam.

Da procissão ao cabo, os anojados
Levam de uma das mãos o triste pêso,
Co'a outra sôbre os olhos segurando
O usado emblema de dorido choro[1].

IX

Juncto ao guerreiro ajoelhado, passa
O insensivel objecto d'essa pompa.
Fôsse caso ou tenção, n'este momento
Alevantando a face descahida,
Co'a vista no visinho cavalleiro
Deu... estremece... ao atahude os volve:
Ja longe o levam;—mas viu inda escudo
De conhecido emblema no arremate.
Ceos! que viu!...—A coroa d'alvas rosas,
N'esse instante um baloiço descontrado
Dos cavalleiros, a desprende,—rólla
Por terra, e juncto d'elle pára...
Ávante
Foram: ninguem n'essa grinalda attenta
Que desprendeu do feretro o acaso.
Acaso foi?—Mysterios ha na campa
Que em trâdições de seculos fundados

[1] Choradeiras: uso que ainda prevalece na côrte.

Me travam da razão: cre-los não ouso,
Mas desprezá-los... tambem não:—pensava
O atribulado, incognito guerreiro...

X

O cortêjo passou...—e a c'roa funebre
Ergueu convulsa mão, trémula a aperta;
E olhos, que desvairados a contemplam,
Parecem perguntar-lhe:—'Flor de morte,
Em que pallida frente has tu pousado?'
Quem lhe hade responder? Em breve a loisa
Se fechará,—como os ferrados cofres
Do avaro, onde nem lagrymas de afflictos,
Nem suspiros de tristes lhes aventam
Luz de esperança minima.—Segui-lo,
Antes que o cerre a campa, esse atahude
Em que talvez... Oh barbara incerteza,
Terrivel, cruellissima! E terrivel
A verdade será... Mas antes ella.
Corre ao sítio onde viu incaminhar-se
O funeral; o som das vozes segue,
Entra a capella escura.—Escuro é tudo;
Nem uma luz, nem um vivente. O baço,
Triste clarão da lampada que ardia
Longe no mor altar, só lá reflecte

Tanto de claridade quanto as trevas
D'esse recinto funebre amostrasse.

XI

Foi sonho quanto viu! visão phantastica
Toda a funerea pompa, o canto, o feretro
E essa fatal grinalda!... Ei-la, na dextra
Segura ainda a tem.—Escuta: uns echos
Sotterraneos,—como hymnos de finados
Por noute aziaga em cemiterios, se ouvem.
Inclina attento a orelha: um passo ávante...
Tropeça... Em quê?—N'uma revôlta loisa.
Aberta está a porta do sepulchro.
Um tenue bruxulear de luz descobre
Na profundez do abysmo; os degraus ultim
De humida escada ve: descerá?—Desce:
Na estancia entrou das gerações extinctas.

XII

Terra esquecida ahi jaz, ahi moram cinza
Por que em vão fallam epitaphios, lettra
Sôbre a face da terra que deixaste?
Que feitos de virtude ou de heroismo
Tua passagem n'ella assignalaram?

Nenhum? Inteiro ao tumulo desceste,
Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,
Amontoa pyramides;—embalde!
Livra o marmore só do esquecimento:
É a memoria do prestante feito
Que as edades lembradas vão guardando
De geração em geração na terra.

XIII

Ei-lo vai, entre as tacitas phalanges
De infileirados ossos caminhando
O atonito guerreiro;—ao cabo extremo
D'esse arraial de mortos, dá c'os olhos
No cortêjo de dó que hóspede novo
Taz á morada eterna. A ponto o feretro
Ia baixar ao perennal incêrro
D'onde o não moverá senão a tuba
Terrivel, quando o sol se erguer do oriente
A dar a extrema luz ao dia extremo.
Dobra o passo; inda é tempo. Argentea chave
Laçada em fummo negro, um cavalleiro
Tinha na mão: o mais illustre esse era
Ou o mais anojado:—uso sabido,
E venerada práctica dos nossos.
Pela vez derradeira olhos de vivos

Verão a face livida do morto
Que ao final poiso desce. Despedida
Solemne! E que expressão ha hi na terra
Em lingua d'homens, que traslade ao vivo
Todo esse accumular de sentimentos
Que em si de tal instante o adeus incerra!

XIV

Ja vacillante mão abre o atahude...
Amortalhavam candidos vestidos
O corpo ainda airoso d'uma dama
Não morta no botão d'annos viçosos,
Mas na desabrochada flor da vida,
Tam delicada não, porêm mais bella.
Velada a face tinha; mas conhece-a...
Quem? o guerreiro... quem? o seu amante.

XV

Ceos! elle mesmo, elle!—Precipita-se
Sôbre o cadaver... ergue o veo...—'Natercia!'
—'Natercia' d'echo em echo repetiram
Os echos dos moimentos, acordados
Do somno sepulchral. Estremeceram
Os do cortêjo, e atonitos contemplam

O incognito.—' É elle' uma voz disse;
—'Ê elle' emtôrno remurmuram todos.

XVI

O sangue ao coração atropelado
Recuou, estagna-se, e parou da vida
As funcções todas ao guerreiro;—em terra
De mortos semimorto fica. Emtanto
Deu a volta fatal e derradeira
A chave do atahude; cai a lagem
Sôbre a bôcca do tumulo.—A existencia
Se esvaeceu... começa a eterndade.

CANTO TERCEIRO

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores
Alcanção os que são da fama amigos
As honras immortaes e graus maiores.
LUSIAD.

I

—'Ah! meu senhor... bem o disse eu: mal trazem
Vistas de mortos.'
—'Socegae, amigo;
Deixae-o repoisar: somno propício
Ja lhe accalmou o sangue; e mais tranquillo
D'ânimo acordará.'—Submissas vozes
Murmuravam assim em baixo accento

Juncto do leito em que prostrado e placido
Por benigno Morpheu jaz o guerreiro.
De rouxas violetas se toucava
No horisonte primeiro o alvor do dia,
E a claridade tenue da arraiada,
De estreita fresta os vidros penetrando,
Á morredoura luz de exhausta lampada
Vinha junctar sua luz na humilde cella
Onde este curto dialogo passava.

II

Pranchas de escuro til, rudo lavradas,
Do apposento as paredes guarneciam.
Sôbre uma banca de egual custo e obra
Poisava antiga cruz d'onde pendia
Agonizante o Christo: lavor fino
Que no indico dente a mão devota
D'um neophyto d'Asia executára,
E fôra dom do grato cathecumeno
Ao que nas aguas mysticas do Ganges,
Por novo rito e lei, lhe consagrára
Antigas abluções. Unico um livro
De pesado volume aopé do lenho,
O livro dos christãos: dois ferreos broches
As grossas pastas fecham. Pende, a um lado

Da parede, infummado, antigo quadro
Que os rudes traços do pincel recorda
De Perugino ou Vasco, á infancia da arte:
Em cujo parecer traslado brando
Deram tinctas fieis d'essa virtude
Que o philosopho disse humanidade,
Charidade o christão.—Dispute em nomes
Quem de palavras cura: o homem sincero
Sem vaidades de lingua, obra e não falla.
Pintado estava alli um nobre velho
Que a angelica belleza de sua alma
Toda tinha no rosto retrattada.
Alvo-negro saial o ancião vestía;
Juncto d'elle, de penas variegadas
Cingido a frente e rins, imberbe um homem
De bronzea tez, jazia malferido.
Convulsa a dor em contracções se exprime
No requeimado gesto; mas nos olhos,
Se é lagryma essa nuve' imperceptivel
Que rara os cobre,—não lh'a choram dores,
Mas de sensivel gratidão desliza.
Lettra o painel não tem; mas claro amostra
Novo Tobias[1] no hemispherio novo.

[1] Las-Casas.

III

Do habitador da cella amigo e mestre
Las-Casas fôra, quando guerra injusta
Seu braço d'impio ferro outrora armado,
Levou cruel aos povos mal defesos
Que, ajoelhavam pavidos, devotos
Ante homens numes, dos trovões senhores[1].
De tal amigo o commoveu o exemplo.
Pensada reflexão, não voto incauto,
Extorquido á fraqueza ou cega infancia,
Lhe trocou no burel o azero e malha.

IV

Mas ja no leito o adormecido acorda.
Seus mal abertos olhos se descerram
Ao primeiro luzir do sol, que é nado
N'este momento, agora: froixamente,
Mas não turbados, derredor os volve
Pelo apposento. Como quem se affirma,
Um e outro dos dous que o accompanham
Fita admirado, e a modo que procura
Reconhecer feições que ha visto algures;
Com vagarosa mão correndo a frente

[1] Verso de Filinto Elysio.

Uma vez e outra vez, dá parecenças
De querer ajudar o involto cerebro
A desligar idéas mal distinctas.

V

Assim ao que tomou gelado spasmo
Toda a apparente vida, os membros rijos,
Sem côr os labios, prêso o sangue... é morto:
Ergue-se o carpir d'orphams, da viuva...
Ja no sudario involto, ja nas andas
Os doridos amigos o conduzem
Á morada dos findos... Repentino,
Do coração começa o calor vivo
A devolver-se, manso e manso, ás veias;
Longes de esvaecida côr lhe tingem
Os beiços... pestaneja froixa a palpebra...
Abre os olhos... que atonitos duvidam
Se inda é mundo o que vêem.—Tal contemplava
Com pasmado semblante os que o rodeiam
Do castelhano cenobita o hóspede.

VI

Risonho e com socêgo appropriado
A socêgo inspirar, lhe disse o monge:
—'Bons dias, cavalleiro; em pobre cama

Riccos somnos se dormem—diz o adagio,
E hoje o provastes bem. O Sol ja nado
Convida a erguer-vos; e este sino, que oiço,
Ás preces matinaes me chama ao côro.
De refeição tereis mister; sadia,
Se não mui exquisita, vou buscar-vos.
No emtanto levantae-vos; pouco tempo
Do vosso Jáo fiel na companhia
Vos deixarei: não tardo.'
—'E aonde... estamos?
Não me recordo...'
—'Estais em casa amiga.
A nossa cella é ésta; socegae-vos.
Atribulado ha sido vosso espirito:
Inseparavel condicção da vida
Padecimentos são; todos penâmos.
Mas a constancia é a virtude do homem,
E a paciencia a do christão. Mais largo
Conversaremos logo: a dor do peito
Quer-se desabafada em peito amigo.
Porora conservae tranquillo o ânimo:
Breve aqui sou.'

VII

E cobre o manto, e parte.
O silencio o seguiu; e o tardo piso

Apenas se escutava das sandalias
No longo dormitorio resoando.

VIII

—'Devo' dizia o incognito guerreiro,
Quando, á volta do côro, com seu hóspede,
Leve repasto da manhan tomavam:
'Devo a tam bondadoso e terno amigo,
Ás sollícitas penas e cuidados
Que vos hei dado, confissão sincera...
Quero explicar-vos o successo estranho
Que hontem presenciastes;—e do escandalo,
Se a meu pezar o dei, perdão vos peço.'
—'Demasiado avaliais fracos serviços.
O segredo é a ricca joia d'alma,
Que não se mostra assim a olhos de todos.
O coração é cofre precioso
De que, raro, confia homem prudente
A chave a seu mais intimo. Guardae-vos
De baratear assim o ouro cendrado
Da amizade fiel (confiança intendo)
A qualquer que surrindo vos estende
Talvez curiosa mão, que não de amigo.
Embarda os achareis...—oh! perdoae-me,
Sou velho, e prompta sempre a dar conselhos

É minha edade—se prestar-vos póde
Este nada que valho, se ajudar-vos
De obra ou de aviso imaginais que posso,
Ouvir-vos-hei de gôsto e de vontade.
Sou vosso amigo, sou: próvas nenhumas
De mim tendes; mas Deus, que une as vontades,
E a quem prouve no peito gravar do homem
Esse invisivel *quê,* essa lei mystica
Que attrai o coração d'um ente ao outro,
Deus sabe se, de quando em Mossambique
Vos conversei primeiro, senti n'alma
Não sei que voz dizer-me:—'Segue esse homem,
Deves amá-lo, é infeliz e honrado.'

IX

Do Lusitano ao descorado gesto
Esva cido rubor assoma,—e foge,
Qual foge aos olhos o lampejo rapido
Da trovoada longinqua.—Um tanto a face
Descahiu sôbre o peito amargurado,
E com voz, firme não, porêm serena,
Disse:—'Luiz de Camões tinha um amigo
Unico só na terra.—Não te escondas,
Meu fiel companheiro: um feito honrado,
Generoso te peja?—O pobre Antonio

Foi atequi, senhor, o unico vivo,
Unico ser na face do universo
Em quem meu coração achou abrigo.'

X

Pelas faces do escravo, baga a baga,
Internecidas lagrymas cahiam,
E o peito suffocado comprimia
A custo grande o soluçar que o arfava.
Não póde mais: aos pés se deita do amo,
E sem conter o chôro:
—'Oh! não me digas,
Não me digas, senhor, que sou amigo.'
—'Não o diga! Porquê?'
—'Porque isso parte
O coração do escravo. *Amigo* é falso.
Os de Macáo, de Goa e Mossambique,
Todos faltaram; e eu fui sempre...'
Corta-lhe
Um mar de pranto a voz
—'Tu foste sempre
O meu fiel Antonio.'
Humedeceram-se
Os olhos do guerreiro; e como a effeitos
De sympathico influxo, ao velho austero

Pelas rugas das faces deslizaram
Gottas de suave, internecido pranto.

XI

Serena a reflexão commoções d'alma.
O Lusitano continúa:—'Certo
Que has ditto bem: tam profanado e abjecto
De amigo o sancto nome hão pôsto os homens,
Que mal sei eu se injúria ou honra é elle.'
Parou aqui, como assombrado n'alma
Da amarga observação. Depois, volvendo-se
Menos afflicto ao missionario, disse:
—'Embora! pois que emfim tenho incontrado
Consolação tam doce a minhas mágoas.
O meu nome—inda mal! bem conhecido
Por esse novo imperio do oriente—
Ê Luiz de Camões. Em tenros annos
Ância ardente de glória e de renome,
Porventura outra causa mais violenta,
Mais nobre... e mais funesta—me levaram
Ás africanas praias, dura eschola
Da portugueza mocidade. Alegre,
Que me surria então verde esperança
No inganoso porvir,—entrei os muros
Da veneranda Ceuta, insigne preço

De sangue regio e d'um martyrio illustre.
Paternas mãos as armas me cingiram.
Oh! pae tinha eu ainda... Honrado velho,
Na vereda da honra me puzeste;
Fui, como tu, caminho da desgraça.

XII

'Ah! se um filho que ha visto na batalha
O paterno valor, que ouve entre a grita
Aquella voz que o acariciou na infancia,
Bradar-lhe: 'Ávante!'—aquelle braço amigo
Que o imbalou nos dias da innocencia,
A appontar para a estrada da victoria;
Oh! se a tal homem covardia póde
Entrar no peito vil... Não é possivel.
Eu apprendi a combater com elle,
Lembra-me o dia—porventura o maximo
De minha vida, se hontem, se outro ainda
Nos de minha existencia não contára—
Quando no Estreito[1] a barbaresca frota
Nossas naus victoriosas derrotaram.
Era a minha primeira lição d'armas,
Foi a primeira vez que o mauro alfange

[1] De Gibraltar.

Por d'ante os olhos me cruzou co'a morte.
Juncto a meu pae—á frente o viram sempre...
Sôbre o imigo baixel a panno cheio
Cahia a nau de seu commando...[1] Um silvo
De peloiro soou.—Mirado a elle
Certeiro mouro tinha.—Estendo o escudo...
Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
A balla resvalou,—e ja sem fôrça,
Leve aqui me feriu na sestra face,
E fria aos pés me cai.'
—'Leve ferida
Que um dos olhos!...
—'Oh! dous nos ha dado
Liberal natureza.—Que vale isso!
Salvei meu pae.'

XIII

'Voltei por fim á patria
Outra vez de esperanças illudido.
Alguns serviços, por benignos chefes
Exagerados sim, mas não mentidos,
Nada obtiveram,—nem o esquecimento
D'um inimigo cru, jurado, injusto,
Que jamais o offendi, jamais.—Se é offensa

[1] Historico.

Ter olhos para ver a formusura,
Coração para a amar, alma de fogo
Para mandar aos labios anhelantes
Faíscas d'esse amor; se o dom da lyra
—Di-lo-hei funesto ou chamar-lhe-hei ditoso?—
Que me outorgára o ceo, votei ás aras
D'esse amor que foi unica ventura
De minha vida,—unica, innocente
Causa de meus acerbos infortunios,
E agora...'
Sôbre o peito a dextra apperta,
Como em chaga dorida a mão do infêrmo
Para accalmar a dor; pendeu-lhe a frente
Para o seio agitado. Instantes breves
As mostras da afflicção se patenteiam.

XIV

—'Se é crime' continuou 'ter alma e vista,
Foi essa a unica offensa que lhe hei feito
Ao vingativo conde[1]. Por má sorte,
Laços fataes de sangue lhe prendiam
De meus suspiros o adorado objecto.
O nascimento egual, a egual fortuna,

[1] O Conde da Castanheira: veja nota no fim.

Tudo por mim, tudo por nós fallava.
Cubiça impederniu seu duro peito:
E o soldado só de honra herdeiro ricco
Que podia esperar? Seu vão orgulho.
Se invileceu, de baixo, a perseguir-me.

XV

'Nada na côrte obtive contrastado
Por tam forte inimigo, eu sem fortuna,
Sem arrimo, sem pae.—Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela patria hão barateado
Para perder á mingua o resto d'elle,
Meu pae, de pura mágoa e de despeito,
Fenecêra em meus braços.—Só no mundo,
Que me restava? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

XVI

'De taes ideas combatido o ânimo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeiava,
E os olhos desvairados estendia

Por essa majestade de suas aguas
Coalhadas de baixeis que as riccas páreas,
Que os tributos do oriente véem trazer-lhe.
Andando, meu espirito agitado
Se inlevava nas glórias, nos prodigios
Que a tam pequeno canto do universo
Ametade da terra avassallaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges invergados
De tropheos portugüezes; via o nauta
Que ousou galgar o tormentorio cabo,
E nos balcões da descuberta aurora
Hasteou as Quinas sanctas. Retiniam-me
Nos tremulos ouvidos os trabucos,
Que, a golpes crebros, as muralhas prostram
Do ricco Ormuz, da próspera Malaca,
E da suberba Goa, emporio novo
Do novo imperio immenso. Ajoelhados
Via os reis de Siam e de Narzinga
Aos pés do vencedor depor os sceptros,
E render, supplicantes, vassallagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões,—dispersos
Os palpitantes membros d'esse filho

Por quem não correm lagrymas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

XVII

D'esse pae venerando — esse Fabricio
Da lusitana historia, renovando
Sob os arcos triumphaes da inclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitania e Roma! —
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflammavam n'um extasi de rapto
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo e d'honra,
Quem tanta glória a tam pequeno berço
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado
D'homens, á mais pequena nação do orbe
Deu máres a transpor, veredas novas
A descubrir na face do universo;
Povos a subjugar, reis a humilhá-los,
Ignotos mundos a ajunctar ao velho,
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?
Elles. — E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado? — A fome
N'um hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a deshonra ao pé da campa;

Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sôbre o leito da morte mendigava.

XVIII

'Ingrata... ingrata patria!—Fatigado
Como de tanta glória e tal vergonha,
Parei. Juncto me achava então do templo[1]
Que a piedade e fortunas appregoa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De glória e religião, esmêro d'artes
Protegidas d'um rei que soube o preço
—Alguma vez ao menos—ao talento,
Á lealdade, ao valor, ao patriotismo.
—Nem sempre; mas tam pouco de virtude
Basta n'um rei para esquecer-lhe os crimes!

XIX

'Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. N'aquellas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados: as erguidas

[1] Egreja do convento de Belem.

Columnas, as abobedas altivas,
As palmas, as cordagens inlaçadas,
E o signal sancto que as remata e une
E que por toda a parte está marcando
As victorias do Lenho triumphante,
O vexilo da glória portugueza,
Nunca, nunca tam alto me clamaram
Que sós sem Deus, sós pelo esfôrço humano
Não fariam jamais os portuguezes
O que hão feito no mundo... Dei c'o tumulo
De custoso lavor que ahi resguarda
As cinzas do monarcha affortunado.
Affortunado em vida; a morte, fecha-lhe
Séllo do Eterno os labios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulchro.
Mais cansado que pio, ajoelhei-me
Sôbre os degraus do tumulo; insensivel,
No recostado braço a frente inclino,
E descahi n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo é da vida. Somno embora
Lhe chamaria, se as visões tam claras,
Mais rapto d'alma em extasi sublime
Que imagem van de sonhos, as não visse.
Talvez sería natural effeito
De agitados sentidos, porventura

Mui credulo serei... mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

XX

'Oh! sonho não foi esse.—Affigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal imbaça o lume das estrellas
No puro azul dos ceos:—foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular—qual sohem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte.
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,
Qual molle cera em mãos d'habil artifice,
Tomando foi. Ja claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas;
Seus braços de extensão desmesurada,
Um sôbre o peito c'o indice appontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chamma,
Como luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe solettrei: *Amor da Patria.*

XXI

'Da maravilha como por incanto,
Sem receio ou terror a contemplava,
Quasi por tal prodigio infeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi: 'Joven ousado,
'Grande imprêsa te coube,—acerba glória,
'De que não gozarás! Desgraças cruas
'Fadam teus dias... Mas a fama ao cabo.
'A patria, que foi minha, que amei sempre,
'Que amo inda agora, gran' serviço aguarda
'De ti. Um monumento mais duravel
'Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves.
'Pyramide será por onde os seculos
'Hãode passar de longe e respeitosos.
'Galardão, não o esperes.—Fui ingrato
'Eu, fui! Ingrato rei, ingrato amigo.
'E a quem!—Maiores de meu sangue ainda
'Ingratos nascerão. Tu serve a patria:
'É teu destino celebrar seu nome.
'Os homens não são dignos nem de ouvi-las,
'As queixas do infeliz. Segue ao oriente,
'Salva do esquecimento essas ruínas
'Que ja meus netos de amontoar começam

'Nos campos, nos alcaceres de glória,
'Preço de tanto sangue generoso.
'Um dia... Emvão perante o excelso throno
'Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
'A sentença fatal tem de cumprir-se—
'Um dia inda virá que, invillecido,
'Esquecido na terra, invergonhado
'O nome portuguez...—Oppróbrio, mágoa,
'Dura pena de crimes! tábua unica
'Lhe daras tu para salvar-lhe a fama
'Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,
'Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*
'Como o incerado rôllo sôbre as aguas
'Unico leva á praia o nome e a fama
'Do perdido baixel[1].—Parte. Salvá-lo!
'Salvá-lo, em quanto é tempo!—Extincto... Infamia!
'Extincto Portugal... Oh dor!...'—Rompeu-lhe
O derradeiro accento d'estas vozes
Em som de pena tal e tam tremendo,
De tam profunda mágoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me rimbomba.
Estremeci, olhei; ja nada vejo:
Ou acordei, ou a visão se fòra.

[1] Veja nota a este verso, no fim.

XXII

‘Dir-vos-hei que serena a mente e placida,
Que as ideas distinctas conservava,
Não como é d'uso ao despertar d'um sonho?
Fe me não prestareis: mas em minha alma
Tam claramente li como um reflexo
De inspiração maior que humana coisa,
Que, sem hesitar mais, sem um momento
De incerto duvidar, assentei firme
No presupposto de seguir meu fado,
E ás descubertas plagas do oriente
Ir demandar essa escondida sorte,
Esse feito, essa glória promettida
De ingrandecer o ninho meu paterno.
Uma só coisa,—confessá-lo é fôrça,
Mas que dizê-lo peje—accobardava
A tenção resoluta. Ir mar em fóra
A terras lá tam longes, e deixá-la,
Deixá-la... e sem esp'ranças, nem aomenos
De inda a tornar a ver!... Sabeis quem digo;
Poupae-me a dor de proferir seu nome.
Dura e ferida n'alma se travavam
Batalha, amor e patria. Amor vencia
Quasi... não triumphou...’

XXIII

Aqui chegava
O contar de sua historia, quando á porta
Da cella redrobrados golpes batem.
O missionario abriu; um pagem moço
E de custoso dó ataviado
Uma carta fechada a fio negro
De seda traz.
—'Um cavalleiro busco
Hontem da India vindo.'
—'Hontem chegaram
Os galeões da frota: cavalleiros
Muitos viriam.'
—'Sancta-Fe se chama
O galeão; e o cavalleiro,..Lede.'
Do pagem se approxima o Lusitano
Da inesp'rada mensagem curioso.
No sobrescripto leu que assim dizia:
A Luiz de Camões—logo *Escudeiro;*
Mais abaixo—*Em mão propria.*
—'Intregae, pagem:
Sou esse. De quem vem?'
—'De quem não manda
Mais palavra que as lettras vos não digam.'
Corteja e parte logo.—Que será?

CANTO QUARTO

Ja a vista pouco e pouco se desterra.
Daquelles patrios montes, que ficavão;
. . . .
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas la deixavão;
E ja, depois que toda se escondeo.
Não vimos mais emfim que mar, e ceo.
LUSIAD.

I

—'Quem não teme ir de incontro a seu destino,
'E provar-se homem... nas desertas rocas
'Do castello mourisco, sôbre a serra
'Da Lua, achará premio, o maior premio!
'E castigo tambem de sua audacia.
'Ámanhan no expirar da luz.'—A carta
Mais não dizia.—'Qual estranho enigma!

Premio, castigo a mim!... A mim! Duvidam
Se tenho coração... Exigem prόvas!
Quem? Para quê?... Irei? Porque não?...Vamos.
Espera-me talvez a hora querida
Da vingança... Ámanhan?... Ámanhan!... hoje.'

II

—'Irei, sim' rompe o vate, continuando,
Alto, o discurso que atélli na mente
Comsigo meditando revolvêra,
'Irei, sim. Não achais que devo, amigo?'
—'Deveis o quê?'
—'Ir.'
—'Onde?'
—'Onde é meu fado.'
—'Quereis dizer á côrte? Ouvi que a Cintra
Se fôra el-rei com o conselho e cabos
Principaes do exército. É voz pública
Que hãode ahi resolver graves projectos
D'alta valia: mas...'
—'E que me importa
A mim côrte e conselho? Outros motivos
Tenho, outras razões...'
—'Tenhais embora.
Mas, ja que estais na côrte ou perto d'ella,

Avisado seria approveitar-vos
Da occasião. Por bôcca anda de todos
Que do joven monarcha se prepara
Nova jornada ás costas africanas.
Em bem a fade o ceo!'
—'Dizem-no! É certo?
Um mancebo inexperto, unica esp'rança
Do reino, que, inda mal! ja tanto inclina
Da primeira grandeza!—Ah! confiança
Tenho que inda haverá n'esse conselho
Um portuguez que portuguez lhe falle,
E com a respeitosa liberdade
Que é nossa natural e um bom rei préza...
Preze ou não, deve ouvi-la: mau conselho
Dará sempre o que, ao da-lo, se arreceia
Da verdade que diz.—É tarde, é tarde;
Fomos, não somos ja.' Continuaram
Em prácticas eguaes os dous amigos;
Mas o Luso, aquem n'alma se alevantam
Ideas que as da patria suspenderam,
D'est'arte diz:—'Amigo, um dever triste
Me chama, a quê não sei: cobre-o mysterio
Com veo impenetravel. Minha vida
Toda ha sido de estranhas aventuras.
Quem sabe?—acabará por ésta agora.
É de fracos temer, mas de prudentes

Acautelar-se é lei. Meu haver unico,
Todos os meus thesouros são um livro.
Pouco valor,—nenhum tem por ventura
Mas de longas fadigas, do trabalho
Da vida inteira é fructo. Escripto em partes
Com lagrymas ha sido, e bem podéra
Com sangue em muitas. Sôbre os calvos serros
Das montanhas, nos valles deleitosos,
No campo em tendas, na guarita em praças,
No mar entre o arruido das procellas,
Ao dos grilhões nos carceres,—contínuo,
Incessante, indefesso hei trabalhado
Para levar ao cabo a imprêsa ardida
D'este livro que tanto me ha custado.
Ja náufrago nas aguas d'esse rio
Onde tudo perdi, de um braço a vida,
Nadando, ás ondas confiei revoltas,
Para no outro o salvar.—Este depósito
Em vossas mãos confio. Se mais novas
Não houverdes de mim... quem sabe? acaso
Util poderá ser á minha patria.
Ella, e o seu amor, todo o inspiraram,
Á sua glória inteiro é consagrado.'
—'Tam longa viagem, tam p'rigosa é essa?'
—'Longa não; perigosa... Eu sei? Não, certo.'
—'Quando intendeis partir?'

—'Eu? esta noute.'
—'Assim que, em nada mais servir-vos posso...
Nem ja de vossa historia interessante
Ataremos o fio?'
—'Oh! sim; nem longo
Será elle.'
Suspenso alguns momentos,
Como buscando, entre outras, uma idea
No tumulto confusa, assim prosegue:

III

—'Fallei-vos, se a turbada phantasia
Me não ingana, da tenção tomada
Por quasi inspiração --vão sonho acaso.
Com pensamentos taes sahi do templo:
Escondia-se o sol d'além dos montes
Da outra margem do Tejo: alva e sem lume
Parecia no azul dos ceos tranquillos
Infante a lua, como o arco eburneo
Que ao numen que n'esse astro affiguraram,
Deram antigos vates. Mais sereno,
Mais bello pôr de sol jamais o hei visto
Nos desvairados climas decorridos
Em minha incerta vida. Ao longo vinha
Da solitaria praia respirando

A fresca viração que mal das aguas
Leve increspava a superficie apenas;
Uma voz me chamou,—voz que em meu peito
Ouve inda o coração—voz doce e meiga,
Que nunca mais... oh! nunca mais na terra
Escutarei dos vivos... volvo o rosto:
De baixa gelosia me acenava
Com um candido veo, mais nivea e candida,
Formosa e breve mão. Fluctuando ao vento
O veo cahiu, e a dextra desparece.

IV

'Ergui-o palpitando; um nó o atava.
Trémulo o desabrocho—era oiro puro,
Oiro d'aquellas tranças tão queridas,
Ricca joia d'amor. Co'a doce prenda
Vinha um bilhete: abri-o, li:—'Roubado
'Foi este instante a barbaros tutores.
'Insensatos! vigia mais do que elles
'Amor, que póde tudo. A minha glória,
'Pu-la em teu coração; minha ventura,
'Minha vida, o meu ser de ti confio.
'Parte—é fôrça partir...—Ausencia dura,
'Separação cruel só póde unir-nos.
'Sai a frota ámanhan; vai allistar-te.

'Campo no oriente a grandes feitos se abre.
'Volta com nome tal que tudo vença.
'Eu viverei de lagrymas...—Embora.
'Mattar-me-hão saudades...—Não, não hãode.
'Ver-me-has ainda; um anjo hontem m'o disse
'N'um sonho tam feliz!—Era eu vestida
'De riquissimas gallas... e alva c'roa
'De rosas me toucava... tu a um lado,
'Triste—não sei por quê, outros de lutto:
'Não me admirou, que nosso amor não querem.
'E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
'Tammanho se fara teu nome e glória,
'Que encha o universo. Vai: adeus!... Terrivel,
'Amargo adeus é este... Não importa.
'Parte... e jamais te esqueças...'

V

'Uma lagryma
Delíra o mais das lettras;—quente ainda
A senti no papel...—Mudo e sem vida
Horas longas fiquei parado, extatico,
No coração a carta, os olhos fitos
Na avara gelosia. Alta ia a noute;
Agua acima passava uma falua:
Bradei, accodem, a Lisboa volto,
E ao outro dia, na maré da tarde,

Da poppa d'um galeão via fugindo
O Tejo, as suas ribas deliciosas,
Depois a terra;—Alfim o ceo e as aguas
Sos com minhas tristezas me ficaram.

VI

'Próspero o vento foi. Por esses máres[1]
Que humana geração jamais abríra,
Seguindo fomos o atrevido esteiro
Do grande Vasco. Á sestra nos ficavam
As mauritanas varzeas tam regadas
De sangue luso. Vimos a frondosa,
Vecejante Madeira, a primogenita
De nossas descubertas, e a mais bella
De quantas pelo Atlantico dispersas
O generoso Henrique adivinhára.
Massylia esteril, e os queimados serros
D'onde o Sanagá negro se despenha,
Passámos, o Arsínario cabo vendo,
Que Verde em seu extremo appellidâmos.
Vimos tambem as Fortunadas[2] ilhas,
E entrando as que d'Hesperio o nome tomam[3],

[1] Lus., canto v, desde a est. 3, até 10.
[2] Canarias.
[3] As de Caboverde.

As orientaes costas africanas
Rodeámos de Jalofo e de Mandinga,
D'onde o curvo Gambea ao Tejo manda
As riccas páreas do caudal luzente.
As Dorcadas[1] passámos, que dos silvos[2]
Das viboras na areia inda retinem:
Crespas tranças outrora que inflammavam
O cerulo Neptuno. Ao austro a proa,
No immenso golpho entrámos, transcorrendo
A Leoa serra asperrima, e o cabo
Que dissemos das Palmas, e a frondente
Ilha que do incredulo discipulo
O appellido tomou[3] Alli a fertil,
Vastissima região que lava o Zayre[4],
Ganha por nós á fe, e conquistada
Por armas só de paz. Assim transposto
O que divide o mundo, ardente término,
Á dextra nos ficava a plaga immensa
Não sonhada de antigos sabedores,
Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após dos nossos foram:
Que ousar e perfazer tammanho feito

[1] Ilha do Principe, etc.
[2] Lus., canto v, desde a est. 11, até 14.
[3] Ilha de S. Thomé.
[4] Reino de Angolla e Congo.

Fôra a humanos esforços impossivel
Se o braço portuguez não ajudasse.

VII

'O astro novo, não visto d'outra gente
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse,
Ja no hemispherio opposto nos brilhava.
Viamos-lhe essa parte menos bella
Onde raras estrellas pasce a polo:
Alli, pezar de Juno e de seus zelos[1],
Vimos banhar nas aguas de Neptuno
As inflammadas Ursas. Pelos topes
Dos mastos, e no horror da tempestade,
Claro avistámos a azulada chamma
Do sancto, vivo lume. Oh! recontar-vos
As maravilhas tantas, os prodigios
Que hei visto, longo fôra; e conhecidas
Serão ellas de vós que os largos máres,
Que as vastissimas plagas descubertas
Pela nobre ardideza lusitana
Corrido haveis tambem. D'estas paragens
Velas démos ao noto que soprava
Rijo, em vão, contra a fôrça descontrada

[1] Lus., canto v, desde a est. 15, até 25.

Da impetuosa corrente. Ia uma noute
Na cortadora proa vigiando,
Quando atra cerração medonha e feia[1]
Nos fecha o claro ceo; amaina o vento,
E em tanta escuridão batendo as velas
Em podre calma, á pavorosa scena
Dobram tremendo horror.—O mar ao longe
Dá longos, oucos brados que rebramam,
Como se désse em vão n'algum rochedo.

VIII

'Eramos cêrca do famoso cabo
A que mudou boa esperança o nome
Que primeiro lhe démos, das tormentas.
Ao pensar em tam asperas fadigas,
Tanto sangue perdido, tanta morte,
Tanto naufragio cru, desgraças tantas
Que a dobrar esse cabo nos custaram
Para ir edificar sublime imperio,
Novo reino entre gentes tam remotas,
Se me alargava o coração no peito,
Vendo-me portuguez. E é pois tal feito
Feito d'homens?...—O vento repentino

[1] Lus., canto v, desde a est. 37, até 38.

Soprou, rasgaram-se as fechadas nuvens,
E retremeu nos máres o estampido
D'um trovão temeroso. Alheada a mente
Na majestade da procella horrisona,
E em tammanhas ideas confundida,
No ar se me affigurou troar d'irada
A potestade immensa d'algum genio
Que os cancellos do oriente alli guardasse;
Cuidei ver a grandissima estatura
De disforme gigante a quem as chaves
Confiára d'Asia o árbitro do mundo,
E que de tanta audacia portugueza
Irritado, ao primeiro que franquear-lhe
Assim ousou seu passo tam defeso,
Da bôcca negra, e pallido de cholera,
Fatidico dicesse[1].—'Ó gente ousada,
'Mais que quantas no mundo hão commettido
'Imprêsas grandes, não te basta o mundo
'D'homens sabido para tantas guerras,
'Taes e tam cruas, com que, tam pequenos,
'Fatigais o universo? De tam longe
'Vindes quebrar meus terminos vedados,
'A demandar em regiões ignotas
'Onde cevar essa ambição de glória,

[1] Lus., canto v, est. 41, até 48.

'Essa implacavel sêde de conquistas
'Que no inquieto peito vos referve?
'Acabareis porfim co'a imprêsa ardida;
'Sim, vencereis; mas a victoria cara
'Tem de custar-vos. Inimigo eterno,
'Aqui em meu tremendo promontorio
'Vos espero; aqui aspera vingança
'De quem me descubriu tomarei.—Morte,
'Morte é o menor dos males que vos guardo.
'Nem da beldade as lagrymas formosas,
'Nem suspiros d'amor, nem ais carpidos
'De maternal ternura hãode amolgar-me...
'E não se acabará só n'isto o damno;
'Antes por vossas mãos o mor castigo
'Recebereis: do imperio cimentado
'Com tanto sangue e com virtudes tantas,
'(Breve as heisde perder) medonhos crimes,
'Devassa tyrannia, infandos vicios,
'Superstição cruel minarão cedo
'Os nobres fundamentos. Aluido
'Baqueará por terra o solio altivo
'Que sôbre as ruinas erguereis dos povos.
'Vis descereis pelos degraus do vicio
'Do throno a que a virtude vos alçára.'

IX

—'Assim na extasiada phantasia
Um echo mysterioso me soava:
Di-lo-hei preságio triste em ja gran' parte
De seu fadar cumprido!...
'Emfim dobrado[1]
O immenso, procelloso promontorio,
Vogámos, longo, os máres interpostos,
Que do índico lago áquem separam
As requeimadas costas africanas.
Saudámos a dura Mossambique,
Porta do Oriente que a Asia lusitana
Parece unir aos affricos dominios,
Por onde, desde a Europa, ás partes quatro
Se dilatou o portuguez imperio.

X

'Do longo navegar alfim ao termo
Desejado chegámos; da suberba
Cidade d'Albuquerque os muros entro.
De sobresalto o coração batia-me
Ao pisar essas praias que o triumpho

[1] Lus., canto v, desde est. 62 até o fim.

Viram do forte Castro.—Aqui da guerra
No duro tratto, ora ao Gentio rudo,
Ora ao perfido Mouro combatendo,
Longo continuei; porêm do marte
Portuguez quam diversa é hoje a sorte!
Não glória ja, mas frivolas contendas,
Injustas oppressões nos arrancavam
A priguiçosa espada da bainha.

XI

'Cheia a imaginação do mysterioso
Sonho ou visão que, no moimento sacro
De Manuel, me incendiára a phantasia,
Embalde aos p'rigos, ao furor das ondas,
Ao mais cru das batalhas me arrojava.
Se era meu fado a glória, mais potente
Foi que o meu fado a inveja de inimigos,
Odios, persiguições.—Ja malferido
De heiva de morte arqueja o imperio d'Asia.
Os devassos costumes, a impiedosa
Sêde de mando, a sordida cubiça
Dos ministros da lei, e até—sincero,
Franco é meu discorrer, e em mal! bem certo...
Dos que, indignos do altar, o altar profanam
Com sacrificios barbaros de sangue,

A um Deus só de paz e de bondade,
Em vez de puro incenso de virtudes,
Negro vapor de pallidos cadaveres,
Suspiros da viuva, ais do orpham triste,
Lagrymas, sangue e morte offerecendo...
Tudo, a golpes continuos, redobrados,
Vai prostrando o glorioso monumento
Dos Pachecos, dos Castros e Albuquerques.
Qu'é d'esse esp'rito que animava os fortes?
Qu'é d'esse vivo ardor de fama honrada
Que faiscava em lusitanos peitos,
E arriscadas acções, a imprêsas grandes,
A mais que humanos feitos os levava?
Extinguiu-se, acabou. Ja fomos Lusos;
Fomos:—de nossa glória o brado ingente
Breve será clamor que geme longe,
Como voz de sepulchros esquecidos
Balda soando no porvir que a ignora.

XII

'Que me restava a mim, que me era dado
Em tal descahimento, em tal baixeza,
Commetter, perpetrar?—Inuteis p'rigos
Em guerras mais inuteis, cicatrizes
Mal prezadas de quem valia ignora

Do sangue desparzido em prol da patria,
Que podiam valer-me? De indignado
Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchava,
Esconjurei as sombras indignadas
Dos heroes fundadores d'um imperio
Que tam bastardos netos destruiam.
Em vão clamei; minhas verdades duras
Molle ouvido os tyrannos offenderam:
Puniu destêrro injusto a minha audacia[1].

XIII

'Annos sette vaguei de terra em terra,
Ora vendo essas ilhas[2] escaldadas
Do eterno fogo que as consumme e anima,
Ora os deliciosos habitantes
Da malaia peninsula.—Um repoiso,
Placido quanto o gosam desgraçados,
Incontrei na escalvada penedia,
Onde na roca esteril se alevanta
Macáo, fertil agora das riquezas
Que o manancial do tráfico lhe verte.
Alli, só com meus tristes pensamentos,

[1] Historico.
[2] Philippinas.

Livre ao menos dos homens, só commigo,
Co'as lembranças da patria, co'as saudades
Que lá me tinham coração e vida,
Se não vivi feliz, siquer tranquillo.

XIV

'Nas penhas d'essa ilha abriu natura
Cava na rocha, solitaria grutta[1],
Onde as nayades frias vão coitar-se
Do ardor da sesta: á entrada lhe vecejam
Recendentes arbustos, heras crespas;
E no vivo rochedo lhe intalharam
Mysteriosas mãos ignotas lettras.
Talvez em longes eras meditasse
Solitario discip'lo de Confucio
N'essa caverna as eternaes verdades
Do grande *Tien*, do deus da natureza,
Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de Phedon[2].—Vem quebrar-se
Perto o mar, que se espraia longo e longo,
Té se perder no extremo do horisonte.
Alli de soledade amarga e doce

[1] Chamada ainda hoje a Gruta de Camões.
[2] Socrates. Veja nota no fim.

Esquecidas passei horas ditosas:
Ditosas—se jamais fio d'areia
Na voadora ampulheta me ha corrido
Horas que taes se chamem.—N'esse poiso
De suave tristeza me accudiam
Á memoria as lembranças do passado,
Magoadas co'as ideas do presente,
De involta com receios do futuro;
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada.

XV

'Patria, oh patria!—dizia—é pois um sonho
Essa visão, que por celeste a tive?
Teu nome eternizar, dar brado á fama,
Que de ti digno, digno de Natercia
As gerações pasmadas me acclamassem!...
Assim vos dissipais, visões de glória,
Como fummo que se ergue da choupana
Para subir aos ceos,—que Euros dispersam,
Quasi punindo-o de tenções tam altas!
Que póde em pro da patria um desgraçado,
Perseguido, no exilio immerecido?...

XVI

'Uma voz ca do íntimo do peito
Cuidei ouvir que assim me respondia:
—Póde mais do que a espada, a voz e a penna;
Feitos de glória immortaliza o canto,
Salvam do olvido as musas. Vive a fama
Que em versos divulgaram numerosos
Vates de Grecia e Roma. É menos digno
De eterno carme o peito lusitano[1],
A quem Neptuno e Marte obedeceram?
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
Não excedem os sonhos mal fingidos
De Orlandos falsos e de vãos Rugeiros?
Do incerto Eneas para si não toma
Fama e renome aquelle Gama illustre
Que ousado em p'rigos, firme e duro d'alma
Mais do que permittia esfôrço humano,
Commetteu e perfez acção tammanha?

XVII

'Na mente, como um impeto invencivel,
Me dava abalo o altivo pensamento.

[1] Lus., canto I, est. 3, até 12.

Grande é o arrôjo, desmedida a altura
Onde me affoita de subir a idea.
Embora, embora! seguirei meu fádo.
As nymphas invoquei do Tejo ameno,
Que em mim creassem novo ingenho ardente
Que a tam subida imprêsa se elevasse.
Commetti, persev'rei no ousado intento;
Trabalho d'annos foi: e emfim completo,
Com elle á doce patria me voltava
No benigno favor esperançado
De meus concidadãos, no de um monarcha
Prezador das virtudes, do heroismo
Que em meus versos cantei.—Mais doce ainda,
De mais subido premio outra esperança
Me alentava... Ai de mim! um longo sonho
Minha existencia ha sido.—E pois que nada,
Nada ja'gora me ficou na terra...
Ei-lo, senhor, o livro: appresentá-lo
Cuidei outrora á esperançosa prole
Do grande Manuel; cuidei depo-lo
Aos pés d'outro monarcha mais potente,
Que melhor galardão podéra dar-me
Por quanto hei merecido...—Hoje...'

XVIII

Suspenso
N'esta voz, som confuso e mal formado
Que vinha depós ella, se disperde
Em longo e cortadissimo suspiro.

CANTO QUINTO

Repousa lá no ceo eternamente,
E viva eu ca na terra sempre triste.
CAM., SONET.

I

'Correi sôbre éstas flores desbotadas,
Lagrymas tristes, minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as tem queimado.
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

II

'O viço de meus annos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte;
Extranhas praias, ignoradas gentes,

Barbaros cultos vi; gemi n'angústia,
Penei ao desamparo, em soledade;
Vaguei sosinho á mingua e sem confôrto
Pelos palmares onde ruge o tygre:
Tudo soffri no alento d'uma esp'rança
Que, no instante de ve-la me ha fugido...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

III

'Longe, por esse azul dos vastos máres,
Na soidão melancholica das aguas
Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemeu minha saudade.
Alta a noite, escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes[1]; e aos longos pios
Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

IV

'Os ventos pelas gaveas sibilaram;
Duras rajadas d'escarceo tremendo

[1] Veja nota a este verso, no fim.

As descosidas pranchas semeavam
Pelas cavadas ondas... Feia a morte
Nos acenou co'as roixas agonias
Maldittas da esperança...—E eu só a via;
Eu só, na cerração da tempestade,
Via brilhar a luz da meiga estrella,
Unico norte meu. Por mar em fóra
Os duros membros negros estendia
Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o veo dos interpostos seculos:
Quiz-me punir do ousado sacrilegio
Com que os segredos seus vulguei na lyra.
As íras lhe arrostei, ouvi sem medo
Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procella.
Vio-o a esqualida barba, de despeito,
Arrepellar-se, e a côr terrena e pallida
Ao clarão dos relampagos luzir-lhe
Da sanguinosa cholera inflammada.
Não me aterrou, que do almejado pôrto
Me allumiava o farol de luz amiga...
Lume consolador, fanal d'esp'rança,
Quando na praia ja, sem luz me deixas!
Ingano lisongeiro da existencia,
Que verdade cruel te ha dissipado?

Que impia mão te ceifou no ardor da sesta,
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella?

V

'Os echos das soidões que lava o Ganges,
As veigas onde cresce a palma do Indo
Apprenderam teu nome. E o meigo accento
De minha branda lyra repetindo,
No sussurro das folhas recendentes
A filha de Cyniras murmurava;
Seus perfumados troncos, intalhados
Por minhas mãos, imbalsamado pranto
Ao receber teu nome derramavam:
A criminosa Myrrha parecia
De tam virtuoso amor invergonhar-se...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VI

'Oh grutta de Macáo, soidão querida,
Onde tam doces horas de tristeza,
De saudade passei! grutta benigna
Que escutaste meus languidos suspiros,
Que ouviste minhas queixas namoradas.

Oh fresquidão amena, oh grato asylo
Onde me ía acoitar de acerbas mágoas,
Onde amor, onde a patria me inspiraram
Os maviosos sons e os sons terriveis
Que hãode affrontar os tempos e a injustiça!
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras eras
Os segredos d'amor que me escutaste,
E tu dirás a ingratos Portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,
Se, além d'ella e d'amor, por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.
Patria, patria, rival tu foste d'*Ella!*
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *Ella* e por ti soffreu constante,
Quem por ti só agora o fio extremo
Tenue conserva da existencia afflicta...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VII

'Desamparou-me!—Triste e sem confôrto
Fiquei só, n'este valle de amargura.
Linda, mimosa flor, á sombra tua,

Rasteira gramma vegetava apenas
Minha timida esp'rança. Amarelleço,
Desabrigada planta, ao sôpro ardente
Do norte queimador.—Quem te ha cortado,
Quem, rainha das flóridas campinas,
Te decepou sem dó—que faz, que espera,
Que não leva tambem, que não arranca
A humilde hervinha que sem ti fallece?
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Oh! leva-me comtigo á campa fria.'

VIII

Canção, canção de morte era ésta sua,
Que em som carpido os montes repetiam
Da umbrosa Cintra. Sôbre um calvo sêrro
Na pedregosa incosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam,
Assim cantava aos socegados ventos,
Qual moribundo cysne gorgeiando
Pelas ribas do Eurotas. Parecia
Que manso pelas auras suspirava
A internecida Ignez, vendo o seu vate,
Seu immortal cantor gemer como ella.
Elle uma sêcca, immurchecida c'roa
De desfolhadas rosas apertava

No anciado peito: a fio e fio as lagrymas
—Embalde!—sôbre as flores ressequidas
Corriam da grinalda; o acre do pranto
Mais lhe queimava a tez: não torna ao viço
Flor que poisou na loisa do sepulchro.

IX

Nascia o sol: a névoa que rebuça
De humido manto os cumes das montanhas
No alvorecer do dia, em veo ligeiro
Rara se adelgaçava; resplendiam
No socegado mar os doces raios
Da recem-nada luz. A amena veiga[1],
Delicioso valle a quem de Tempe
Cede beldade e fama, se estendia
Pelas faldas da serra. As perfumadas
Árvores d'aureos pomos reluzentes
Que á veloz Athalanta o pé ligeiro
Na apostada carreira retiveram,
E o tam ligado cinto desataram;
As verde-escuras, espinhosas plantas
D'onde, virgineas tetas imitando,
Pende o cereo limão,—pendor não grato
No lindo pomo a que o semelha o vate—

[1] Collares.

Sôbre a relva, inda fresco-rociada
Das lagrymas da aurora, se avistavam
Pela immensa campina, recolhendo
A aura creadora nas lustrosas folhas
D'onde a vida nos troncos se derrama.
Toda se alvoroçava a natureza
Á vinda alegre d'essa luz benefica,
Remoçadora eterna da existencia,
Cujas são alma e vida do universo.

X

Em toda a pompa e luxo de suas galas
Cintra, a formosa Cintra se amostrava
Ao monarcha das luzes,—qual princeza
Do Oriente ao regio noivo se appresenta,
Voluptuosos perfumes exhalando
Das longas sedas com que brinca o zephyro.

XI

Oh! Cintra! oh saudosissimo retiro
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamentos que imbala adormecido
O sussurro das folhas, c'o murmurio

Das despenhadas lymphas misturado!
Quem, descansado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por ceos, por máres, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sôbre esquecidas penas, amarguras,
Âncias, lavor da vida?—Oh gruttas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?
Troncos onde eu cortei queridos nomes
D'amizade e d'amor, não heide um dia
Perguntar-vos por elle? Solettrando
Não irei pelas árvores crescidas
'Os characteres que, em tenrinhas plantas,
Pelas verdes cortiças lh'intalhára?
Oh! se inda eu vos verei! Se os robres duros,
Se me guardam fieis os seixos vivos
O humilde nome do esquecido vate
Que em dias de prazer—tam breves foram!
Dias de glória, ternas mãos gravaram!

XII

Ha corações ainda que o conservam
Esse ignorado,—mal sabido nome.
Oh! sim que os ha! Salvae, salvae, ó musas,
De meus escuros versos éstas linhas,
Não para a glória—sonho vão de nescios!
Mas em memoria, doce de guardar-se
N'algum sensivel peito.—Onde não gyra
Meu sangue...—E o sangue quam diverso corre
Por veias que esquecidas não palpitam,
Desleaes! co'a memoria, mas que rara,
Do infeliz, cujo seio infraquecido
Sangue, como esse, alenta... Onde não gyra
Meu sangue—e o sangue quam diverso corre!
Peitos achei sacrarios de amizade,
Corações de anjos...

XIII

Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera,
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora da vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá? Teu nome soa
Eterno ja nos hymnos inramados

De immorredouras flores.—Impotente
Ahi quebra a furia do fremente oceano
Á raiz de teu firme promontorio...
Mas que infrenes um dia as altas aguas
Sôltas da voz que disse ao mar: *Suspende-te,*
Teu limite è ahi—galgá-lo ousassem,
E levar os delphins inamorados
Folgar nos sitios em que geme a rôlla,
E philomela modulou queixumes,
Suavissimo incanto da espessura;
Mas que prodigio tal novos trouxessem
Os seculos de Pyrrha,—inda o teu nome
Não o esquecêra transmudado o mundo.
Leva-t'o alêm das passadouras eras
Do bardo mysterioso[1] o eterno canto,
A harpa sublime agora pendurada
Nos louros do Pamyso,—onde um suspiro
De morte lhe quebrou a extrema corda
Que Eleutheria divina lhe affinára—
Do cantor que no alento derradeiro
Ouviram as cidades contendoras
Pelo berço d'Homero, em canção última
De moribundo cysne, o brado ingente
Alçar da glória aos filhos acordados
De Leonidas que dorme... Não, não dorme;

[1] Byron's Child Harold's Pilgrim.

Véla, c'o escudo e lança emtôrno roda
Da arvorezinha tenra que plantaram
Lanças dos bravos. Lanças mil a ameaçam:
Resistirá?—ou do consorcio adúltero,
Impia liga da Cruz e do Crescente,
Nascerá monstro que a devore, a trague,
E a queimada raiz lhe exponha ao vento
Da atra ambição dos reis?—Morrei ao menos,
Filhos d'Helléno, perecei com ella.

XIV

A vós ja volvo, ó solidões de Cintra,
E ao vate que suspira melancholico
Entre esses que parecem dispersados
Tumulos de gigantes—ou ruinas
D'algum primeiro templo cujos mythos
Esquecidos ahi jazem, desprezados
N'esses brutos lascões.—Últimas notas
De sua triste canção inda zumbiam
Pelas azas dos placidos favonios,
Quando uma voz:—Não é de ânimo grande
Succumbir aos revezes: gema embora
O coração ferido; mas um prazo
Deu a razão ás lagrymas. Segui-me.'
—'Onde? a quem?... Ah! sois vós?'

—'Sou eu, amigo:
Cavalleiro, sou eu. Vinde; á justiça
Porta abrimos emfim: ver-vos deseja
E ouvir-vos o monarcha.'
—'A mim!'
—'Poderam
Chegar ao throno as vozes da verdade.
Sabe quem sois el-rei; louvou com emphase
O amor da patria glória que a alta imprêsa
De perpetuar seu nome ha commettido,
Dando aos heroes de Lysia eterna fama.
Vinde, que á hora nona vos aguarda
Impaciente.'
—'Mas o livro...'
—'Á côrte
Vim por elle e por vós; commigo o trouxe.
Ha muito o conhecia: amigos vossos
D'elle com grande preço me fallaram
Em Goa e Mossambique.'
—'E como ao ouvido
Chegou d'elrei meu ignorado nome?'
—'Sabereis tudo: dae-vos pressa; é tempo
De preparar-vos á solemne audiencia
Que havereis do monarcha.'

XV

Ambos desciam
A ingreme serra; abordoado o velho
Em seu cajado tosco, lhe dobrava
Tremulos passos caridoso impenho
Do officioso coração. Renasce
O ardor sopito no inflammado peito
Do guerreiro acordado do lethargo
De que o desperta esperançosa a glória.

CANTO SEXTO

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandre na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
LUSIAD.

I

O sceptro de Manuel, nas mãos ja debeis
De Joanne[1] começado a desdourar-se
Do esmalte das victorias e triumphos
Com que tanta virtude o adereçára,
O sceptro que, nas mãos d'outro Joanne[2]
Que insinou a ser reis os reis do mundo,
Fôra vara de lei e de justiça,

[1] D. João III.
[2] D. João II.

Fiel de liberdade bem pesada
Na balança da pública ventura;
Ora na dextra de inexperto joven
Vergado a maus conselhos, vacillante
Por meneio indiscreto, mal dirige
A máchina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lysia
Do zenith de sua glória descrevia
Curva affrontosa a miserando occaso,
Que de Alcacer nas torridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão cavando.

II

Reinava Sebastião.—Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama e d'honra
Bastára a fazer reis, fôra um rei esse;
Mas...—Sebastião reinava. Mal dormido
Sôbre os avitos louros, ja corrêra
A segar palmas na affricana terra,
Que de nossas conquistas e victorias
Berço fatal ha sido e sepultura.
Do primeiro triumpho imbriagado
Cuidou ja da fortuna a vária roda
Ter fixada co'a espada de mancebo.

Armas, pelejas e victorias sonha;
E emtanto sôbre as ondas mal seguras
Voga, á lei d'ellas, o baixel do estado.
Ávidas mãos, do abandonado leme
Valídos travam, não a indereçá-lo
Para o rumo perdido; mas cubiça
Treda, que os move, a syrthes, a naufragios
Desarvorada a nau presto arremessa.
Em suas íras de flagello aos povos
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

III

Do Escurial a onça refalsada
Os negros fios da ambição urdia
Que, por mãos de vendidos conselheiros,
Em labyrintho escuro inrevezavam
Os descuidados passos do monarcha.
Murmurava em silencio mal-soffrido
Da nobreza leal o escasso resto
Que do antigo despejo lusitano
Os francos sentimentos conservava.
Impera o fanatismo, a hypocrisia:
No profanado altar, fogueiras, victimas,
Do oriente ao occidente lhes affummam
O incenso da cubiça, e o vapor negro

De sangue e morte que regala os monstros.
Em taças de ouro, com prazer de tygres,
De lagrymas de viuvas se imbriagam;
E os suspiros dos orphãos desvalidos,
Como deleite de suave musica,
Os damnados ouvidos lhes affagam.

IV

Echo antigo do nome lusitano,
Memorias de Pachecos e Albuquerques
Sós continham ainda os inimigos
Do vacillante imperio. Hallucinado,
Ignorante dos males que lhe incobrem,
Crê reinar sôbre um povo affortunado
Do Tejo ao Zayre, e do Amazona ao Ganges,
O mancebo infeliz: tam vastos reinos,
Que não governa, dilatar procura.
Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!
Que triumphos, que glórias, que esperanças,
Que sec'los de victoria, que virtudes
Não vão, n'um dia, perecer com elle!
Sorvei, areias d'Affrica, essas cinzas,
Bebei todo esse sangue.—As azas mortas
Exanime inrolou, cahiu por terra
O temeroso Drago que amparára

As Quinas tanto sec'lo: então primeiro
O leão de Pyrene o olhou sem medo.

V

Um só de honrada fama, inda virtuoso
E portuguez ainda, conservava
No ânimo real leve influencia.
Aio dera o avô ao joven principe
Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,
E em virtudes e lettras illustrados
Cavalheiros da côrte. Não se atreve,
Comquanto o desejára, o rei mancebo
A affastar de seu lado este severo
Amigo, que as verdades lhe não doira,
Nem de lisonja vil impanna o lustre
Que em suas rectas palavras pôs justiça.
Erros fataes, iniquos procederes,
Feios labeos da purpura—oh! e quantos
Tem prevenido o velho! Quantas vezes
Deante d'essa honrada singeleza
Tem recuado a intriga,—e despeitosa
Curvado a prepotencia a cerviz dura!
Os valídos, que o temem, que o detestam,
Arteiramente vão minando surdos
O favor do monarcha mal experto:

Mas não poderam inda. Pura, ingenua,
Como a do homem de bem, era de Aleixo
A religião sincera; detestava
A hypocrisia, o orgulho dos ministros
De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem commentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão[1]. Poucos amigos,
Como é de ver, contava o honrado velho,
Mas dignos d'elle todos. D'esse número
Era—e não muitos de seu estado,
O castelhano ancião a quem o acaso
Hóspede e confidente ao vate dera.

VI

Sancto fervor que á lusitana côrte
Trouxera o venerando missionario,
Do aio real na protecção confia
Para obter o que importa a seus misteres
Nas remotas regiões onde deixára
C'os neophytos seus alma e cuidados.
Versado nos antigos exemplares
De Grecia e Roma, aos canticos sublimes
De Job e de Isaías se apprazia

[1] Veja nota a este verso, no fim.

De comparar, em horas mais folgadas,
Canções de Smyrna e Mantua: a miudo o viram
Sôbre os prantos de Dido verter lagrymas,
Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho. Recebendo
Em depósito um poema de que ouvíra
Fallar ja tanto, e de homem tam famoso
Por seu grande saber, talento e arte,
Ávido o livro abriu, leu. Admirado
De ver trajar alfaias lusitanas
Ás homereas bellezas, aos appuros
Das virgilianas graças,—mais ainda
De originaes, de novas formosuras
Por antigos cantores não sabidas,
—Cantores que jamais cuidou possivel
Egualar, exceder por arte humana—
Seu generoso natural ardente
Se lhe inflammou de nobre enthusiasmo:
—'E obra tal, (exclamou) tammanho ingenho,
Tam nobre amor de patria, tam sublime,
Ardua imprêsa, trabalho tam difficil
Não terá galardão? Quem ha mer'cido
Tanto da patria por espada e penna,
Ingrata a patria o deixará sem premio?
Irá mendigo, e supplice implorando
A chatim mercador de ganho avaro,

O humildoso favor de que lhe acceite
Tal obra e tanta, por mesquinho preço
Que, porventura, nem lhe matte a fome
Nem lhe cubra a nudez?—Oh!...' Resoluto
Toma o bordão, caminho vai de Cintra,
A Aleixo falla, expõe-lhe o triste caso,
Maravilhas que leu, conta, e as virtudes
E assignalados feitos do homem grande
Que em vão appouca a sorte. Almas formadas
Para a virtude e nobres sentimentos,
Facil se intendem, facil communicam
De seu ardor sagrado o íntimo fogo.

VII

Menezes disse ao rei:—'Senhor, um velho
E fiel servidor de tantos annos
Que jamais vos pediu mercê nenhuma,
Hoje um simples favor pequeno e unico
Da bondade real—talvez justiça!—
Poderia esperar?'
—'Tudo: explicae-vos.
Tudo: que pretendeis?'
—'Pouco vos peço:
Que ouçais um infeliz.'
—Onde está elle?

Venha, mas seja breve; o tempo é curto:
E meus impenhos...'
—'Praza a Deus que sejam
Aos portuguezes e ao seu rei proficuos!'
—'Certo o serão: a glória nos aguarda
Nas affricanas praias impaciente.
A mim me tarda ja de ir incontrá-la,
E... Porêm dom Aleixo não approva
As tenções do seu rei.'
—'Quando em conselho,
Franco ouvireis o meu; mas fóra d'elle,
Real senhor, respeito e obediencia
São os devêres unicos d'um subdito.'
—'O homem que sois, Menezes, bem conheço:
Amei-vos desde a infancia, e inda vos amo.
Sois meu amigo, sei-o, e tam sincero,
Tam leal o não tenho.'
—'O ceo permitta
Que o cuideis sempre, e que infieis não sejam...
Senhor, o desgraçado por quem rógo,
Nada vos pede; é portuguez e altivo,
Como o são portuguezes: mas tal feito,
Tam gloriosa imprêsa em prol da patria
Commetteu e perfez, que ja desaire
Real sería de a deixar sem premio.'
—'Quem é esse homem? Que fez elle? O Gama,

O Albuquerque egualou?'
—'Fez mais do que elles
Que os tornou immortaes. Podem um dia
Erros nossos, baloiços da fortuna
Dar cabo d'essas glórias do oriente,
D'essas conquistas d'Albuquerque e Vasco:
Mas a fama das lettras não perece,
Nem a domina o fado. Tanta glória
De Portugal padrão eterno exige
Que lhe assegure dos vaivens da sorte
O porvir sempre incerto. Que souberamos
Das façanhas de Achilles, da piedade
Do fundador primeiro d'essa gente
Romana cujo nome inda enche a terra,
Se de Virgilio e Homero não ficassem
Mais duraveis, seguros monumentos,
Que as vencidas nações, que os altos muros
Das erguidas cidades? Confessá-lo
Nos é fôrça a nós outros cavalleiros:
Renome e glória, bem o ganha a espada;
Mas conservá-lo, só o póde a penna.'
—'Assim m'o heis insinado e o tenho certo.'
—'Dos mais famosos principes o exemplo
Vo-lo dirá melhor. Vêde Alexandre
Chorar de inveja, não pelos triumphos
Do filho de Peleu, mas pelos cantos

Que immortal o fizeram: vêde Augusto
Premios, favores, honras dispensando
A quem de Roma as glórias celebrava.
Valem mais do que os feitos portuguezes
Os de Gregos, Romanos? Mais victorias,
Mais tropheus, mais virtudes nos reconta
Sua fallada historia?'
—'Não, amigo,
Não; e eu farei que inda maior se exalte
O nome portuguez pelo universo.'
—'Assim appraza aos ceos!'
—'Praz, sim. Ou morte
Honrada, ou glória egual a meus passados
Ganharei eu.'
—'A glória d'um monarcha,
Nem sempre armas a dão. Diniz pacífico,
Joanne[1] o justo...'
—'Assás m'o tendes ditto.
Fallemos, dom Aleixo, d'esse livro...'

VIII

E Aleixo quanto ouvíra ao missionario
Breve lhe expõe: o merito da obra,
O glorioso renome que lhe fica

[1] D. João II.

De protector das lettras; emfim tudo
Quanto para inflammar o ânimo ardente
Do mancebo real melhor convinha.
—'Ouvi-lo quero' disse o rei, 'chamae-o
Da minha parte: premio tera digno
D'elle e de mim, se o que dizeis é certo.'

IX

O virtuoso Aleixo corre alegre
Com a resposta ao impenhado amigo,
Que de taes esperanças inlevado
Por devesas e gruttas, por montanhas,
Da fresca Cintra em derredor discorre,
Té que o seu protegido alfim incontra.
Junctos desceram a escabrosa serra,
E de gratos futuros imbalados
A hora apprazada para a audiencia aguardam.

CANTO SEPTIMO

......Vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos...
E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.
LUSIAD.

I

Eu vi sôbre as cumiadas das montanhas
D'Albion suberba as tôrres elevadas
Inda feudaes memorias recordando
Dos Brittões semibarbaros. Errante
Pela terra extrangeira, peregrino
Nas solidões do exilio, fui sentar-me
Na barbacan ruinosa dos castellos,

A conversar co'as pedras solitarias,
E a perguntar ás obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. A alma inlevada
Nos romanticos sonhos, procurava
Aureas ficções realizar dos bardos;
Murmurei os tremendos esconjuros
Do Scaldo sabedor;—fallei aos echos
Das ruinas a lingua consagrada
Dos menestreis;—perfiz solemnemente
Todo o rito; invoquei firme e sem medo
Os genios mysteriosos, as aerias
Vagas fórmas da virgem d'alvas roupas[1]
Que, as tranças d'ouro penteando ao vento,
Canta as canções dos tempos que passaram
Ao som da harpa invisivel que lhe tangem
Os domados espiritos que a servem,
Como o subtil Ariel[2], por invencivel,
Incantado feitiço...

II

—Ou mal ouvido
Foi o invocar do menestrel extranho,
Ou triste realidade dissipava
Phantasias de vates. Nem setteiras

[1] Scott's poet. romanc.
[2] Shakspeare.

Me bruxuleavam namoradas côres
De bordado talim, serica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora escusa ao cavalleiro
Que aventuras correr se vai ao oriente
E à ganhar do infiel a Terra-sancta.
Nem, d'alêm vallos, nos corceis armados
Vi descidas viseiras, peitos d'aço
Onde se espelha vacillante a lua,
Em quanto aguardam que da ameia sôe
Corno de anão que abata a erguida ponte.
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas á lançada viva
Disputar-se o collar de ouro macisso,
Premio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito inda sanguento pendurado.

III

Nada!... Só pelos fossos intupidos
Do desfolhar do outomno, e bronco intulho
Dos muros derrocados,—sôltas pedras
E immunda terra á vista affiguravam
Insepultos cadaveres, golpeados
Membros, inda cubertos d'aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pereceram

Pelo vaidoso orgulho ou vão capricho
Do castellão suberbo. Nas ameias
Se me antolhavam horridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo—certo amigo dos tyrannos,
Que regalado o trazem. Tristes victimas!
Mais crime não teriam que a vontade
Do imperioso senhor que a seus vassallos
Villões de sua terra—seus como ella—
Quiz do podêr que tem mostrar a alçada!

IV

Aopé d'essas janellas recortadas,
Em que inda o tempo conservou resquicios
Dos ja pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha á escuridão sombria
De fetidas masmorras inda inteiras,
Mais duradoiras que os salões dourados:
Como se a edade, que destruiu palacios,
Memorias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a taes vestigios
De atrocidade e crimes,—e escrevesse,
Ao passar, com a fouce inferrujada,
No limiar d'essas portas: *Escarmento*
Ás gerações porvir.—Doia-me alma

Na solidão das ruinas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento,
Para os vergeis da patria esvoaçando.

V

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sôbre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla,—que memorias
Não estais recordando saudosas
Dos bons tempos de Lysia! Nem setteiras
Nem torreões nem barbacans nem fossos.
E que havia mister d'esse apparato
Dado a tyrannos, que inimigos vivem
De inimigos cercados? Que soldados,
Que mercenarias hostes de Janizaros
Precisava um monarcha lusitano,
Que precedido vai por debeis cannas,
Symbolo da brandura e singeleza
De bom pastor de povos?—Sanctas eras!
Se podesseis voltar, dias ditosos!

VI

Alto o dia, horas oito: ja nos atrios
Gyrava do palacio a vária turba

Que a audiencia do rei, ou do valido,
—Quantos do mais escuro sevandija
Que taes mansões infesta!—alli aguardam
Acovardados uns, esperançosos
Outros se amostram. Pretendente humilde
Timido se conchega a pobre capa,
Porque não toque as rugedoras sedas
Do cortezão suberbo. Altivo o grande
Com gesto protector alli corteja
O artifice coitado, que nem ousa
Recordar-se das dívidas antigas
De tammanho senhor, tam dado e lhano,
Que tal honra lhe faz. O nedeo abbade,
Que ingordou nas fadigas evangelicas,
Sem olhar, vai passando o triste cura
A quem a escassa congrua tanto abaixo
Na hierarchia pôs. Que requer este?
Do real padroeiro esmola tenue
Para uma caridosa albergaria
Que em seu pobre passal instituíra.
E o que pretende aquelle?—O episcopado,
A que tanto direito lhe conferem
Os trabalhos d'um pingue beneficio
Disfructado na côrte.

VII

—N'esta scena
Tam variada em actores e interêsses,
Dous novos, que no gesto e ad'man bem mostram
Quanto esteiras do paço os desconhecem[1],
Entravam; curioso alvo das vistas
Da turba pretendente: um velho monge,
Um guerreiro de aspecto altivo e nobre,
Mas de vaidade alheio.—'Vem da India
A requerer:—não trazem d'outra gente
Éstas frotas de Goa.'—Abriu-se a porta:
Volvem-se os olhos todos. Qual em Delphos
Devotos peregrinos, quando os quicios
Do mysterioso limiar se movem,
E o oraculo—terrivel ou propício?—
Vai por obscuros carmes explicar-se.

VIII

É dom Aleixo: no tropel confuso,
Que se apinha d'emtôrno, alguem procura.
Quem será o invejado aventuroso?

[1] Expressão do elegantissimo D. Franc. Man. de Mello, Guia de casados.

O aio real aos dous desconhecidos
Cordial saúda; e conversando junctos
Poucos momentos,—eis dão os porteiros
O devido signal, menestreis tangem;
Elrei chega, no throno toma assento.
Breve a audiencia foi; não sobra o tempo
Para as sanctas funcções de magistrado
A militares reis: ás armas cede
A toga mal prezada.—Audiencia é finda.

IX

E el-rei, como inquieto, ao aio antigo:
—'Dom Aleixo, entre tantos pretendentes
O vosso protegido não n'o vejo.'
—'Ei-lo, senhor, o nobre cavalleiro
Que desejais ouvir.'
—'Sim, quero ouvi-lo,
Quero e desejo: não ignoro o preço
Das boas lettras, nem d'um raro ingenho
A estima desvalio: em prol da patria
Uns obramos co'a espada; cumpre a outros
Co'a penna honrá-la.'
—'Se honra a minha penna,
Real senhor, a minha amada patria,
Di-lo-hão sabedores e lettrados.

Para servi-la... espada e braço tenho
Que por si fallarão.'
—'Digna resposta
De portuguez! Honrado sois, amigo.
Por tal vos tenho e quero; e abonos vejo
Em vosso rosto que voltar não usa
Da face do inimigo.—É este (disse,
Fallando aos cortezãos) de quantos d'Asia
Aqui véem, o primeiro que não falla
Em suas cicatrizes.'
—'Bastas eram,
Senhor, as de Pacheco, e...'
—'Eu não ignoro'
Asperamente elrei o interrompia
'Os feitos de Pacheco.'

X

Olhos pasmados
Os cortezãos cravaram no soldado
Que tam crua verdade se affoitava
A proferir alli: algum ja cuida
Que de escuro castello a tôrre o aguarda,
Ou que ao menos...—Compondo um tanto o vulto
Tornou elrei:
—'Iremos, para ouvir-vos,
Da Penha-verde á fresquidão sentar-nos.

Calmoso vai o tempo; e ademais, prazem
Dobrado entre a verdura os dons das musas.'

XI

Seguem todos o rei; a incosta sobem
Do monte; e pelos bosques onde o louro
Inda as glórias de Castro está c'roando,
Inda veceja co'as memorias d'elle[1],
A real companhia vai entrando.

XII

Estavam d'altas árvores á sombra,
De avelludada relva em fresco assento.
Attento o joven rei fitava ancioso
O guerreiro cantor que o nobre aspeito
Tinha como de glória resplendente,
E na divina inspiração acceso.
Qual devéras o imita, qual fingindo;
Mas todos se compõe do rei a exemplo.
O vate começou: pausado accento,
Respeitoso não tímido, lhe allonga
Solemnemente o cadencear medido

[1] Célebre quinta de D. João de Castro

Do metro numeroso. O heroico assumpto[1]
Primeiro expõe do canto: armas e glória
Dos barões lusitanos que fundaram
Do Oriente o imperio novo; os grandes feitos
Dos reis, dos cidadãos de eterna fama
Que se hão da lei da morte libertado.
Logo as Tagides musas invocando
Porque alto som lhe dem e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente:
—'Dae-me—com voz mais elevada clama—
Dae-me uma furia sonorosa e grande,
E não de agreste avena ou ruda frauta,
Mas da tuba canora e bellicosa
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda,
Um canto egual a meu erguido assumpto,
Se tam sublime preço cabe em verso.'

XIII

Depois ao joven rei, segura esp'rança
Da lusitana, antiga liberdade,
Em versos d'amor patrio scintillantes,
A ouvir cantar dos feitos portuguezes
Convida; pinta-lhe em vivazes côres
A grandeza do povo a que preside,

[1] Lus., canto I.

A lealdade, o valor; e recordando
De seus avós famosos as virtudes,
Digno exemplar de emulação lhe aponta.

XIV

Ja da tuba a Calliope travando,
Em terso stylo, e não de inchada pompa,
Mas — qual fluente e majestoso rio
Por suas ribas magnífico se espraia —
Tal por seu grande assumpto o vate immenso.

XV

No largo oceano, em próspera bonança
As atrevidas naus vão navegando.
Dos ceos o alto podêr sublime e dino
A conselho as menores potestades
Sôbre tammanha imprêsa convocava.
Cuidas ver, lá n'um throno de diamante,
Sentado o pae dos numes; por seus labios
Fulge o louvor da lusitana gente,
Pasmo e terror do mundo. É seu proposito
De mor glória lhe dar no ignoto Oriente.
De Nysa o vencedor cioso impugna
A sentença do numen. Quem sustenta

A heroica Lysia? É Venus, Venus bella,
Affeiçoada a um povo, das romanas
Qualidades herdeiro, e cuja lingua
Com pouca corrupção crê que é latina;
Um povo tam zeloso de seu culto,
Tam devoto amador de seus altares!
O fado o decretou, Jove o confirma;
Abram-se as portas do Oriente aos Lusos.

XVI

Ja surgindo na treda Mossambique,
Ao fementido mouro pune o Gama
Da perfida malicia. Eis lá Mombaça[1],
Onde falsos Sinons a ingano o levam,
Cru exicio lhe estava preparando,
Por artes do que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mães. Tu, Erycina linda,
Que a assignalada gente andas guardando,
Tu, do velho Nereu co'as alvas filhas,
Pondo ao duro madeiro o brando peito,
Da cilada os salvaste.—Aqui do vate
O stylo se imbrandece, spira o canto
Suavissimos perfumes de Amathunta;

[1] Lus., canto I.

Rosas de Paphos e jasmins de Gnido
A namorada lyra lhe coroam,
Quando a bella Dione á sexta esphera
Segue inlevado.—Está pelos semblantes
Dos que o escutam debuxado o gôsto
Que o deleitoso quadro accende n'alma.
O mimo dos pinceis tam delicados,
Não lh'o deu natureza, que o não tinha;
Deu-lh'o amor de seus cofres escondidos,
Que nem a Ticiano tam querido,
Tam gran' privado seu jamais abríra.

XVII

Marmores de Praxiteles, esmeros
De Phidias, de Canova, Oh! que beldades
Retratais imperfeitas!—Mas que os fados
Vos outorgassem a invejada sorte
Do venturoso Pygmalion obtida,
Quando hade o apuro do cinzel mais destro
Taes mimos egualar? Aquelle gesto
Que as estrellas, o ceo e o ar namora,
Aquelle affrontamento do caminho
Que a belleza lhe aviva? Como as graças,
Os espiritos vivos que inspiravam
Dos olhos onde faz seu filho o ninho?

Ve-la diante do padre omnipotente
Como na selva do Ida se amostrára
Ao mui feliz troiano!... que, se a vira
Tal o que ja por vista menos bella
Vulto humano perdeu, nunca seus galgos,
Barbara lei! — o houveram devorado,
Que primeiro desejos o acabarâm.

XVIII

Os crespos fios d'ouro desparzidos
Pelo collo que a neve escurecia;
Lacteas tetas que andando lhe tremiam,
Com quem amor brincava e não se via;
As flammas que lhe saem d'alva petrina;
Desejos que como heras inrolados
Pelas lisas columnas lhe trepavam...
Quem tal expressará, quem taes bellezas,
Na silice ou painel ou brandos versos,
Pintar ja soube?—Não a viu tam bella
Graças pleitar pelo invejado pomo
O real pastor de Priamo.—Escondidos
Por delgado sendal outros incantos...
Escondidos só quanto mais accenda
E redobre o desejo que penetra
O veo dos roxos lirios pouco avaro.

XIX

O omnipotente padre não resiste
Aos feitiços do angelico semblante,
Áquella doce nuvem de tristeza
Com riso misturada: — Qual a dama
Em amorosos brincos maltrattada
Do incauto amante — que se ri, se aqueixa
E se mostra entre alegre magoada.
Jove não resistiu — quem tal podéra?
Beijo accendido á súpplica responde.

XX

Propício o fado aos fortes navegantes
De surrir-lhes começa. Ja Melinde
Amigos braços lh'abre: ja do Gama
Os lusitanos feitos recontados,
Terra e costumes são. Pasma o rei barbaro
De ouvir dos povos da suberba Europa
As remotas regiões, ignotos nomes.
Pinta-lhe, quasi cume da cabeça[1]
Da Europa toda, o portuguez imperio,
Patria do esfôrço outrora e liberdade.
Diz o pastor que do ferrado conto

[1] Lus., canto III.

De seu cajado abate aguias romanas;
Henrique[1] o mauro jugo espedaçando,
E abrindo com sua espada triumphante
De Lysia o fundamento. Ao filho illustre[2]
Cabe glória maior: de c'roas cinco
No Ourique derrubadas, nova c'roa
A victoria lhe tece; e as sanctas Quinas,
Por eterno brazão, dos ceos recebe.
De Egas Moniz a lealdade e a honra
Aqui tambem refere. Olha, os filhinhos
Tenros, e a doce esposa vão descalços
A offerecer as innocentes vidas
Pela dada palavra.—Mais se estende
Sob o primeiro Sancho o novo reino
Pelos vencidos, torridos Algarves[3].
Vem outro Affonso[4], o vencedor d'Alcacer,
Do mouro pertinaz exicio extremo.
Mas do segundo Sancho a molle inercia,
De privados regida, não tolera
Nação altiva que outro rei não soffre
Que não for mais que todos excellente[5].

[1] Conde D. Henrique.
[2] D. Affonso Henriques.
[3] Veja nota a este verso, no fim.
[4] D. Affonso II.
[5] Lus., cant. III, est. 93.

Das impotentes mãos as redeas toma
O conde bolonhez[1]: á glória volvem
As armas portuguezas. Melhor sorte
Coube a Diniz, pacífico monarcha:
Ás conquistas da espada deu cultura,
D'artes a ornou e innobreceu co'as lettras;
E ás formosas campinas do Mondego
Fez do Hélicon descer as aureas musas.
Claros lumes da terra, sãos costumes,
Constituições e leis co'elle florecem.

XXI

Mal obediente o valoroso filho,
Domador das suberbas castelhanas,
Do venerando pae impunha o sceptro:
Affonso[2], que nos campos do Salado
As hostes granadís prostrou tremendas
Com pequeno podêr.—Viçosos louros
De tammanha e tam próspera victoria
Caso triste murchou, crueza barbara
Que á bellissima Ignez deu morte injusta.
O proprio amor, cuja ferina sêde
Nem com lagrymas tristes se mitiga,

[1] D. Affonso III.
[2] D. Affonso IV.

Inda ás soidosas margens do Mondego,
Juncto á fonte que lagrymas formaram,
Verte sôbre elle desusado pranto.
As nações do universo, que escutaram
As endeixas do vate, as vão cantando;
E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Ignez repete a lyra.

XXII

Brandas nymphas do placido Mondego,
Vós que o doce gemer, que os namorados
Ais do prazer ouvistes pela selva
Que incubriu tanto amor, tanta ventura
Em tempos de mais dita; que escutastes
Os magoados suspiros da saudade,
Quando ausente d'aquelle por quem vive
Só, gemedora rôlla, vai carpindo
A ausencia do seu bem, do seu amado,
E aos montes, ás hervinhas insinando
O nome que no peito escripto tinha;
Que depois, memorando a morte escura,
Longo tempo das urnas crystallinas
Só lagrymas formosas derramastes,
E, por memoria, em fonte convertidas,

O nome lhe puzestes, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram;
Vós ao vate os segredos recontastes,
Os mysterios d'amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro.—A lyra anceia-lhe,
A voz carpe-se, os tons gemem tam meigos,
Mas tam cortados de uma dor tam viva,
Que é um partir-se o coração de ouvil-os.

XXIII

Ausente é o 'spôso: solitaria vaga
Pela varzea de flores recamada,
No pensamento alheado revolvendo
Ledos inganos d'alma, suavissimas
Lembranças do passado, e a mais suave,
Lisongeira esperança do futuro.
Oh! quando ella outra vez n'aquelles braços
O tornar a apertar, quando... Armas soam
De cavalleiros, e corseis nitrindo
Nos atrios do palacio... escuta... É elle,
O seu Pedro, oh ventura!—'Espôso, espôso!'
Mas pelo ausente espôso o pae responde.
O amante não vem: juiz severo,
Pelos beijos d'amor, lhe traz castigo
Que não merece amor, nem quando é crime.

XXIV

C'os filhinhos, em vão banhada em pranto,
Supplice implora os barbaros. O ferro
Imbebem crus no peito crystallino;
E as vivas rosas, que das faces fogem,
Pela ferida a borbotões se esvaem.
C'os innocentes filhos abraçada,
Não geme, não suspira; a beijos colhe,
Uma a uma, as feições que tanto ao vivo
As do querido amante lhe retrattam.
Ja pelos labios derradeira foge
A última vida, o último sôpro em osculos
Todos amor, todos ternura. Os olhos
Ja da formosa luz se extinguem... Trémula,
Inda co'a incerta mão procura os filhos,
Inda affagando imagens do seu Pedro,
Entre os amplexos maternaes.—'Espôso,
Espôso... Espôso!' balbuciando, expira.

CANTO OITAVO

> **Em perigos, e guerras esforçados,**
> **Mais do que promettia a fôrça humana,**
> **Entre gente remota edificárão**
> **Novo reino, que tanto sublimárão**
> **Lusiad.**

I

Aqui chegava o canto: houve crestadas,
Guerreiras faces que inrugou Mavorte,
E onde afflicção, nem dor, nem transe d'alma
Jamais colheram lagryma, houve d'ellas
Mal inchutas do pranto involuntario
Que ais d'amor, que enthusiasmo de virtude,
Patriotismo ou glória destillaram
De olhos torvos por centos de batalhas.

Mas d'alma ao rosto vai canal aberto
Que só intupem vicios, ou fingido
Orgulho do homem vão. Porque te escondes
Na toga consular o vulto austero,
Libertador de Roma? Ja suspensas
As segures estão... Tam firme peito
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?
Roma é salva... Mas elles são seus filhos;
E Bruto, o cidadão, tambem é homem.

II

Louvor ao vate insigne!—Pouco dizem,
Que sentem mais. O joven rei applaude
Com franco enthusiasmo, e entre si pensa:
—'Um dia offuscarei toda essa glória,
E a mais altas canções darei assumpto.'

III

Trazem no emtanto moços de pellote,
Em riccas salvas d'ouro alto-lavradas,
—Páreas de avassallados reis do Oriente—
A casquinha gulosa e delicada,
Da selvosa Madeira arte e renome,
Luxo de lautas mesas; amplas jarras
De louçan, transparente porçolana,

Raro producto do Chinez longinquo,
—Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reaes copas.—Ali se enchem
Ao limpido jorrar de fresca fonte
Da fria agua de Cintra, e saborosa
Mais que o liquor do Rheno, ou que as sulphureas
Lagrymas de Parthénope[1]. Tomaram
Refeição leve a nobre companhia,
E o vate proseguiu.

IV

Está contando
O Gama ao rei amigo os mais famosos
Feitos dos nossos.—Diz-lhe de Fernando[2]
Os amores adulteros, e o tibio,
Froixo govêrno que indefeso o reino
Deixa ao furor imigo castelhano,
E de total destruição em p'rigo:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

V

Mas do lethargo vil em que o prostraram[3],
Á voz de Nuno[4] o portuguez acorda.

[1] Lachrymachristi.
[2] Lus., cant. III.
[3] Lus., cant. IV.
[4] Nun'alvares Pereira.

Com palavras mais duras que elegantes
Glória bradou e liberdade e patria,
Nomes que outrora em peitos lusitanos
Eram de chamma electrica scintillas
Que os corações briosos lh'inflammavam.
Embalde o podêr todo de Castella,
Por sustentar Beatriz, feroz se ajuncta.
Joanne[1] por seu rei levanta o povo;
E o eleito do povo é digno d'elle.
Não curva a jugo extranho o collo altivo
A nação, indomavel quando livre.

VI

Campos de Aljubarrota, inda em vós soa
O echo da trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso.
Guadiana, tuas aguas, de assustadas,
Vejo-as atrás volver.—Que anjo de morte
É esse que discorre d'ala em ala
Co'a a fulminante espada? Jorra o sangue,
Treme a terra debaixo dos pés duros
Dos ardentes cavallos, soa o valle,
Lanças escallam, os broqueis sonoros

[1] D. João I.

Estalando retinem. — 'San'Tiago!'
— 'San'Jorge e ávante!' cada qual rebrama.
— 'Victoria! A quem?' — 'Ao lusitano, a Nuno.'

VII

Ja não cabe na Europa o ânimo grande
Dos Portuguezes: treme Africa adusta,
E a triumphada Ceuta abre suas portas
Aos infantes magnanimos. — Mas cara
Custa a victoria: ves, o novo Regulo
Só pelo amor da patria está passando
A vida, de senhora, feita escrava:
Fernando expira em tenebrosos carceres;
Vive porêm seu nome e claro brilha
Para glória da patria, e eterno oppróbrio
De principes covardes que hão descido
A ignorado sepulchro em leitos d'ouro.

VIII

Glorioso João, foi teu reinado
Alto comêço á lusitana glória
Que, do extremo occidente, a longes terras,
A mundos novos, máres não sabidos
Triumphante correu. — Jamais no mundo

Se viu throno real assim rodear-se
De generosa prole. Não se accoitam
Mollemente na purpura paterna
Os filhos de João, nem se crem grandes
Em torpe ociosidade vegetando
Á sombra do diadema que em suas frentes
Descuidadas não pésa:—Henrique o grande,
O sabio Henrique, o protector philosopho
Das sciencias que honrou; Fernando, o sancto
Martyr da patria; Pedro, o virtuoso,
Legislador e justo; João, o austero,
Alma romana em coração de Luso;
E Duarte, o pacífico, o piedoso
Que tam breve reinou.

IX

Tenro innocente
Vestiu manto real o quinto Affonso:
Nas virtudes de Pedro achou tutela
Sua edade inexperta. Ingrato e feio
Caso, digno das tôrres de Byzancio,
Viram de Alfarrobeira infames plainos
Roxos do sangue das civís discordias.
Toda a tua glória, victorioso Affonso,
Esse appellido insigne que has tomado
Ao destruidor da desleal Carthago,

Nódoa tam negra á fama te não lavam.
Teu nome, e o de teus perfidos valídos,
Todo o bom portuguez detesta.—Esconde,
Esconde, Affonso, a purpura sanguenta
Tras a glória immortal que resplandece
D'emtorno ao filho teu. Se ha hi rei justo,
Rei cidadão, monarcha magistrado[1],
Rei que obedeça á lei, que a guarde ao povo,
Que o sceptro, vara angusta de justiça,
Equilibre entre grandes e pequenos,
Puna oppressores, opprimidos erga,
Abata o orgulho vão, premeie o merito,
Busque a virtude em sotãos de humildade
Para a exaltar sôbre arrasados paços
Do crime audaz e da suberba inutil;
Rei que o offício[2] de rei preencha e saiba;
João segundo o foi. Celebrem-te outros
Pelo valor que Toro inda pregoa,
Por domadas regiões, arados máres,
Por descubertos cabos,—esperanças
De futuras riquezas e conquistas:
Eu só coroarei teu sacro busto
Com a civica folha inmarcessivel
Do carvalho, mais nobre e mais glorioso

[1] Rei cidadão, rei homem, pae, e amigo.—*Ferreira.*
[2] Mon métier de roi; dizia Frederico o grande.

Que o louro dos heroes. Sanguineas gottas
Mancham sempre a grinalda das victorias;
E o clamor da viuva, o grito do orpham
Quebra a harmonia dos clarins da fama:
Mas as bençãos d'um povo agradecido
São melodia de suaves notas
Que por eras e eras se prolonga
Ás gerações por vir. Um rei como este,
Dae-lhes um rei como João segundo:
E esquecido o tenaz republicano
De Brutos e Catões, ajoelha ao sceptro.
— Este fez explorar d'aurora os berços
Com baldados trabalhos,—que essa dita
Ao feliz Manuel o ceo guardava.

X

Então reconta o sonho mysterioso
Do venerando Ganges, do rei Indo
Que ao ditoso monarcha, ao romper d'alva,
Em visão bemfadada appareceram.
Diz a intentada, perigosa imprêsa[1]
Que ousou de commetter; trabalhos, riscos
Na longa e lassa via supportados:
Mossambique, a traidora, castigada

[1] Lus., canto v.

Para escarmento e pena; e o temeroso,
Namorado gigante em dura terra
Por seus atrevimentos convertido,
E, por dobradas mágoas, rodeado
De Thetys formosissima que amava;
Thetys que ja cuidou de ter nos braços
Louco d'amores, unica, despida,
Quando se achou c'um arido rochedo
De horrido mato e de espessura brava.

XI

Emfim chegado com ditoso auspicio
Ás melindanas praias, aqui finda
O illustre Gama a narração pedida.
Ja pazes firma e alliança amiga[1]
Com o africano rei; e alfim nos máres
Indicos voga, demandando a terra
Que desejada ja de tantos fôra[2].

XII

Consummou-se a alta imprêsa; aberto é o Ganges
Aos galeões do Tejo. Em vão comprimem

[1] Lus., canto VI.
[2] Lus., canto VII.

Na treda Calecut traidores ferros
Ao Gama invicto os denodados pulsos[1]:
Tudo vence a constancia e nobre audacia
Do forte capitão. Co'a alegre nova
Do descuberto Oriente, á meta austrina,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, põe a aguda proa.

XIII

Agora os sons do canto imbrandecidos[2]
Co'as delicias de Paphos e Amathunta,
Por namorados bosques, aguas limpidas,
Fresquidões deleitosas vão soando.
—Eis ves a filha das ceruleas ondas,
A bella Venus, que repoiso amigo
Delicioso lhes traz; ilha divina,
Onde quanto espalhou a natureza
Por máres, ceos e terra em formosura,
Tudo ajunctou alli: copados bosques,
Coutos d'amena sombra; vecejantes
Relvas em que o primor de seus matizes
Esmerou Flora, e lh'as bordou mais lindas
Que o proprio leito onde com doces beijos
Zephyro lhe mitiga o ardor da sésta;

[1] Lus., canto VIII.
[2] Lus., canto IX.

Murmurantes arroios, mansamente
Em seu correr, de amores conversando
Co'as dryades do bosque; os rubicundos
E dourados thesouros de Pomona...
Oh! que scena de languidos prazeres,
Que paraizo de deleite, ó Venus!
Pelo travesso filho assetteadas
As esquivas nereidas suspirando,
Seguem a bella deusa, que promette
A suspirar tam doce um doce premio.

XIV

Mas em mar leite navegando alegres,
Os esforçados nautas ja descobrem
Entre a alva espuma das ambientes aguas
Viçar a ilha formosa:—qual no seio
Lacteo-tremente da modesta noiva
Puro verdeija o sponsalicio ramo.
Ja proa e rumo para alli appontam;
Eis chegam, eis do incanto e maravilha
Absortos pasmam... pela sombra amena
Se imbrenham, caça agreste procurando.
Mas ferida lh'a tinhas, Erycina,
Menos aspera ja, mais doce e linda.
Correndo vão apoz as nymphas bellas,

Que fogem, que se escondem, mas fugindo,
Nem tudo escondem; fogem, mas tam leve
Não corre o lindo pé que não tropece...
E cahem... Certa amor canta a victoria,
Se lhe cai sobre a relva o fugitivo.
Oh! que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro que soava!
Que affagos tam macios!... Breve e rapido
No seio do prazer se esvai o dia.

XV

Harpa sublime que n'altura soas
Das cumiadas da glória, harpa que os hymnos
Fatidicos, nos echos alongados
Do porvir innublado, obscura tanges,
D'onde só vagos sons confusos coam
Na terra, esperdiçados por vulgares
Orelhas d'homens,—harpa mysteriosa!
Clara te ouvia o vate sublimado
Quando as notas propheticas repete
Na remontada lyra.—Etherea nympha[1]
Os porvindouros feitos e virtudes
Dos heroes Lusos no domado Oriente
Ao ceo com doce voz está subindo.

[1] Lus., canto x.

XVI

Ja voadores lenhos povoando
O vasto oceano que lhe abríra o Gama,
O senhorio dos frementes máres
Victoriosos occupam. Reis que ousados
A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,
Do braço provarão que, forte e duro,
Os faz render-se a elle ou logo á morte.
O gran' Pacheco, o lusitano Achilles,
No passo Cambalão suberbos nayres
Do Çamorim potente desbarata:
Per vezes sette em aspera batalha
Triumpha em terra e mar. Eia, as coroas,
Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,
Que á patria volve com despojos cento
A humilhar a teus pés. Que vejo! é essa
A purpura que o cinge! é esse o templo
Onde em triumpho o conduzis, ingratos!
N'um hospital, de andrajos vis cuberto
Morre Pacheco do seu rei na côrte...

XVII

Almeida vem depois c'o nobre filho,
Que do índico oceano as aguas tinge

De sangue imigo e seu. Atroz vingança
Corre c'o iroso pae: Dabul, Cambaia,
Inseadas de Diu, ei-lo no ferro
Destruidor vos traz exicio e morte.
Inveja vil de perfidos validos,
Não é tua ésta victima; seus ossos,
Não lh'os possuirás, ingrata patria.
Seu fado negro foi, mas antes elle;
Antes perder a vida ás mãos selvagens
Do rudo cafre na deserta areia,
Que á fome... á fome, e no seu patrio ninho!

XVIII

Mas oh! que luz tammanha que abrir sinto!
Luz é do fogo e das luzentes armas
Com que Albuquerque vence o altivo Persa.
Rende-te Ormuz, Gerum, Mascate e Goa.
Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas
Lá no gremio da Aurora onde nasceste;
Em vão imbebes venenosas settas
No arco certeiro, e os crizes refalsados
Com peçonhas mortiferas tempéras:
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos ao luso vencedor succumbem.

XIX

Medina abominavel, Meca tremem
C'o nome de Soares; as extremas
Praias de Abassia tremem. Cede a nobre
Ilha de Taprobana; hasteado impera
Luso pendão nas tôrres de Columbo.

XX

Sequeira, os dous Menezes, e tu, forte
Mascarenhas, depois vireis de glória
Colmar, a mais e mais, o patrio nome.
Pelo famoso Heitor, Sampaio vence
Frotas arabias. Baçaím se intrega
Ao Cunha illustre. Ergue os altos muros
Sousa da insigne Diu; Castro o forte,
O honrado, o vencedor, o triumphante,
Castro os defende. Maior nome em glória,
Em virtude, inteireza e amor de patria
Jamais pronunciarão homens na terra.

XXI

Tagides bellas, que em meu verso humilde
Os echos reflectis da voz celeste,

Das immortaes canções que lhe inspirastes,
Não mais, não mais, que me fallece o alento.
Na extenuada lyra os sons se quebram,
Como suspiros de opprimido peito.
Diga Uranía bella aos seus valídos
Que segredos lhe disse das espheras
Da vastidão dos orbes, do mysterio
Da creação inteira: eu vate humilde,
Que só de longe respeitoso sigo
O divino cantor, não ouso a tanto.

XXII

Da ilha namorada o Gama invicto
Singrando vem para o seu patrio Tejo;
E o Tejo recebeu do Indo e Ganges
Preito rendido e tributario feudo.

CANTO NONO

> **Mas quem póde livrar-se porventura**
> **Dos laços, que amor arma brandamente?**
> **Lusiad.**

I

Não sabía em que modo lhe mostrasse
Ao vate sublimado o rei mancebo,
O enthusiasmo, o vivo prazer d'alma
Que lhe inspiraram as canções divinas.
Louva a escolha do assumpto, a arte ingenhosa
Que n'um só quadro majestoso e grande
Todos uniu da portugueza historia
Os memorandos feitos, varões dignos

De eternidade e fama: louva o stylo
Nobre e terso, de pompa ou singeleza,
Qual o pede a materia; o sacro fogo
Do patrio amor, de glória, de heroismo,
Que, d'um por um, nos versos lhe scintilla.
De cortezãos, applaudem c'o monarcha
Alguns; outros sinceros congratulam
O trovador moderno que descanta
Na doce lyra o que perfaz c'o a espada.
Trasborda em júbilo a alma generosa
Do honrado Menezes. Mas não faltam
Aopé do solio nunca—inda mal! nunca—
Peitos vis, corações á glória alheios.
Por esses lavrou logo a inveja, o odio
Ao cantor dos Lusiadas: não soffre
Vício e ignorancia que virtude e merito
Appreciados sejam, conhecidos.
Fingem no intanto, que fingir é a arte
Maxima de palacios...

II

—'Folguei muito'
Dizia o rei, e o gesto abrazeado
A verdade do dito affiançava,
'Folguei de ouvir-vos; nunca tal virtude
Em versos cri para exaltar o ânimo

Ao sublime enthusiasmo da virtude,
Aos feitos grandes. Sinto que me bate
Com mais vigor o coração no peito.
Alma terá pequena e bem mesquinha
O portuguez que não mover tal canto.'
Assim dizia o rei: caminho vinham
Dos paços, despediu-se o heroico vate;
E o mancebo real: —'Voltae a ver-me,
E vos farei mercê, como é devido.'
Entrou a côrte pelos atrios regios.

III

Rapido ia o sol no ceo descendo:
O guerreiro cantor volve a imbrenhar-se
Pela espessura e bosques. Não esp'ranças
De melhor sorte, não lisonjas doces
De amor proprio, mais doces quando ouvidas
De labios de monarchas: não promessas
De merecido premio,—nada agita
O sangue do esforçado navegante.
Se ideas taes despontam, breve as sorve
Remoinho de incontrados pensamentos
Que do anciado espirito lhe travam.
A mensagem, a carta mysteriosa
Revolve, e as circumstancias; as palavras,

Interpretá-las quer.—Em vão; não podem
As conjecturas mais: fôrça é do dia
Aguardar impaciente o lento occaso.

IV

No mais erguido cume da alta serra
Que disseram da Lua eras antigas,
De fábrica mourisca se alevanta
Castello hoje em ruinas derrocado.
Escassa ameia ves empé suster-se
No escalavrado muro. Ja trabucos,
Dos seculos depois vaivem mais duro
Pelas ingremes rocas dispersaram
As pedras que talhou a mão dos homens
Outrora d'essas rocas, para alçá-las
Em torreões de morte:—impia fadiga,
Trabalho improbo e duro! A aza do tempo
Voando passa, e varre a obra do homem
De sôbre a face da esquecida terra.

V

E disseras que de homens como os de hoje
Não poderam ser obra esses vestigios
Do immenso Babel que ves prostrado.

A braços de gigante sobreposto
Monte a monte parece; arrebatada
Por anjos infernaes a roca antiga
Que ao prumo a descahiram—e fixada
No encantado equilibrio, desafia
Fôrças da natureza e arte dos homens.
Mouro é o mais do que ves, e a doble cêrca
Do castello, e a cisterna que ás devotas
Abluções, alli perto da mesquita,
Suas aguas philtradas ministrava.
E essa que, de tam longe a Meca olhando,
Ouviu as derradeiras coxas preces
Que ao surdo Allah mandava afflicto crente
Quando ja sôbre as azas da victoria
Cruz inimiga remontava á altura,
As humilhadas Luas arrojando
De precipicio em precipicio ao abysmo;
Essa inda em pé, no meio das ruinas
Desmantelladas, seu fiel cimento,
Tenaz na antiga fe, guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram,
As estrellas do Yaman e os inlaçados
Characteres do Hydjaz!...

VI

Arabe é todo
O aspecto que estás vendo. Mas attenta
Ahi n'essas quebradas menos duras
Como a pique se tem negro, inteiriço
Celtico dolmin recordando o culto
Do sanguento Endovelico, o terrivel
Irminsulf dos ferozes Lusitanos.

VII

Talvez permitte AQUELLE que de tudo
É norma eterna e lei, assim durarem
Quaesquer memorias que o respeito, a crença,
Errada embora, dos mortaes levante
Em Seu nome... Das fábricas dos homens
Morredouras como elle—éstas resistem
Mais que nenhumas ao minar do tempo.

VIII

Alli, no mais solemne das ruinas
E no mais alto, alli n'um canto ainda
Solido da muralha fabricára
Solitario habitante d'esses ermos

Mansão tranquilla e só. Musgosas plantas
Crescem nas fisgas do cimento antigo.
Tapeçaria de heras verdejantes
Fórra a cortina da parede bronca,
E em cahidos festões se balancea
Sôbre a entrada do lobrego retiro.

IX

Tradição é que nomeado vate,
D'alta beldade mysterioso amante,
Entre as fragas erguêra a mansão triste,
Onde cevou de tristes pensamentos
O coração cortado de saudades.
Saudade pelas pedras intalhada
Se lia em characteres bem distinctos;
E o nome de *Beatriz,* tambem gravado
Na silice do monte, lhe responde,
Como echo das endeixas namoradas
Do cantor da soidão. Sentado viram
O genio da montanha, alvas trajando
Roupas de nuvem, dar ouvido attento
Ás canções magoadas e suavissimas
De Bernardim saudoso e namorado[1].
Bernardim, que das musas lusitanas

[1] Bernardim Ribeiro. Veja a nota a este verso, no fim.

Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,
Com que—em seu mal—romantico alaúde
Ingrinaldou para cantar amores
Doces d'alta princeza,—inda mais doces
Favores, que indiscretos revelaram
Extasis d'alma em derretidos cantos.
Fragueiros inda[1] vivem que de ve-lo
Se acordam pela noite andar vagando
Por os picos da serra no mais alto,
Ora ternas caricias dando ao vento,
Ora imprecando com furor as rocas,
E a miudo suavissimas cantigas
De apaixonado assumpto modulando.

X

Subito um dia, de bordão na dextra,
Na opa de peregrino disfarçado[2]
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romaria aos Alpes
Parte, a levar o coração votado
A quem talvez, na purpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.
Ve-lo-ha, o objecto de suspiros tantos,

[1] No tempo da visita de Camões á serra.
[2] Veja nota no fim.

De saudade tam longa, da romage
Devota; mas só vel-o,—e adeus eterno,
E para sempre adeus!... Crueis lhe vedam
Mais que esse adeus. Voltou á patria, e morre.

XI

Este foi da poisada solitaria
O fundador, e unico vivente
Que desde então as frias cumiadas
E ruínas habitou da antiga tôrre.
E este era o sítio que apprazava a carta
De incognita mensagem ao guerreiro.

XII

Alfim no oceano se mergulha a lampada
Do firmamento maxima. Descia,
Como um veo, a nebrina sôbre a serra;
Ja lhe toucava a frente, e ia ligeira
Pela espalda, insensivel devolvendo,
Té lhe poisar as orlas na planicie.
No meditar profundo imbevecido,
O guerreiro, que aguarda ha muito a hora
Lenta da noite, não deu fe da névoa
Que humida todo em derredor o fecha.

Despertou-o a frieza inesperada
Que no alto das montanhas vem co'a noite.
Como no seio involto de uma nuvem
Mysteriosa se cuida—olha d'emtôrno,
Nada ve, tudo incobre a névoa espessa;
Nada ve, mas distincta uma voz ouve:
—'Cumprido é o sonho, mas quebrado o incanto:
Ainda a viste,—unica vez na terra!
Nunca mais a verás. O véo, qu'é d'elle?
E a trança que, ao sepulchro sonegada,
Prenda foi de ternura?'
—'Ei-la commigo,
Sempre commigo. Restitui-la á campa,
Quando á campa descer, a mim só cabe.
Mas quem de meus segredos sabe tanto?
Quem d'amor os mysterios e os da morte
Penetra assim? Do número dos vivos
Es tu, ou do moimento ha suscitado
Podêr fatal as cinzas dos finados
Para me interrogar?'
—'Vivo eu, sou vivo:
Conhece-me, sou eu, teu inimigo.
Teu inimigo hei sido; e eterna a vida,
Se crus, para tormento, os ceos m'a dessem,
Toda a odiar-te, inteira a abhorrecer-te
Pouca sería. Tu só me roubaste

Aquelle coração: tu sim, tu foste.
Tu m'o roubaste, que, sem ti, meu fôra.
Em vida té adorou; na morte... A morte,
Quem, senão tu, á ingrata lh'a ha causado?
Saudades a privaram da existencia.
Consola-me que ao menos não gosaste
Tanto amor, tanta fe, tanta belleza,
Que não mer'cias, não. Se digno d'ella
Houve mortal, a mim, que não a um...'
—'Conde?'
Bradou convulso, e a mão ao ferro leva
O insoffrido guerreiro. Mas tranquillo
O rival lhe tornou:—'Sois offendido?
Desaffrontae-vos: ferro e braço tendes.
Nem vos fujo eu: porêm a minha espada
Jamais demandará um peito que ella...
Sim, que ella amou. Transviou-me a paixão d'alma;
Bebêra o sangue que essas veias gyra,
Que n'esse coração bate c'o a vida:
Mas veda-o juramento sacrosancto;
Guardo-lo-hei.—Maior é o sacrificio
Que prometti, maior.'

XIII

Tira um retratto
Do seio: olhos sanguineos, arrasados

De despeitosas lagrymas, cravava
Na pintura;—com impeto os affasta
Logo, e diz:—'Cumprirei o que hei jurado.
Houve-o de suas mãos este depósito
Nas derradeiras horas: confiada
A um rival generoso foi a extrema
Vontade sua; fôrça é dar-lhe inteira
Execução, qual á minha honra cumpre.
Ei-lo aqui, o legado precioso;
Pela mão do inimigo amor t'o intrega.'

XIV

Commovido do íntimo do peito,
Magoada vista punha no retratto
O guerreiro, em cuja alma combatiam
Paixões tam desvairadas, tam confusos
Sentimentos e affectos, que expressá-los
Não saberia o coração que os sente.
—'Prenda cruel d'amor, dadiva infausta...
Antes querida!...' Aqui parou cortado,
Co'as ideas, o fio das palavras.
Mas continuou depois:
—'Forçais-me, conde,
Mais que a admirar-vos: o odio que me tendes,
Generoso rival, não me é possivel

Abrir-lhe o peito, não. Odiae-me embora,
Que vos amarei eu, maugrado vosso.
O retratto... Oh! jamais não será ditto.
Que em pontos de honra e generoso brio
Fique Luiz de Camões de outrem vencido.
Guardae-o vós, senhor, guardae-o; é vosso:
A um inimigo tal amor o cede.'

XV

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavam
Os dous rivaes briosos que alta próva
Assim do nobre peito heroica davam
Em magnanimo duello de virtude.
No rosto ao conde as rugas se alisavam
Que ciosos rancores lhe frangêram;
E bem se via que os jurados odios
Ao generoso feito se rendiam.
Luctaram todavia; mas victoria
Em peito bem nascido ha sempre o brio.
—'Vencestes, cavalleiro; as armas ponho.
Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será. Meu repto é nullo,
Por vencido me dou em leal batalha;
De mim disponde.'
Avaliar o preço

De taes momentos, corações só podem
Grandes como esses dous tinham no seio.
O guerreiro estendeu os braços.—Cai-lhe
Nos braços o brioso antagonista.
Palavras não disseram: onde ha lingua
Com proprios termos para instantes d'esses?

XVI

Como inimigos foram, são amigos.
Junctos choraram; junctos, esse objecto
Que em vida os desuniu, na morte carpem.
Separaram-se alfim.—'Não deis ouvidos'
Disse o conde ao guerreiro, á despedida:
'A louvaínhas tredas de palacios,
E a promessas de côrte. Hoje estivestes
Com elrei; grande fama heis alcançado
E favor do monarcha: mas dobradas
Serão as malquerenças d'inimigos,
Os odios da ignorancia, e vis colluios
Da inveja negra e má. Por dom Aleixo
Entrast' á elrei;—mal acertada porta.
Contae c'o desfavor dos precatados
Valídos que governam. Por honrado
Vos terão e virtuoso: abonos tendes
Em qualidades taes para seu odio.'

XVII

Proximo o dia não tardou no oriente;
Volve ao paço o guerreiro. Era partida
Para Lisboa a côrte. Na poisada,
Cuidoso da delonga, o missionario
Com ância o aguardava: ambos caminho
Da lusitana capital se foram.

XVIII

Corrêra a fama do louvor, do preço
Que dera o rei ao sublimado canto.
Prompto se offerece quem germanas artes[1]
Em dar-lhe vida e propagá-lo impregue.
Doutos e indoutos com geral applauso
Viram do novo Homero o canto insigne
Que á patria glória monùmento augusto
Sublime erguia. Soa o brado ingente
Ja pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.

[1] Imprensa.

CANTO DÉCIMO

Que exemplos a futuros escriptores!
LUSIAD.

I

O Tejo o ouviu no algoso de suas gruttas,
E em despeitoso brado lhe responde.
Gemem as nymphas que o lidado canto
Inspirado lhe haviam, e em suas telas
Com tristes, negras côres debuxaram
A injúria, o crime, a ingratidão tam feia
Que indelevel nos fastos portuguezes
É mancha horrenda e vil...

II

Arqueja exangue,
Definha á mingua, só, desamparado
Dos amigos, do rei, da patria indigna,
O cantor dos Lusiadas.—Ah! como!
Qu'é das gratas promessas do monarcha?
Qu'é de tanta esperança lisongeira?
Perfidia baixa e crua, onde has pousado?
No coração da inveja e da ignorancia,
Do fanatismo barbaro. Soaram
Tremendos, nos ouvidos criminosos
Dos cortezãos hypocritas e astutos
Os livres sons do nobre patriotismo
Com que a treda impostura d'impios bonzos[1],
E a tyrannia infame de valídos
O guerreiro cantor assetteára.
Nas cavernas do peito refalsado
Odio cego lh'entrou; os beiços roxos,
Aridos com a sêde da vingança,
Mordem convulsos. Nunca tam terrivel,
Nua a verdade lhes mostrou seus crimes,
Como na bôcca d'esse vate ousado.

Veja Lus., canto IX, est. 27 a 29, e canto X, est. 150.

III

Vingar-se é fôrça; mas vingança negra,
Feia e covarde a querem.—'Sem amigos,
Sem protectores, pobre, sem arrimo,
Á indigencia, á miseria ahi succumba,
E de sua ousadia o crime expie.'
Assim no coração lhes falla o odio;
E o cumpriram assim. Todo no appreste
Da jornada fatal andava o ânimo
Do malfadado moço que em sua cholera
Rei dera o ceo ao povo lusitano.
Só armas cura, só victorias sonha:
Geme intanto a nação, quasi presaga
Do desastre que a aguarda. Em Cintra fôra
Resolvida afinal prompta partida,
Que o monarcha impaciente appressurava.

IV

De tal resolução ignaro o vate
A Lisboa chegára; o paço busca,
Ninguem o attende; o virtuoso Aleixo
Procura... No palacio ja não vive:
Tam livre sustentou, tam nobre e firme
Seu parecer contra a jornada infausta,

Que irado Sebastião de si o aparta;
E triumphando da virtude a intriga,
Por traidor e revel, ao cego joven
Seus imigos infames o affiguram.
Triste deixou as casas venerandas
De seus reis, onde quasi um sec'lo o viram,
Não coitar-se na purpura, mas dar-lhe
Mais brilho e honra com leaes virtudes.

V

Ao guerreiro cantor foi ésta nova
Triste preságio, córte d'esperanças.
Corre audiencias em vão;—vazio é o throno.
Frio ministro em nome do monarcha
Ouve indifferente as súpplicas do povo.
Entre a ignorada turba é confundido
De tristes, desprezados pretendentes
O divino Camões...

VI

Emtanto as velas
Ja pelo Tejo undivago branqueiam;
As phalanges de intrepidos guerreiros
Cobrem suas longas praias. Lamentando
Estão d'emtôrno as mães, estão espôsas

Os filhinhos nos braços amostrando
Aos paes, que o gesto angustiado voltam
Para os não ver, que se lhes parte alma.

VII

Mas quem são esses dous, que ahi na praia
Tam estreitos se abraçam? Correm lagrymas
Por olhos que a vertê-las não costumam;
Em peitos se reprime o adeus sentido,
Peitos que o não contéem.
—'Adeus!... A vida
É mais difficil, filho, do que a morte:
Supportae-a; mostrae-lhes que sois homem,
Que sois christão; perdoae...'
—'Perdoar eu!... nunca.
Malvados que me roubam tal amigo!
Unico amparo só que me restava;
Que d'involta co'a patria, co'as esp'ranças
D'um povo inteiro, a vil sepulchro o levam!
Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
Accento de meus labios moribundos
Será de maldição sôbre essas frentes
Carregadas de crimes.'
—'Perdoae-lhes,
Perdoae: a affronta-propria é juiz suspeito.'

—'A minha affronta, oh! essa, eu lh'a perdoo.
Mas a da patria...'
—' Adeus, adeus!'
Chegava
El-rei então; signal de partir soa:
E o vate e o missionario assim findaram
Sua triste despedida;—que mandado
Accompanhar a armada o monge fôra
Repentino, essa noute. O tredo fio
Descubrira o cantor da vil intriga;
Mas o paciente filho do Evangelho
Resignado se inclina á Providencia,
E seus decretos humilhado adora.

VIII

Fôra em-effeito o odio dos validos
Que ao infeliz Camões arrebatára
Protectores e amigos. Desterrado
Por elles o virtuoso e nobre Aleixo;
Por elles inviado á certa ruina
Que ao malfadado rei, á flor do exército,
Á patria, nas areias escavaram
De Affrica adusta, o missionario fôra.

IX

Ja se movem as naus; e as altas pontes
Se ouriçam de belligeras phalanges.
Redobra o pranto:—ânchora sobe, antenas
Se espandem... Lá te vas, e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e glória.

X

—'Que me resta j'agora?' os olhos longos
Para a frota que se perde no horisonte,
Comsigo o vate diz: 'O que me resta
Sôbre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, n'este arido deserto
Da vida, me fallece. Um bordão unico
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O número está cheio
De meus dias, contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação que por mim seja?
Posso dizer...'—Gemido, que houve perto,
O interrompeu: era o seu Jáo que afflicto

O escutava: do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvi-lo assim queixar: —'Ah! se eu não fôra'
—Com os olhos e as lagrymas dizia;
Com os olhos, que os labios não ousavam—
'Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe!'

XI

Tu, generoso amo, lhe intendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrymas.
—'Tens razão; injustiça é grande a minha:
Inda tenho um amigo.'
                                        Pausa longa
Seguiu éstas palavras; e no peito
Ao generoso Antonio desaffoga
O coração que lhe apertava a mágoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto.
E o amo, a quem signaes de tanto affecto
Movem no intimo d'alma, sente um golpe
De balsamo cahir-lhe sôbre as chagas
Do coração lanhado: a dextra languida
Poisa no hombro fiel, o peito incosta
Sôbre o peito leal do amigo... —Amigo

Direi, amigo sim: peja-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?
E que es tu mais?—Era de ver, e digno
Espectaculo adonde se cravassem
Os olhos todos d'essa raça abjecta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a fôrça d'ânimo,
Com o andrajoso, humilde e pobre escravo
Em attitude tal. Ríra-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorára.

XII

—'Oh meu amigo, oh meu Antonio' disse,
No remendado seio a face altiva
Escondendo, o guerreiro 'Oh! ésta noite
Aonde, em que poisada a passaremos?'
—'Meu bom senhor, um gasalhado tenho[1]
Achado ja: que bem vi eu não ieis
Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,
De vós não é; mas sabeis...'
—'Sei, amigo,
Que só tu, n'este misero universo,
—E o sepulchro tambem—alfim me restam.'

[1] Veja nota no fim.

XIII

Junctos á margem vão do Tejo andando
A lento passo. A noite era formosa,
Clara e brilhante a lua. Oh! que memorias
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sítio
Não suscitam amargas? Perto passa
D'aquella gelosia, aquella mesma[1]
Donde os doces pinhores, donde a carta
Recebêra fatal. Quam demudada,
Quam differente está do que a ja víra,
Essa praia tam placida e saudosa!
Um platano frondoso que hi crescia,
Em cujo liso tronco tantas vezes
Se incostou, aguardando a hora tardia,
—Prazo dado d'amor, que é tardo sempre!
Cuja sombra, em luar pouco propício
A amantes, o occultou de agudas vistas
De curiosos-profanos e inimigos...
Ai! sêcca jaz em terra, e despojada
De viço e folhas a árvore querida.
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
Menos a saudade que o consumme.

[1] Veja canto IV, no principio.

XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias, mezes passam
Arrastados e longos,—qual o tempo
Para infelizes anda—sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos.—Mas a mão tremente,
Incarquilhada e sécca ja sôbre elles
Ia estendendo a pallida indigencia;
E a fome... a fome alfim.—Clamor pequeno
Que de minhas endeixas tenue soa,
Se juncte aos brados das canções eternas
Com que o teu nome, generoso Antonio,
Ja pelo mundo ingrandecido echoa.
Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta timido esmolando
Os chorados seitis com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Éstas do extranho[1] bardo memorandas,
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

[1] M. Raynouard, na sua ode a Camões.

XV

Não póde mais o coração co'a vida;
E lenta a morte c'o infezado sangue
Caminho vem do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu... Ahi jaz o tumulo.
Chegado é pois o dia do descanso...
Bem vinda sejas, hora do repoiso!
Com a trémula mão tenteia as chordas
D'aquella lyra onde troou a glória,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a patria...—oh! e que patria os ceos lhe deram!
Off'rendas recebeu de hymnos celestes:
Pela última vez as chordas fere,
E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento infraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

—'Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas

Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me ingeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

XVII

'Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado,
E tranquillo direi: *vivi;*—tranquillo
Direi: *morro.* Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: contínuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldicções, deixa de crimes,
Legado impio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes heide incostar-me...

XVIII

,Ja me sinto ao limiar 'da eternidade:
Veo que innubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça; rasgado, os seios me abre

Do escondido porvir... Oh! qual te has feito,
Misero Portugal!... oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos máres!... Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana[1]? A morte,
A escravidão lhes traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

XIX

'Que naus são essas que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros[2]
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas poppas descobrir as Quinas.
Em vão; da hástea da lança escalavrada
Roto o estandarte cai dos portuguezes.

XX

'Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da glória lusitana... uma faísca,
Esquecida a tyrannos, lá scintilla[3]:
Mas quam debil que vens, sôpro de vida!

[1] O captiveiro castelhano dos 60 annos.
[2] Hollandezes, etc.
[3] Veja nota no fim.

Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, infêrma
Só te ergues d'esse leito de miseria
Para cahir, desfallecer de novo.

XXI

'Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que máres? ja teu nome ignora
Neptuno, que de ouvi-lo estremecia.
Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua glória? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cahir de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio' honrado nome?
Oh patria! oh minha patria!...'

XXII

A voz, que affroixa,
Interromperam sons desconhecidos

De voz de estranho que na estancia humilde
Entra do vate:—'Perdoae se ousado
Entrei, senhor, mas...'
—'Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo que a poisada obscura
D'um moribundo saiba?'
—'Cavalleiro,
Desde o alvor da manhan que vos procuro:
De Affrica hoje cheguei...'
—'Ah! perdoae-me.
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis?'
—'Tristes novas, cavalleiro.
Ai! tristes. D'esta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.'—Ao vate a carta intrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De allivio e de esperança.—'Extincto é tudo
N'esta mansão de lagrymas e dores'
—As lettras dizem—'tudo; mas a patria
Da eternidade, só a perde o impio.
Deus e a virtude restam: consolae-vos...'

XXIII

—'Oh! consolar-me' exclama, e das mãos trémulas
A epistola fatal lhe cai: 'Perdido
É tudo pois!...' No peito a voz lhe fica;
E de tammanho golpe amortecido
Inclina a frente... como se passára,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre conde se approxima
Do leito... Ai! tarde vens, auxílio do homem.
Os olhos turvos para o ceo levanta;
E ja no arranco extremo:—*'Patria, ao menos*
Junctos morremos...' E expirou co'a patria.

Onde jaz, Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulchro siquer... Raça d'ingratos!
Nem isso! nem um tumulo, uma pedra,
Uma lettra singela!—A vós meu canto,
Canto de indignação, último accento[1]
Que jamais sahirá da minha lyra,

[1] Veja nota no fim.

A vós, ó povos do universo, o envio.
Ergo-me a delatar tammanho crime,
E eterna a voz me gelará nos labios.
Lyra da minha patria, onde hei cantado
O lusitano — invilecido! — nome,
Antes que n'esse escolho, em praia extranha,
Quebrada te abandone, este só brado
Alevanta final e derradeiro:
Nem o humilde logar onde repoisam
As cinzas de Camões, conhece o Luso.

NOTAS

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO

Nota A

Saudade:

Mavioso nome que tam meigo soas
Nos lusitanos labios........................ pag. 2

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idea, o sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portugueza. A isto allude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado

Das orgulhosas bôccas dos Sycambros:

o que particularmente se deve intender dos Francezes tam presumidos de sua lingua tam apoucada. De

que a denominação de Sycambros cabe justa a estes povos, bom testimunho é Boileau que, em um de seus opusculos latinos, de si proprio disse:

Me natum de patre sycambro.

A causa natural da falsa idea que têem os Francezes do seu idioma, é a universalidade que elle por toda a Europa obteve: por aqui tambem se explica o mui pouco ou quasi nenhum estudo que fazem dos alheios. Mais inexplicavel é, em verdade, o tom magistral e *tranchant* com que dos auctores e litteraturas estrangeiras ajuizam e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor syllaba dos originaes.

Deixando outros de menor monta e nota, Voltaire, que todavia sabía o seu pouco de Inglez e em Inglaterra havia demorado, diz blasfemias quasi incriveis quando se mette a traduzir as sublimidades de Milton ou as originaes e energicas altivezas de Shakspeare. Eguaes barbaridades commetteu pretendendo revelar os mysterios de Dante. E que injustiças não fez elle ao nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de Portuguez saber nem uma lettra! Conhecia somente dos Lusiadas o poucachinho que era possivel ver pelo infiel e baço reflexo da pessima traducção de Fanshaw em Inglez: lingua que elle Voltaire pouco mais sabía.

Levou-me a penna mais longe do que eu queria a fallar da vaidosa injustiça de M. de Voltaire. De *sau-*

dade quizera eu dizer ainda alguma cousa.—Saudade, palavra, cuido que vem, por derivação obliqua, do latino *solitudo.* Obliqua digo, porque *direitamente* derivaram os nossos de *solitudo,* solidão, soidão, e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que, por ésta synthese (ou pela anályse que é obvia) se vem a intender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é—os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou soidão; o desejo melancholico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objectos por que suspira, amigos, amante, paes, filhos, etc.—E tanto por saudade se deve intender *este desejo do ausente e solitario,* que os Latinos, á mingua de mais proprio termo, o expressavam pelo seu *desiderium:*

Quis desiderio sit pudor aut modus
Tam chari capitis?—

Ja d'aqui mesmo se ve a insufficiencia do termo *desiderium* para vivamente pintar a idea do poeta; mas para melhor se ver a falta absoluta que de tal vocabulo padecem as outras linguas, basta comparar as versões que d'esta sublime ode de Horacio fizeram os diversos traductores.

Nenhum livro aqui[1] tenho de meu, nem onde refrescar memorias do que li, nem para adquirir o que

[1] No cabo de Normandia, em França, onde se escrevia ésta nota.

não sei: porisso, e porque não tenho a feliz reminiscencia de Bocage nem o memorião do Padre Macedo, não posso citar o que n'outro tempo observei nos logares parallelos de Francis e Daru, os dous mais nomeados traductores do lyrico romano. Tambem me não lembra se o nosso Filinto — que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor intendeu e profundou Horacio, como aquelle que melhor o imitou — verteu ésta ode, e como a verteu. Parece-me que A. R. dos Sanctos usou do termo saudade na sua — fôrça é dizê-lo — insipida versão. Mas o certo é que das linguas que sei, em nenhuma conheço palavra com que a idea e a expressão (embora insufficiente á idea) de Horacio se possa trasladar, se não for a saudade portugueza que lhe é superior. O *regret* dos Francezes, além de differente cousa, mais para a angústia do remorso ou para o pesadume da amargura, que para a suavissima pena, terno e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E ainda quê, segundo a observação de Girard, *regretter*, para distincção de *plaindre*, se diga das cousas ausentes; todavia nos mesmos Synonymos de Girard se verá quanto acérto em arredar-lhe a significação para longe da nossa saudade.

Quizera eu tambem ver como se traduzirá, a não ser em Portuguez, aquelle tam bello e delicadamente voluptuoso pensamento de Catullo, ao pardalzinho da sua Lesbia:

Quum desiderio meo nitenti
Carum nescio quid lubet jocari,
Et solatiolum sui doloris
....
Quando saudades minhas a angustiam
E acha não sei que gôso no folguedo,
Pequeno allivio para a dor que a punge.

(Nota da primeira edição.)

Amador Arraes traduzindo a bella e melancholica poesia do psalmo 54:

Elongavi fugiens et mansi in solitudine,

verteu assim:

Alonguei-me fugindo e morei na soedade

No que fez ainda outra variante de orthographia e pronúncia; mas descobre bem clara e positiva a origem da palavra, e não só n'esta traducção, mas no uso amiudado que da palavra faz em outros muitos logares; como: — «Seguro forte é a *soedade* para almas dedicadas a Deus;» — e n'outra parte: — «Bom foi a Lot fugir para a *soedade.*»

É fôro da lingua portugueza conservar todas éstas variedades de escriptura e de sentido. Em prosa porêm, eu diria sempre, n'estes casos *soledade,* e não *saudade, soidade ou soedade,* para designar a *situação do que está só;* assim como direi *solidão* em prosa, e *solidão* ou *soidão* em verso, para designar o *sitio solitario em que esse está.* Salvas todavia as liberdades

poeticas: as quaes liberdades não são, inda assim, a anarchia das doudices romanticas exageradas *(Nota da segunda edição.)*

Nota B

Entre os olmedos
Que as pobres águas d'este Sena regam...... pag. 2.

Quasi todo este poema foi escripto no verão de 1824 em Ingouville aopé do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. Passei alli cêrca de dous annos da minha primeira emigração, tam só e tam consumido, que a mesma distracção d'escrever, o mesmo triste gôsto que achava em recordar as desgraças do nosso grande Genio, me quebrava a saude e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho: e dei-me, como indicação hygienica, a composição menos grave. Essa foi a origem de D. Branca, que fiz, seguidamente e sem interrupção, desde Julho até Outubro d'esse anno de 24, completando-a antes do Camões que primeiro começára, e que só fui acabar a París no hynverno de 24 a 25. E quasi que tenho hoje saudades — tal nos tem andado a sorte! — das ingelhadas noites de Janeiro e Fevereiro que n'uma agua-furtada da rua do *Coq-St.-Honoré* passavamos com os pés cozidos no fogo, eu e o meu amigo velho o Sr. J. V. Barreto-Feio, elle trabalhando no seu *Sallustio*, eu lidando no meu

Camões, ambos proscriptos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado —e com esperanças largas no futuro.—Graças a Deus, de mim sei e d'elle creio, que estamos na mesma quanto ao passado e presente: mas o futuro! ...—*(Nota da segunda edição.)*

Nota C

Vem, no carro
Que pardas rôllas gemedoras tiram.......... pag. 2.

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar e deificar assim affectos d'alma. Antiquissimo deus é o amor, a amizade, ainda a íra, a tristeza, a alegria: porque o não será tambem a saudade? Beatifico-a eu, que n'este caso me tenho por tam bom como os meus predecessores, e principalmente gregos,

Que aviavam divindades
Qual nós paternidades.

Montaram de pavões o carro da suberba Juno, de borboletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Venus: quem puxará o da terna Saudade se não forem as meigas, constantes e gemedoras rôllas? *(Nota da primeira edição.)*

Nota D

Deixa o caminho da infeliz Pyrene .... pag. 3.

Quando se escreviam estes versos, todos os horrores da reacção absolutista de 1824 assolavam Hespanha: e em França era thema de todas as vaidades da restauração o imbelle triumpho do Trocadero. D'ahi a seis annos estava vingada a injúria da liberdade peninsular; vingada, não, castigada: que ha um Deus e uma Providencia para os povos tambem. *(Nota da segunda edição.)*

Nota E

Minha terra hospedeira, eu te saúdo! .... pag. 3.

Na primeira edição le-se:

> Eu te saúdo, ó terra hospitaleira.

E foi-me notado por pessoa em quem muito creio, que *hospitaleiro* n'este sentido podia ser taxado de gallicismo. Aconselharam-me *gasalhoso*, por superiores abonos classicos. Mas gasalho, e seus derivados, parece-me significar um amparo amigo, íntimo, como de quem anima e conforta; é mais que *hospedar*, é o latino *fovere*. — A quem só é *hospedado*, dá-se-lhe um quarto, uma cama em qualquer parte da casa: o hóspede *agasalhado* levam-n'o para o melhor e mais interior d'ella, como a filho querido e bem vindo.

Eu quiz designar aqui o couto e guarida que os perseguidos achámos sempre n'aquella ilha feliz: por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos que me *agasalharam*, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscripto. *(Nota da segunda edição.)*

Nota F

Certo amigo na angústia .... pag. 4.

O Sr. Antonio Joaquim Freire Marreco, a quem eu e tantos emigrados portuguezes somos devedores de impagaveis obrigações, não só pelos muitos soccorros com que generosamente accudia até a desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia. Devi-lhe os meios de publicar a primeira edição d'este opusculo, e n'esta segunda folgo de ter occasião de estampar por inteiro o seu nome que, receioso de o comprometter, alli incolhêra na só inicial de seu último appellido. *(Nota da segunda edição.)*

Nota G

O extremo promontorio
Que dos montes de Cynthia se projecta ...... pag. 6.

A Roca ou Cabo-da-Roca, ponta extrema da serra de Cintra a que os antigos chamaram serra da Lua. *(Nota da primeira edição.)*

Nota H

Gesto onde o som da bellicosa tuba
Jamais a côr mudou.................... pag. 6 e 7.

Inverti n'aquelles versos a idea de Camões:

Mas da tuba sonora e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:

não no contrário sentido, mas em outro differente. Camões falla do tremendo som do clarim, no princípio da batalha, que muda a côr do rosto aos combatentes; eu quiz expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano a quem ja nem esse tremendo som póde fazer enfiar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota I

Ás feições nobres do gentil guerreiro........ pag. 7.

Não era Camões um homem formoso, mas gentil e nobre de feições, a não mentirem as descripções dos biographos e o retratto de Severim de Faria. Além d'isso, a palavra gentil nem sempre se refere ás qualidades do corpo e semblante. Os Inglezes ainda hoje a usam para expressar attributos moraes; e entre nós, só de modernos tempos tem ella outra significação. Gentil homem não quer dizer homem

bello; *gentileza de uma acção, gentileza de proceder* claro, não são phrases que tenham nada com o corpo ou suas perfeições. *(Nota da primeira edição.)*

Nota J

Ja na terra,
Que a ôlho se avisinha, as mal distinctas
Diversas côres, etc........................ pag. 7.

Estes versos não podem ser intelligiveis para quem nunca imbarcasse; nem, se n'elles ha alguma verdade de pintura, lh'a poderá achar quem ignore o prazer inexplicavel que sentem olhos cançados da monotonia dos ceos e das aguas quando, ao cabo de longa viagem, se repoisam pela primeira vez no delicioso spectaculo da terra que pouco a pouco se avisinha. *(Nota da primeira edição.)*

Nota K

'Piloto!' gritam; e a um signal de bordo....... pag. 9.

É de ver no riquissimo poema de Byron, o Child-Harold, a descripção da entrada de Lisboa, etc. O leitor portuguez encontrará ahi cousa que não é muito para lisongear o amor proprio nacional; mas tenha paciencia, que assim não é muito grande a injustiça do nobre lord. *(Nota da primeira edição.)*

Nota L

Tôrre antiga e veneranda,
Hoje tam profanado monumento
Das glórias de Manoel...................... pag. 9.

É o primeiro edital que está logo á entrada de Lisboa para dizer ao estrangeiro que chega:—'aqui moram barbaros!'

O bello monumento da Tôrre de Bellem está comeffeito litteralmente *desfigurado* pelas *superfettações* de moderna e vulgar architectura, do mesmo modo que estão viciadas e inintelligiveis todas ou quasi todas as antigas e venerandas reliquias da antiguidade em Portugal.

Da pequena peninsula em que hoje se acha a tôrre, lavrou o mal para o continente: a egreja e convento de Bellem foram invadidos por estes iconoclastas de nova especie, barbaros estupidos e destruidores como aquelles monges da meia edade que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cicero e Tito-Livio para escrever porcima as inuteis cenreiras de seus commentarios e summulas.

No templo magnifico de Bellem, n'aquelle precioso exemplar de *gothico florido*, ou antes de um genero tam unico e especial que se deveria designar talvez *manuelino*[1] as duas principaes capellas do cru-

[1] Obteve porfim o indicado nome, hoje europeu, depois das últimas publicações do Sr. Conde de Rackzinski.

zeiro estão cobertas, uma por um *presepe com bonecos de barro!* outra com cortinas de damasco e paineis d'estes de se dizer ao auctor: —*Põe por baixo o teu nome e estou vingado!* A frontaria da parte do convento que deita sôbre a praia é toda tam recosida de remendos caiados no meio d'aquella pedra pullida e amarellada dos seculos, com tanta janellinha de agua-furtada por entre aquelles veneraveis arcos da sua primitiva structura, que alli só, está o verdadeiro emblema do triste Portugal d'hoje: ruínas da grandeza antiga implastadas da mesquinhez moderna, o triumpho do mau gôsto e da ignorancia sôbre a sciencia desprezada e proscripta. *(Nota da segunda edição.)*

A tôrre de Bellem foi desimplastada e restaurada em 1843 pelo bom gôsto do meu nobre amigo o Sr. Duque da Terceira, seu illustre governador. A egreja de Bellem limpou-se emtanto, e se poseram vidros de côr em duas janellas, graças ao amoravel e illustrado zêlo de S. M. Elrei D. Fernando, a quem ja tanto devem as artes e os monumentos de Portugal. Só ao convento é que não chegou limpeza nem restauração, e cadavez estão mais absurdos e mais clamam barbaridade os seus vergonhosos remendos.

Continuemos a bradar contra estes vandalos remendões. Os brados dos poetas não são como os do animal orelhudo que não chegam ao ceo. É certo que não atroam, como este, os ouvidos dos nescios que

nos governam e que só a zurros attendem; mas chegam á alma dos que a teem, e pouco a pouco vão callando na opinião até que algum bem arrancam a esses mesmos papellões impotentes que erigiram a ignorancia farfalhuda e a impotencia presumpçosa em qualidades de homem d'Estado. *(Nota da quarta edição.)*

Nota M

Do homem, que é mau do berço á sepultura.. pag. 11.

Não quiz, certo, enunciar a doutrina dos Hobesianos, que não sou tam mysanthropo como isso, nem creio que os homens sejam maus por natureza. Maus são, e por maus os tenho: mas fructo de hábitos ruíns, e depravação que os degenerou: não que das mãos do Creador sahissem as bêstas ferozes, traidoras, refalsadas e vis que cobrem a superficie da terra *(Nota da primeira edição.)*

Nota N

Á fé que não', gritou c'o accento austero ... pag. 11.

Bo'fé e Áfé são interjeições portuguezissimas ambas, que valem: *por certo, por vida minha;* e são abreviatura de: *á fé de quem sou; por minha fé; por minha boa fé.* Bo'fé póde acaso ser taxado de arca-

hismo, e não o usarei eu em escriptura séria; mas á fé, não. *(Nota da primeira edição.)*

Nota O

Por vida minha, o que quereis ao Indio?...... pag. 12.

Na minha primeira edição le-se—'Por vida vossa': o que agora, novamente reflectindo, me parece melhor e mais certo. *(Nota da segunda edição.)*

Nota P

Intervir na disputa malferida............... pag. 14.

O adverbio *mal,* quando anteposto a *ferido,* em legitimo Portuguez, augmenta, que não diminue a fôrça do participio. Um homem *mal-ferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural; amiudo se toma em sentido translato; pois dizem nossos bons escriptores: 'batalha mal-ferida' por 'batalha mui travada e renhida' etc. *(Nota da primeira edição.)*

Nota Q

Ricco de affrontamentos e trabalhos ....pag. 15

O affrontamento é o effeito do nimio trabalho; e o trabalho a causa do affrontamento ou cansaço:

n'isto se distinguem. Advirta-se porêm que o uso vulgar de affronta e derivados, por *injúria,* insulto, ou pena e affliçção que d'ellas resulta, é o sentido figurado e translato, que não o proprio da palavra. Um homem affrontado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e tambem afflicto de qualquer aggravo. Mas *affrontamento* sempre se toma na accepção natural: *affrontoso,* ao contrário, nunca vem no discurso senão no sentido de grandemente injurioso, deshonrador e infamante. Morte affrontosa, castigo affrontoso, disseram os nossos auctores. *(Nota da primeira edição.)*

NOTA R

Poucos pardaus contêm — menos me ficam.. pag. 17.

Moeda da India que o commércio e conquista fez corrente em Portugal: este e os outros *mimos indianos*

> Vieram fazer-lhe os damnos,
> Que Capua fez a Annibál.

O bom Sa-Miranda, que ja d'isto se queixava n'aquelles versos, em outra parte dá testimunho da muita abundancia com que a moeda circulava no reino até pelas mais certaneijas commarcas:

> Eu ja vi correr pardaus
> Por Cabeceiras-de-Basto.

(Nota da primeira edição.)

Nota S

Quando no berço teu, bardo sublime........ pag. 19.

Em Warwickshire, patria de Shakspeare, que na cidade de Warwick nasceu, passei á volta de seis mezes, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e porventura os mais felizes de minha vida. Seja-me permittido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel e *ingleza,* em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amizade. Se algum dia chegarem éstas insignificantes folhas á abençoada e tranquilla pousada de Edgbaston, conheçam os meus amigos Hadleys que não ha um só pensamento no meu espirito em que se não misture a memoria da sua amizade, mais sagrada para mim que nenhuma outra. *(Nota da primeira edição.)*

Nota T

E ess'outro? — Deu-lhe o ser matrona do Ebro pag. 24.

A idea d'este missionario castelhano não é inteiramente de invenção, antes tem fundamento real e mui plausivel. Veja o que a este respeito diz D. J. M. de Sousa na sua edição dos Lus. quando falla de um Fray Josepe Indio, proprietario que foi do famoso exemplar de lord Holland. *(Nota da primeira edição.)*

AO CANTO SEGUNDO

Nota A

Que agudos huivos desgrenhadas gritam..... pag. 29.

As carpideiras, mulheres cujo officio era preceder os cadaveres nos sahimentos, levantando sentidos prantos, arrepellando-se e fazendo outros varios tregeitos que n'aquelle tempo eram de uso. Este costume antiquissimo veio-nos dos Romanos ou mais de longe talvez. Provincias ha inda na Europa onde subsiste todavia. *(Nota da primeira edição.)*

Nota B

De escuro vaso e longo dó vestidos.......... pag. 29.

Que estofos estes fossem de vaso e dó, ou lucto e vaso, que é o mesmo, não é facil dizer hoje ao certo. Conjecturo que *vaso* sería porventura o que agora chammâmos fummo, raro e *vasado* tecido, emblema de tristeza e lucto que se traz no chapeo e espada, e que tambem no chapeo antigamente se trazia, mas tam comprido e arrastado que descia aos talares, como ainda agora se observa nos funeraes dos nossos reis. Não sei em que se possa fundar o auctor do Eluci-

dario para dizer que *vaso* era um cappello. *(Nota da primeira edição.)*

Nota C

A gemedora viração da noute............... pag. 30.

Escrevo desvairadamente 'noute e noite, ouro e oiro, roxo, rouxo e roixo' e similhantes, não só por conservar esses riccos foros da lingua, mas porque n'esta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita euphonia e belleza. *(Nota da primeira edição.)*

Nota D

Clarão triste de mortos.................... pag. 30.

É phrase mui commum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poetica e nobre, como são grande parte dos modos de dizer familiares. Convem muito distinguir o que é *familiar* n'uma lingua, do que só é *vulgar:* aquelle é quasi sempre figurado e sublime, este rasteiro e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocam mui de perto com os defeitos; e é mister bom criterio e uso dos mestres para não confundir uns com outros, e estremar os tropos dos solecismos. —'Luz de mortos' dizemos de uma luz baça e que tristemente acclara, como a tocha funebre á roda da eça, ou na procissão do interramento. *(Nota da primeira edição.)*

Nota E

Ruin agouro! Um sahimento funebre........ pag. 30.

Funeral, intêrro, sahimento, interramento são palavras synonymas, i. e. são termos cuja significação e uso no discurso, em mais ou menos se approxima, não que seja identicamente a mesma. Vocabulos ha que em sua raiz, derivação (e essencia, para assim dizer) têem acaso o mesmo valor, mas que pelas regras e ainda pelos caprichos do uso—distingamos o uso classico e o uso popular, do abuso de tarelos e ignorantes—se classificaram em gradações e modificações distinctas. Fôrça é tambem dizer que os nossos quinhentistas nem sempre são infallivel norma n'este ponto, e de seguir-se ás cegas. Ésta deficiencia dos classicos, a notou ja o Sr. bispo titular de Coimbra, S. Luiz, nos seus synonymos. Á philosophia dos nossos tempos, que tem acclarado as mais remotas provincias da litteratura e das sciencias, a ella só é possivel o dar fio a este labyrintho, e mondar com regra e ordem as incultas devezas das linguas que sem ella se formaram, cresceram, e, com todas as qualidades para a obterem, carecem comtudo de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que fallâmos uma linguagem solemne, ricca e sonora, decepá-la, recortá-la, cercear-lhe o viço e primor de suas flores, para a pôr nu e descarnado esqueleto

como a franceza: ja não digo ingerir-lhe tanto vocabulo peregrino como a ingleza, que fique ella recozida manta de retalhos, bellos de per si, mas de estropeada e feia symetria quando vistos junctos. Não penso tal, por minha vida; mas direi sempre que sem um bom diccionario de synonymos, e outro de origens ou etymologico, nunca chegaremos a fallar uma lingua perfeita e de nação civilizada. Quem se occupará d'isso? A academia, que ficou no *azzurrar* em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulario?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim synonymicamente: *Sahimento* é a procissão que conduz o cadaver (o que em Francez se diz *convoi)*: mas o restante e o antecedente da ceremonia do funeral ja se não podem chamar sahimento. *Intêrro* é mais lato, e comprehende, ainda além da procissão, as outras partes do funeral. *Interramento* é a propria e privativa acção de *dar á terra* o cadaver. *Funeral* é o termo generico em que todos estes, e ainda mais, como especies, se comprehendem. Digo, ainda mais, porque *exequias*, por ex., são funeral tambem e nada têem com o intêrro, sahimento, etc. Assim aquellas quatro palavras, parecidas no sentido e escriptura, e todas da mesma familia, têem comtudo entre si certas differenças que, sendo matiz imperceptivel para o illitterato, são notaveis distincções para o que falla e escreve com exacção a sua lingua. (*Nota da primeira edição.*)

Nota F

Entravam
Os viajantes no templo.................... pag. 34.

Diz-se por ahi em Portuguez, *viageiro* ou *viajor*, ou *viajante* ou *viandante*, indistinctamente: mas é mister distinguirem-se estes vocabulos, porque ha entre elles marcadas linhas de separação. *Viajor*, que é abonado por Arraes, tamsomente se póde dizer da pessoa do que viaja; pois é da indole da nossa lingua que os nomes em *or*, formados dos verbos, sejam personalissimos; d'esta sorte *amador*, só se póde dizer da pessoa que ama, quando *amante* não é tam restricto. Dizemos um homem amador, assim como um homem amante; mas, podendo dizer coração amante, pensamento, expressão, idea amante, nunca dizemos coração amador, idea amadora, etc. Assim *viajor* é stricta e unicamente a pessoa que viaja; *viajante* não só a pessoa, mas tambem qualidades, circumstancias do que viaja. *Viageiro*, pelo contrario, é impessoal e só se refere a cousas, attributos. Trabalhos, incommodos viageiros, nunca viajantes ou viajores, se dizem. Agora *viandante*, que á lettra quer dizer andador de caminho, tambem é pessoal; mas distingue-se de todos aquelles, em que somente se póde dizer do que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *viajantes* mas nunca *viandantes*. O

viajante corre terras e máres; o viandante não passa da terra, nem troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas. *(Nota da primeira edição.)*

Nota G

'Natercia' d'echo em echo repetiram....... pag. 41.

Camões nomeou sempre nos seus versos com este anagramma a D. Catharina de Atahide.—Maria, por exemplo, é muito mais bonito e poetico do que Marcia ou Marilia com que nos seccavam os poetas e soneteiros da eschola que ultimamente morreu, *apunhalada* e *invenenada* pelos Antonys da aguda pera e longas melenas. Até aqui, e muito mais além, vou eu com a *revolução*. Mas n'este logar conservei o anagramma em respeito ao meu heroe e mestre. *(Nota da segunda edição.)*

AO CANTO TERCEIRO

Nota A

Pranchas de escuro til, rudo lavradas...... pag. 44.

O til é madeira escura e de pouco polimento que n'aquelle tempo se usava muito. Vêem-se ainda restos em casas antigas. *(Nota da primeira edição.)*

Na ilha da Madeira, cujo nome lhe vem da natural floresta que era, vegeta ainda, como indigena que é, ésta bella árvore. *(Nota da quarta edição.)*

Nota B

De Perugino ou Vasco, á infancia da arte.... pag. 45.

Perugino floresceu na Italia á volta do sec. XV, infancia da pintura; Vasco, ditto gran'Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal. *(Nota da primeira edição.)*

Muitos escriptores nacionaes e extrangeiros tinham começado a duvidar da existencia de gran'Vasco, a suspeitar que este nome querido dos Portuguezes não fôsse mais que um mytho. As viagens e escriptos do Conde de Rackzinski comprovam porfim a existencia de gran'Vasco, a sua naturalidade que é Viseu, e a excellencia de suas qualidades de artista. *(Nota da quarta edição.)*

Nota C

Virtude
Que o philosopho disse humanidade,
Charidade o christão...................... pag 45.

Ja dos versos citados no principio d'esta nota, e muito mais dos que se seguem, parece deprehender-se uma idea e pensamento falso, inteiramente falso, que é necessario rectificar.

A philantropia, ou o que assim se chamma, é um como sentimento de egoismo, senão nos effeitos, no principio ao menos: deriva da regra social 'faze aos outros o que queres que te façam.' Espera retribuição, vem do desejo e da precisão d'ella. A charidade nasce da sublime elevação d'alma a Deus, por Elle e para Elle obra, e nem espera nem precisa retribuição na terra, porque em Deus só reconhece o avaliador e premiador de suas acções.

A charidade pois não é o mesmo que a philanthropia: ou, mais exactamente, a charidade é uma philanthropia mais pura. Aquella é virtude de homens, ésta de anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesu Christo: 'Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos que ameis os proprios inimigos.'

Graças a Deus que ha quatorze annos, quando escrevia estes versos, pensava e sentia como hoje sinto e penso. Mas n'aquella edade nem o espirito reflecte tam fundo, nem o coração communga tam intimo em nossas ideas e sentimentos. D'ahi parece talvez agorentado pelo sarcasmo philosophico o pensamento ardente d'alma que se invergonhou de apparecer todo e como é. Reputo quasi uma fraude ao publico alterar em segunda edição as feições da primeira, por isso corrijo somente na nota o que não quiz emendar no texto. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D

Do castelhano cenóbita o hóspede........... pag. 47.

Nem uma só vez se achará em nossos escriptores a palavra 'hespanhol' designando exclusivamente — o habitante da Peninsula não portuguez. Em quanto Castella esteve separada de Aragão, e ja muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Hespanhas, Aragonezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes e todos, eramos por extranhos e domesticos communmmente chamados *hespanhoes;* assim como ainda hoje chamâmos allemão indistinctamente ao Prussiano, Saxonio, Hanoveriano, Austriaco: assim como o Napolitano e o Milanez, o Veneziano e o Piemontez indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independencia politica depois da batalha de Alcacerkebir, deu o titulo de reis das Hespanhas aos de Castella e Aragão, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Hespanhoes somos, e de Hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitâmos ésta peninsula. *(Nota da primeira edição.)*

Nota E

Veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio e d'um martyrio illustre.. pag. 52 e 53

Todos sabem que o infante D. Fernando, irmão d'elrei D. Duarte, tendo ficado de arrefens por Ceuta,

em podêr dos Mouros, morreu no captiveiro por se lhes ella não intregar. Camões immortalizou—alias celebrou ésta immortal constancia do *infante sancto*, que, diz elle:

> Só por amor da patria está passando
> A vida de senhora feita escrava

Mas devendo-se a Camões a popularidade de tam insigne feito, deve-se-lhe tambem o vulgarizar-se um êrro commum—pois geralmente se crê pelos que não teem profundado a nossa historia (e quantos o fazem?) que por sua vontade unica o infante quizera antes passar a vida de senhora feita escrava, por se não dar aos Mouros a forte Ceuta; o que assim não é. Nem foi o infante nem seu irmão elrei D. Duarte, mas sim as Côrtes que resolveram se não désse Ceuta pelo resgate do infante. O que elrei muito sentiu, mas não ousou contrastar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota F

Ao vingativo conde........................ pag. 55.

O primeiro conde da Castanheira, D. Antonio de Atahide, grande valido d'elrei D. João III. Veja o que a este proposito diz D. J. M. de Sousa na sua magnifica edição dos Lus., vida de Camões. Veja tambem Memoria do Sr. bispo de Viseu no tomo 7 das

da Academia R. das Scienc. de Lisboa de 1821. *(Nota da primeira edição.)*

Nota G

O templo
Que a piedade e fortunas appregoa
De Manuel o feliz......................... pag. 59.

O templo de Belem, em que me não canço nunca de fallar, é o nosso Westminster; e o seu convento, desde que deixou de o ser, só devia applicar-se a um asylo de marinheiros invalidos. A sua historia, a sua fundação, o feito de que é monumento, a sua mesma posição, tudo o characteriza para esse destino. Collegio de rapazes, obrigado por tanto a alterar-se na fórma, na perspectiva toda, que mais parece hoje um casareo velho, remendado sem gôsto, do que o bello monumento antigo que é, isso é que elle nunca devia ser.

Um nobre e precioso relicario de tudo quanto fôsse glória do nome portuguez devêra ser aquella bella egreja. Alli o verdadeiro Pantheon. Alli jazigo de reis — quanto melhor que n'um esconso recanto de S. Vicente! Alli todos esses tumulos e inscripções que desapparecem e se oblitteram todos os dias por essas egrejas devastadas de Lisboa e de todo o reino. Quem sabe se Pedr'Alvares Cabral não será mandado sahir, um dia d'estes da egreja da Graça em Santarem pelo

regedor de parochia[1]? Os ossos dos Velascos ahi andaram nas ruinas de Lisboa á vista de nós todos—em cima do monturo, roídos dos gozos da rua. João das Regras lá está á porta de S. Domingos de Bemfica, como quem vai para sahir: começaram os frades—acabará outro possuidor tam bom como elles. D. Diniz expulso pelas freiras de Odivellas para uma capellinha obscura, em ella cahindo—e que templo antigo e venerado ficará empé em Portugal com mais

[1] O Sr. Varnhagen copiou, o anno passado, 1838, do jazigo de Pedr'Alvares Cabral que é na Graça de Santarem, o singelo e curioso epitaphio do illustre descubridor do Brazil; diz assim:

Aquy jaz Pedral uares Cabral doe na Isabel de Castro sua molher, cuja he esta capella he de todos seus erdeyros aquall depoIs da morte de seu marydo foy camareyra mor da Infanta dona marya fylha del rey dõ João noso snõr hu ter ceyro deste nome.

Ésta infanta D. Maria é a que nascêra em Coimbra a 13 de Outubro de 1527. Casou em Salamanca com D. Philippe, principe de Castella, a 15 de Novembro de 1543. Morreu de parto a 12 de Julho de 1545 em Valhadolid.—Jaz no Escorial.

D'onde se deduz que Pedr'Alvares Cabral se finou entre o anno de 1527, e o de 1545. *(Nota da segunda edição.)*

O mais que n'este logar se diz na nota H ao terceiro canto, pag. 244 da seg. ed. de Lisboa 1839, e agora supprimo, é êrro que proveio da pressa com que se extrahiu a inscripção e a noticia de um jornal litterario de Lisboa em que primeiro apparecêra. *(Nota da terceira edição.)*

dez annos como estes ultimos cinco!—irá o monumento do nosso Numa fazer companhia ao do poeta que por elle nos pintou o reino esclarecido e florescendo.

Em constituições, leis e costumes
Da terra ja tranquilla claros lumes!

Alli, digo eu, em Belem o nosso *Poets-corner*, para desaggravar os manes de Camões, para dar poiso honrado ás cinzas de antigos e modernos que, pobres e desprezados toda a vida, deviam ao menos ser acatados na morte. Mas em Portugal nem posthuma vem a justiça a ninguem.

No Diario do Govêrno n. 163 d'este anno barbarico, ahi vem o *Paço-de-Sousa* a vender—por quanto? Um ministro portuguez que se atreve a mandar pôr em almoeda uma reliquia d'aquellas, não sei com que o compare. Com o prodigo sem vergonha que manda á feira da ladra os retrattos de seus avós. Que tira d'ahi o miseravel? Com que comprar uma sardinha, talvez. Viveu um dia mais, e deshonrou-se para sempre.

Mais outro capitulo de accusação contra o nosso beduino Thesouro. A egreja do Carmo de Lisboa, que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memoria do que é, mas tambem por ser um dos mais bellos typos do gothico puro (ou assim ditto)—alluga-se todos os annos por não sei quanto: e

aquellas reliquias que deviam ter sentinellas á vista para se lhes não tocar, arrendam-se, digo, por uma somma que decerto hade cumular o deficit do nosso orçamento em muito poucos annos: — creio que são dôze mil réis! — Que brilhante operação de finanças! Só excedida pela do serrador de madeira que alli habita e trabalha, e que a ferro e fogo de tal modo degradou ja o interior da egreja, que está quasi na altura das ideas modernas. *(Nota da segunda edição.)*

Finalmente o Thesoiro teve vergonha e ja não aluga a egreja de Nun'Alvares. Mas quem toma cuidado d'estes e d'outros que taes monumentos? Acho que ninguem: não vale a pena. Vejam o que diz de nós o barão Taylor de quando os andou vendo em 1837. *(Nota da terceira edição.)*

No memoravel anno de 1852 decretou o fomento que a egreja de Nun'Alvares fôsse convertida em sala de exposição de indústria. Sempre é progresso; mas bem mal pensado e peior sentido. Não póde ser senão templo o que é templo e de tal historia. Pasma como até os bons pensamentos sempre aqui andem pelo avêsso.

Um porêm veio emfim a direito; que foi a nomeação do meu illustre e nobre amigo, o Sr. Marquez de Loulé para provedor da Casa-Pia. Do illustrado zêlo e apurado gôsto d'aquelle fidalgo se espera não só ver elevar o piedoso instituto ao grau de perfeição que elle merece e deve ter, mas tambem que restau-

rado o monumento, se desaggrave a arte e a historia que n'elle estão vilipendiadas com tanto desacato. *(Nota da quarta edição.)*

Nota H

> Como o incerado rôlo sôbre as aguas
> Unico leva á patria o nome e a fama
> Do perdido baixel........................ pag. 63.

Succedeu mais de uma vez que, soçobrando galeões que vinham da India, lançava o capitão ao mar um rôllo incerado e bem fechado de folha-de-flandres em que incluia o nome do navio, dia e anno em que se perdêra, para que, levado acaso a alguma praia, se soubesse o último fim d'aquelle galeão. Veja Hist. trag. mar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota I

> Um reflexo
> De inspiração maior que humana coisa..... pag. 64.

O pensamento verdadeiro e dominante d'este poema é ligar a vida e feitos todos de Camões como a um fado, a uma sina com que nasceu — a de immortalizar o nome portuguez com o seu poema. Seus amores, suas desgraças, suas viagens, seus estudos,

suas meditações, tudo tem um fim predestinado—a composição dos Lusiadas. *(Nota da segunda edição.)*

Nota J

Uma carta fechada a fio negro
De seda................................ pag. 65.

Era o modo usual de fechar cartas. Muito tempo depois se usou aínda; e algumas côrtes o conservaram nas cartas de *faire part* que se escrevem entre reis e principes nas *grandes occasiões*. *(Nota da primeira edição.)*

Nota K

— 'Sancta-Fe se chama
O galeão .... pag. 65

Na primeira edição sacrificou-se a verdade historica ao que pareceu mais poetico, lendo-se:

—O galeão Dom-Vasco
Se diz.

Assentei de restituir o nome exacto do galeão, que era Sancta-Fé. N'elle imbarcou em Sofalla o nosso poeta com Diogo do Couto e os outros amigos que o libertaram das garras de Pedro Barreto. V. Couto, Dec., D. J. M. de Sousa, Faria-e-Sousa, etc. *(Nota da segunda edição.)*

Nota L

Corteja e parte logo.—Que será?.......... pag. 65.

É verso agudo, accintemente agudo para marcar mais a suspensão, e quebra de ideas que a accompanha. *(Nota da primeira edição.)*

AO CANTO QUARTO

Nota A

Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após dos nossos foram... pag. 75.

Julgava Christovam Colomb ou Colon que a Asia se prolongava para o oriente; e suppunha, com a maior parte dos sabios do seu tempo, que a circumferencia da terra era menor do que ella é na realidade. A este duplo ingano, ás informações e papeis que, pela parentella de sua mulher, houve dos navegadores portuguezes, devêmos principalmente a descuberta da America.—Casára na Madeira Colomb com uma senhora Perestrello. Veja vida de Colomb por seu filho Fernando Colomb, cap. v, Washington Irving, liv. i, cap. 5.

Os célebres mappas da Cartucha d'Evora, (que não sei onde foram parar na geral confusão de 1834-35) dizem-me provar que em Portugal, antes de Colomb, havia ja noções da America.

Colomb residiu algum tempo em Islandia, cujos navegadores, está hoje fóra de toda a dúvida, conheciam o norte da America muito antes d'elle.

E os famosos sibyllinos versos de Seneca:

Non erit terris ultima Thulé!

quem os explicará?

Pedr'Alvares Cabral, por outro acaso — o de Colomb não fôra mais — completou a descuberta do Italiano. Mas este decerto se não guiou por nenhuma esteira de Colomb. Americo Vespucio, que nada descubriu, perpetuou o seu nome talvez para toda a duração do mundo. Assim é a glória!

Que não haja um Portuguez que revindique as usurpações que todos os dias nos fazem extranhos, e releve mais claramente o que ja apontou o nosso Barros a este respeito! *(Nota da segunda edição.)*

Temos no Sr. Visconde de Santarem quem nos desforce de todas éstas usurpações. *(Nota da quarta edição.)*

Nota B

O astro novo, não visto d'outra gente
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse..... pag. 76.

Os Portuguezes só passaram o Equador em 1472. Então lhes appareceram novo ceo e novas constellações; então viram os primeiros olhos europeus o polo austral e as quatro estrellas últimas que lhe

ficam aopé. Mais de um seculo antes d'isso, Dante tinha adivinhado éstas quatro estrellas!

Io mi volsi a man destra; e posi mente
Al'altro polo; e vidi quatro stelle,
Non viste mai, fuor che a la prima gente.
DANTE PURGAT., CANT. I.

Quem inspirou ao Dante estes pasmosos versos? —Certamente o mesmo *Ignotus Deus* que inspirou a Seneca o

Non erit terris ultima Thule.

Valerá pois mais o *pensamento* exaltado do poeta do que a sciencia do erudito, o cálculo do sabio?

Em boa e singella prosa, o que me parece provavel é que alguma tradição scythica, ignorada ou talvez desprezada dos sabedores d'esse tempo, chegasse a Seneca, e por superior talento avaliasse elle o que outros escarneceram talvez. Alguma sagã dinamarqueza ou islandica achou acaso no Dante o mesmo genio transcendente que avalia e préza o que a vulgairdade tracta muita vez de absurdo e ridiculo. *(Nota da segunda edição.)*

NOTA C

No ar se me affigurou troar d'irada
A potestade immensa d'algum genio
Que os cancellos do oriente alli guardasse..pag. 78.

Parece-me muito provavel que realmente a vista d'aquelle immenso e terrivel promontorio suscitasse

a Camões a idea magnífica da sua metamorphose: talvez a não houvera elle concebido se de Portugal não sahisse. *(Nota da primeira edição.)*

Nota D

Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchava ..... pag. 83.

Allude á célebre composição—*Disparates na India.*—Que ella foi inspirada por este sentimento de probidade e amor da patria, são abono todos os biographos de Camões.

Faria-e-Sousa, na segunda vida do Poeta, n.º 18, não se atreve a desculpar a aspereza e vehemencia da satyra. Na memoria do Sr. bispo Lobo parece provar-se que o destêrro para Macáo fôra suavisado com o provimento no cargo de provedor-mor dos defunctos que o governador Francisco Barreto, simultaneamente ou logo depois, lhe dera.

D. J. M. de Sousa nega que seja de Camões ésta satyra, fundando-se no nenhum talento poetico que lhe nota. Por mim adopto mais facilmente a opinião do erudito bispo que a do nobre morgado.

V. Ed. dos Lus. por D. J. M. de Sousa-Botelho, París 1817; Mem. da Ac. R. das Sc. de Lisboa, tom. VII, 1821. *(Nota da segunda edição.)*

Nota E

Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de Phedon .... pag. 84.

As chronicas dos Chins reduzem toda a nossa chronologia a cousa nenhuma; e se fossem verdadeiras, não sei como sería. Confucio não é inferior em bondade de moral a Socrates; e quando os amores de Phedon fossem tam platonicos como os viu Mendelsohn, ainda assim não sería o Grego superior ao Chim. *(Nota da primeira edição.)*

Veja comtudo a eruditissima obra de Paw que reduz a seu justo valor as exagerações dos chronistas do *imperio celestial,* e as não menores exagerações dos padres Duhamel, Kircher, Couplet e dos outros Jesuitas das *Cartas edificantes.*

V. Recherches philosophiques sur les Egyptiens et les Chinois, Paris an III de la Rép. Franc. 2 vol. *(Nota da segunda edição.)*

AO CANTO QUINTO

Nota A

Alta a noite, escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes...................... pag. 90.

Incontram-se no alto mar umas avesinhas que de noute dão sentidissimos e longos pios, ás quaes os

marinheiros poseram o nome de *almas-de-mestre,* crendo supersticiosamente que são as almas dos *mestres* ou capitães de navios que se perderam, e que andam n'aquelle fadario de pios em quanto seu corpo não chega a terra e obtem sepultura christan. *(Nota da primeira edição.)*

Nota B

Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi .... pag. 91.

O padre J. A. de Macedo pretendeu provar que a invenção do Adamastor era plagiato. Assás foi refutada ésta miseravel accusação que só a paixão cega de tam louca rivalidade podia fazer dizer a um homem alias erudito e não sem ingenho. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C

Na pedregosa incosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam...... pag. 94.

Ás abas d'essa incosta parece ter sido antigamente a principal parte da villa, ou primitiva povoação de Cintra. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D

Do bardo mysterioso o eterno canto......... pag. 99.

Lord Byron, que em seu extraordinario e inimitavel poema, o Child Harold, falla de Cintra com o

enthusiasmo que as bellezas da natureza excitam em genios como o d'elle. Este grande poeta, o maior do seculo presente, acabava de expirar na Grecia, onde o levára a nobreza de seus sentimentos, quando se isto escrevia; e á sua morte alludem os seguintes versos, que são imitados de uns do seu amigo e biographo, o suavissimo Anacreonte do norte, Th. Moore:

Onde um suspiro
De morte, etc.

(Nota da primeira edição.)

AO CANTO SEXTO

Nota A

Affricana terra,
Que de nossas conquistas e victorias
Berço fatal ha sido e sepultura............ pag. 104.

Era grande e altamente politico o pensamento dos nossos velhos que, vendo o resto da Hespanha reunido sob uma só coroa, conceberam que Portugal, para ser independente devéras, precisava de-se alargar pelas fronteiras terras d'Africa, os Algarves d'além.

Mas foi sempre — talvez será sempre fado de Por-

tugal não ter nunca idea politica, systema constante de govêrno. Variou-se, varía-se em tudo. O ouro da Mina, a especiaria e perolas d'Asia, depois o ouro e diamantes do Brazil fizeram desprezar as praças d'Africa, onde era preciso gastar muito e perseverar muitissimo antes que produzissem para a alfandega e para o erario.

D. Sebastião e o seu projecto de se fazer imperador de Marrocos não eram tam loucos como a desgraça os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim.

Ésta mesma grande calamidade despopularizou a idea. Tanto caso se fazia das praças d'Africa n'aquelle tempo, que na revolução de 1640 esqueceu mandar aviso a Ceuta para que seguisse a causa commum da nação. No emtanto metteram-lhe os Castelhanos guarnição e lá ficou d'elles.

O que são as coisas! Se nós tivessemos hoje as nossas praças d'Africa, não seriamos poderosos e queridos alliados dos Francezes? Com sua boa vizinhança em Argel, não estava segura a nossa dominação da outra banda do Algarve? Ás portas do estreito, um pé n'Africa, outro na Europa, sería Portugal o reininho das noventa leguas de quem todos escarnecem? Ja não é só de hoje em Portugal este desprezar de quanto é velho, e correr para diante sem saber aonde. Sophisma que esqueceu a Jeremias Bentham *(Nota da segunda edição.)*

Nota B

Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres, pag. 107.

D. Aleixo de Menezes, aio d'elrei D. Sebastião. *(Nota da primeira edição.)*

Nota C

De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem commentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão .... pag. 108.

Estes versos censuram a fastosa e pharisaica profissão dos hypocritas; mas não houve a minima tenção de inculcar os gabos do puritanismo protestante e de sua falsa humildade—alias orgulho ridiculo e mal disfarçado.

Ja havia Christianismo antes de se escreverem e serem lidos os Evangelhos. Era pois a tradição e o consenso da Egreja o que só regia a Egreja.—Este argumento de um Anglo-americano ha pouco voltado ao seio da Religião Catholica, é a morte do Protestantismo. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D

Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho................. pag. 109.

Veja as Conf. de S. Aug. *(Nota da primeira edição.)*

AO CANTO SEPTIMO

Nota A

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sôbre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla.................... pag. 119.

A grande questão de jurisconsultos e historiadores sôbre se houve ou não nas Hespanhas o systema feudal propriamente constituido, talvez em grande parte possa resolver-se pelo estudo e exame dos monumentos d'architectura. Quem, descendo o Rhim e vendo aquelles tam riccos e picturescos montes coroados de castellos senhoriaes ainda ouriçados d'ameias e bastiões—quem não dirá: 'aqui dominou o feudalismo em toda a sua plenitude?'—Mas o que visitar as aridas serranias, as florentes veigas de Portugal e Hespanha, e vir coroadas as suas alturas de esmoronadas fortificações moirescas, e o *paço* do nobre, o mosteiro do religioso, o casal do lavrador, a choupana do pegureiro todos egualmente espalhados pela aba da serra, ao longo do valle, e sem mais distincção, apenas differentes nas proporções ou no gôsto do edificio—esse dirá necessariamente: 'Aqui um povo de irmãos se uniu para expulsar o dominio affricano; de um para outro não havia servidão nem senhorio, nem mister de castellos e pontes levadiças:

destruíram o inimigo commum e ficaram vivendo em paz, com muito o que muito tinha ou adquiriu, com pouco o que tinha pouco; mas não houve raça privilegiada e exclusiva de possuidores do seu—raça exclusiva de trabalhadores no alheo.'

O estudo das artes é de mais auxilio á sciencia, do que talvez ella cuida em seu orgulho. *(Nota da segunda edição.)*

Nota B

Que precedido vai por debeis cannas....... pag. 119.

Os porteiros da canna, que ainda se conservam no accompanhamento real, eram antigamente os batedores dos nossos reis. Sa-Miranda na sua carta a elrei D. João III faz a este respeito uma comparação dos monarchas portuguezes com os das outras nações, sem exceptuar o papa, que é digna de que todos os soberanos do mundo a lessem. *(Nota da primeira edição.)*

Nota C

Menestreis tangem....................... pag. 122.

Nome que tinham no paço os musicos que ultímamente eram designados, creio eu, com o ignobil titulo de musicos das cavalherices. Dava-se-lhes ain-

da aquell'outro no tempo de D. João IV. *(Nota da segunda edição.)*

NOTA D

> E do barbaro Neva ao culto Sena,
> Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
> Os lamentos de Ignez repete a lyra......... pag. 133.

As traducções dos Lusiadas começaram logo a espalhar-se por todas as linguas da Europa; e, segundo a reflexão do meu erudito amigo João Adamson, *Memoirs of Camoens*, este geral interêsse e universal enthusiasmo quasi desde o momento que appareceu o poema, o adoptarem-n'o logo por seu tantos paizes e linguas differentes, é a mais clara prova de merecimento e valor real. Mas que infeliz tem quasi sempre sido o pobre Camões, observa o illustre litterato, com os seus traductores! A respeito de Mickle e Lord Strangford, diz o *Annual Review* para 1803: *'It is 'one of the curiosities of litterature that two englishmen 'of considerable genius should have employed themsel-'ves at different times in interpolating a portuguese 'poet.*—'É notavel curiosidade litteraria que dous 'Inglezes de consideravel talento se empregassem, em 'differentes tempos, em interpolar um poeta portu-'guez.'

Mas Inglaterra, e a sua litteratura, se alguma offensa ou injúria fez ao nosso poeta, todas as reparou

com a elegante, erudita e zelosa publicação do meu prezado e particular amigo o Sr. João Adamson, cujas Memorias são, com a edição do morgado de Mattheus, e a Memoria do Sr. bispo de Viseu Francisco Alexandre Lobo, os mais dignos monumentos que ao nosso poeta se têem alevantado.

Sabem todos os que me conhecem quam pouco tenho procurado, e quam rara vez me tenho servido das relações de amizade estreita, de favor ou deferencia que, desde 1820, quasi sempre tenho tido com os ministros que nos têem governado sob o regimen constitucional. N'estas raras excepções entrou a mercê que impenhadamente solicitei do favor Real para se dar, em nome da Nação e da Soberana, um testemunho de gratidão ao auctor das Memorias de Camões. O Diario do Govêrno, que tanta cousa nos publica que melhor fôra não dizer, nunca se dignou communicar á Nação este honroso acto, feito, não menos em seu nome e para sua glória, do que para glória da Rainha. Julguei de serviço público deixá-lo trasladado aqui:

'Attendendo ao que Me representou João Baptista d'Almeida Garrett, do Meu Conselho, e Meu Enviado Extraordinario, Ministro Plenipotenciario junto a Sua Magestade Catholica; e Querendo Dar ao Cavalheiro João Adamson um público testimunho do apreço em que Tenho o distincto serviço que fez á Litteratura Portugueza na publicação das suas Me-

morias de Camões, que assim deram novo brilho á glória toda Nacional do nosso primeiro Poeta: Hei por bem Fazer Mercê ao mencionado João Adamson de o Nomear Cavalleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valôr, Lealdade e Merito. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha intendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 17 d'Abril de 1838.—RAINHA.—*Antonio Fernandes Coelho.*'

O episodio de Ignez de Castro é talvez a parte dos Lusiadas que tem sido mais popular na Europa, e mais vezes traduzida em todas as linguas cultas. Mas em todas ou quasi todas o foi ja o poema inteiro.

O leitor folgará, creio eu, de achar aqui uma nota das traducções de que pude achar memoria, ou examinei eu proprio.

TRADUCÇÕES DOS LUSIADAS
DESDE A PRIMEIRA EDIÇÃO PORTUGUEZA DE 1572

I.—1580.—Traducção castelhana por Benito Caldera, com este titulo:—*Los Lusiadas de Luys de Camões, Traduzidos en octava rima Castellana por Benito Caldera residente en Corte. Dirigidos al illustriss. Señor Hernando de Vega de Fonseca, Presidente del Consejo de la Hacienda de su M. y de la Santa y general inquisicion.—Con privilegio.—Impresso en Alcala de Henares, per Juã Gracian. Año de M. D. LXXX.*

1 vol. em 4.to pequeno com uma gravura em ma-

deira no princípio, representando um soldado no acto de montar a cavallo, sem numeração de paginas ou de folios.—Antes do poema vem uma epistola ao leitor por Pedro Laynes—sonetos ao A. pelo licenciado Garay—por um amigo—por Luiz de Montalvo—pelo mestre Vergara—por um amigo—e pelo mesmo Pedro Laynes.

Cada canto é precedido por um argumenfo: o volume termina assim:—En Alcala;—En Casa de Juan Gracian—1580.

Conserva-se um exemplar d'esta rara traducção na bibliotheca d'elrei d'Inglaterra em Buckingham-house.

Veja Nic. Antonio, Bibl. Hisp. Nova;—Barbosa, Bibl. Lus. tom. I, pag. 500;—De Bure 3547:—Brunet, Man. pag 207, tom. I;—Duclos, Dict. tom. I, pag. 231.—Osmont, Dict. Typ. tom. I, pag. 163.—Fournier, Nouv. Dict. port. de Bibl.—Bibl. Croftsiana, n.º 4633.—Bibl. Pinelliana, n.º 689.—Adamson's Memoirs, tom. II.

II.—1580.—Traducção castelhana por Luiz Gomes de Tapia, com este titulo: *La Lusiada de el Famoso Poeta Luys de Camoes. Traduzida en verso Castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomes de Tapia, Vezino de Sevilla. Dirigida al illustrissimo Señor Ascanio Colona, Abbad de Sancta Sophia.—Con privilegio.—En Salamanca.—En casa de Juan Perier, Impressor de Libros, año de M. D. LXXX.*

1 vol. 4.to pequeno em 307 fol. Tem argumentos em prosa no princípio, e annotações no fim de cada canto.

Antes do poema contêm dedicatoria—versos latinos de Francisco Sanchez—um soneto em castelhano pelo auctor—versos latinos de Francisco Sanchez—versos latinos de Alvaro Rodrigo Zambano—um soneto em italiano por Diogo Vanegas—uma canção por D. Luiz Gongora e Pedro de Vega—sonetos em castelhano por D. Luiz de Valençuela e D. Antonio Peralta—cathalogo dos reis de Portugal.

Um exemplar d'esta obra existe na bibliotheca d'elrei d'Inglaterra em Buckingham-house; outro em podêr do morgado de Mattheus D. José Maria; outro no de M. Smith: Bibl. Smithiana, Venet. 1755, pag. 87.—Vej. Adamson's Mem. tom. II.

III.—1591.—Traducção castelhana por Henrique Garces; com este titulo: *Los Lusiadas de Luiz de Camoes, Traduzidos de Portugues en Castellano por Henrique Garces. Dirigidos a Philippo Monarcha primero de las Españas, y de las Indias. En Madrid. Impresso com licencia en casa de Guillermo Drouy, impressor de libros. Año 1591. 1 vol. 4.to*

H. Garces, natural do Porto, viveu e escreveu no Peru, e inviuvando foi conego no Mexico. Vej. Nicolau Antonio Bibl. Hisp. Nov. I.—Barb. Bibl. Lus. tom. II.—Reis Enth. poet. pag. 150.—O titulo, pri-

vilegio, censura e quatro sonetos occupam oito pag. sem numeração; o poema 185 fol.—Um exemplar d'esta rarissima edição existe na bibliotheca do meu amigo o Sr. James Gooden em Londres.

IV.—1612.—(Á volta de)—Traducção franceza, anonyma. Não foi possivel aos mais diligentes bibliographos modernos descubrir um exemplar d'esta traducção, de cuja existencia nos consta indubitavelmente todavia pelo testimunho de Nicolau Ant. Bibl. Hisp.; Fernandes ed. dos Lus. de 1609; Baillet; Mickle; Garcez-Ferreira que a attribue a um M. Scharon; Adamson's Memoirs tom. II; e outros.

V.—1613.—Traducção italiana anonyma: provavelmente Ms. pelo testimunho de Nervi. Vej. Manuel Correa que lhe assigna ésta data de 1613; Adamson's Memoirs tom II.

VI.—1622.—Traducção latina por D. Fr. Thomé de Faria bispo de Targa; com este titulo: *Lusiadum Libri X. Authore Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Ulyssipone ex officina Gerardi de Vinea* 1622. 1 vol. 8.vo

Reimprimiu-se no *Corpus illustrium poetarun Lusitanorum etc. Lisboa.* 1745.

Tive na minha pequena collecção um exemplar da edição original, adquirido na ilha Terceira; dève existir em podêr do Sr. José da Silva Carvalho a quem o dei em 1822.

Um exemplar d'ésta 1.ª edição foi vendido na venda

de Crevena por 2 fl. 14 st. Catal. Crev. tom. III pag. 289.

Vej. Nic. Ant. Bibl. Hisp. Nov. vol. II; Barbosa Bibl. Lus. tom. III; Faria y Sousa; Severim de Faria; Adamson tom. II; e outros.

VII.—163 . . .—Traducção latina por André Bayão com este titulo; *Lusiada Indiæ orientalis argonautæ.* Ms. actualmente existente na Bibliotheca Romana.

André Bayão, natural de Goa, viveu principalmente em Roma, onde morreu 1639.

Vej. Bibl. Hisp. Nov. tom. I; Bibl. Lus. tom. I; Montfaucon Bibl. Mss. vol. I, pag. 179; Reis Enth. poet.; Adamson's Mem. tom. II.

VIII.—16 . . .—Traducção latina de Antonio Mendes com este titulo—*Lusiaden Camonij Hispanorum vatum antesignani Poema Latinis versibus redditum 4.to Ms.*

Vej. Barbos. Bibl. Lus. tom. I, pag. 327.

IX.—16 . . .—Traducção latina por Fr. Francisco de Sancto Agostinho Macedo, com este titulo: *Lusiada de Luiz de Camões traduzida em lingua latina. Ms.*

Macedo o encyclopedico nasceu em Coimbra, 1596, morreu em Padua 1681.

Ésta traducção chegou a estar em podêr do padre Reis para se imprimir no *Corpus poetarum,* cujo sexto volume é todo occupado pelas obras do mesmo Macedo, e não veio porfim a publicar-se por não ter

recebido a última correcção do seu auctor, diz uma nota do editor no referido 6.º vol.

Deve existir hoje este Ms. na R. Bibliotheca das Necessidades onde foi preparada e dirigida a edição do *Corpus poetarum*, creio eu.

Vej. Barbosa Bibl. Lus. tom. I e II; Adamson tom. II.

X.—1665.—Traducção ingleza por Sir. Richard Fanshaw, com o seguinte titulo: *The Lusiade, or Portugal's Historical poem: written in the Portingall language by Luis de Camoens, and now newly put into English by Richard Fanshaw Esq.*—Dignum laude virum Musa vetat mori:—Carmen amat quisquis carmine digna facit.—HORAT.—*London: printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms; in St. Paul's church yard. M. DC. LV. fol.*

Foi ministro, e logo embaixador, de Inglaterra em Lisboa, e n'este character residia quando se concluiu o casamento d'elrei Carlos II com a infanta D. Catharina. Foi depois embaixador em Madrid onde morreu em 1666.

É dedicada a traducção ao conde de Strafford. Antes do poema vem um extracto do *Satyricon* de Petronio com uma traducção do mesmo Fanshaw, e o soneto de Tasso a Camões traduzido em verso inglez. Retrattos de corpo inteiro do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, de Camões.

A palavra *newly* no frontispicio d'esta edição parece inculcar que houvesse antes outra ou mais an-

tiga traducção por auctor diverso. Mickle, *Dissert. on the Lus.* em uma nota, resolve, cuido eu, toda a dúvida, quando diz, citando o editor das cartas de Fanshaw: 'During the unsettled times of our anarchy so'me of his (Fanshaw's) Mss. falling by misfortune 'into unskilful hands, were *printed and published* 'without his consent or knowledge, and before he ,could give them his last finishing strokes: such was 'his translation of the Lusiads.'

Mickle loc. cit.; Adamson's Mem. tom. II.

XI.—1658.—Traducção italiana por Carlos Antonio Paggi, com o titulo: *Lusiada Italiana di Carlo Antonio Paggi, nobile Genovese, Poema Eroico del Grande Luigi de Camões Portoghese, Prencipe de'Poeti delle Spagne. Alla Santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbona. Con tutte le licenze. Per Henrico Valente de Oliveira.* 1658. 1 vol. 12.mo

Contêm uma allegoria precedendo o frontispicio, gravada; duas dedicatorias a Monsig. Giacomo Franzoni e al Ill. Sign. Gio Georgio Giustiniano, em que relata a vida de Camões;—sonetos, elogios e licenças.

Vej. Nicol. Ant. Bibl. Hisp. Nov. tom. II: Adamson's. Mem. tom. II.

A segunda ediçāo, mui alterada da primeira pelo A., foi reimpressa na mesma typographia logo no seguinte anno 1659.—Ha exemplares no Mus. Britan., na collecção de M. Adamson, na minha, e não são raros em Portugal.

XII.—1735.—Traducção franceza por Duperron de Casterá, com este titulo: *La Lusiade de Camoens, poëme héroique, sur la Découverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, par M. Duperron de Castera.* 3. vol. 12.mo Paris, 1735.

Com uma serie de estampas, e uma allegoria no frontispicio. É dedicada a S. A. S. o Principe de Conty. Contêm, além da dedicatoria em verso francez, e da inscripção em verso latino da allegoria, um prefacio, a vida de Camões, licença do rei, notas no fim de cada canto, e indice de materias no fim de cada volume.

De Bure; Brunet, Man. du Lib. tom. I, pag. 207; Duclos, Dict. Bibl. tom. I; Osmont, Dict. Typogr. tom. I, pag. 163.

Ha uma ed. de Paris 12.mo, outra de Amsterdam em 8.vo, ambas em tres vol. e no mesmo anno de 1735.—Outra ed. de 1768.

XIII.—1762.—Traducção em verso allemão dos episodios de Ignez de Castro e de Adamastor por Meinhard na obra *Den Gil. Beytr. zu den Braimschwig Antreigen.* 1762. St. 25. pag. 193; St. 26. pag. 210

XIV.—1772.—Traducção em oitava rhyma italiana anonyma; com este titulo: *La Lusiade o sia La Scoperta delle Indie Orientali fatta da'Portoghesi di Luigi Camoens: Chiamato per la sua excellenza Il Virgilio di Portogallo. Scritta da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima, ed ora nello*

stesso metro tradotta in Italiano da N. N. Piemontese, insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti aggiuntti al Poeme da Gianfrancesco Barreto. Torino 1772. Presso li fratelli Reycends Libraj in Principio di contrada nuova.— Multosque per annos — Errabant acti fatis maria omnia circum — ENEID. LIB. I.

1 vol. 12.mo de 304 pag. dedicado *al Nobilissimo ed ornatissimo cavaliere il Marchese D. Salvadore Pez di Villamarina.* Argumentos em verso no princípio de cada canto, e notas marginaes no decurso da obra. Ha um prefacio depois da dedicatoria.—Attribue-se geralmente ao conde Laurreanni, algum tempo residente em Lisboa.

Um exemplar na Bibl. Real de Inglaterra em Buckingham-house; outro em podêr de M. Adamson.

XV.—1772.—Traducção em verso francez por S. Gaubier de Barrault; com este titulo: *La Mort d'Inès de Castro; et Adamastor; morceaux tirés et traduits de la Lusiade de Camoens; pour servir d'Essai à une Traduction Françoise en vers et complette de ce fameux Poëme Portugais. Ouvrage dédié et présenté au Roi le VI de Juin M. DCC. LXXII. jour anniversaire de la naissance de Sa Majesté, par Sulpice Gaubier de Barrault. A Lisbonne. De l'Imprimerie Royale. Avec approbation.* 1 folheto de 32 pag. em 4.to com o texto ao lado.

São unicamente os episodios de Adamastor e de

Ignez de Castro, traduzidos verso por verso: dedicatoria em prosa franceza a elrei D. José.

Aquino ed. de Cam. 1782; Adamson tom. II.

XVI.—1776.—Traducção em verso rhymado inglez por Julio Mickle; com este titulo: *The Lusiad; or the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.*—'Nec verbum verbo, curabis redere fidus—'Interpres.—HOR. ART. POET.

London.—Oxford.—M. DCC. LXXVI. 1 vol. 4.to

Muitas vezes reimpresso: o geral das edições contêm, antes dos Lusiadas, uma introducção; a historia da descuberta da India; a historia do crescimento e quéda do imperio portuguez no Oriente; vida de Luiz de Camões; dissertação sôbre os Lusiadas; observações sôbre a poesia epica.

Aquino ed. de Cam. 1782 tom. I.; Adamson's Mem. tom. II.

XVII.—1776.—Traducção, em resummo, em prosa franceza por D'Hermilly, revista por La Harpe; com este titulo: *La Lusiade de Louis de Camoens; Poëme, Héroîque, en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avec des notes & la vie de l'Auteur. Enrichi de figures à chaque chant.* 2. vol 8.vo Paris. 1776.

Precedem o poema uma advertencia do editor, uma vida de Camões: no principio de cada canto um argumento em prosa. Excellentes gravuras com explicações em prosa tambem.

Aquino ed. de Cam. 1782 tom. I; Mickle Diss.; Bibliotèque d'un homme de goût, tom. I, pag. 239 (ed. de 1808); Brunet, Man. du lib. tom. I; Fournier Nouv. Dict. port. de Bibliog.

XVIII.—17...—Traducção em verso francez por Florian, com este titulo: *Episode d'Ignez de Castro, traduit de la Lusiade de Camoens—chant III.*

Em todas as edições das obras de Florian.

XIX.—1788.—Traducção anonyma em prosa franceza do episodio da Ilha dos amores, na collecção intitulada: *'Voyages Imaginaires, Romanesques, 'merveilleux, allégoriques &c. Amsterdam* 1788, 8vo', com o titulo seguinte: *L'Isle enchantée. Episode de la Lusiade, traduit du Camoens.* Tem uma bella gravura de Venus fallando a Cupido.

XX.—1807.—Traducção em oitava rhyma alleman por Frederico Kuhn e Carlos Theodoro Winkler; com o titulo: *Die Lusiad de Camoens. Aus dem Portugiesischen in Deustsche otavereime ubersetzt. Leipzig in der Weidmannischen Buckhandlung.* 1807. 8.vo

É dedicada ao conde Carlos Boze secretario d'estado d'elrei de Saxonia: pretende-se na dedicatoria que é a primeira traducção dos Lusiadas em allemão.

XXI.—1808—Traducção alleman do primeiro canto dos Lusiadas, com o texto portuguez ao lado; com este titulo: *Probe einer neuen ubersetzung der Lusiade des Camões. Hamburg bey Friedrich Perthes.*

XXII.—1811.—Traducção em verso francez dos

episodios de Ignez de Castro e da Ilha dos amores, por Parseval Grand-maison, no poema rhapsodico intitulado *Les amours épiques*. 1 vol. 8.vo

A edição que cito é a segunda; não se póde descubrir a data da primeira.

XXIII. — 1814. — Traducção em oitava rhyma italiana, por Antonio Nervi; tem por titulo: *Lusiada di Camoens, Transportata in versi Italiani da Antonio Nervi. Genova. Stamperia della Marina e della Gazzetta, anno* 1814. 8.vo

Um breve aviso ao leitor acompanha o poema sem mais notas ou illustrações.

XXIV — 1818. — Traducção castelhana de Dom Lamberto Gil; com o titulo seguinte: *Los Lusiadas, Poema epico de Luis de Camoens, que tradujo al castellano Dom Lamberto Gil, Penitenciario en el real oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid.* 1818. *Imprenta de D. Miguel de Burgos.* 3 vol. 8.vo

O primeiro vol. tem o titulo acima, e contêm prologo — vida de Camões — juizo critico — relação da viagem de Gama — e os primeiros cinco cantos dos Lusiadas. — O segundo volume contêm o resto dos Lusiadas; no terceiro ha prologo — e poesias várias que vêem a ser uma escolha dos poemas menores, notas etc.

XXV. — 18 . . . — Traducção ingleza de parte do IV.° canto dos Lusiadas, e d'algumas selecções das Rhymas por Lord Strangford; com o titulo: *Poems*

from the Portuguese of Luis de Camoens. London 18... um pequeno vol. em 12.mo

XXVI.—1825.—Traducção em prosa franceza por Millié, com este titulo: *Les Lusiades, ou Les Portugais, Poëme de Camoens, en dix chants.—Traduction nouvelle, avec des notes. Par J. Bte. Jh. Millié.*—'La découverte de Moçambique, de Melinde et de Calicut a été chantée 'par le Camoens dont le poëme fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée et de la magnificence de l'Enéide.' MONTESQUIEU.

Paris, Firmin Didot Père et Fils, Libraires, rue Jacob n.° 24. De l'imprimerie de Firmin Didot. M. DCCC. XXV. 2 vol. 8.vo

É dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho (morgado de Mattheus). Antes do poema, um prefacio—vida de Camões—o soneto de Tasso e uma imitação franceza d'elle. No fim de ambos os volumes, notas—argumentos—conceitos dos litteratos sôbre os Lusiadas—notícia sôbre Camões e suas obras, por D. José Maria de Sousa Botelho, traduzida em francez por M. Millié.

XXVII.—18...—Traducção em oitava rhyma alleman pelo Dr. C. C. Heise, com o titulo: *Die Lusiade Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen uberzetzt von Dr. C. C. Heise.—Hamburg und Altona bei Gottfried Volmer.* 2. vol. 12.mo—No frontispicio tem este dysthico allemão:

'Halb Romer, stammt er dennoch von Germanen.'

Contêm, antes do poema, uma especie de *endereço*

a Camões — argumentos nos principios — e notas nos fins de cada canto. Sem data de impressão. Conhece-se que é d'este seculo.

XXVIII. — 1826. — Traducção em oitava rhyma italiana por Briccolani; tem o titulo: *I Lusiadi del Camoens recati in ottav arima da A. Briccolani. Parigi* 1826, *co'tipi di Firmin Didot, via Giacobbe, n.º 24,* 1 vol. 32.mo

É dedicada a S. M. a Rainha D. Maria II, então de sette para oito annos. Tem no principio a mesma gravura da edição portugueza em 32.mo feita em Paris pela de 8.vo de Didot e na sua officina mesma, por J. P. Aillaud.

XXIX. — 1826. — Traducção em verso sôlto inglez por Musgrave; com o titulo: *The Lusiad, An Epic Poem, by Luis de Camoens. — Traslated from the Portuguese by Thomas Moore Musgrave.* — Primum ego me illorum, dederim quibus esse poetis, — Excerpam numero. Neque enim concludere versum — Dixeris esse satis: neque, si quis scribat, uti nos. — Sermoni propriora putes hunc esse poetam. — Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os — Magna soniturum, des nominis ujus honorem. = HORAT. SAT. L. I, 4.

London: John Murray, Albemarle Street. M. DCCC. XXVI. 1 vol. 8.vo

Precede o poema, dedicatoria ao conde de Chichester — prefacio — seguem-se no fim notas.

XXX. — 1828. — Traducção dinamarqueza por Lundbye; com o titulo: *Luiz de Camoen's Lusiade*

oversat af oct Portugisiske ved H. V. Lundbye. Kopenhenhagen. 1828. 2 vol. 8.vo

O A. era secretario da legação dinamarqueza em Tunes.

XXXI. — 1833. — Traducção em verso allemão por Donner; com titulo: *Die Lusiaden des Luis de Camoens verdentscht von J. J. C. Donner. Stuttgard.* 1833. 1 vol. 8.vo

É uma bella edição em characteres romanos. Auctor contemporaneo bem conhecido.

XXXII. A traducção hebraica, referida por Mickle, e feita com muito ingenho e elegancia por Luzzetto, um erudito Judeu auctor de varios outros poemas, que morrêra na Palestina — trinta annos antes do tempo em que Mickle escrevia, — 1775.

XXXIII. A traducção em prosa latina por Philippe José da Gama, tam louvada na ed. de 1779 das obras de Camões, em Lisboa.

XXXIV. A traducção em verso latino por Manuel de Oliveira Ferreira com o titulo *Lusiadum Libri VII. Ms.*

XXXV. A traducção em verso francez pelo Sr. Duque de Palmella que os particulares amigos do illustre auctor sabem estar muito mais adiantada, postoque d'ella só apparecessem amostras no *Investigador portuguez em Londres* de 18 . . . — Posso dar testimunho do muito que admirei algumas das mais bellas e mais difficeis passagens dos Lusiadas, quando o no-

bre poeta (espero que se não offenda do nome) me fez a honra de m'as ler, ha onze para dôze annos em Londres.

XXXVI. As duas traducções suecas que nos manifestou o Sr. Melin, illustre viajante d'aquelle paiz que aqui vimos em Lisboa este anno de 1839.

XXXVII. Os commentarios e traducção russa em 2 vol. 8.vo que sabemos terem sido vistos por pessoa de confiança e intelligencia.

XXXVIII. Carrion-Nisas, Boucharlat, H. Lefebure tambem traduziram em Francez partes dos Lusiadas. *(Nota da segunda edição.)*

XXXIX. — 1839 — Traducção sueca por Lovén, com este titulo: *Lusiaderne. Hjeltedikt of Luis de Camoës Ofversatt frãn Portugisiskan, J originalets versform, Af Vils Lovén. Stockolm, tryckt hos L. J. Hjerta,* 1839.

1 vol. 12.mo grande, de 224 pag., prefacio de IV pag., notas no fim, em XVI pag.

XL. — 1841. — Traducção em verso francez por Aubert; com titulo: *Traduction des Lusiades de Camoens, par Ch. Aubert.* Paris, 1841. 1 vol. 12.mo

XLI. — 1841. — Traducção em prosa franceza por Ortaire Fournier e Desaules; com titulo: *Les Lusiades de Camoens. Traduction nouvelle, par M.M. Ortaire Fournier et Desaules, revue, annotée et suivie de la traduction d'um choix de poésies diverses, avec une notice biographique et critique sur Camoens, par Fer-*

dinand Denis. Paris 1841. 1 vol. 12.mo *(Nota da terceira edição.)*

XLII.—1852.—Traducção em verso inglez dos primeiros cinco cantos, com o titulo: *The Lusiade of Camoens. Books. I. to. V. Translated By Edward Quillinan. With notes By John Adamson, K. T. S. and K. C. of Portugal &c. &c. &c. London* 1853. 1 vol. 8.vo *(Nota da quarta edição.)*

AO CANTO OITAVO

Nota unica

> Louçan, transparente porçolana,
> Raro producto do Chinez longinquo,
> —Raro na Europa ainda, e então condigno
> Ornato de reaes copas.................. pag. 138 e 139.

Rarissima era ainda a porçolana na Europa: é de ver a admiração que em Roma causou o regalo de louça da India que fez o nosso sancto arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres ao Papa, quando lhe aconselhava que deixasse as baixellas de ouro e prata como improprias de um successor de S. Pedro, e usasse d'aquella que nem era tão cara nem tão fastosa. Veja Fr. Luiz de Sousa, vid. do Arc. *(Nota da primeira edição.)*

AO CANTO NONO

Nota A

O trovador moderno que descanta......... pag. 154.

O nome do trovador não foi privativo dos provençaes, porque portuguezes e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuino da palavra, poeta guerreiro com seu tanto de cavalleiro andante, e não no vulgar e vicioso de hoje, improvisador, versejador: digo vicioso, porque para isso temos nós *trovista. (Nota da primeira edição.)*

Nota B

Arrebatada
Por anjos infernaes a roca antiga
Que ao prumo a descahiram — e fixada
No incantado equilibrio, desafia
Fôrças da natureza e arte dos homens...... pag. 157.

Vistos de certo ponto e distancia, os rochedos primitivos e descarnados d'aquella serra parecem comeffeito collocados alli por meios sobrenaturaes.

Não haverá entre elles algum que realmente seja o que ao poeta se afigurou n'est'outros versos:

Celtico dolmin recordando o culto
Do sanguento Endovelico, o terrivel
Irminsulf dos ferozes Lusitanos........... pag. 158.

Dolmin, ou dolmen, é o singelo monumento celtico de uma pedra solitaria e a pique.

Celtas somos nós sem dúvida, além do genio, por sangue. Endovelico era deus celta, porventura traducção de Irminsulf assim arredondada pelo *ore rotundo* lusitano.

Aqui estão altas e profundas questões, cujo interêsse o poeta só indica: tracte-as a sciencia, que o valem. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C

Guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram,
As estrellas do Yaman e os inlaçados
Characteres do Hydjaz! .... pag. 157.

Ainda agora — A. D. 1839 — se conserva em parte do tecto e de uma parede interior da mesquita quasi todo o estuque, e bocados d'elle com o azul vivo e animado, as estrellas, meias-luas e lettras arabicas bem distinctas, e luzindo ainda o dourado com que as debuxaram.

Vêja, sôbre a admiravel conservação d'estes frescos, as observações de Paw, *Recherch. Philos Paris. an 3 de la républ.*

Se alguem fizesse ao menos copiar e estampar estes curiosos e notaveis vestigios antes que detodo se oblitterem! *(Nota da segunda edição.)*

Nota D

Éstas resistem
Mais que nenhumas ao minar do tempo..... pag. 158.

É facto que póde cada um explicar a seu sabor, mas indisputavel para todos.—Na cidade habitada ainda por gerações que succederam a centenares de gerações—na que jaz abandonada e deserta ja—os monumentos, os edificios publicos e particulares, ou renovados ou cahidos, ou sem deixar vestigio siquer, todos testimunham a fragilidade e instabilidade das coisas humanas. Porque será que as casas d'oração, os templos parecem privilegiados entre as obras dos homens? A Philosophia responderá com um surriso, a Piedade com um levantar d'olhos ao ceo. Nenhuma te convence: talvez. Mas se heide crer sem intender, porque hade ser antes no que ri e zomba, do que n'esse que vive tam certo em sua fé? *(Nota da segunda edição.)*

Nota E

De Bernardim saudoso e namorado........ pag. 159.

Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Móça* é uma allegoria de seus altos amores do paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a este respeito. A sua morada na serra de Cintra, a sua ida

de peregrino aos Alpes, i. e. a Turim onde se achava a infanta D. Beatriz casada com o duque de Saboia, são factos: o resto quem o póde affiançar? *(Nota da primeira edição.)*

No volume d'esta collecção em que se publíca o *Auto-de-Gil-Vicente,* vem illustrado mais amplamente o ponto.

Imprimiu-se, na primeira edição do poema, Isabel em vez de Beatriz, por ingano desculpavel em quem escreveu e imprimiu em terra extranha, quasi sem um só livro portuguez. *(Nota da segunda edição.)*

Nota F

Na opa de peregrino disfarçado
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda........................ pag. 160.

Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são a parte menos deciphrada e deciphravel do enigma de sua vida. Aqui seguiu-se a tradição mais vulgar. Houve quem me accusasse de ter seguido outra diversa no *Auto-de-Gil-Vicente.* Não era êrro quando tal tivesse feito, porque se ao poeta é permittido violar a historia, que liberdades não terá elle com a vaga e desvairada tradição de uma aventura romanesca?

Mas não foi assim, digo: Bernardim Ribeiro lan-

ça-se ao mar, no *Auto-de-Gil-Vicente;* mas nenhum *nuncius,* nenhum χορος veio fóra, como na comedia ou tragedia antiga, dizer ao público: — 'Bernardim Ribeiro affogou-se comeffeito: *nunc plaudite.' (Nota da segunda edição.)*

Nota G

Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será .... pag. 165.

Duarte Nunes do Lião define *façanha,* acção notavel em cavallaria que se póde citar como aresto e caso-julgado do qual se argumenta para outro parecido. D. N. chron. *(Nota da primeira edição.)*

Nota H

Prompto se offerece quem germanas artes
Em dar-lhe vida e propagá-lo impregue..... pag. 167.

Camões chegou a Lisboa em 1569, e publicou os Lusiadas em 1572 na officina de Antonio Gonsalves. Fez logo segunda edição no mesmo anno, segundo demonstrou o Morgado de Mattheus, e já Faria-e-Sousa tinha descuberto. Desde então, pode-se dizer que a imprensa ainda não descançou de multiplicar exemplares d'esta assim como das outras obras de Luiz de Camões. *(Nota da segunda edição.)*

Nota I

Soa o brado ingente
Ja pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une......... pag. 167.

Mais de uma vez se tem feito allusão, n'este poema, á immortalidade que o nome de Camões affiança á nossa lingua e ao nosso nome. Poucos ha tam populares e europeus como o d'elle. N'estes derradeiros tempos quasi que não ha lingua em que a poesia e o romance não tenham celebrado o ingenho e carpido as desgraças do Homero portuguez.

Lord Strangford com as suas *paraphrases*, de pouco merito alias, concorreu muito para fazer da moda em Inglaterra o nome de Camões. O Morgado de Mattheus e o meu amigo o Sr. Adamson generalizaram as sympathias despertadas talvez pelo litterario *dandy*.

O poemeto em prosa de M. Denis publicado na obra *Scènes de la nature sous les tropiques*, appareceu pouco depois em França, 1825. Na primeira edição do meu *Camões*, que é d'esse anno, fiz a semsaboria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a minha composição com a do Sr. Denis. Consta-me que, intendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquelle escriptor, que tam bem tem merecido da nossa litteratura, se offendêra d'ellas. Peço-lhe aqui solemne desculpa, e declaro a minha

convicção intima de que, assim como eu não sabía da sua obra nem a víra antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse.

Vi mais em Francez, publicado em 1831-32? um pequeno drama em prosa, cujo assumpto é a volta de Camões a Lisboa. Não me póde lembrar o nome do auctor.

Em Allemão appareceu—*Tod des Dichters*—romance por Ludwig Tieck, Berlim 1834. É seguimento de uma publicação á maneira dos annuaes inglezes, intitulada *Novellenkranz*. 1 vol. 12.mo de 347 pag.—Sahiram no vol. de 1835 as gravuras pertencentes a este.T ieck é hoje um dos primeiros litteratos d'Allemanha.

N'uma collecção de poesias dinamarquesas que tem por titulo—*Nye Digte, Af Schack Staffeldt*—Kiel 1808. 8.vo a pag. 175 vem um poemeto intitulado *Camoens* em versos de differentes medidas e a modo dramatico, sendo interlocutores Camões, um frade, o Jáu de Camões, e vozes de anjos. Contêm 24 pag. *(Nota da segunda edição.)*

Li o anno passado dois dramas allemães cujo protagonista é tambem o nosso Camões; são impressos 183 . . . *(Nota da terceira edição.)*

Acabo de receber de Paris, hoje 12 de Março 1854, um elegante e precioso estudo litterario sôbre o mais interessante ponto da vida de Camões, pelo Sr. Adolpho de Circourt. Publicou-se primeiramente como ar-

tigo na *Bibliothèque universelle de Genève*, e tem por titulo *Catherine d'Atayde. Genève, imprimerie Ferd. Ramboz et Cie*. 1853. Sinto que a ja demaziada extenção d'estas notas me não permitta inserir por extenso todo este opusculo, bem digno do seu objecto. *(Nota da quarta edição.)*

AO CANTO DÉCIMO

Nota A

Á indigencia, á miseria ahi succumba ...... pag. 171

Seguindo a opinião do Morgado de Mattheus, na primeira edição do meu poema fiz carregar nomeadamente aos dous irmãos Camaras—Luis Gonsalves e Martim Gonsalves— com toda a fealdade d'este crime que, realmente e sem paixão, se deve imputar a todos os que rodeavam elrei, e que, segundo diz Faria-e-Sousa, *eran enemigos del poeta*. Com ésta mais arrazoada opinião se conforma o Sr. bispo de Viseu; Lobo, quando, ajudado da auctoridade e argumentos do mesmo Faria-e-Sousa, confunde a villania de Mariz que tam indignamente quiz desculpar a ingratidão da côrte á custa da reputação de Camões.

Mas ja que vai de fazer justiça a todos, façamo'-la

tambem ao govêrno d'aquelle tempo, absolvendo-o da accusação, tam repettida ha quasi tres seculos, de que a pensão de quinze mil reis que lhe davam era, inda em cima, tam mal paga que o poeta dizia: 'que havia de pedir a elrei que trocasse os quinze 'mil réis por outros tantos açoites nos ministros por 'quem corria o pagamento.'

A pensão foi mesquinha, indigna de quem a dava e de quem a recebia, mas pagou-se. Dou por integra, em razão da novidade e interêsse do seu conteudo, os seguintes documentos cujas authênticas me foram officialmente communicadas da Tôrre-do-Tombo. E fólgo de dar aqui público agradecimento á obsequiosa amizade do Sr. Guarda-mor e á diligencia de seus empregados, que tam zelosamente se prestaram a satisfazer ao meu pedido.

'Illmo e Exmo Sr.—Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.ª (de ordem do meu Guarda-mor) as tres cópias junctas do alvará e appostillas de 15$000 réis de tença concedida a Luiz de Camões, podendo assegurar a V. Ex.ª não existir n'este Archivo outro algum documento (e muito menos autographo) que pertença ao dito Camões.—Deus Guarde a V. Ex.ª—Real Archivo da Tôrre do Tombo, 27 de Julho de 1839.—Illmo e Exmo Sr. Chronista Mor do Reino.—*José Manoel Severo Aureliano Basto,* Official Maior.'

'Eu elrei faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito ao serviço que luis de camões caual-

leyro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fara e a Informação que tenho de seu engenho e habellidade e a sufficiencia que mostrou no liuro que fez das cousas da Indya ey por bem e me praz de lhe fazer merce de quynze mil reis de tença em cada hum anno por tempo de tres annos somente que começarão de doze dias do mes de março deste anno presemte de mil quinhentos setenta e dous em diante que lhe fiz esta merce e lhe serão pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo servir cada hum dos ditos tres annos com certidão de francisco de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como elle Luis de camões reside em minha corte. E portanto mando a dom martinho pireira do meu conselho vedor de minha fazenda que lhe faça asentar no livro della estes quinze mil reis no titullo do thesoureiro mor pera nelle lhe serem pagos cada hum dos ditos tres annos com a certidão acima decllarada e este allvara quero que valha como se fose carta feita em meu nome sem embargo da ordenação do segundo livro que dispõe o contrario symão borralho a fez em Lisboa a vinte e oito de Julho de mil quinhentos setenta e dous e eu Duarte dias o fez escrever.—Está conforme ao livro 32 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 86 v.º—Real Archivo 23 de Julho de 1839. —*José Manoel Severo Aureliano Basto.*'

'Trellado de huma apostilla que se pos ao pee de hum allvara de luis de camões que foi Registado no Livro de amtonio daguiar a folhas oitenta e seis E pasou pela chancellaria a seis de Setembro de *setenta e dois.*—Ey por bem fazer merce a luis de camões dos quinze mil reis cada anno conteudos neste allvara por tempo de tres annos mais que começarão do tempo em que se acabarão os outros tres annos paguos no meu Thezoureiro mor asy e da maneyra que se lhe ategora paguarão com certidão do escrivão da matricolla de como Resyde em minha corte e com esa declaração se hasentarão no Livro de mynha fazenda e se levarão no caderno do asentamento E esta apostilla se cumprirá posto que o efeyto della aja de durar mais de um anno symão borralho a fez em allmada a dois dagosto de mil quinhentos setenta e cinco E eu duarte dias a fiz escrever.—Está conforme ao Livro 33 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 229. Real Archivo 23 de Julho de 1839.—*José Manoel Severo Aureliano Basto.*'

'Trelado de huma postilla que se pos nas costas de hum allvara de Luis de Camões.—Ey por bem de fazer merce a luis de camões contiudo no meu allvara escrito na outra meia folha atras que elle tenha e aja cada anno por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilla que esta no dito allvara os quais tres annos começarão de dous

dias do mes dagosto deste anno prezente de quinhentos setenta e oito em diante E os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu thesoureiro mór assy e da maneira que ategora se lhe pagarão com certidão dayres de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como Reside em minha corte e com essa declaração se assentarão no Livro de minha fazenda E se levarão no caderno do assentamento E esta apostilla me praz que valha e tenha força e vigor posto que o effeito della ajá de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario gaspar de seixas a fez em lisboa a dois de Junho de mil quinhentos setenta e oito E posto que acima diga que o dito luis de camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de dous dias do mes dagosto deste anno presente não os vencerá senão de doze dias de março passado do dito anno em diante que he o tempo em que se acabarão os tres annos que lhe foram dados pela dita apostilla = Jorge da costa a fez escrever. — Está conforme ao Livro 44 da Chancellaria de Senhor Rei Dom Sebastião fl. 119 v.º — Real Archivo 23 de Julho de 1839. — *José Manoel Severo Aureliano Basto.' (Nota da segunda edição.)*

Os conscienciosos e inffatigaveis desvellos do meu amigo o Sr. Visconde de Jeromenha sahirão breve a público para illustrar ésta e outras questões biographicas relativas a Camões. *(Nota da quarta edição.)*

Nota B

'—Meu bom senhor, um gasalhado tenho
Achado ja .... pag. 177.

Não sigo a opinião dos que fazem morrer o nosso Camões no hospital. O Sr. bispo de Viseu, na memoria tantas vezes citada, claramente provou que 'o fal'lecimento do poeta no hospital público de Lisboa, se 'não é de todo falso, é pelo menos muito duvidoso.' Vej. Mem. da Ac. R. das Sc. de Lisboa, tom. 7, pag. 230. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C

Uma faísca,
Esquecida a tyrannos, lá scintilla......... pag. 182.

Ésta é uma prophecia de poeta, cujo cumprimento póde ser explicado pelos successos de 1640, de 1800 ou de 1820, ou segundo prouver aos crentes, como acontece com a maior parte de taes prophecias.

Nota D

Junctos morremos...' E expirou co'a patria, pag. 185.

É notavel coincidencia, e que muito lisongeia o meu pequenino amor proprio, que em quanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versi-

nhos para descrever os ultimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira immortalizava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnifico que este anno passado de 1824 expos no Louvre, em o qual pintou a mesma scena. Valha-nos ao menos, descahidos e esquecidos como estamos, que haja ainda portuguezes como o Sr. Sequeira que resuscitem, de quando em quando, o adormecido echo de nossa antiga fama. *(Nota da primeira edição.)*

Nota E

Onde jaz, Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?.. pag. 185.

Camões foi interrado em sepultura humilde e raza ao lado esquerdo da porta principal da egreja do convento de Sanct'Anna, que então servia de parochia. Dezeseis annos depois, D. Gonsalo Coutinho, o mesmo que tam affeiçoado lhe fôra n'outro tempo, mas que parecia te-lo desamparado nos ultimos dias de sua atribulada vida e de todo olvidado depois de morto, D. Gonsalo Coutinho, agora com diligencia e cuidado procurou o logar quasi esquecido — em dezeseis annos! — da sepultura do poeta; achou-o, com não pequenas difficuldades, 'por não haver indicio' diz o Sr. bispo de Viseu, Lobo, 'que o fizesse logo advertir'; mandou trasladar as cinzas para uma ja-

zida particular no meio da egreja, e assentou sôbre ella uma pedra em que fez gravar aquelle tam conhecido epitaphio de simplicidade eloquentissima:

Aqui jaz Luiz de Camões
Principe
Dos poetas do seu tempo;
Viveu pobre e miseravelmente:
E assi morreu.
Anno M. D. LXXXIX.

Martim-Gonsalves da Camara, o famoso escrivão da puridade d'elrei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou lhe chegasse o arrependimento, tambem agora, com licença de Gonsalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lápide aquell'outro epitaphio em distichos latinos, composição do padre Matheus Cardozo jesuita, toda hyperbolica, ingenhosa e de conceitos, que ou me ingano muito ou, per si mesmos, esses versos latinos se denunciam hypocritas e fingidos, quanto a singela prosa portugueza da outra inscripção mostrava sinceridade d'alma, pena e saudade bem sentida do coração.

O chronista franciscano attesta ter visto e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azulejos que ornavam a parede da egreja no sitio onde fôra a primitiva sepultura do poeta, e alli foram postos em seu obsequio com emblemas e tropheos militares.

No terremoto de 1755 o tecto da egreja, que era

de abobada, cahiu com todo o pêso sôbre o centro d'ella e completamente arruinou toda a linha média do pavimento: as paredes ficaram empé, e o resto do pavimento de ambos os lados da egreja tambem não foi arruinado, segundo ainda hoje testimunha a existencia de muitas lapidas, inscripções tumularias, brazões etc., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de Novembro de 1755.

A egreja concertou-se; as freiras, que até alli não tinham tido senão côro de cima, fizeram côro de baixo tambem, tapando a porta principal da egreja que era fronteira ao altar mor, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões — em que esteve òu está a sua cinza, veio a ficar exactamente no sitio em que a grade do côro de baixo agora parte a egreja quasi a meio.

Mas depois d'estas obras, a ninguem lembrou perguntar se se posera ou não signal n'aquella sepultura; todos se contentaram desmazeladamente com dizer: —'Perdeu-se com o terremoto.' E passou em julgado. Invergonhava-se a gente quando os extrangeiros nos perguntavam pelo tumulo de Camões; dizia-se que era um opprobrio, uma affronta nacional, mas não se tractou nunca de ver se era possivel repará-la.

Só n'este seculo, um homem não suspeito de enthusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respeitador seu, o padre José-Agostinho de Macedo por vezes foi ouvido dizer, a várias pessoas inda vivas,

que a sepultura não estava perdida, e que o terremoto só destruira a loiza, não o jazigo.

Provavelmente não havia impenho no presummido rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou ésta incúria geral portugueza se ficou na priguiça de que nada parecia podêr ja despertar-nos.

Em 1825 quando imprimia em Paris a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente éstas circumstâncias locaes, e não tinha nem o menor vislumbre de que fôsse possivel virem a descobrir-se as cinzas de Camões. A objurgação com que terminei o poema, a modo de *envoy* de proençal, ou com mais exacção de acre *sirvente* que fustiga um crime público—em todo o caso era merecida; porque é certo que Nação, Rei e Govêrno, todos peccaram de culposa incúria em não ter feito a minima diligencia para descubrir o monumento de sua maior glória. Volumes de *providencias* do marquez de Pombal, milhões de despezas em desintulhos, concertos e edificações novas; mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descubrir o jazigo de Luiz de Camões.

Estava reservado a um poeta, a um pobre poeta cego e sem valimentos, o imprehender a desaffronta da nação e o desaggravo do seu grande genio.

Na sociedade que se formára em Lisboa em 1835 com o titulo de Sociedade dos Amigos das Lettras, o Sr. Castilho propos que se não désse toda a espe-

rança por perdida, que elle tinha fé que ainda talvez se podesse achar a sepultura do nosso Camões, que ao menos se fizessem diligencias com zêlo e impenho.

Nomeou-se uma commissão; o Governo e o Sr. Patriarcha da Silva deram as licenças devidas, foi cuidadosamente e com todas as solemnidades explorada a egreja; achou-se o que acima referi do seu estado actual; e no proprio sítio em que, a existirem, devem ainda jazer os restos mortaes do immortal cantor dos Portuguezes, apparece com effeito uma lage comparativamente nova, sem lettra nem devisa, cubrindo um vão argamaçado e ladrilhado, com dous ou tres degraus que a elle descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insufficiente para um carneiro ou jazigo de familia, como outros que ha na mesma egreja. Dentro d'este vão uma ossada com alguma terra pouca.

Para mim, para todos os que, á mingua de *authênticas* formaes, podem crer em reliquias authenticadas com probabilidades tam vizinhas da certeza, para mim é moralmente certo, é provado, quànto humanamente se póde provar em casos taes, que alli estão as cinzas de Camões. O logar é o da historia; de todos os signaes que ella nos dá para reconhecermos aquelle sepulchro venerado, só nos falta a loisa que o terremoto esmigalhou. Apparece uma nova, como é nova toda a linha media do pavimento da egreja.

Não apparece, apezar das mais escrupulosas diligencias, memoria de jazigo, carneiro ou sepultura particular de nenhuma pessoa ou familia que depois do terremoto alli viesse interrar-se. Estamos como no tempo em que D. Gonsalo Coutinho procurava a ja esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se *difficuldades* que fazem hesitar, mas que são muito venciveis: nenhuma razão se offerece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

Pelas sabidas occurrencias de Septembro de 1836, tempo em que a commissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos. Um relatorio circumstanciado e documentado de todo o processo da exploração vai apparecer brevemente ao público[2].

O meu amigo o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informações que aqui resummi, está actualmente dispondo aquelle relatorio, de cuja publicação resultará certamente o generalisar-se a convicção de tam grande descuberta, e vir emfim a nação portugueza a recuperar o seu Palladio litterario. Dar-lhe-ha ella depois sanctuario mais digno, mais duravel, e tal que o não possam vir a esquecer seus ingratos filhos? Esperemo'-lo ao menos. *(Nota da segunda edição.)*

[1] Escrevia-se ésta nota em 1839. Não me consta que nada apparecesse até hoje. Março de 1854.

Nota F

Canto de indignação, último accento
Que jamais sahirá da minha lyra........... pag. 185

O leitor dirá provavelmente que foram promessas de poeta, o *promitto tibi pater*. Ingana-se. Realmente desde ésta epocha não tornei a imprehender uma obra poetica, não tornei propriamente a fazer versos. A canção á victoria da Terceira, assumpto que faria poeta a burra de Balaam do mais prosaico jornalista—com dous ou tres peccadilhos mais, se tanto, são os unicos de que me accuso. Coisas velhas e anteriores, emendei e conclui muitas.

Não é capricho, nem vulgaridade baixa da que muitos teem,—que me julgue personagem grave de mais para fazer versos—ou aos versos coisa menos grave para qualquer grande pessoa—que eu não sou. Não é isso: é que ja não *creio*; e para ser poeta é mister *crer*. Ja não creio senão em Deus: e agora, só se fizer versos ao divino. Quem sabe?

Tomára eu poder commigo que os fizesse—meus riccos versos! Que me não façam *almotacé do bairro*, se fizer como dizia o Tolentino— regedor de parochia—ou não sei que outra coisa que é agora.

Quando me chamam poeta *com intenção*, lembra-me sempre o caro M. Jourdain. Eu farei versos sem me sentir; elles, coitados, saberão elles que fazem prosa? *(Nota da segunda edição.)*

OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

XIII

(DONA BRANCA)

OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

XIII

(DONA BRANCA)

DONA BRANCA

PELO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

QUINTA EDIÇÃO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

(PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO)

Publicando ésta nova edição de DONA BRANCA, a primeira que se faz em Portugal depois de umas quantas francezas e brazileiras, pareceu-me dever pôr aqui alguma memoria, tanto da primeira composição do poema, como da presente fórma com que hoje se reproduz.

E consintam-me, antes de tudo, o desabafo de dizer que nenhum homem ainda fugiu tanto ao seu destino como eu; nenhum porém foi tam perseguido do 'inevitabile fattum' que me não deixou. De criança me tentaram e namoraram as musas, e de criança lhes resisti sempre, com mais severo pudor do que o casto José, deixando-lhe por vezes nas mãos lascivas a capa virginal de minha pudicicia, e fugindo com merito e virtude verdadeira, porque fugia a deleites suspirados, ardentemente desejados de minha alma.

Imberbe ainda, na universidade, macerei os desejos rebeldes com jejuns e cilicios; estudando muito direito romano, teimando no Euclides e no Besout, fazendo impossiveis, e conseguindo, durante cinco annos quasi, affastar de mim a tentação. A malditta mania das comedias particulares que alli appareceu derepente entre os estudantes, o enthusiasmo da revolução de Vinte que me apanhou em fla-

grante, rodeado de encyclopedistas, de Rousseaus e de Voltaires, deitaram a perder tudo... atirei com o gorro por cima da ponte e fiz versos.

Durou-me pouco a imbriaguez d'esta primeira paixão; porque entrando cedo no mundo e nas agitações politicas, o ocio das recreações litterarias me infadou logo.

Por mais de dois annos as não vi as taes musas. Mas emigrei; e a solidão, a tristeza, as saudades do exilio me submetteram de novo a seu imperio. Foi então que fiz a Dona Branca; e de então data a lucta constante de minha vida em que, ora triumpho eu e a minha razão, occupando-me de coisas graves e uteis quanto posso e me deixam — ora vem o ocio e a descrença politica e me adormecem nos braços das traidoras Dhálilas qne me tosquiam razo como Sansão, e recaio a fazer litteratura... aos Philisteus.

Assim me tentei a fazer a Dona Branca ha

mais de vinte annos, quando emigrado e criança em paiz extrangeiro; assim me tento agora quando emigrado em minha casa—e homem maduro, que já devia ter mais juizo—a revê-la e aperfeiçoá-la. Mas é fado: repitto.

Direi de passagem que as críticas, de que foi objecto este poema, lhe foram uteis as mais d'ellas; porque, se nem todas accertaram com os defeitos, todas me fizeram reflectir, e achar talvez o que sem ellas não acharia.

Não fallo de certas accusações calumniosas e brutaes com que a mesquinhez de um ou outro sabichão de meia-tigella quiz aspergir de immoralidade o meu innocentissimo romance; tam recatado, o pobre, que até da infanta D. Branca—uma das mais despejadas 'leoas' do seu tempo—fez a donzella timida e sem malicia que ahi pintei, mentindo bem descaradamente á historia. E os tartufos invocaram a historia para accusar o

poeta de não respeitar a fama da senhora infanta!

Tinha vontade de dizer que até um meu muito particular amigo, cardeal da Sancta Egreja Romana, entrou n'estas villanias... Mas Deus lhe perdoe, como lhe eu perdoei. Fraquezas do pobre homem! Eu sempre fui amigo d'elle, comtudo[1].

Vamos á presente edição.

Approveitei este verão que passei no campo, e puz-me a reler a DONA BRANCA, marcando as incorrecções de stylo e as criancices de conceito que lhe fui achando; e vi que para consentir com os editores das minhas obras, que ha muito queriam completá-las com ésta que faltava no mercado, era preciso revolvê-la de alto a baixo. Fazê-lo sem fazer nova obra, era o ponto; e o mais difficil para mim.

[1] Suppomos que este § quer alludir a certo artigo que appareceu no *Panorama* sôbre D. Branca. *(N. dos EE.)*

Resolvi-me porêm a começar; e uma vez começado, acabei o trabalho. É o que hoje se publíca.

Dos sette cantos, em que andava mal dividido o poema, fiz dez. Tem poucos centos de versos mais do que tinha; mas o inrêdo e argumento da acção ficou mais claro, e os seus episodios mais ligados. Do stylo tirei muitas voltas de arcahismo forçado que sabiam á reacção philintista em que estava a lingua quando primeiro o compuz. E muitos deixo ainda, em memoria de como algum tempo conseguiu passar por obra posthuma do Padre Francisco-Manuel este poemeto, que na primeira edição de 1826 trazia no rosto as iniciaes de F. E.: monogramma com que o auctor puerilmente se incubriu por medo das criticas—e do que era um pouco mais serio, a censura armada do paternal govêrno absoluto, que, se ja não tinha a inquisição, tinha ainda as suas academias e litteratos a bradar

que o Limoeiro e o Caes-do-tojo eram a verdadeira lei de repressão dos abusos da imprensa.

Não se póde negar que era coherente aomenos aquelle paternal govêrno, e que não inganava ninguem.

Cruz-quebrada, agosto, 1848.

CANTO PRIMEIRO

I

Aureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel, crença linda
De Venus bella, Venus mãe d'Amores
Brincões, travessos;—do magano Jove,
Que do septimo ceo atrás das môças
Vem andar a correr por este mundo,
Ja niveo touro, ja dourada chuva,
Ja quanto mais lhe apraz;—de Baccho alegre,
Do louro Apollo, e das formosas nove
Castas irmans que nos vergeis do Pindo
Tecem aos sons da lyra eternos carmes;
Gentil religião, teu culto abjuro,

Tuas aras profanas renuncio:
Professei outra fe, sigo outro rito,
E para novo altar meus hymnos canto.

II

Não rias, bom philosopho Duarte,
Da minha conversão, sincera é ella[1]:
Disse adeus ás ficções do paganismo,
E christão vate christãos versos faço.
—Irão meus versos ao retiro mystico,
Adonde te escondeste, procurar-te;
E ao levantar da nevoa matutina
Te hãode acordar para contar-te a historia
Dos bons tempos que foram.—Ouve, escuta
O alahude romantico, ouve as coplas
Do amigo trovador: á nossa terra
Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos
Imbalar as saudades, e dar folga
Ás âncias d'alma co'as ficções do ingenho.

III

Em hora boa saia a nova espôsa
Por caminho de flores! Saia a bella,

[1] Veja nota a este verso, no fim.

'A casta filha de Sion sagrada
'Para os paços magnificos do espôso!
'Choremos nós, que ella se vai, choremos,
'Que nos deixa e se vai: outro rebanho
'A apascentar caminha em prados novos;
'De outras ovelhas cuidará solícita,
'Que não de nós: sua coroa mystica
'Outras mãos tecerão da rosa agreste,
'Do lirio das campinas para a frente
'Da pastora sagrada: o bago sancto
'D'outro redil defenderá a entrada.
'Em hora boa saia a nova espôsa
'Por caminho de flores! Saia a bella,
'A casta filha de Sion sagrada
'Para os paços magnificos do espôso!'

IV

Aberta estava a porta do mosteiro,
E as virgens do Senhor este cantavam
Hymno de saúdosa despedida
Á sua joven prelada que ora as deixa.
Formosa e em viço de florentes annos
A real Branca, de Lorvão senhora,
Alli despiu do seculo as grandezas
Na solidão do claustro: o nobre Affonso

Viu com lagrymas pias—não de mágoa,
Trocar a linda filha a régia purpura
Pela estamenha austera. Môça e bella
O baculo impunhou, e o regeu digna
De seu sancto mister. A mais subido,
Mais alto grau na hyerarchia a chama
Agora seu avô, essoutro Affonso,
O sabio, o imperador, o rei poeta
Que as musas pôs no solio co'a virtude
E com ellas reinou, rei cavalheiro,
Poeta portuguez, que em nossa lingua,
Mais estreme da arabiga aspereza,
Mais goda e mais romana, preferia
Suas régias canções cantar do solio.
Como a sangue que é seu, e amada filha
De Beatriz muito amada, lhe queria
O bom do imperador á joven Branca:
Abbadeça a fez d'Holgas; a buscá-la
Vieram seus vassallos; e ora parte
Em pomposo cortejo a tomar posse
De seus grandes, riquissimos dominios.

V

Cavalleiros cinquenta armados d'aço
Lucidas cotas, duras malhas vestem:

Alva cruz nos broqueis; e alvo pennacho
No elmo brilhante fluctuando ondeia.
Alta a viseira está, mas baixos olhos
O respeito lhes põe; não fita ousada
A vista do guerreiro as virgens sanctas
Que o veo do templo separou do mundo.
Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos teem, e d'Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão: custou-lh'armados
A entrar assim por terras portuguezas;
Com muito campeão romperam lanças,
E em pontes e castellos de senhores
Houveram que brigar; nem lhes valeram
Salvos-conductos do valente Affonso,
Que o portuguez cioso não tolera
O rival castelhano em terra sua.
Mas passaram alfim, e a sua bella,
Real senhora levam. Ja fluctua
O pendão branco ao vento matutino,
Dá signal o clarim, viseiras descem,
Lança em punho.—Alva mula, ajaezada
Com riccos pannos de oiro e finas telas,
Monta a formosa infante acompanhada
De suas donas. Soeiro e Lopo a seguem;
Soeiro e Lopo, venerandos padres,
Digno exemplar em lettras e virtudes

Dos filhos de Bernardo; a consciencia
Teem a seu cargo da gentil princeza;
E bulla especial do sancto padre
Para acudir ao caso mais difficil,
D'estes de exame, d'estes que faziam
Ao proprio Camisão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhára
Nem o Larraga lhe mettêra o dente.
Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios,
E a Galeno e Averroes deu sota e basto,
Em gorda, russa mula,—e não de physico,
De nedea que é—pesado de aphorismos,
Grave caminha juncto aos reverendos.
Nuno, valente e guapo borda-d'agua,
Taful de escaramuças e ciladas
Contra arraianos, do Leonez e Mouro
Temido como duende que os persegue,
Nuno, mancebo experto, e cavalleiro
De nobres partes, por elrei mandado
Á infante fôra a acompanhá-la a Holgas,
Como escudeiro seu.—'Tam bello pagem
A senhora tam môça não cumpria.'
Rosnava lá comsigo frei Soeiro;
Mas o mal que lhe quer, pelo respeito
De quem o manda, declarar não ousa.
Seguem mordomos, escudeiros, moços,

Que, uns duzentos ao todo, cavalgando
Vão em marcha vistosa ás margens lindas
Do suavissimo e placido Mondego.

VI

Raro é o veo, alva a touca; e transparecem,
Pelo veo raro e pela touca alvissima,
As tranças loiras como o sol que nasce
Detrás do outeiro, como os raios d'elle
Luzem quando ligeira os cobre nuvem
Diaphana no ceo. Quem hade os olhos
Debuxar! Como o azul do firmamento
Em noite pura?—Não, que são mais lindos.
Como a saphyra em relicario sancto
Á luz das tochas, adorada em tôrno
Em devota funcção?—Ah! que outro brilho,
Outra luz teem; e a devoção que inspiram,
—Bentas reliquias, perdoae-me o verso—
É mais fervente. Oh! sahem d'esses olhos
Languido-azues umas suaves chammas,
Um quasi effluvio d'alma, que transpira,
Que vem do coração, que doce mana,
E o ar, e o peito que o respira, imbebe.
Seio... imagine-o amor c'o ôlho atrevido
Do perspicaz desejo. Amor... que disse!

Amor! virgem do altar não sabe amores.
Longe, atrevido cubiçar profano;
É vedado esse pomo: ai do que o toca!
Vela o espôso do ceo, ao ceo pertence,
Admire-o a terra; mas além é crime
Passar da admiração. Branca, a formosa,
A linda Branca, sangue real d'Affonso,
Tam bella, tam gentil, fez de suas graças,
De seus incantos sacrificio ás aras.

VII

Leda caminha a nobre comitiva;
Mas o sol, que declina, lhe poz termo
Ao viajar: fadiga sente a joven
Princeza a tanto andar não costumada.
É mister de buscar poisada commoda
Para a noite.—Onde? a luz ja vai mingando;
Nem tarda o manto a se cobrir das trevas
Orpham do dia o ceo. Dobrar o passo,
Que a poucas leguas jaz convento ricco
De monges negros.
—'Monges negros!' disse
Frei Soeiro com gesto de desprézo:
'Pernoitar sua alteza em tal mosteiro!
Senhora, grande sancto foi san' Bento,

(Meu padre san' Bernardo me perdoe!)
Mas para tam fidalga companhia,
Para vós, real senhora, sôbretudo,
Dos monges brancos honra, flor e nata,
Tal poisada buscar!.. De nossa regra
O mais sancto preceito e veneravel,
Querereis infringi-lo? Antes mil vezes
Os votos todos tres. E vossa alteza
Me desculpe, porém uma só noite
Sem o cumprir!.. Não chega a tanto a bulla
Do sanctissimo padre: eu por mim digo,
E frei Lopo, que ahi 'stá, que me desminta;
Mas absolver não posso esse peccado.'

VIII

'Que é, padre mestre?' disse a infante: 'eu tremo
De vos ouvir. Antes aqui na terra
Dura dormir, e ao relento frio,
Que tammanho peccado commettermos.
Porém qual é, dizei-me, esse peccado,
E que regra da ordem nos prohibe
De ir poisar ao mosteiro de san' Bento?
Teem esses padres fama de virtude;
E não sei que lhes falta...'
—'O que lhes falta?'

Bradou com voz austera e tam medonha
Frei Soeiro, que a princeza de aterrada
Estremeceu na sella... e se não fôra
O pagem que lhe accode a segurá-la,
Da excommunhão, que viu sôbre a cabeça,
Fulminada cahíra...
—'O que lhes falta?'
Repettiu, sem curar do mal que a afflige,
O abstinente bernardo infurecido:
'O que lhes falta? o quê?... falta a *Tremenda*.'[1]

IX

Riramos hoje nós, degenerados,
Tibios fieis, da emphatica resposta
Do rigido Soeiro; e tal magano
Haveria de spirito philosopho,
Que impio mofasse do zeloso padre,
E lhe ousasse dizer: 'Fóra, bernardo!'
Porém n'aquelles tempos de fe viva,
Em que ao mais leve incredulo respiro
Tremenda excommunhão tapava a bôcca,
E em caso de mais polpa, um bom milagre...
—Tempo sancto, que nós não mais veremos;
Maldicta seja a ruim philosophia!—

[1] Veja nota a estes versos, no fim.

N'aquelles tempos de saudosa historia,
Que responder a um reverendo padre
Confessor,—confessor de sua alteza?

X

Indecisa parou a comitiva;
E, os olhos fitos nos dous sanctos filhos
De san' Bernardo, moços, escudeiros,
Cavalleiros, a propria infante; aguardam
A decisão do caso de consciencia,
Que porventura a todos os condemna
A dormir ao relento, e mais sem ceia.

XI

Sem ceiar!—Este negro pensamento
D'azas pesadas esvoaça n'alma
Ao theologo austero, anda, desanda,
Com todas as ideas se lhe intrava;
E a qualquer solução, que lhe desponta
No difficil problema, este se aggrega
Corolario fatal: sem ceia! —Á parte
Os dous graves juizes se retiram
A conferenciar, e a voz primeira
Que unisonos soltaram foi: 'Sem ceia!'

—'Sem ceia, padre mestre!'
—'E sem Tremenda
Carissimo!'
—'Assim é; porêm mais vale
Pouco que nada.'
—'E a regra?'
—'A regra... O caso
Intrincado é.'
—'E tam arduo, que o não viram
Egual ainda os casuistas todos.'
—'Caso é este, meu padre, que um capítulo
Não viera a cabo em decidi-lo ao justo.'
—'Capítulo, dizeis!... A ser eu papa,
A concílio chamára a christandade:
E nem assim.'
—'Mas, padre, se mandassemos
Alguem adeante a ver se concertava
O caso co'esses negros monges? Negros
Sejam elles!'
—'Que raio de luz esse!
Inspirou-vos o ceo, ou san' Bèrnardo.
Sim, padre, sim, va vossa charidade,
E convenha com elles sôbre o modo
De se cumprir a nossa sancta regra.
Nós iremos emtanto a passo lento
Té que resposta da missão nos venha.'

XII

Assim se decidiu o grave caso
De consciencia; e assim a Deus prouvera
Se decidissem todos.—Deu d'esporas
Á nedea mula o sabio conselheiro;
E informada a princeza e seu cortejo
De accordam tam prudente, a passo tomam
O caminho do proximo convento.

XIII

Levam tempo disputas, e as fradescas
Mais que nenhuma. Escassa a luz incerta
Do crepusculo tenue, dubias côres
Ao vecejar dos campos dava ainda,
Ao lourejo das messes, e ao verde-alvo
Dos ferteis olivaes que a estrada bordam.
Por entre elles ao longo ao longo infiados,
Ia a abbacial cohorte caminhando;
E na vasta planicie, onde começam
A pesar raras as nocturnas sombras,
Os olhos com delicia se estendiam.
Fecha a maga, saudosa perspectiva
Ao cabo lá, cerrada cordilheira

De outeiros, cujo verde tachonado
Co'a pallidez das urzes que desmaiam
No ardor do Sirio, ainda o veo das trevas
Permitte distinguir. Um só mais calvo,
Negro e todo de solido granito
N'esse animado quadro parecia
Em scena tam vivaz quasi squeleto
De monte, e contraposta imagem funebre
Da morte, a tanto luxo e flor de vida.
Como atahude egypcio que entre os brindes
E prazer dos festins vem travar gostos
Co'a lembrança—terrivel!—do futuro.

XIV

Escarpado de agudas penedias,
Isolado, só, arido, e de pontas
De vivo seixo agudas eriçado
Estava o cêrro: como em mar d'areias,
Insoluvel theorema a sabios, se ergue
A obra dos Pharaós.—Iam vagando
Pelo variado aspeito d'este quadro
Os olhos dos viandantes... quando subito
No alto do escuro monte uma luz clara
Surdiu, desapparece; outra vez brilha,
E some-se... a luzir volve tranquilla:

Como um phanal que em costa mal segura
Ao prudente baixel do p'rigo avisa.

XV

Maravilhou a todos o spectaculo
Inesperado: a timorata infante
Cuida ja ver de mouras incantadas,
De feiticeiras más, de lobishomes
Toda a caterva em pêso a vir sôbre ella;
E não ousava rezar baixo o credo,
Nem *vade retro, Satana!* que dizem
Nem sempre coisas más se vão com rezas,
E ás vezes é peior, porque se assanham.

XVI

'Que será?' disse emfim um rumor surdo
De vozes dos que tremulos pararam,
E observam com terror a luz estranha.
—'Deus nos acuda!' baixo diz a infante.
—'E o padre san' Bernardo antes de tudo:'
Frei Soeiro emendou.
—'Certo me espanta,
Volve dom Nuno, o pagem da princeza:
'Certo me espanta este signal estranho,

Que por velas [1] de mouros o tomára
N'outra paragem. Bem travado co'elles
Anda o mestre dom Paio, que os deixasse
Passar do Algarve aqui. Áfe vos digo
Que este é o proprio signal que usa em seu campo
Aben-Afan.'
—'Aben-Afan!' repette
Em côro a comitiva espavorida
Com frigido terror. O mais tremendo,
E mais temido, acerrimo inimigo
Que tinha Portugal, era esse mouro
Pelos tempos d'então. Valente, ousado
Era elle, e senhor de grandes terras:
Todo o Algarve d'aquem o reconhece
Como a principe e rei temido e alto.
Suas galés innumeras infestam
Entre as columnas d'Hercules os máres.
Emvão com seus ardidos cavalleiros
Dom Paio, o mestre de Sanctiago o aperta:
Que do queimado Algarve nos castellos,
Firmes inda nas lanças musulmanas,
Profanas luas brilham.—Como as sette
Aureas tôrres no escudo lusitano
D'emtôrno ás sanctas Quinas se junctaram?

[1] Veja nota a este verso, no fim.

Como a nobre Tavira abriu suas portas
Ao portuguez? Como ao singelo titulo
De rei de Portugal o augmento veio
D'aquem e d'alem mar, que outros tam nobres
Trouxe depois?... Ja nobres, tristes hoje
Que só memorias tristes nos recordam
Do tam caro ganhado, e tam barato
Perdido...

XVII

—'Moiros são, dizeis, dom Nuno?'
Ao seu pagem a infante perguntava.
—' Real senhora, talvez não... É certo
Que este signal... Mas...'
—'E que monte é aquelle
Tam negro onde elle está?'
—'É o Monteagudo,
Senhora, nomeado n'estes sitios
Pelo seu ermitão que alli vivia
Inda ha pouco, e não sei se é morto ou vivo;
Mas ha bem tempo que o seu branco alforge
Não tem vindo a pedir pelas aldeias
Como vinha antes sempre: e eram disputas
A quem mais lh'o encheria entre as cachopas
E lavradeiras todas d'estas terras.

Teem-lhe uma devoção...'
—'Não me recordo
De o ver: e aqui tam perto do mosteiro
Lá iria alguma vez. Como se chama?'
—'Hugo... Frei Hugo é: e contam d'elle
Historias de pasmar; de que foi moiro
Ou com moiros vivêra largos annos
No Algarve; e era parente ou grande amigo
De um Garcia Rodrigues que lá anda,
Mercador muito ricco e nomeado,
Homem de prol porcerto e christão velho.
Mas Frei Hugo não sei...'
—'Poisquê?...'
—'É fama
Que a rainha do Algarve, ésta que é morta,
A mãe de Aben-Afan, a convertêra
Frei Hugo á fe de Christo, e que a princeza
Oriana á nascença baptizada
Fôra logo... mas dizem... É uma historia...'
—'Que eu quero saber, que me interessa.
Dizem o quê?'
—'Que a tal rainha moira
Tinha uns feitiços e uns taes olhos negros,
Que o frade, com ser frade...'
—'Basta, basta:
Parece-me que sei ja toda a historia.'

—'Pois sim. E que d'ahi, arrependido
Quando lhe ella morreu, veiu a estes sitios
Em vez de ir ao convento, e em Monteagudo
Fez essa ermida, e em cruas penitencias
De cilicio e jejuns consomme a vida.'
—Coitado! Deus se doia de sua alma!
E agora estou pensando que me lembra
De ter visto em Lorvão, na nossa egreja
Um ermitão rezando tam contritto,
Tam devoto. Quem sabe se era elle?
Mas se é morto, dizeis...'
—'Talvez não seja.'
—'Ou sería sua alma que ande em penas...
Frei Lopo, dir-me-heis tres missas negras
Por uma alma que está no purgatorio
E eu quero despenar...'

XVIII

Mal proferíra
As piedosas palavras a princeza,
Surde, como visão de spectro ou sombra,
D'armas negras armado um cavalleiro
E em corcel tambem negro—quaes os rege
A noute em carro d'evano. Passando,
Atravessou impavido as fileiras

Dos castelhanos, que tomados subito,
Como d'espasmo frio, nem ousaram
A fazer-lhe a pergunta costumada
De '*Por quem, cavalleiro?*'—Ia ja longe,
Quando acordados a bradar começam:
'*Por quem, por quem?*'—Mas elle, sem volver-se
Nem apressar o passo majestoso
Em portuguez tornou: Real, real
Por branca rosa, flor de Portugal!'
Deu d'esporas, e a rapido galope
Despareceu. Tranquillos foram todos
Co'a resposta, e contentes—que d'amigo,
Certo era: só dom Nuno lá dizia
Entre dentes baixinho: 'Amigo!... Embora.
Porém, áfe, cavallo e cavalleiro,
Tam christãos elles são, como eu sou mouro.'

XIX

Andando vão caminho do mosteiro,
E andando a noite mais e mais desdobra
Seu veo negro d'estrellas recamado,
Que, ausente, a lua sos no ceo deixava
Alvas brilhar.—Qual o festivo bando
De donzellas louçans no prado á sôlta
Em horas de recreio, e longe d'olhos

Sempre álerta, ligeiras danças formam,
Travam jogos brincões; surri-lh'o esmalte
Do campo, e as flores tam gentis como ellas.

XX

Mas ja cuidoso o rigido Soeiro
Co'a delonga do enviado reverendo,
Começa de assombrar-se-lhe a consciencia
Na idea de quebrar o mandamento
Cardeal dos preceitos bernardescos.
Ja entre a comitiva mal disposta
A acceder aos escrupulos do frade
Murmuravam alguns; e só continha
O respeito da infante, que assanhada
Não rompesse a questão entre os dous maximos
Podêres que este mundo entre si regem...

XXI

Eia! cobrae alento, animos fortes,
Que, vêdes, Lopo traz a medicina
Para escrupulos, fomes, e temores
De mal passadas noutes, magras ceias
E o mais que agora em vossas almas pesa.
—'Tremenda, padre; e viva san' Bernardo!'

Gritava ja de longe, esbaforido
Do galope em que vem.—'Viva a tremenda!'
Soeiro volve; e vivas lhe respondem
Da companhia alegre co'a mensagem.
Dobra-se o passo; cada qual se apressa,
Com olhos e alma no tinello[1] bento.
Branca, a formosa Branca de annos tenros
Á tutoria monachal affeita,
E sem vontade sua onde é senhora,
Vai onde a levam, e rezando sempre,
Começa uma novena e tres rosarios
Que nos p'rigos da estrada promettêra
A não sei quantos sanctos milagrosos,
Se á poisada ésta noute a salvo chega.

XXII

Correi, correi, ó nobres cavalleiros,
Correi, correi; san' Bento vos espera
Com farta ceia e regaladas camas.
Porêm, como os escrupulos cessaram
Do rigido Soeiro? como poude
O destro enviado congraçar diff'renças
De monges brancos e de negros monges?
—Facil não foi; travada houve disputa;

[1] Refectorio.

E a não ser o abbade, homem prudente,
Que o bago regedor metteu em meio
Da renhida contenda, hoje ao sereno
Ficáras, linda Branca delicada;
E de tuas faces as purpureas rosas
Ámanhan desbotadas não dariam
Inveja e zelos aos rubis da aurora.
Esses olhos tam puros, d'onde mana
Doce arroio de luz celeste e meiga,
Olhos, por quem amor dera o seu throno,
Dera um ceo de prazer e de ventura,
Se outro ceo, se outro amor ja não tomára
Para si todo, todo esse thesouro;
Esses olhos pesados do relento,
Morna a luz, sem fulgor, do novo dia
Não brilhariam matutinos raios:
Qual sóe brilhar no ceo a estrella d'alva,
Percursora do sol—tam radiante,
Tam majestosa não, porêm mais bella.

XXIII

Eis os repiques nas sonoras grympas;
Eis as tochas, e os canticos:—'Bem vinda
'A filha de Sion, bem vinda seja
A progenie dos reis, a casta espôsa

'Eleita do Senhor. São os seus olhos
'Como os da pomba quando em terno arrulho
'Anceia...'—Os padres bentos o cantavam,
Não sou eu que o inventei :—e outras mais cousas,
Excitantes imagens das delicias
Conjugaes d'alma: hymno exemplar e sancto;
Extrahido do cantico dos canticos.[1]

[1] Veja a nota a este verso, no fim.

CANTO SEGUNDO

I

Oh formosura! oh doce incanto d'olhos,
Inlêvo d'alma, paraqué no mundo
Te debuxou a mão da natureza?
Que vieste fazer do ceo á terra
Ornato de anjos, divinal reverbero
Da face do Creador?—A luz da estrella
No firmamento azul, o alvor da lua
Frouxo-brillante, e bello como a face
Da virgem que suspira por amores
Vagos, que em peito infante lhe despontam;
O surrir meigo da rosada aurora
Que vem o dia annunciar com flores

Roxas, colhidas nos jardins do oriente;
E o sol, orbe de luz no ceo, radiante,
Ôlho, imagem de Deus, clarão e vida,
Ser, existencia propagando eterno
Por innumeros orbes suspendidos
No espaço... oh! formosuras são condignas
Do edificio magnifico do mundo.
De taes incantos adornou sua obra
A mão que tudo fez.—A majestosa
Architectura do orbe foi traçada
Assim, n'um grande rasgo de belleza
Simples, sublime e grave como a idea
Que o concebeu no seio á eternidade.

II

Mas, homem, tu miserrimo dos êntes
Que se arrastam no espaço circumscripto
De um dos minimos globos do universo,
Insecto de um só dia, que nasceste,
Para continuar o élo da vida
Na cadeia dos seres!... que apontaste
N'um angulo da scena resplendente
Para ve-la, e ... morrer; homem, quem póde
Comprehender teu fado mysterioso
Nos destinos do mundo! E como aprouve

Á natureza—liberal, e avara
Comtigo, ja mesquinha, generosa,
Ja ricca em dons, ja pobre em faculdades,
Que te deu, te negou, e assim te ha feito
O mais raro phenomeno da terra,
Incomprehensivel, unico—homem, como
D'ésta sorte lhe aprouve á natureza
De ajunctar em teu rosto a formosura
Toda pelo universo repartida!
Como tu, vidro obscuro e quebradiço,
Em ti só concentraste o prisma inteiro
Das bellezas no mundo repartidas!
Ou zombas d'elle, ou alto é teu segredo
Acêrca do homem, creadora Essencia.

III

E então da especie na porção mais debil,
Mais fragil foi cahir todo esse raio
De formosura! Então para compendio
De bellezas e incantos, escolhida,
Foi a mulher!—De quem o cofre ricco
De mimos e de graças, confiaram!
Nossos prazeres todos, nossos gostos,
Consolações, allívio em mágoa, amparo
Na infancia, incanto em juventude, e arrimo

Na velhice, de ti, mulher, nos partem:
Concéde-los tu só, ou no-los negas.
Negas, e quantas vezes!—Mas tyrannos
Não somos nós, injustos, oppressores?
De quantas privações, de quaes tormentos
Lhe não travamos duros a existencia!
Que sordidos harens, que vis eunuchos
Tem o Oriente, sepulchros tristes de oiro,
Onde geme a virtude, e amor corrido
Cede a brutal desejo o faxo e a venda!
—Culpas, Europa, o musulmano barbaro?
E os teus carceres negros e traidores,
Onde á innocencia candida, á piedade
Arma perfido bonzo o laço astuto,
Laço, que, eterno, a vida, os gósos d'ella,
A ventura, o prazer d'um nó separa?[1]
Corta sem dó—crueis!—e até cerceia
O derradeiro bem d'um desgraçado,
A esperança?—Esperança! nem um viso,
Nem um só raio seu penetra os ferros
Da escravidão que só tem fim co'a vida;
Nem um só raio seu vai bemfazejo
Aquentar corações gelados, mortos!
Mortos, mas palpitando no sepulchro,

[1] Veja nota a este verso, no fim.

A que baixaram vivos.—Homem barbaro,
Ingrato e desleal, qual é seu crime?

IV

Escrupulos, adrede fomentados
Por ignorancia interesseira e baixa,
Quanta victima cega hão conduzido
Ao altar profanado de holocaustos
Tam sanguinarios, crus! A patria, amigos,
Casa paterna, maternaes caricias,
Doces futuros d'um espôso amavel,
De meigos filhos, sanctos gósos d'alma,
Dados de Deus—e tudo abandonado
Pela impia crença de que a Deus não prazem,
Que impureza os deturpa, o vicio os mancha,
E só do claustro para o ceo ha estrada.
Dogma fatal, preverso, injurioso
Á divindade!—Oh! victima innocente,
Formosa Branca, de tal érro foste.
Devota, pia, timorata e fraca,
Temeste o mundo, escolho de virtude,
E, sem o conhecer, fugiste o mundo.
P'rigos, cachopos tem o mar da vida,
Tredos baixos, procellas tempestuosas:
Mas o nauta que timido largasse

O baixel que o conduz á patria cara,
E dos riscos das ondas aterrado
Fôsse em algoso, ingreme cachopo,
Só, no meio dos máres accolher-se,
Onde nem doce esp'rança d'almo pôrto,
Nem confôrto da vida, nem uns longes
De melhor sorte, mas só érmo triste,
Mas só a vasta solidão do oceano...
Prudente o chamarias?—Ai virtude,
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

V

Trazei, filhos de Bento, as succulentas,
Largas postas do nitido cevado;
Correi devotamente ao dormitorio,
E em grosso pingue de toucinho gordo
Me affogae os escrupulos bernardos.
—Foi lauta a ceia e vasta: perus trinta,
Por cabeça os leitões, adens sem conto.
Não manjares opiparos, não brandas
Delicadezas d'exquisito gôsto,
Mas fartura, abundancia illimitada
Á portugueza velha.—Comeu pouco,
De extenuada, a mui formosa infante;
Mas por ella e por si, por um convento

Comeram os dois padres confessores.
Nem tu, mestre Gilvaz, em tal appêrto
De tentações, podeste recordar-te
Do fatal *omnis indigestio mala:*
Texto que em teu systema te confunde,
Unico em toda a vasta medicina,
Que interpretá-lo bem não conseguiram
Tuas doutas vigilias.—Ja repletos
Com tam frugal repasto ao leito foram,
E no primeiro somno em paz descançam.

VI

E ora de cruz alçada, e ceruf'rarios,
Em procissão coristas se incaminham
Com ingente marmita ao dormitorio
Onde jazem os hóspedes bernardos.
Supinos jazem, e jazendo roncam,
Mas ao devoto cheiro da *tremenda,*
E ao conhecido canto acordam presto.
E assim a procissão andando intoava:

CÔRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ

Macerae essa carne rebelde
Co' este gordo, tremendo boccado;
Sonhos maus, tentações do demonio,
Fique tudo em toucinho affogado.

CÔRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

OUTRA VOZ

Louvor seja ao glorioso Bernardo,
Que tam sancto instituto vos deu:
Sem *tremenda* quem póde salvar-se?
Com *tremenda* ninguem se perdeu.

CÔRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

VII

Co'este hymno monachal annunciavam
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos
A respeitavel hora da *tremenda:*
Uso antigo, sagradó, inalteravel
De monges brancos, e hoje por não vista,
Exemplar tolerancia permittido
Nos claustros pretos, não sem muito escandalo
Dos padres-graves rigidos da ordem,
Que altamente em capitulo altercaram,
Assignaram seu voto em separado,
E protestaram n'acta. Mas o abbade,
Mais tolerante ou mais cortezão que elles,
Relaxou, em respeito da princeza,
A monastica, austera antipathia,
E a liberdade franqueou de culto,
Por ésta noite só, em seus dominios.
—'E que nos faz a nós que os bons bernardos
Comam toucinho, ou não? argumentava
O philosopho abbade: 'ha hi peccado,
Ou offensa de Deus?'—Quê, padre abbade!'
Torna inflammado em zêlo um reverendo:
O quê? Indiff'rentismo em taes materias
É dos peccados todos o mais grave.

O que nos faz a nós que comam porco!
E os Judeus, o que importa que o não comam?
Mas para esses ha boas fogueiras;
E então estes...'—'Basta, padre: á ordem!
Por sancta obediencia vo-lo mando.'
E decidiu-se que a *tremenda* fôsse
Ponctualmente repartida aos hóspedes
Com todo o ritual prescripto e usado
Entre os gordos bernardi-brancos monges.

VIII

A procissão fôra direita á porta
Da abbadessa gentil; mas tam cansada
Se achava da viagem, que impossivel
Lhe era cumprir co'este preceito sancto
Da regra. Meiga voz disse de dentro:
'Dispensae-me hoje, que... não posso.'
—'Como?
Não posso!' brada em cuecas acudindo
Gorda, cachaci-pansuda figura
Que da fronteira cella a correr veio:
'Não posso! o quê? Não chega a tanto a bulla.
Dispensar! Com dispensas vai perdida
A egreja, e as ordens. Dispensar no caso
Mais grave, no preceito mais restricto

De nossa regra! Não, senhora minha:
Heisde tomá-la, ou não sou eu frei Soeiro.'
É atacava, dizendo, as descozidas
Bragas, que infiou á pressa arrebatado
De zêlo e rigidez.
—'Ésta só noite,
Ésta só por mercê e por piedade.'
Volve a sonora voz dentro da cella:
'Todo me doe o corpo fatigado.
Meu sancto patriarcha San' Bernardo,
Bem sabes tu se eu posso!'
—'Embora, embora:
Mais acceita será a penitencia,
Quanto mais custe. Vamos: vossa alteza,
Como prelada que é, deve ao exemplo
Sacrificar seu cómmodo e vontades.
Só assim se mantem a disciplina
Da ordem.'
—'Mas...'
—'Ver-me-hei pois obrigado
A fulminar da excommunhão os raios.'
—'Excommunhão!... não, não: eu abro, eu abro.
Misericordia! Não, reverendissimo,
Oh! não me excommungueis: um porco vivo
Comerei antes... antes.'
Uma idosa,

Bem apessoada dona abriu a porta;
E o rigido Soeiro, inda em cuecas,
Ponderoso facão na dextra impunha,
E em manta enorme atassalhando um naco
Tal, que a só vista d'elle affugentára
Synagogas inteiras, triumphante
Do alto podêr de sua auctoridade,
Com voz solemne e grave pronuncía:
—'Approximae-vos, abbadessa d'Holgas.'
E a timida innocente, a passo lento,
Ao bruto sacrificio se incaminha.
C'os lindos olhos mede o desmedido,
Bronco pedaço que o brutal bernardo
Para bôcca tam breve ousou talhar-lhe;
E c'um gesto de mágoa tam afflicta,
Mas tam formosa, tam incantadora,
Que abríra compaixão em bronzeos peitos,
Peitos de tigres—que não fossem frades,
Á repugnante, injoosa penitencia,
Resignada e humilde se offerece.

IX

Scena era digna do pincel flamengo,
Da natural simpleza ingenuo filho,

Ésta que n'alma agora me debuxa
O acceso imaginar... Pinta-me o escuro
Fundo do quadro com um longo e funebre,
Escasso-allumiado dormitorio.
Põe-me ahi, do painel na luz primeira
Timida e joven, candida beldade
Com alvas, longas roupas, e o veo alvo
Erguido, que descobre a face angelica,
Onde a amargura—não de paixões vivas
Que o rosto convulsivas desfiguram,
Mas a que o gesto juvenil risonho
Contrai á vista do pedante mestre
Brandindo austero a ferula temida.
Essa, essa angústia da innocencia, altera
A suavidade das feições divinas.
Deante d'ella, a comica figura
Do fradalhão bojudo, incarniçado,
Co'as grossas, curvas e cevadas fórmas
Transparecendo das ligeiras cuecas;
Na mão, tremenda posta de toucinho,
Que rindo amostra com prazer maligno
Á timorata virgem.—Gruppos negros,
Brancos de monges, de diversas côres,
Cavalleiros armados d'armas brancas,
Brancas sobrepelizes de coristas,
Em derredor com arte collocados...

Não fôra, se tal quadro executasse
Não fôra, entre os milhares de prodigios
D'essa eschola immortal, o menos bello.

X

Novo actor no meu quadro—nova, digo,
Figura, pois que fallo a lingua d'arte;
Ou então novo actor, porêm na scena:
Mestre Gilvaz, que acode ao arruido,
Despertando d'um sonho affadigado,
Em que se viu, qual Tantalo *inter dapes*,
De pasteis, de perus, de trouxas d'ovos
Cercado emtôrno... e a cada mão que estende,
A cada ávida bôcca que escancára,
Um livido aphorismo em feia fórma
De alado spectro, co'a aza de morcego
Lh'o arreda ácinte, e o cansa, o atormenta.
Tal o doutor de Sancho, no banquete
Da insula bemditta, sem piedade,
Um depós do outro, os almejados pratos
Ao faminto escudeiro denegava.
—Acordou do terrivel pesadello,
Á bulha da *tremenda*, e mal lembrado
Da verdadeira causa do alvorôto,
Que a taes deshoras o socego quebra

Da habitação monastica, aturdido
Ao sitio corre onde o arruído escuta.

XI

Estavas, linda Branca, n'esse instante
Resignada á injoativa penitencia
Que o teu cebento confessor, tam doce;
Tam deliciosa e branda parecia.
Eis bom messer Gilvaz entra esfregando
As inviscadas palpebras, e rouco,
Bocejando em hiatos tremendissimos,
De rebulicio tanto inquire a causa.
Viu-o a infante, e cobrando em seu desmaio
Um alento de esp'rança, os meigos olhos
Com supplice expressão volve ao galeno;
E—'Mestre Gil, oh! mestre Gil!' exclama:
'Valei-me por quem sois. Ai! não, não posso.
Mestre Gil, vós sabeis que fraco eu tenho
O estomago, desde a última doença,
Que aquellas dez garrafas, trinta pilulas,
Ptisanas, infusões, purgantes, tonicos,
E não sei que outros mais doutos remedios
Vosso muito saber me receitára.
Ai! acudi-me, senão d'ésta morro.'

XII

Os olhos magistraes de novo esfrega
Inda tonto de somno e mal desperto,
Chega á princeza, e quasi por instincto
Da doutoral natura, a mão estende,
E ao niveo pulso gravemente a applica.
—'Febre' disse: 'febricula; está duro,
Intermittente, vivo, e com seu tanto
De... Vejamos a lingua. E de appettite
Como vamos? Funcções segregaticias
Em regra? Bom: o caso é de importancia,
Mas não de p'rigo: a *historia morbi* é simples,
E a capitulação *tyronum minimo*
Perquam facilis. Pôstoque nos diga
O grande mestre, o sabedor dos sabios:
Ars longa, vita brevis; invertido,
Com o favor de Deus, ja muitas vezes,
Tenho o douto aphorismo: vida longa
Com arte breve. E assim heide emendá-lo
Na primeira edição *correctior, auctior*:
Ubi ars brevior, erit longior vita.
E que saiam a campo esses doutores
Da mula russa; a pé firme os espero
C'um syllogismo *em barbara,* outro *ad hominem,*

E tres cornudos, bifidos dilemmas
Que lh'hãode estopetar as cabelleiras,
E fazer comer terra á faculdade.
Ignorantões! heide incová-los.'
—'Vède
Que é urgente...'
—Se é urgente!... Ah biltres,
Sevandijas de borla, vis insectos!
Pretender insinar-me, a mim, ao mestre
Gilvaz, doutor pela alma academia
De Padua, que tres dias successivos
Sustentei a pé firme as minhas theses,
E esgrimi c'os primeiros disputantes
De Bolonha e Paris! A mim, birbantes,
A mim!'... E no ardor da dialectica,
Com pés e mãos fallava, e combatia
Imaginarios zoilos, atrevidos,
Petulantes, ignaros aristarchos,
Que, ás lançadas de vivos argumentos,
Desmontava do arção, prostrava em terra
Na escholastica arenna estatelados.
Embalde o implora, o chama a gentil Branca,
E a circumstante turba ás gargalhadas
Lhe responde aos somnambulos discursos
Que não intende: mais e mais irado
Lhes torna: 'Ignorantões, a mim, birbantes!'

Não esquecendo assim, nem quando em sonhos,
Da faculdade a natural modestia.

XIII

Frei Soeiro, emtanto, co'a *tremenda* em punho
Insta; Branca suspira, e incara o dóctor;
A fradalhada ri; Gilvaz redobra
De enthusiasmo; o confessor declama;
E em gritaria tal ninguem se intende.
Quando um leigo a correr esbaforido
Vem a gritar: 'Misericordia! acudam...
Misericordia! Moiros no convento.'
—'Moiros!' repete unisona a caterva;
E os berros de Soeiro, os argumentos
De Gilvaz, as risadas dos coristas,
Tudo parou n'um gelido silencio.
Como n'harpa festiva os sons alegres
Do trovador que feriu setta imiga,
Quando animava co'as canções divinas
As danças dos zagaes no flóreo prado:
Mas o cruel archeiro d'alta tôrre
O mirou certo ao coração, e fria
Pára a mão, que as vibrou, sonoras cordas.

XIV

Moiros!... Com olhos fixos e pasmados,
De susto e medo atonitos se incaram
Uns aos outros, e como que perguntam
Em seu mudo fallar: 'O que faremos?'
Dos cavalleiros a mor parte dorme;
E os que velavam co'a funcção nocturna,
Da órgia monachal, tomados subito
De terror imprevisto, accovardados,
Sem ânimo, sem fòrça, irresolutos,
Em pavor frio como os outros gelam.
'Que faremos?'—'Ás armas!' gritou Nuno:
'Animo! ás armas, e segui-me todos,
Que eu...'—Não bem proferira éstas palavras,
Tremendo *Allá* soou pelas abobedas
Agudas do comprido dormitorio,
E os alfanges nas trevas scintillaram
Mal acclaradas das nocturnas lampadas.
Luziram finas pedras nos doirados
Broches d'alvos turbantes.—*Allá* soa...
E os frades, o doutor e os cavalleiros
Se viram n'um instante sôbre os peitos
Apontadas as duras cimitarras,
Cru terror de christãos.—Nem um suspiro,

Nem um ai: mãos atrás, e um nó valente
De rijo esparto—Nuno só, que em tanta
Desordem conservou cordura e alma,
Das mãos do frade toma a cruz que guiava
A procissão burlesca, e a golpes vivos
Co'a bandeira da fe a infieis combate.
Sôbre elle alfanges cento a golpes chovem,
Se descarregam ponderosas hachas,
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro
Fere, estrue, defende-se, e derruba
Inerme e só ao ismaelita armado.
Não lhe comporta o generoso peito
Perder, sem disputar, a liberdade,
E antes a vida, que a honra, barateia.
Caminho se abre entre as cerradas turmas
Das moiriscas espadas... Espantado
De tanto esfôrço, e como que vencido
D'um podêr sup'rior, recua o moiro;
E o intrepido mancebo, defendendo-se,
Retirando-se, emfim a escada alcança.
C'um desesp'rado golpe e furibundo
Aterra os que mais proximos o seguem;
A pulos desce, atravessou a crasta,[1]
—Como sulco de luz na tempestade,
Que as nuvens rasga, e some-se—na cêrca

[1] Claustro.

Entre árvores e o escuro desparece.
—Deixae-o:' disse entre os infieis um d'elles
Que o nobre ad'man, o ricco dos vestidos,
E o respeito que os outros lhe catavam
Seu chefe mostra ser: 'quem tam valente
Assim defende a liberdade e a vida,
É digno de as gosar: ninguem o siga.'

XV

Quem é este inimigo generoso,
Que alma tam nobre em peito infiel incerra?
Quem é este guerreiro musulmano
Que tam gentil, tam majestoso brilha
Nas picturescas arabes alfaias
Que o talhe heroico, o altivo porte, a graça
Esbelta, de marcial belleza arreiam?
Branca emtôrno da fronte em tresdobradas
Voltas o cinge estofa resplendente
Como a neve nos picos annuviados
Da serra das Estrellas. Puras virgens
A deduziram em lidados fusos,
Do Alvor nos verdes plainos, e a téceram
Ao som das namoradas cantilenas
Dos romances do Oriente, que as memorias
Contam d'avós nas terras apartadas,

D'onde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pela offendida
Honra da loira virgem.—Incurvadas
Em demi-lunar círculo rebrilham
A esmeralda da côr dos verdes campos,
E a saphyra que o azul do ceo reflecte,
E as amethystas roxas como a humilde
Violeta modesta, que se esconde
Do sol creador na flórea primavera.
Olhos negros—tam negros como as tranças
Que, ao destoucar-se, a noite esparze longas
Pelas eburneas costas—vivo lume,
E o fogo da progenie do deserto
Do rosto baço, como tochas, lançam
Accesas no aguçado minarete
Á hora das preces, na mesquita. Baço,
Baço é o rosto—que o sol crestou as faces,
Ha longas gerações, da raça altiva
Dos filhos do ermo,—porém bello, e cheio
De animada expressão; e o vivo realçam
Carmim das faces crespos fios d'evano,
Que em anneis romanescos lhe dividem
O bem fendido, nítido bigode.
Fórra-lhe o peito cota de aço fino
Intalhada em lavor custoso de oiro.
Longo, pesado e curvo alfange pende-lhe

Fiel á esquerda: a morte se ha postado
Nos gumes d'esse alfange, e dahi colhe
Ampla ceifa de vidas. Quantas lagrymas
De viúvas, d'orphãos n'esses feros gumes
Corrido teem, sem lhe imbotar os fios,
Sem lhe imbacear a lamina brilhante!

XVI

E este era o chefe da infiel cohorte,
Que o sancto asylo a profanar se atreve
Da monachal virtude. Prêso o abbade
C'o resto de seus monges que dormiam,
Com os mais castelhanos cavalleiros,
A quem grilhões pesados despertaram
Do brando somno, todos manietados,
Excepto Nuno, quantos habitavam
O mosteiro essa noite malfadada,
Ao vencedor seus campeões os trazem.

XVII

E de ti, linda Branca, de ti, bella,
Mimosa dama tenra e delicada,
Ai! de ti com horror meu canto foge.
Cortada a voz nas cordas do alahude

Teu destino cruel dizer não ousa.
Virgem botão, que ao sol desabrochavas
Em jardim de virtudes, ai! colheu-te
Grosseira mão do salteador dos bosques.
Quem te defenderá? Tua virtude?
Ceos! a candida rosa da innocencia
Faltam-lhe espinhos que do vicio a guardem.
Irás, filha de reis, sangue d'Affonso,
Ramo augusto d'essa árvore frondosa
Que germinou nos campos da victoria,
E co'as raizes no sanguento Ourique
Topeta os astros da estellada esphera,
Irás pois tu, que os thalamos doirados
Dos principes da terra desprezaste,
E repoisavas gemedora pomba
Nivea no seio do celeste amado,
Irás de immundo harem victima abjecta,
A prazeres infames, e ao capricho
De barbaro senhor jazer escrava?

XVIII

Correi, lagrymas tristes, deslaçae-vos
Do coração, onde pesais tenazes,
Dolorosos soluços; âncias cruas,
Sahi, terriveis apperturas d'alma,

Vinde em máres de pranto aos olhos turvos,
Espalhae-vos em nuvens de suspiros,
Desaffogae-lhe o peito comprimido:
Para um só coração é muita mágoa.
—Chora, linda princeza, o teu destino,
Sôbre teus dias malfadados chora;
Essa flor de belleza, essa virginea
Candura de innocencia...Oh!...
Mas na face
Da real donzella que expressão eu vejo?
É afflicção, é dor? Não.—Qué! sem medo,
Sem horror incarar o gesto impuro
Do inimigo da fe!—Que olhar tam doce,
Que lhe ella lança! Crêras que um incanto
Acintoso de occulto malandrino
Lhe desvairou o coração e os olhos,
Que aos do moiro gentil rendidos tendem,
Qual tende, por incognito feitiço,
Do norte ao pólo a namorada agulha.
Não ha surriso nos vermelhos labios,
Não ha meiguice nos brilhantes olhos,
Mas ha não sei que pensamento languido
A ressumbrar de toda essa figura
Angelica, divina, que o desprêzo
Justo, que as sanctas íras não souberam
Onde, em tanta belleza, debuxar-se.

Elle o joven traidor, elle o conhece:
E o que não adivinham cubiçosas
Vistas de gentil moço? o que não sabem
Ler nos de virgem olhos de mancebo?

XIX

Quem se ajoelhou ante a real infante?
O bello moiro foi. Quem lhe protesta
Respeito e vassallagem? Tu, formoso
Neto de Agar.—Como o escutaste, ó bella
Filha de Affonso?—Murmurando as cordas
Da minha cetra... não, christan vergonha
Não a ousam dizer. As niveas azas
O anjo guardador desprende, e foge
Para o ceo d'onde veio; a triste nova
Leva ao pastor d'uma perdida ovelha.
Perdida! Sim: á torpe voz do moiro,
Ás impuras palavras... Branca, a filha
Dos reis da terra, e do celeste espôsa
Branca surriu, corou... e a surrir volve.
O atrevido imprimiu osculo ardente
Na mão de neve, que se intrega ao beijo,
E—vergonha fatal de ceos e terra!—
Parece no contacto invenenado
Estremecer-lhe co'a impressão lasciva,

E no deleite infando intorpecer-lhe
Alma, sentidos, coração, e a... honra!
—Tal em cheiroso banho aspide amigo
Voluptuoso suícida applica ás veias;
Tal perde a vida em languido lethargo,
Que, não transe de morte, mas tranquillo
Adormecer de vida, e socegado
Antes dirás repoiso da existencia.

XX

Um brado o moiro deu: os seus o intendem,
Partem.—Voae, voae, correi ligeiros
Co'a ricca joia que levais roubada;
Correi, que atrás de vós vingança corre.
De exterminio e de morte vejo armadas
Lusas phalanges, denodadas hostes...
—Oh! defende-os, amor: pune-os, virtude.
E que merecem elles?—O castigo.
Mas castigar amor! O ceo tem raios,
E a crime tal nunca os mandou á terra.

CANTO TERCEIRO

I

Que monta a razão frigida, e o pesado
Cálculo de medidos pensamentos
Pela bitola compassada, estreita
D'essa philosophia austera e sécca,
Seva tyranna d'alma que em tam brando
Sonho nos accordou de illusões doces?
Phantasias embora... mas tam lindas,
Tam deleitosas! mas reaes prazeres,
Bens, verdadeiros bens, que os nós gosavamos,
E satisfeitos de sonhar dormiamos.
Despertos que incontrámos? Nossos olhos,
Descerrados á luz, que vêem, que acharam?

II

Triste realidade da existencia,
Esqueleto da vida descarnado,
Que es tu sem as ficções que a imbellezavam?
Ficaste como a varzea requeimada
Do ardor do muito sol, sem flor, sem relva,
Arida, feia. Mas o sol é vida,
É a luz creadora do universo...
Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos,
Nem tanto sol que nos deseque o prado.
Razão, que es d'alma o sol, gyra em nossa alma,
Dá-nos dia e clarão ao pensamento;
Mas de teu carro a ardidos Phaetontes
Nas inexpertas mãos não ponhas redeas:
Tocha que foi de luz, será d'incêndio
Faxo terrivel—e o calor de vida
Labareda volcanica de morte.

III

Oh! magas illusões, oh! contos lindos,
Que ás longas noites de comprido hinverno
Nossos avós felizes intertinheis
Aopé do amigo lar, ao crebro estallo

Da saltante castanha, e appetitoso
Cheiro do grosso lombo, que volvendo
Pinga e rechia sôbre a braza viva!...
Pimponices de andantes cavalleiros
Capazes de brigar c'o mundo em pêso,
Malandrinices de Merlin barbudo,
Travessuras de lepidos duendes,
E vós, fermosas moiras incantadas,
Na noite de san' João aopé da fonte
Aureas tranças com pentes d'oiro fino
Descuidadas penteando—emquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lucidos anneis de perlas touca...
Oh! magas illusões, porque não posso
Crer-vos eu co'a fe viva d'outra edade,
Em que de bôcca aberta e sem respiro,
Sem pestanejo um só, de olhos e orelhas
No *Castello* escutava a boa Brigida [1]
Suas longas historias recontando
D'almas brancas trepadas por figueiras,
D'expertas bruxas de unto besuntadas
Ja pelas cheminés fazendo vispere,

[1] Pequena quinta que foi da minha casa, na qual passei os primeiros annos da infancia, e ouvia as historias da boa Brigida, velha criada que tinha todo o geito e traça de bruxa, e era chronista mor de feitiços e milagres.

Ja indo, ás duzias, em casquinha d'ovo
Á India de passeio n'uma noite...
E ai! se o gallo cantou, que á fatal hora
Incantos quebram, e o podêr lh'acaba.

IV

Não gósto de Irminsulfs, nem de Theutates,
Nem das outras theogonicas prosapias
De runica ascendencia. As alvas barbas
Do padre Ossian (Macpherson foi seu nome)
Tam prezadas do douto Cesarotti,
Tam favoritas do Alexandre corso,
Não me incantam a mim, não me imbellecam,
Como aos outros cantores alamoda
Que a nossos doces climas transplantaram
Esses gelos do norte, esses brilhantes
Caramellos dos topes das montanhas...
Do sol do meiodia aos raios vivos,
Parvos! se lhes derretem; a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos crystaes, em agua chilra.

V

Em beldades varía a natureza
Pelos paizes do orbe; vária a siga

Em suas fórmas gentis a arte que a imita.
Ves essa dama de doiradas tranças
Nas sempre verdes, arrelvadas margens
Do frígido Tamisa passeiando?
Ves? na mimosa face alva de neve
Transparecem-lhe as rosas, um suspiro
Concentrado no intimo do peito
Lhe anceia o coração: talvez a morte
Lhe cerceou dos gosos da existencia
A amizade, ou amor n'um caro objecto.
Magoada, mas sem lagrymas,—afflicta,
Mas sem as convulsões que a dor expressam
No desespéro, no delirio d'alma,
Que só tuas praias vêem, teus bosques ouvem,
Vecejante Pamyso, Tejo aurifero,
Manso Guadalquibir e flavo Tybre.
Ve-la? seus olhos côr do ceo resplendem,
Mas como o ceo resplende annuviado
De vapor leve e raro.—Essa belleza,
Essa dor, esses campos, todo o quadro,
Harmonizam co'a propria natureza.
Mas dá que inhabil mão teu painel pinte,
Que os olhos negros, vivos, scintillantes
Da formosura austral lhe désse ignaro;
Que n'esses labios, onde treme a furto
Suffocado soluço, debuxasse

Desaffogada a dor em pranto acerbo,
Em suspiros, gemidos agudissimos
Que vão ferir o ceo com agras queixas;
Que essas tranças tam lindas, que são de oiro,
Sem arte não, mas com singelo allinho
N'alva frente inastradas, lh'as tingisse
Da côr que pôs a noite nos ondados
Cabellos das donzellas portuguezas,
E em feições que revellam pouco d'alma,
(Que a alma n'esses paizes regelados
Toda no coração, não vem ás faces)
Expressasse, com arte monstruosa,
As paixões, cujo incêndio em nossos climas
É labereda que scintilla, estalla,
E em chamma abrazadora aos ceos se eleva,
Mas nas regiões do norte é fogo lento,
Que amortecido á vista, arde e consumme,
Não chammeja, não brilha, mas intenso,
Occulto lavra, e no intimo devora...
A este meu quadro, *credite Pisones,*
Semelha a parte maxima dos quadros
Que assoalham por hi trovistas mores
N'essa feira da ladra de consoantes,
Que não incaixam cavallar pescosso
Em humana cabeça, mas caveira
Burrical orelhuda em corpo d'homem.

VI

E eu em criticas, eu poeta humilde,
Cujo ignorado nome á sombra dorme
Do nada protector a que me abrigo,
Que não tenho, não quero, não procuro
Nem Mecenas a quem dedicar odes,
Nem Augustos de quem *pechinchar* tenças,
A dar preceitos eu!... Perdão vos peço,
Laureados habitantes d'esse monte,
Onde c'o vosso Pegaso, irmão d'armas,
(Armas terriveis que jogais tam mestres!)
Pela divina relva andais pastando,
E á sacra fonte ides beber com elle:
Perdoae-me, que eu volto ao meu assumpto,
E a cavallos e a vós, e á mais companha
Quadrupedante deixo em paz no Pindo;
Em paz—e ás moscas—que assim vai o mundo.

VII

Vivam as fadas, seus incantos vivam!
Nossas lindas ficções, nossa ingenhosa
Mythologia nacional e propria
Tome emfim o logar que lhe usurparam

Na lusitana antiga poesia
De suas vivas feições, de sua ingenua
Natural formosura despojada
Por gregos deuses, por espectros druídicos,
E com postiças, imprestadas galas
Arreada sem primor, ricca sem arte.

VIII

Qual a innocente virgem das florestas,
Que as lindas tranças de grinalda simples
Da musqueta selvagem adornava,
Bella, tam bella como a luz que nasce
Alva no arraiar d'um puro dia
Do flóreo Abril; se habitador ocioso,
De corrupta cidade em tal brancura
De singeleza pôs nódoa de vicio,
E maculou c'o halito pestifero
Esse lirio que foi glória do prado,
Então brocados, então pannos d'oiro,
Bordadas telas, cortezãos donnaires,
Pelo perdido ornato da innocencia,
Se esforçam — preço vil! — de lh'os dar novos.
Mas ah! sob essa pompa os não affeitos
Membros definham, e nas faces pallidas
Arrebique impostor não suppre a rosa,

Nem os diamantes, que na frente brilham,
Imprestam luz aos olhos 'mortecidos.

IX

Mas se ha paiz, se ha clima onde pareçam
As illusões de nossa prisca edade
Reaes nascer da propria natureza,
E co'a verdade unir-se tam estreitas,
Que as não distinguirás,—teus verdes bosques,
Teus palmares, teus aridos desertos,
Tuas rocas ermas, tuas sos areias,
Áquem, além de varzeas que vecejam,
De chrystallinas aguas marchetadas,
Ardente Algarve, são: tu, não cantado
Téqui de nossos vates, em meus versos
Não insensiveis ás bellezas tuas,
Verás por ti um brado erguer-se á fama.

X

No mar que Europa de Africa divide,
Entra, como a explorar o seio ás ondas,
O saxeo promontorio que de Sagres
Tem hoje nome. Na moderna historia
Dos povos do universo, porventura

Não ha hi ponto do orbe que assim lembre
Tanto feito de glória e de heroísmo;
Nem ha padrão erguido por mãos d'homens,
D'alto custo e lavor, que outra recorde
Epocha tal aos seculos e edades.
D'alli Henrique aos astros perguntava
Da eternidade a estrada: e novos mundos,
Novos climas e ceos lhe appareciam.
D'alli os curvos lenhos desprenderam
Primeiro o voo audaz a ignotos máres.
Alli o berço foi da lusa glória...
Crêra-lo hoje sepulchral moímento
D'essa glória defuncta. Ruinas tristes,
Esbroados pardeiros—oh vergonha!—
São as tôrres d'Henrique. Affasta os olhos,
Viandante, não vejas esse oppróbrio
Da nação que a primeira foi no mundo
Em nobrezas—outr'ora... hoje—em miseria.

XI

D'ahi se extende, ao longo pela costa,
Fertil porêm inculto, agreste plaino.
Jamais pesado boi guiou arado,
Ou conduziu charrua egua ligeira

Por tam bravia terra; inteira crêras
Guarda da creação a virgindade.
Mas seu aspecto não arido e bruto,
Não selvagem parece. Alli não moram
Lanosos cardos, çarças espinhosas;
Nem coroada de abrolhos eriçados,
Como em dominio seu, sôbre a calcada,
Amarellenta relva se divisa
Sêcca esterilidade passeiando.
De viço e fresquidão verdeja o prado,
E aqui, alli, tufados ramilhetes
Do recendente amargo rosmarinho,
Do alecrim floreo-azul seu doce aroma
Com a brisa do mar na terra exhalam.
Formosos pães cubertos de verdura,
Outeiros de palmeiras coroados,
Montes ao longe, alvos areaes a um lado,
Onde o próvido insecto, auxiliando
Trabalhos d'arte e fôrças da natura,
A sacarina flor no botão pica,
E ás carregadas árvores augmenta
O dulcissimo pêso.—Lá n'um alto,
Entre árvores espessas e copadas,
Entre gigantes palmas,—dobradiças
Olaias que os floridos ramos curvam
Descahidos, qual dama delicada

Os lindos braços n'um desmaio languido
De mimosa descai—roxos sycomoros,
E a larangeira que matiza os pomos
D'oiro co'a argentea flor—entre este luxo
De vecejo e fragrancia,—meio vista,
Meio incuberta da ramagem spessa,
Maravilhosa fábrica se erguia
De palacio, onde quanto o ricco Oriente
Tem de brilho e de gemmas resplandece.

XII

Ligeira e leve é a fórma: quasi aerio
Paço o crêras de fada inamorada,
Que o ergueu com palavras mysteriosas
N'uma escondida nuvem, para estancia
De gentil cavalleiro que ha roubado
A amores de princezas.—Com surriso
Desdenhoso observára a architectura
D'esse estranho edificio, o allumno rigido
Da antiguidade classica: nem jonio,
Nem dorio, nem italico, nem mixto,
De nenhuma ordem é; menos lhe víras
Os gothicos florões, os recortados,
Ou o grave da saxonica rudeza.

Não lhe descubriria o proprio Volney
Chaldeu vestigio ou nubico rastejo:
Nem tu, famoso Jones, conseguíras
De lhe dar scientifico interêsse
Por índico, indostan, mogol, ou persico.
Nada d'isso é, e todavia é bello,
Em que lhe pez a sabios, mestres d'arte,
Doutores, antiquarios, dilettanti,
Virtuosi, amateurs e professores.
—Disputa sine fine travariam
Sôbre elle as duas bellicas phalanges
Que ora na arena litteraria pugnam,
E aos grasnantes jornaes dão thema eterno
Para encher as politicas lacunas.
Ja se ve que de *classicos, romanticos,*
Guelphos das lettras, gibelinos da arte,
Fallar intendo; paz seja com elles,
Assim como c'os outros disputantes
D'este disputativo por essencia,
Inquieto mundo, aonde todos ralham
E ninguem tem razão.—Eu por mim deixo
Jogar as cristas a essa gente toda.
Para mim só desejo a paz d'espirito,
A consciencia limpa, e as frugaes sopas
Ganhas com suor honrado. Ésta ventura
Góso eu, mercê de Deus, pezar de ingratos...

XIII

E a minha historia, e o meu lindo palacio?
Maldictas reflexões! Tórno ao meu conto;
E quem quizer achar a margarita,
Como o pinto da fabula esgravate.
—Era pois o tal paço o mais formoso
Que se viu nunca; em pedras preciosas
Todo incravado, todo reluzente
D'oiro e diamantes. Unica uma grade,
Tambem de oiro macisso, as portas fecha
Do paço e dos jardins: velam á entrada
Dois enormes leões, que noite e dia
Solicitos a guardam, nem se affoita
Mortal nenhum ao limiar terrivel.
Certo é porêm que ás vezes fatigados
Os leões adormecem: mas quem sabe
Quando elles dormem?—Muitos, outro tempo,
Vendo-os d'olhos fechados, se atreveram
A entrar a porta, e foram devorados
Pelas terriveis feras que dormidas
N'esse instante suppunham. Incantado
É este paço; e os leões de incanto
Os olhos, quando dormem, arregalam.

XIV

Quem o soubera! — Um só n'aquelles tempos
Sabia este segredo incantadiço;
Do Algarve d'áquem mar era o rei joven,
O bello Aben-Afan. Rumor havia
Entre o povo que um dia andando á caça,
Co'esses formosos paços deparára,
E ou fosse acaso, ou certo conhecesse
Quando os leões dormiam, penetrára
Sem p'rigo algum pelos jardins defesos;
E de condicção que é, ousado, e amigo
De aventuras correr, entrára ardido
No palacio e nas salas marchetadas,
Que dizem todos ser, de pedras finas
Com brilhantes recamos d'oiro e seda.
Do que elle lá passou ninguem o sabe;
Mas sabe-se porêm que sette dias
E sette noites demorou nos paços,
E ao septimo volveu triste e pensoso,
Pallido, melancholico, fallando
Amiude só. Por vezes, quando em sonhos,
Ou quando solitario passeiando
Do alcaçar nos eirados, alta noite,
Ou no alvor da manhan, ignotos nomes

Murmura estremecendo; e ora em batalhas,
Ora em reinos, victorias e conquistas
Discorre, e com o alfange denudado
Meio mundo ameaça... ora affinando
O moirisco alahude, em saúdosos
Requebros, namoradas queixas sólta
Com que parece dar allívio a mágoas
Que em segredo no íntimo o devoram.

XV

Desde então o terrivel inimigo
Dos portuguezes, hoje em guerra viva
A fogo, ferro e sangue os segue e accossa,
Entra por suas terras, leva a morte,
O pranto e a confusão por toda a parte;
E, sem causa ámanhan subitamente
Ao vencido inimigo a paz implora,
E em ocio vergonhoso inteiras luas
Passa, como imbebido nas aerias,
Vagas idéas que lhe agitam alma.

XVI

Quasi vai a fechar segunda Egyra
O círculo lunar, desde que o mestre

De Sanctiago, ousado cavalleiro,
E o mais valente portuguez que a espada
Jamais cruzou c'o mahometano alfange,
Pelas terras do Algarve se affoitára
Em correrias com seus nobres freires:
Ja em Cacella, preço offerecido
Por Estombar e Alvor antes ganhadas,
Os pendões da conquista tremolavam;
E Aben-Afan com pouca resistencia
Indifferente os ve tallar seus campos,
Tomar suas villas, e arvorar a roxa
Cruz da Espada nas tôrres e castellos,
Que de seu preito são. Ferve-lhe o sangue
Co'a affronta aos indignados adalides...
D'elle não curam ja, sua lei defendem,
Por suas terras acodem. Trava a guerra,
A mais e mais, com furia entre os de Christo
E o mussulmano; mas o rei mancebo
Da antiga Sylves no doirado alcaçar
Só, pensativo tristes dias passa.

XVII

Lá despertou agora... e silencioso
Ei-lo que á pressa, á pressa as armas veste...

É noite, é noite escura, e o ceo tam negro,
Que nem estrêlla tem. Abre-te, porta,
Porta de Azoia, ao teu senhor. Seguido
Ei-lo vai de seus fortes cavalleiros,
Os mais fieis e os mais intimos d'elle,
Costumados, da infancia, a accompanhá-lo
Em suas aventuras. Onde, aonde,
Rei do Algarve, onde vas assim montado
No teu corcel querido, cujas pretas
Clinas se intrançam com listões de purpura?
Onde assim vas de teus fieis cercado,
E a taes deshoras? Surpr'ender o imigo
Em cilada ardilosa? A dar soccôrro
A sitiado castello mal defeso,
Ou de violento golpe entrar nas tendas
Dos christãos, e acabar co'a raça impía
Dos jurados imigos do Crescente?
—Quem sabe aonde! Veo impenetravel
Do mysterioso principe os designios
Incobre a todos. Contra os portuguezes
Não foi elle, que as luas mahometanas,
Deante a roxa espada vacillando
De Sanctiago, seu fulgor perderam;
E o mestre, da victoria precedido,
Ja de Tavira ás portas se apresenta.

XVIII

Ja mais do que metade discorrêra
A lua de seu gyro, e ninguem sabe
De Aben-Afan. Por onde o traz seu fado?
Oh! negra sina entrou n'essa familia
C'os feitiços da mãe! Ella, descrida
Nazarena morreu. A filha, a bella,
A discreta Oriana, desde o berço
Nas impias aguas dos christãos banhada
Por esse Hugo traidor que a mãe perdêra,
Nunca o rosto volveu á sancta Kaaba,
Nem jurou n'um só Deus e em seu propheta:
E fugiu d'entre os seus, e amaldiçoada
Lá se foi a adorar extranhos deuses
Em terras de infieis. Se a ultima esp'rança
Do Algarve, esse rei moço, tam querido,
Tam leal, tam gentil, tam cavalleiro,
Tambem assim, tambem por maus feitiços
Renegára da fé do Koran sancto?
E a antiga coroa d'estes reinos,
Ja tam vastos, aos pés ambiciosos
Arrojará d'esses monarchas de hontem?
Esses reis portuguezes em ma hora
Vindos a Hespanha, confusão, ruina,

Perdição de Ismael!... Oh! impossivel:
Grande é Deus, e Mahometh é seu propheta,
E Aben-Afan seu servo. Animo e ávante!
Que elle a nós voltará. Sua espada é nossa,
Seu coração por nós, e Allá por todos.

XIX

Assim os adalides, deplorando
A falta de seu rei, se consolavam,
Co'estas, esp'ranças fingem alentar-se:
Fingem, que o pobre reino dos Algarves,
Aos pés dos cavalleiros de Sanctiago
Passo a passo fundia. Ganhar tempo
Demorar, esperar só lhes cumpria.
Ja de puro cançados, a Dom Paio
Treguas propoem; elle por breves dias
O pedido favor lhes concedia.

XX

Mas que phalange é essa de guerreiros
Que vão, longo do mar, nos corceis férvidos
Correndo á brida sôlta? Um que se eleva
Sôbre os outros—qual se ergue no deserto
A palmeira coroada sôbre a grama

Que á raiz se lhe acoita—e que montado
N'um formoso andaluz da côr da noite
A comitiva bellica precede,
Quem é elle? Será o rei do Algarve?
Aben-Afan será? E essa beldade
Que d'arção leva e que sustém nos braços?
Onde a conduz, e donde a traz roubada?
Roubada a traz!... Mas no formoso gesto
Da bella não se pinta o desespêro
Cruel da dor; sua nivea frente ingenua
Poisa no seio do gentil guerreiro,
E seus olhos do puro azul da esphera
Volve, de quando, em quando, aos olhos negros
Do que a leva nos braços. Não afflicto,
Não é convulso o olhar, mas triste e languido:
Porém, se amor ou mágoa lh'o imbrandece,
Quem poderá saber?... Suas longas vestes
Alvas de neve, sua touca airosa
Como de christan virgem dedicada
Aos altares, parecem.—Mas na frente
Dos que a levam resplende a maura lua
No inroscado turbante!... Ja do outeiro,
Onde o splendido paço se divisa,
A costa sobem, á doirada grade
Se approximam... abriu-se per si mesma,
Como incantada que é, e os leões fulvos

A juba sacudindo, franca entrada
Ao guerreiro gentil e á bella deixam.
Mas quando os outros ao limiar vedado
Ousam de se affoitar, as portas fecham-se
Com terrivel fragor, os leões rugem,
E os corceis espantados, eriçando
De horror as crinas, voltam, e sem freio,
Sem govêrno, com furia partem, voam,
E em pulverosa nuvem desparecem.

XXI

Agora occulta mão tomou as redeas
Do formoso gineta, e o leva ás fartas
Cavalharices, que reluzem de oiro,
E são mais riccas do que salas régias
Em paços de monarchas opulentos.
Agora, dando a mão á bella dama,
O cavalleiro sobe os degraus lucidos,
Escadas de diamante que juncavam
Mais lindas flores do que a linda rosa,
Mais fragantes que o oleo precioso
Dos vergeis do Thibet. Agora, entrando
Por galeria longa, taes prodigios,
Taes maravilhas que seus olhos viram,
Não ousarão meus versos descrevê-las.

Mas ao cabo, de solido carbunc'lo
Fechada porta jaz; lê-se em arabigo
No limiar da porta este lettreiro:

AO REI SEM REINO
À ESPÔSA SEM MARIDO.
ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:
PENSA! PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES.

Ferem os olhos do guerreiro as lettras
Fatidicas; e a mão, que ora apertava
A delicada mão da linda dama,
Largou-a, e froixa cai; mudo e co' rosto
No chão, parece meditar profundo,
Em penosas ideas concentrado.

XXII

—'Sim, resolvi' clamou, e a mão da bella
De novo toma, ao coração a leva,
E 'Resolvi!' clamou: 'perca-se tudo...
Oh! tudo, tudo... e seja Branca minha!'
—Abre-se a porta, e o joven par é dentro

CANTO QUARTO

Forravam riccas sedas o apposento;
No avelludado, persico tapete
Brando deslisa o pé; cassoulas de oiro
Exhalam os arabicos perfumes;
Em vasos transparentes d'alabastro
Vecejam raras, matizadas flores.
Tibia luz, temperada para amantes,
Frouxa allumia, e dá realce ao incanto
De tam mago deleite que hi respira.
Como um throno d'amor jazia ao lado

Fofo sophá, que a placido repoiso
(Se não a doce agitação) convida.
Entrava n'ésta estancia o cavalleiro
Com a formosa dama: elle inflammado
De quanto amor, quanto desejo accende
O deus dos corações em jovens peitos;
Ella... como levada de um feitiço
A que não póde resistir, não sabe.

II

Convidava o sophá, insta a fadiga,
E a bella reclinou-se—não deitada,
Não assentada, mas n'essa indizivel
E dubia posição que toda é graças,
Desalinho, requêbro, inlêvo d'olhos
E talisman de lubricos suspiros.
Oh! suspirar, suspira o cavalleiro,
Que a seus pés jàz, que as niveas mãos lhe apperta,
E que lh'as beja com ardentes labios,
Por onde alma em delirio se evapora.
Ella tambem... ella tambem suspira,
E nos olhos azues alveja a lagryma
Precursora do languido deliquio,
Em que adormece a virgindade—e expira,
Como expira o innocente passarinho

N'aza escondendo a languida cabeça.
Dos olhos do mancebo fuzilava
O raio do prazer; vivas faíscas
Saltavam a ateiar a chamma ardente
No altar que ao sacrificio se prepara.

III

Os vestidos da bella são grosseira
Estamenha, e o toucado um só veo liso:
Mas que diamantes, mas que telas d'oiro
Tranças tam lindas, corpo tam formoso
Incobriram jamais?—Uma cruz pende-lhe
Entre o seio que trémulo palpita.
Uma cruz!... oh sacrilega beldade,
Não vejo eu reluzir moirisca lua
No turbante que involve a baça frente
De teu cego amador?... Mas, ai fraqueza
Fatal de nossos miseros sentidos,
Que não ve mais que amor quem amor sente!

IV

Não fallavam os dois, não; as palavras
Das linguagens dos homens são mesquinhas,

São pobres de expressões, quando alma inteira
Rompe do coração e accode aos labios.
Não fallavam, mas diz tudo o silencio,
Diz mais que as fallas; mudos se percebem,
Mudos se intendem, mudos se respondem,
Nem tem mor eloquencia a natureza,
Que a mudez, que o silencio dos amantes.

V

Porém rompeu-se alfim: uma voz doce,
Languida como a frente da papoula
Que pende o ardor do sol, meiga e suave
Como o sussurro da aura matutina
Entre as flores do orvalho rociadas,
Uma voz disse:—'Oh! tem de mim piedade,
Oh! de minha fraqueza não abuses.
Sei que te amo, conheço que impossivel
Me é não te amar; mas meu amor é crime,
Mas ésta cruz...'E a cruz chegou aos labios,
E os labios a bejá-la não ousaram.
'Oh! se aomenos sequer tu a adoráras,
Se convertido á fe, commigo eterna
Penitencia fizesses d'este crime
Que ambos, ai de mim! ambos commettêmos...
Ai! não podéra ser crime tammanho

O que ganhasse uma alma como a tua
Para a fe verdadeira.'
Um ai profundo
Do mais intimo peito lhe responde,
E éstas vozes o seguem:
—'Que disseste,
Oh! filha dos christãos, que me has proposto!
Eu que tudo perdi para alcançar-te,
Que abandonei por ti quanto homens prezam,
Quanto por valioso tem o mundo!
Inda exiges de mim mais sacrificios!
Desertar do meu culto e meus altares,
Renegar do meu Deus!'
—'Teu Deus é falso.'
—'Falso o meu Deus!...E o teu é verdadeiro!
Quantos deuses ha pois na natureza?
Eu adoro o que fez este universo,
O que nos ares suspendeu magnifico
Esses orbes de luz que nos acclaram,
Que provê, nas areias do deserto,
De orvalho ao sequioso viandante,
Que tanto accende o sol, derrama a chuva
Para os cedros que se erguem sôbre o Libano,
Como para a rasteira, humilde grama
Que vejeta nos plainos arenosos;
O Deus que me creou, que no teu rosto

Pôs o traslado da belleza etherea...
Este, este é o meu Deus: e falso é elle?

VI

Os theologos sabem mil respostas,
Para sophismas taes; porêm aos olhos
Do ignorante são verdades puras
Que sua pobre fe debil não ousa,
Nem sabe combater:[1] callou-se a bella,
Mas suspirou, e com profunda mágoa,
Lhe pende o rosto sobre o niveo seio,
E nas formosas mãos formoso o esconde.
As lagrymas que os olhos lhe arrasavam,
Por entre os roseos dedos deslisando,
A gotta e gotta cahem no regaço;
E debulhada em pranto assim parece
Alvo lirio do prado em cujo caliz
Chorou a aurora ao despontar do dia.

VII

—'Oh! como te amei eu? Como ha nascido
Este amor no meu seio? Separados
Por um abysmo, que entre nós cavaram

[1] Veja nota a este verso, no fim.

Todas do ceo e terra as potestades,
Quem nos uniu assim, que fôrça?...
—'A minha'
Disse uma voz solemne e retumbante,
Que estremeceu nos timidos ouvidos
Da donzella christan, como estremece
O som do bronze conductor da morte
Na orelha do pastor que o seu rebanho
Pasce longe do campo das batalhas,
E acorda ao estampido inesperado
Que os echos das montanhas lhe repettem.
—'Uniu-vos meu podêr' a voz dizia:
'A quem submissos os destinos cedem,
E obedece a propria natureza.'

VIII

Mais vivo aroma os vasos recenderam,
Animou-se nas flores côr mais bella,
E uma longinqua musica suave
Se ouviu com harmonias tam aéreas,
Tam doces e arrobadas de deleite,
Que aos dois amantes alma se extendia
Á larga pelo peito de escutá-la.
Approximou-se pouco e pouco a magica
Melodia suavissima: uma nuvem

Se condensou opaca no apposento;
A musica cessou, tudo é silencio,
Mas breve, estes sonoros hymnos se ouvem
Ao saúdoso som d'accordes harpas:

I

Desabrocha, alva flor, linda murta,
Desabrocha, que amor te bafeja:
Ja tua folha lustrosa verceja,
Ja vermelhos botões véem a abrir.
Mas no loiro, onde o sangue negreja,
Salpicado dos golpes da espada,
Seque a folha, definhe esmyrrada:
Foi a glória vencida d'amor.

II

Filha, filha do sangue real,
Real é teu amante; não chores.
Rosa Branca, flor de Portugal,
Brilha, brilha do Algarve entre as flores.
Apressae-vos, que o tempo não poisa,
Foge a vida na azas do vento,
Chega a morte, descai fria loisa...
Tudo acaba no triste moimento.

III

Bem fadada, mal fadada,
O mancebo e a donzella!
Emque pêze a Sanctiago,
Sanctiago de Compostella!
Fugir do dia aziago,
E do frade do condão,
E mais fugir dos orvalhos
Da noite de san' João!
Que se quebra o incantamento
Ao pino da meia noite;
Ao cantar do gallo preto
Se acaba o contentamento.
Bem fadada, mal fadada,
O mancebo e a donzella,
Emque pêze a Sanctiago,
Sanctiago de Compostella!

IX

Ás derradeiras notas d'este canto
Se adelgaçava pouco e pouco a nuvem,
Té que rara de todo se dissolve,
E um resplendor de luz na estancia brilha,
Que mais que humana cousa se amostrava.

Alados genios e ligeiras fadas
Abrem cortéjo em dança compassada
A uma que parece alta raínha
De todo o imperio do ar. Tunica longa
De transparente azul-celeste involve
Mal recatadas fórmas, que revela
Em parte; e quanto ha bello no universo
É menos bello que essas magas fórmas.
Alvo de neve um cinto dá realce
Ao torneio do corpo e á côr da veste.
Sua estatura mais que humana se ergue
Em gentil proporção; fôra excessiva
Em beldades da terra, mas augmenta
O sobrenatural d'essa beldade
Que de mais altas regiões descende.
Flexivel, curta vara tem na dextra,
E um simples diadema d'alvas perlas
Lhe c'roa a frente. O rosto...oh! quem lh'o ha visto?
Nenhum ôlho mortal: um veo espesso,
Um veo que não ergueu mão de homem vivo,
Nem erguerá jamais, lhe cobre o rosto.

X

Era Alina, a formosa fada Alina,
A raínha dos genios, e a senhora

D'esses paços magnificos.—N'um extasi
De pasmo e admiração era a donzella.
E a fada assim fallou.

—'Tudo perdeste,
Filho de Agar... na terra tudo, tudo:
Mas, se te basta amor, um ceo te fica.
Desde o dia em que pus na tua escolha
As venturas d'amor e as da fortuna,
Tua livre eleição tenho aguardado;
E fiel á promessa que te hei feito,
A cumprirei á risca.—*Rei do Algarve,*
—Te disse eu, quando a este meu palacio
Te conduziu o fado—*tu procuras*
A ventura na terra: eu t'a prometto;
Mas tem limites meu podêr na sorte;
É forçoso escolher. No orbe que habitas,
Felicidade inteira os fados negam.
Toma estes dois ramos incantados
Com magicas palavras, guarda-os sempre;
N'elles de teu futuro pus a sorte,
E ora t'os dou, e em tuas mãos a ponho.
De loiro é um, colhido á luz escassa
Do crepusculo pallido da noite
Co'a mão direita, e salpicado n'árvore
De sangue d'homem morto na batalha.
De murta é outro, ao pino da meia noite,

Em dia de san' João ao luar colhido,
Rociado d'orvalhos, de formosas
Lagrymas de donzellas borrifado
Tres vezes tres, com tres suspiros d'alma
Em cadauma das tres. Abotoados
Ambos estão e em viço; mas as flores
Só as verás desabrochar n'um d'elles,
Quando no outro esmyrrado e ressequido
Folha e botão cahir. Volve a estes paços
Então, que o teu destino está cumprido,
E o incanto quebrado.—'Assim t'o eu disse,
Filho de Agar. Voltaste pois: os ramos
Do teu fado onde estão? qual d'elles sêcco,
Qual florido me trazes?'
De seu peito
Tira dois ramos o gentil mancebo,
E c'um gesto de alegre sobresalto:
—'Florece a murta,' diz 'e Branca é minha.'

XI

A fada lhe tornou:—'Florece a murta,
Florece a murta, sim, e Branca é tua;
Mas sécca o loiro, e a tua glória é extincta;
O teu throno cahiu, cessou teu reino,
A tua raça é proscripta, os teus altares

Fulmina o raio. Vence um deus extranho,
Vence o Deus dos christãos, e Allá succumbe.
Immudeceu a fada; o rosto bello
Do principe destinge esmorecido
Descor'çoamento... após, vergonha o cora;
E em variada sezão sua alma anceia.

XII

Ja na formosa e candida donzella,
Que extatica ésta scena contemplava,
Os olhos crava, e todo o amor do peito
N'essa vista se expande, se dilata,
E a agitação do espirito lhe acalma.
—'Eia pois escolhi' clamou, e toma
A mão da virgem: o meu fado é este,
Ésta a minha ventura, a minha glória.
Oh! n'este coração reine eu somente,
E o throno dos Caliphas não invejo,
Nem o sceptro d'Omar. N'aquelle peito
Impere eu só, e o imperio do universo
Disputem entre si os reis da terra.'

XIII

—'Reinas' solemne a fada lhe responde:
'Reinas, imperas: Branca é tua, adora-te:

Eu no seu coração pus tua imagem,
E a teus olhos rendi seu virgem peito
No momento em que a viste. Branca é tua;
E só a perderás, se hallucinado,
Teu florecido ramo abandonares,
E o deixares seccar. Então, não póde
Guardar-t'a meu podêr. O incanto é este;
E o incanto que eu fis quebrar não posso.

XIV

E inclinando á princeza, a mysteriosa
Vara de seu podêr, em tom suave
De celeste doçura:—Filha' disse:
Filha do rei christão, este é teu paço:
Eu vo-lo cedo, amantes venturosos.
Nenhum ôlho mortal póde este alcaçar
D'ora ávante avistar, nem homem póde
Vivo na terra penetrar seus muros.
De nada receeis, gosae tranquillos
As delicias d'amor. O vosso minimo
Desejo, no momento em que o formardes,
Vereis cumprido: dae redeas folgadas
A imaginação; riquezas, festas,
Adornos e manjares—quanto incobrem
As intranhas da terra, quanto as aguas

Teem no fundo dos máres sepultado,
Tudo ante vós será no proprio instante
Que o desejardes. Porêm ai! se o ramo
Da murta definhar... ai! se o desejo
Te pede ver florído o sêcco loiro!
Oh! ai de ti, filho de Agar: não póde
Valer-te o meu condão'—N'éstas palavras
Fez leve aceno co'a varinha, e subito
A formosa visão desapparece.

XV

Ficaram sós os dois amantes. Cheia
De espanto ainda e admiração, olhava
Para o seu roubador a linda Branca
Com olhos onde toda se lhe pinta
A confusão do espirito.—'Oh! explica-me
Lhe disse alfim: 'explica-me este enigma,
Ésta visão, e os mysteriosos dittos
Da fada, e as prophecias que te ha feito
De teu perdido reino. Por que modo
Me conheceste, como—e este mysterio
Por mais occulto o tenho—como pôde
Assim meu coração ao teu render-se?
Como entre nossas almas, que nascidas
Foram para odiar-se e abhorrecer-se,
Tam doce amor travou, tam fortes laços.

XVI

Ao dizer isto, os olhos derretia,
Da namorada virgem o deliquio
De apaixonado amor: a mão de neve
Sôbre a querida mão poisou do amado,
Languidamente a face lhe pendia
Para o seio agitado, e um suspiro
Sussurrou desmaiado á flor dos labios
—Como quando nas aguas chrystallinas
A viração da tarde branda increspa
A lisa superficie.— Não cabia
No peito a Aben-Afan tão grossa enchente
De delicia, de gôso: accumulado
No coração tanto prazer dobrava-lhe
As pulsações incertas e appressadas.
Da formosa christan tomou nas suas
As delicadas mãos, e convulsivo
Lh'as aperta; acres beijos as devoram,
Voam das mãos ás faces... e das faces
Descem—ao seio não, que á virgem bella
Do lubrico desmaio acorda o peijo,
E ao atrevido moiro não consente
O veo tenaz erguer d'esse fechado
Sacrario de pudor e formosura,

XVII

Cedeu o amante aos rogos da modestia:
E é tam grato ceder quando a certeza
Da victoria de perto nos acena!
Cedeu: poucos momentos, que retardam
O gôso do prazer, mais vivo o tornam.

XVIII

Contou-lhe então como perdido, um dia,
Na caça, deparára co'estes paços
Da fada Alina, e entrára, sem que ousassem
Oppor-se-lhe os leões que á porta os guardam.
Que os jardins incantados discorrêra,
Vira o brilhante alcaçar, e admirando,
Uma por uma, tantas maravilhas
Longo tempo estivera, até que a fada
Lhe apparecêra tal como hoje a vira,
E os dois mysticos ramos lhe intregára,
Onde incerrado estava o seu destino.

XIX

—'Assim foi' continuou dizendo o moiro:
'Assim fadada foi a minha sorte

E eu descuidado entrei, cheio de esp'ranças
Pela vida que alegre se me abria
Deante de mim, como horisonte puro
Sem nuvens, sem negrume. Embreve ao throno
Subi de meus passados; e o diadema
Tam pesado! na frente descuidosa
Não me avexava, que minha alma, livre
De paixões, se espraiava toda ao largo
Pelo mar da existencia não picado
Das tempestades que no peito humano
Alevantam desejos, pensamentos,
Cubiças, ambições—solturas d'alma
Em que se não cravou fixa uma idéa.

XX

'E essa tinha eu constante: os meus fadados
Ramos todos os dias contemplava,
E verdes sempre, mas sem flor, os via.
Começou a infadar-me ésta incerteza,
Este vago tardar de meu destino,
E solitario, só no meu retiro
Dias, noites passei, luas inteiras,
Suspirando sem causa de tristeza,
Melancholico, quasi abhorrecido
Da vida, que tam cheia de prazeres

Se me antolhava, e que ora tam insipida
Me appareceu. Travaram n'isto as guerras
Entre os christãos e os meus: nossas fronteiras,
Pacíficas télli, entrou o mestre
De Sanctiago; e horrido theatro
Se fizeram de guerra sanguinaria,
Que não desaffiámos. Sois vós outros,
Portuguezes, imigos do descanço
E delicias da paz, viveis no fogo
Ardente das batalhas, como vive
No fogo a salamandra. Acudi presto
Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,
Sabem-n'o os teus se corta por arnezes
De christãos cavalleiros. Duvidosa
Vacillou a fortuna entre o estendarte
Da roxa Cruz, e entre as doiradas Luas.
Dom Paio, que assolára nossos campos,
Entrára nossas villas precedido
Da victoria, parou sua marcha rapida,
E tropeçou na estrada da conquista,
Que tam facil e plana se lhe abrira.

XXI

C'o exemplo do seu rei cobraram ânimo
Os povos; e a antigua independencia

O Algarve sustentou. De nossas terras
Rechassado o inimigo, me occupava
Em guarnecer as praças arruinadas,
Outras edificar, e preparar-me
Contra nova invasão, que eu certa a tinha
De tam inquietos, bulliçosos ânimos

XXII

'Por estes tempos, minha mãe, que ha muito
Separára de mim a crença extranha
Que abraçou, e em que fôra ja nascida
Minha unica irman...'

—'Christans são ambas!'

Branca alegre exclamou: 'Tua mãe? que esp'rança!
E uma irman tens? Oh! como será bella!
E como a heide amar eu!'

Os olhos tristes
Pôs no chão mancebo, e suspirando
Funda tristeza do intimo do peito
—'Christan foi minha mãe... Ja não existe.
E Oriana, minha irman, que eu amei tanto,
Ai! tambem para mim é morta.'

'Morta!'

—'Sim, morreu para mim... morta é de todo.'

XXIII

Pensativo ficou por longo tempo...
E continuou depois —'Fatal me ha sido
Sempre a tua lei. Desgostos, malquerenças,
Dissenções entre os meus semeou funestas,
E abalou as ruinas ja pendentes
D'este resto de imperio que em má hora
Herdei de meus passados. Convertida
Á fe de Christo minha mãe que eu tanto
Adorava... oh! deixou-me aqui n'esta alma
Dúvidas... Ai! que duvidar é o grande
Atormentar da vida. Presentidos
Meus vassallos da fe que vacillava
Em meu ânimo, froixo esmorecia
O amor n'elles. Pelejar constante
É a nossa existencia n'esta terra
De Hespanha, desque a tenda aqui plantámos
Os filhos do deserto. Espada e lança,
Se as poisarmos um dia, é a nossa morte.
E os meus, remissos na perpétua lida,
Cançavam ja. Desceu á sepultura
Minha mãe; e Oriana, que em segredo
Sua lei guardava, um dia de má estrea,
Vil servo a denunciou á plebe irada.
Amotinaram-se, e a meu proprio alcaçar

Vieram insultar-me, a mim e a ella...
E chegaram, de ousados, os infames
A cuspir na memoria venerada
De minha mãe!—A affronta foi lavada
Com os rios de sangue que correram...

XXIV

Mas o sangue era mèu, e costumado
A verter-se por mim na ardua defesa
Do mal seguro reino... Eu combatido
De remorsos, tristeza e desalento,
Me incerrei dias, mezes, só, intregue
A um vago, melancholico desejo
De pôr termo a ésta vida amargurada.
Oriana por vezes fez rogar-me
Que a ouvisse, que a attendesse. Não quiz vê-la,
Nem ella nem ninguem. E a desgraçada,
Vendo-se a causa de pezar tammanho,
Resolveu de fugir. Poucas palavras
Escriptas me deixou... muitas as lagrymas
Que sôbre ellas chorou. Era ja tarde
Quando o sube, corri por toda a parte,
Alvorotei castellos e cidades,
Devassei as fronteiras portuguezas,
Montes, valles andei... foi tudo embalde.

A algum mosteiro vosso, em terras longes,
Pôde chegar porcerto. Eu despeitado
Jurei então a Deus e ao seu propheta,
Jurei... Como cumpri meu juramento!
Guerra eterna, odio eterno aos do Evangelho
Que tudo me roubavam. Minhas armas
Jurei não despir mais, nem tirar freio
A meus cavallos, nem dormir a abrigo
De telha em povoado.—E longo tempo
Este foi meu viver: vida de cholera,
De agitado despeito!... que em meu sangue,
Que no meu coração outra não tinha.'

CANTO QUINTO

I

D'onde virá que, em nós prendendo a vida
A outra vida, sentimos dentro d'alma
A precisão forçosa de contarmos
O que foi atélli nossa existencia?
De lhe dizer quam mal perdida e gasta
Longe d'ella... sem ella! a consumimos?
Não n'o sei: mas que o digam quantos amam,
Digam se não é assim quantos amaram.

II

E Branca devorava essas palavras
Em que o moiro sua vida lhe contava;

Devorava-as com ância deliciosa:
Que é divino prazer—se não véem zelos
Cravar seu ferro na querida historia,
É celeste prazer ouvir contá-la.
Gosa tu, bella infante, ouve e não temas:
Esse homem nunca amou, e toda inteira
A virgindade de sua alma é tua.

III

Aben-Afan, tomando nas mãos ambas
As da princeza, assim continuava
Sua apaixonada historia.—'Quem, oh Branca,
Quem me diria então, quando o meu peito
Todo em sanha e furor de guerra ardia,
Que tam breve mudado o meu destino,
E eu tam outro ia ser, todo eu? Escuta.
Uma noite quebrado de fadiga
Adormeci: era ventosa a noite
De outomno; e as folhas sêccas que cahiam
Sôbre a tenda em que estava, o silvo agudo
Dos despregados ventos me imbalavam
N'um somno mal tranquillo, mas pesado
De quebramento e lassidão. Dormia,
Dormia eu, mas escutava o ruído
Dos furacões e o som da tempestade:

De meus sentidos todos só desperto
O ouvido, que velava, os reflectia
N'alma como rugir de brutas feras,
Sibyllos de dragões, huivos de tigres,
Canticos de demonios malfazejos,
De genios maus,—descompassadas vozes
De mortos resurgidos n'hora aziaga,
E em banquete de horror sôbre um sepulchro
Embriagando-se em sangue de parentes,
De amigos... talvez filhos, que no berço
Deixaram quando a morte os tomou subito.[1]

IV

'O coração no peito comprimido
Me anceava afflicto, e o sangue accumulado
Sôbre elle, me pesava como a barra
Do ferro sôbre o peito ao criminoso.
Não era sonho este, era um estado
Indefinivel; mas não durou muito,
Nem, a durar, lhe resistíra a vida.
Senti coar-me um balsamo suave
Pelas veias, e o sangue dilatar-se
Brandamente por ellas: sôlto e livre
O coração bateu; e a phantasia

[1] Allusão aos vampyros. Veja-se nota a este verso, no fim.

Se descubriu da cerração medonha
Que a innegrecia.—Leves, leves fórmas
Diaphanas, ligeiras como os ares,
Me gyravam n'um quadro transparente
De incerta côr, mas bello, mas tam mago,
Tam delicioso como fresca aurora
Por estiva manham. Vagas e froixas
As fórmas eram, logo mais sensiveis
Se relevaram, pouco e pouco augmentam,
E um paraizo, um ceo d'ante mim era.

V

'Oh! como descrever-t'o! Um ceo de glória,
Um transparente azul, de estrellas bellas
Marchetado—mil anjos de azas brancas
De strella em strella alegres revoavam,
Lirios de alvura candida espalhando
Pelo ar imbalsemado de fragrancia.
Uma virgem, trajando roupas simples
Que em pureza e candura resplendiam,
Uma virgem no meio d'este incanto
Apparecer a vi como a rainha
D'esse paraizo, como a divindade
A quem os anjos todos se humilhavam,
E sôbre quem seus lirios e boninas
Com amor jubilosos desparziam.

VI

'Sentia-me arrobar-se-me a existencia,
E o coração voar-me, como os anjos,
Para a celeste virgem. De seu peito
Uma Cruz resplendente lhe pendia,
E essa Cruz... essa Cruz, como inimigo
Talisman, affastava da donzella
Meu coração que embalde forcejava
De approximar-se a tanta formosura.
Ella, a virgem, uns olhos compassivos
Punha em mim, e um surriso parecia
De seus divinos labios consolar-me,
E ao coração, que ja desanimava,
Alentá-lo d'esp'ranças.—Mas a fôrça
De talisman vencia, a Cruz terrivel
Dardejava faíscas rutilantes,
Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso.

VII

'Eu suspirava, a angústia me opprimia,
E co'esta agitação se dissiparam
A celeste visão, o sonho. Acórdo,

Acórdo, mas metade da existencia
Não acordou em mim; ficou no sonho
A maxima porção da minha vida;
Ficou-me o coração após da virgem
Correndo embalde. *Embalde*, exclamo, *embalde*....
E não mais a verei, nunca mais... nunca!

VIII

'Apenas a arraiada tenue vinha
Alvorecendo então no roxo Oriente;
Secreta inspiração—não sei quê d'alma
Que sente sem a ajuda dos sentidos,
E parece no intimo do homem
Ser coisa alheia ou mais que a humanidade,
Me fez pensar nos incantados ramos:
Brilhou-me d'ante os olhos a esperança,
Como um clarão de vida: corro a elles,
Observo-os... oh! no loiro resequidas
Se esmyrravam as folhas,—mas na murta
Os botões, como perolas do Oriente
Em tranças de sereias, alvejavam;
E ja n'alguns leve signal de abrirem
Se divisava:—como em curvas praias
Ao subir da maré pintadas conchas
A medo o ricco esmalte descubrindo.

IX

'De alegria, de júbilo insensato,
O arraial despertei; tendas se levam,
Ordens á pressa dou, a Sylves tórno,
Quebro, esqueço o tremendo juramento
Que indá ha pouco fizera tam solemne,
E só no meu alcaçar longo tempo
Medito, e mil projectos desvairados,
A qual mais vago, a qual mais louco, formo
Sobre o meu sonho, os ramos e o destino,
Que Alina me fadára tam ditoso.

X

'De lidar em lidar, emfim um dia,
Levado assim de impulso repentino,
Deixo a cidade só, e confiando
Á minha estrella o dirigir-me os passos,
Redeas sólto ao cavallo, e sigo a estrada
Que elle de si tomou. Certo caminho
Foi das fronteiras, correu noite e dia
Ás margens do Guadiana, e pelas terras
De Andaluzia entrou; á Estremadura
Castelhana atravessa, e porfim chega
A um valle formosissimo, assombrado

De enzinhas altas; era ja na Beira,
No coração da Beira portugueza;
Ahi parou. O sol no extremo occaso
Como n'um mar de luzes se affogava.
Mas no resto do ceo ja raras trevas
A extender-se começam: voz e esporas
Imprégo... não se move o corcel, fixo
No solo qual se fôra bronzea estátua
Em pedestal de marmore cravada.
Longo tempo insisti: cerrada a noite
Era ja, desmontei: e n'um rochedo
Vizinho me assentei. Ahi na mente
A extranhez da aventura e do meu fado
Entre mil pensamentos revolvia.

XI

'Aquelle sítio... O sítio inda hoje o viste;
É aquelle escuro monte, agudo e negro
Donde um phanal nas trevas reluzia...'
—Oh! bem m'o disse o coração presago!'
Branca lhe torna: 'A luz que alli brilhava
Era tua? era a luz que estes meus olhos
Havia de cegar!... E o corcel negro
E o cavalleiro que por nós passava

Em mysterio e terror?'
—'Eu era, Branca.'
—'E tu por mim bradaste: Real, Real?'
—'Por quem senão por ti? Presago dizes
Teu coração, e ainda m'o perguntas?'

XII

Aqui a narração se interrompia
Com esse interromper de namorados,
Que são beijos e beijos, longos, longos,
Prolixos, quaes os dá, a quem bem conta
Suas historias, fascinada ouvinte.
—Se eu soubesse contar como o meu moiro!...
Quê!... Voltêmos a elle e á sua historia,
Como elle a ia contando.
—'Acaba' disse
Branca emfim: 'estavas assentado...'
—'Estava, sim' Aben-Afan prosegue:
'No rochedo, pensando em meu destino,
Quando uma luz bruxuleando escassa
Por entre os ramos de viçoso olmedo
Não longe descubri. Certo que humana
Habitação será... Approximei-me
Na intenção de pedir por essa noite
Gasalhado, aguardar o desincanto

Do meu corcel, ou em diversos trajes,
Que a pêso d'oiro e joias hi comprasse,
Apé seguir a incerta romaria
De meu peregrinar mysterioso.

XIII

Chego; pequena ermida solitaria
Estava entre o arvoredo: a luz sahia
Pelas fisgas da porta mal fechada.
Entrei; um sancto horror de meus sentidos
Se apoderou:—forravam toda a estancia
Ossos de homem, caveiras—brancas umas
Do tempo, outras ainda mal cubertas
A pedaços de pelle resequida,
De eriçados cabellos. Uma tumba
Negra jazia ao lado, e uma cruz tosca
No chão cravada: d'essa cruz pendia
Lampada que a luz funebre desparze
N'estes objectos funebres.

XIV

—'Absorto
Contemplava o terrivel monumento
Dos triumphos da morte, quando um fraco
Som quasi extincto ouvi de voz cerrada

Dizer:—*Filho das trevas, tu procuras*
A claridade; acha-la-has; mas guarda-te:
Abraza a luz a miudo.
—*Quem me falla?*
Tornei eu: *quem aqui n'ésta gelada*
Habitação de mortos me conhece?
—*Um que é ja no limiar da eternidade,*
Um moribundo. Segue o teu destino
Aben-Afan: outr'ora obedeciam-me
Os espiritos do ar, e poderia
Mostrar-t'o... mas, é tarde; sinto a hora
Derradeira soar-me... expiro... fexa-me
Os olhos... veste o meu burel... e segue
Avante... em Portugal... é perto... A morte
O colheu; roucos sons balbuciou inda,
E n'um arranco lhe fugiu a vida.

XV

'Combatido de varios pensamentos
Passei a noite juncto do cadaver.
Mas alfim decidido e resoluto
A correr todo o meu destino ás cegas:
Acceite-se o legado, disse eu, *vista-se*
O burel do santão[1], *e avante, á sorte!*

[1] Veja-se a nota a este verso, no fim.

C'o primeiro crepusculo da aurora
Ja, em vez de turbante, me cubria
Capuz agudo a frente. Um nome escripto
Entre as pregas do saio achei... Que espanto!
Hugo, o nome fatal do nazareno
Que em nossas terras disfarçado entrára,
Que o respeitado alcaçar devassando
De meus antepassados, a discordia
Semeára entre os meus! Se era elle o morto?...
Se estava em meu destino que em seus trajos
Disfarçado eu agora, penetrasse
Pelo mais recatado, o mais zelado
Dos christãos?... Sorte!—Á sorte e á ventura!

XVI

'Sahi da ermida e a caminhar me deito.
De noite o meu corcel desparecéra;
E eu, sem saber de estrada, sem vereda
Seguir mais que a do acaso, fui andando
Andando, até que juncto de um mosteirc
Grandioso e de fábrica suberba
Me achei. Que sons divinos que sahiam
De seus muros! Era um cantar celeste,
Vozes tam doces, como vozes d'anjos

No alto das montanhas celebrando
As grandezas de Allá.—Todo inlevado
No mago incantamento d'essas vozes,
Do templo estive á porta: franqueá-la
Não ousava... e a vontade m'o pedia,
Mas retinham-me escrupulos. Ao cabo
Disse eu: Que importam nomes? Deus é o mesmo:
Christo[1] e Mahomet foram prophetas,
Mas Deus é o mesmo Deus.—Entrei na egreja.

XVII

'Era um côro de candidas donzellas,
Que alternadas o cantico solemne
Intoavam. Sentia-me eu tomado
Da religiosa e sancta majestade
Que enchia o templo. Os olhos repoisava
Com prazer innocente n'essas virgens
Que por Deus renunciaram a prazeres,
A delicias da terra, quando subito
Lá no fundo do templo a porta se abre
E uma virgem entrou: seu ar, seu gesto
A mostrava entre as outras a primeira,
E entre ellas parecia tam brilhante,
Como em capella de jasmins a rosa,

[1] É discorrer d'um mahometano.

Ou como o lirio n'hástea debruçado
Sòbre o campo arrelvado de violetas.

XVIII

'Deu-me rebate o coração no peito:
Era essa imagem a que eu vira em sonhos,
Essa, essa propria; a mesma Cruz brilhava
Em seu peito... Perdi razão, sentidos,
N'um extasi de gôso indefinivel
Cahi como em deliquio.—Longo espaço
Devia de durar, que só no templo
Acordando me achei: findára toda
A ceremonia, e as virgens retiraram-se.
Sahi então, e soube que o convento
Era Lorvão, e...'
—'Tu' interrompendo-o,
Branca lhe diz: 'tu eras o eremita
Que em nossa egreja ũa manhan entrava
E que tam enlevado parecia
Na oração?'
—'Era eu mesmo.'
—'Oh Deus! e eu propria
Com quanta devoção te contemplava!
Tam joven, eu dizia e tam deixado
Do mundo ja!... Mas tu o ermitão eras?'

XIX

—'Eu sim, que extasiado em teu semblante
Ahi perdi o coração e a vida;
Ahi n'esse momento se cumpriram
Os meus destinos todos. O fadado
Ramo consulto: florecia o myrto.
Ceos! clamei, é quebrado o meu incanto!
Mas que fazer! A noite veio; a um proximo
Olival me levára incerto passo,
E na soidão, minha alma se intranhava
Em pensamentos vagos, em projectos
Mais vagos... Um corcel vejo pascendo
Imbridado, e moirisca sella tinha:
Era o meu fiel Adir; chamei-o, corre
A mim alegre, extende-se abaixando
O alto costado, como convidando-me
A montá-lo.—Hesitei... mas dirigido
Por occulto podêr não é meu fado?
Montei, partimos; trouxe-me a estes paços.
Não vi Alina, mas teu nome, o sítio
Onde te incontraria em teu caminho
Para Castella, como libertar-te
Dos teus brutaes dervizes deveria,
Tudo li n'uma tarja transparente

De jaspe em lettras d'oiro. Outra vez parto
C'os mais fieis dos meus, fui imboscar-me
Detraz d'esse escarpado, negro monte
Onde o morto ermitão tinha incontrado,
Onde viste o phanal, que era a atalaia
Para os meus que dispersos rodeavam
Os caminhos de emtôrno. Alli me viste:
E d'alli, passo a passo, te seguimos
Sem dar allarma aos teus.—Sabes o resto
E ja teu coração me ha perdoado,
Branca... Poisquê? Não perdoaste? Dize.'

XX

Os braços da donzella se inlaçaram,
Como um festão de candidas boninas,
Emtôrno ao collo do gentil mancebo.
—O propheta, se a víra n'esse instante,
Emendára o Koran, e não vedára
A um anjo tal do paraizo a entrada.

CANTO SEXTO

I

Toca o sino a complètas, era noite
Em Cacella: seu branco sobrevestem
Manto co'a roxa Cruz sôbre a armadura
Reluzente, e ao côro se incaminham
De Sanctiago os nobres cavalleiros.
As espadas, terror do mauro Algarve,
Depoem juncto do altar, e vão devotos
Ante o Deus dos exercitos prostrar-se
Em humilde oração. Ha poucas horas
Guerreiros na batalha, agora simplices,

Silenciosos, austeros cenobitas
Rezam em côro—ámanhan, quem sabe?
Correrão aventuras namoradas,
E nos braços de languida beldade
Cumprirão o terceiro mandamento
Da muito nobre e respeitavel ordem
Da andante, singular cavalleria.

II

Oh! quem vê hoje na ponteada casa
De aperaltada, esguia casaquinha
Brilhar a mesma Cruz, symbolo d'honra,
De patriotismo e glória, que pendêra
D'aureo collar em peitos d'aço duro
Peitos que sem pavor por entre selvas
De lanças, de azagaias se arrojavam;
Quem as vê hoje, a Cruz sancta de Christo,
Pendão de glória que guiou no Oriente
Castro, Alboquerque e Vasco—a roxa Espada
De Sanctiago que arvorou ás Quinas
Nos castellos do Algarve—penduradas
Pelas librés da infamia e da injustiça...
Quem, de sua nobre origem cogitando,
Ousará de dizer: 'São cavalleiros,
São portuguezes cavalleiros esses?'

III

Tremolava a bandeira de Sanctiago
Nos muros de Cacella, que vencida
Aos fortes cavalleiros se rendêra.
Mas Tavira resiste: fatigados
Os de Christo e Mahomet formaram treguas,
E da guerra contínua repoisavam.
Ja gran'parte do Algarve succumbíra
Ás armas de dom Paio e dos seus freires,
Depois que Aben-Afan de seu alcaçar,
—Sem se saber adonde—se ausentára.

IV

Tavira a forte, Sylves a maritima,
Firmes porêm sustentam porfiosas
Ao moiro rei a vacillante c'roa.
As principaes então, e as mais famosas
Em valor e riquezas essas eram
Por todo o áquem dos aridos Algarves.

V

Findára o côro: a hora do repasto
N'um fresco eirado, á lua, passeiando,

Os cenobitas campeões aguardam.
De batalhas e cercos fallam velhos,
Das justas e torneios do bom tempo
Que foi; moços de amores e caçadas,
De aventuras, e coisas que mais prazem
Á edade em que veceja a flor da vida,
E folga o coração no peito á larga.

VI

Era assumpto entre os jovens mais querido
Esse prazer de reis, essa arte nobre
Que Altanaria chamam, guerra propria
De ave com ave: não este covarde
Jogar da bésta, do arcabuz, do arco
Para indefeso surprehender no ramo,
No descuidado voo o passarinho.

VII

—'Sabei' disse dom Alvaro 'senhores,
Que os meus falcões, porcerto os mais manhosos
D'elrei de Leão não teem que ver com elles.
Pena é que em terras nossas não ha caça
Comque interter o tempo d'estas treguas.

Senão verieis.'
—'Gran' desejo tenho
De o ver' Mem do Valle respondia;
'Que as minhas aves ategora as creio,
Em que péze a dom Alvaro, as melhores
Que hei visto em vida minha. Mas, senhores,
Coisa vos direi eu que vos agrade,
Pois cavalleiros sois: p'rigoso é o caso,
Mas de gôsto será. Sabei que em Antas
É a caça melhor de todo o Algarve
Mister é de passarmos por Tavira;
Mas em paz, como estamos, de impedir-nos
Não ousarão os moiros: e se ousassem...'
—'Tanto melhor, que sua perda fôra'
Volvem á uma os jovens cavalleiros:
'Vamos, e ámanhan ja.'
Foram-se ao mestre,
E do que hão concertado lhe dão parte.

VIII

Com prudencia dom Paio e bom aviso
Lhes ponderou da impresa os contratempos:
Quanto ciosos eram de suas terras,
E mulheres os moiros.—'Nem por isso'

Accrescentou surrindo o grave Paio:
'Lhes quero eu mal, que ha hi formosas damas,
E a ver taes cavalleiros costumadas
Não estão ellas.' Rindo agradeceram
O cumprimento ao mestre; e pois lhe dava
Cuidado a sua ida, promettiam
Irem de paz e guerra bem armados
Para quanto cumprisse... que era excesso
De prudencia, diziam. Atrever-se
Com seis de Sanctiago, os pobres moiros
Do Algarve!... quem havia de pensá-lo?

IX

Mas grave e pensativo lhes tornava
Dom Paio:—'Não é bem folgar, mancebos,
Co'as agonias últimas de um povo.
No derradeiro appêrto, muitas vezes,
Affoga o que zombou de o ver prostrado.
Tréguas temos c'os moiros: mas o povo,
Descontente de ver seu rei sumido
No alcaçar de Sylves, descuidando
Reino, vassallos e a familia propria,
Que a irman se fez christan... e é fama entre elles
Que lh'a roubámos nós—o povo em bandos

Anda á sôlta, sem lei, por essas terras.
Tomae tento; que a plebe infurecida
De guerra leal estylos não conhece
Nem os cata a ninguem.'
Tudo promettem
Os jovens a seu mestre; e pressurosos
Assim no alvor do dia se partiram
Com suas aves e armas, cavalgando
Em andaluzes, relinchões ginetes.

X

Seis eram os mancebos; e tam guapos,
Tam gentis cavalleiros não vestiram
Nunca em terras d'Hespanha arnez de guerra.
C'o denodo e despejo d'essa edade,
Em que os perigos são delicia e brinco,
Caminho vão direitos de Tavira;
A ponte passam a veloz galope,
E ás frescas margens da ribeira placida,
Onde Antas jaz, alegres começavam
Suas aves a soltar, seguir-lhe os voos,
E a interter-se em folguedos innocentes,
Disputas joviaes, e outros singelos
Passatempos de alegre confiança.

XI

Mas o diabo, que jamais não dorme
Quando vê gente môça em bom caminho,
E que não pára sem fazer das suas,
E os metter em camisas d'onze varas,
O diabo se deu aos diabos todos
De ver seis rapazetes tam bem postos,
Tam galhardos e bellos, de sua regra
Cumpridores fieis, e mais honestos
Que o mais honesto monge da Thebaida.

XII

Ora, sabido é que o tal amigo
Lucifer, Belzebut, Satanaz, diabo,
Demonio, ou como quer que é sua graça...
Na minha terra as beatas o designam
C'o extravagante nome de *Bbêtas*;
Nome a que nunca pude achar o furo
Da ethymologia; e desafio
O carmelita auctor do diccionario
Que traduziu — triztriz — pratos quebrados,
Désse tammanhas voltas ao miolo
Como as que eu dei para incontrar com elle.

—O diabo pois, que emfim este é seu nome,
Tanto fez, que até sanctos da Thebaida
Com suas tentações voltou do aveço,
E se metteu sem medo á queimaroupa
Com cilicios, jejuns e agua benta.
Como lhe havemos de escapar nós outros,
Pobres e miseraveis peccadores!

XIII

E como póde entrar este inimigo
Jurado da adamitica progenie
Os austeros limites da Thebaida?
—Com môças: môças são coisa do diabo,
Se é que o diabo não são ellas mesmas:
Que em quanto para mim, Deus me perdoe,
Por taes as tenho, ás tentações malignas,
Que sinto ca por dentro quando as vejo,
E me dão taes vontades... Abrenuncio!
O diabo ellas são, ou ellas d'elle.

XIV

Pois o pae da malicia, que bem sabe
O podér de taes armas perigosas,
Assentou de apanhar n'uma das suas

Os jovens caçadores: vai, e infia-se
—Que é mestre n'isso, e não lhe custa nada
Estender-se, agachar-se, incarquilhar-se,
Acaçapar-se curto e pequenino
Como um mosquito, ou alto alevantar-se
Como a tôrre dos clerigos[1]—infia-se
No papo d'um falcão dos da caçada.
E o falcão, que ficou, como lá dizem,
C'o diabo no corpo, larga o pairo,
E desanda a voar por esses ares.
Voou, voou, té que estacou mui longe,
E se pôs a pairar como quem mira
A caça, e a fita bem para impolgá-la.

XV

Acertou que o falcão dos dois gabados
De dom Alvaro era.—'Estranho voo'
Mem do Valle lhe disse: 'é o da vossa ave:
Nunca vi um falcão voar d'essa arte.'
—'Crede, senhor' dom Alvaro lhe torna:
Que é fina caça a que elle paira agora.
E afé não ha hi ave em toda Hespanha
'Que tal a avente, e tanta.'
—'Ir-lhe-hei no alcance'

1 Tôrre formosissima no Porto.

Volve o outro.—'Ide embora, porêm crede-me,
Que a mim somente e não a outro, a intrega.'

XVI

Mem do Valle picou, e por um trilho
Agreste e rudo, entre árvores e mato
Mette o corcel fragueiro, e costumado
A mais agros caminhos.—Ja chegava
A um valle ēstreito, que em redor fechavam
Ingremes, escarpadas serranias
Tam aridas, tam séccas e escalvadas,
Quanto era amena, vecejante e bella
A varzea que á abrigada lhes ficava.

XVII

Um arroio sinuoso corta o valle
Despenhado do cume alto da serra
Com ruído, em cataracta picturesca,
Onde em brilhantes prismas concentrando
O matutino sol seus raios puros,
Ahi nas côres d'Ires se extremava.
A relva de boninas esmaltada
Amorosos perfumes recendia;
E áquem, além festões de verdes balsas

Prendiam com seus ramos inlaçados
Ás viçosas figueiras. Ramilhetes
De murta em flor brotavam pelo prado,
E na doirada areia da ribeira
Viçava o tenro, dobradiço arbusto
Que em nossas praias semeiou de perlas
Para inlêvo da infancia a natureza.
Oh! edade feliz em que as eu via,
As alvas camarinhas resplendendo
No limpido ceirão, e as cubiçava
Essas perlas mais finas a meus olhos
Do que as da bella egypcia mal pudica!

XVIII

Sôbre este ameno, delicioso valle
Paira a prumo o falcão: mas extasiado
Co'as bellezas do sitio, o cavalleiro,
Na maravilha que lhe incanta os olhos
Pensava só, nem ao falcão ja attende.
Quando subito a ave—qual se vira
Saltar lebre fugaz de espessa moita—
Desce veloz, e atrás de árvores densas
Á vista se escondeu, desapparece.
Ve-la baixar, e correr prompto ao poiso
Que lh'a occultava—foi um só momento.

XIX

Facil era a entrada da espessura
Por um lado onde as árvores fallecem.
Entra, e a caça que viu... Tenteio embalde
As cordas do romantico alahude
Que os genios das montanhas me afinaram
Para os singelos sons desalinhados
De meu simples cantar; falham-me as notas,
Desafina à canção. Que verso póde
Descrever os segredos da floresta
Do Almargem! onde incantos estupendos,
Nocturnas festas celebrar se hão visto
Ás fadas e aos espiritos da noite!...

XX

Alli... alli jamais pé de homem vivo
Depois do pôr do sol entrar não ousa;
E só do alto da serra o pegureiro
Viu luzinhas—signal certo de bruxas—
A surdir e a esconder-se a um lado e outro,
Saltando como estrellas namoradas
Que via o grego antojador de favas

Ao brando som de harmonicas espheras
Bailar no azul do ceo as tripecinhas...
Ou perdido viandante arripiado
De medo, ouviu confusas gargalhadas,
Estranhos cantos e gemidos funebres!

CANTO SEPTIMO

I

Aqui do ingenho, aqui da arte sublime
Do teu cantor, Angelica formosa!
Aqui d'aquelles versos descuidados,
D'aquelle donairoso seu capricho
Que damas bellas, monges impotentes,
Andantes cavalleiros e duendes,
Fadas e malandrins incantadores,
Tudo inreda na vaga, sôlta dança
De seus divinos feiticeiros cantos.
Oh! quem podéra, quem soubera agora

Tecer, como elle, o inrevezado fio
D'essas lindas mentiras que inleiavam
A curteza bestial de um nobre duque!
Perolas... e que perolas! deitaste,
Meu pobre Ariosto, ao coroado cerdo.

II

Mas não. Livre de mais, lascivo é o canto
Que as venturas nos conta de Medoro
E os furores de Orlando. Eu, pudibundo,
Austero vate, psalmear só quero
Em côro de donzellas innocentes,
E accender minha lampada na lampada
Das virgens sábias que poupar souberam
Para a vinda do espôso o sancto azeite.
Simple é meu canto, meu cantar singelo.
Dar-me-hão as mamans a ler ás filhas[1].

III

Jaz sôbre a relva, á deleitosa sombra
Do espesso arvoredo adormecida
Joven beldade.—Se anjos, divagando
Acaso pela terra, adormeceram

[1] La mère en permettra la lecture à sa fille.

Algum'ora em recinto delicioso
Que lhes fez recordar do Eden os bosques,
Seu formoso dormir como este fôra.

IV

Alva, ligeira tunica appertava
Pelo meio do corpo delicado
Cinta de verde côr; doiradas tranças,
Sem mais ornato que o gracioso ondado
De seus proprios anneis, se debruçavam
Por hombros, em que a fôrça do alvo quebra
Ligeira côr de desbotada rosa.
Seus olhos!... com as palpebras escuras
Fechado tem o somno esse thesouro
De brilho e de innocencia. Mas nos labios
A innocencia surri. A um lado jaz-lhe
Pequeno livro. O atonito guerreiro
No rapto dos sentidos alheados
Longo tempo ficou absorto, mudo,
Como a quem maravilha tem cortado
Com a razão metade da existencia.

V

Que livro será este? Abre, e redobra
Seu pasmo: de orações e rezas sanctas

Era um livro christão, inluminado
Das vivas côres, do oiro reluzente
Com que a arte byzantina debuxava
No bento pergaminho essas imagens
Sem vida, sem acção, e que resplendem
De um brilho, de um matiz que é o desespêro
Do moderno pintar.—Mas esse livro
Aqui, mas essa dama tam formosa
Que o lia na soidão d'esse deserto...
Mas tudo isto... é mysterio incomprehensivel.

VI

E o agnusdei que pende ao lindo collo
Da bella, e co' sereno movimento
Do seio brandamente se agitava?
Não ha que duvidar: é christan virgem
E em terras de moiros!—Oh! roubada
Foi de certo; e a seus barbaros deleites,
Seus infames prazeres a reservam
N'algum castello proximo.—Sem dúvida.

VII

Mas como n'este sitio adormecida?
Baldam ahi de todo as conjecturas.

Fugiu talvez... acaso communica
O bosque ahi com parte mais escusa
Do parque, ou cêrca de meiriscos paços,
Onde escrava a reteem... Christan é ella.
E eu christão cavalleiro, que hei jurado
De defender a fé e a formosura,
Devo... o quê?—Libertá-la d'êsses grifos,
Dos monstros que a innocencia se preparam
A devorar-lhe crus... devo, oh! sim devo.

VIII

Dest'arte reflectia o cavalleiro,
E levado do zêlo—ardente zêlo
Da fé... Travêsso duende me sussurra
No ouvido menos puro sentimento.
Vai-te, espirito mau, não te accredito;
Era boa a intenção: que faz ao ponto
Se profanéte[1], acaso, algum desejo
Na tenção se ingeriu? Vasos de barro
Somos nós, quebradiços e achacados;
E raro, a obra melhor do homem mais justo,
O oiro mais puro da virtude humana
De liga vil seu tanto não incerra.
—Levado pois *da fé*: 'Salvá-la' clama

[1] Diminutivo necessario.

'Salvá-la é fôrça, e ja.'—Mas, se a desperta,
Se receosa a timida virtude
D'essa dama, fugir assim não ousa
Sosinha com um joven cavalleiro?
Saberá convencê-la.—E se no emtanto
Perdido o tempo?... Oh Deus! urge o perigo,
Cumpre deliberar... Toma-a nos braços,
Salta na sella, e parte, corre, voa.

IX

No papo do falcão raivava o diabo,
Vendo tam mal sahir-lhe o estratagema,
E que o laço, onde creu ter apanhado
A virtude do sancto cavalleiro,
Nova c'roa de glória lhe viçava
Na honesta frente.—Em tam escura sombra,
Tal formosura... occasião tam bella!...
Capacitar-se o diabo não podia
Que tanta fôrça houvesse n'um mancebo,
Que resistisse a tal.—Mas onde a leva
Elle agora?—Sabido é que o diabo,
Que tudo sabe, só o futuro ignora.
Deu a voar, e segue pelos ares
O joven par no rapido galope.

X

Nos braços appertando o doce pêso,
Corria o cavalleiro, e lhe batia
O coração.—Surriu de ouvir-lh'o o diabo
Tam apressado, e disse lá comsigo:
—'Tu que bates assim, má tenção levas.'
No emtanto a donzella, mal desperta
Do somno ainda, que pensar não sabe
Do estranho successo que a acordára:
Se vela ou sonha, se anjos a conduzem
Ás regiões do ceo, ou se o maligno
Espirito a arrebata ás profundezas
Do abysmo, duvidosa, nem se atreve
A abrir os lindos olhos; e tremendo,
Incolhendo-se toda, mui baixinho
Ao bento anjo rezava da sua guarda.

XI

Porém alfim curiosidade vence
Afinal sempre em feminino peito.
Quem a leva roubada? anjo, ou demonio?
Ver-lhe a cara deseja. E se elle é negro?...
Credo!—Mas pouco e pouco vai abrindo

O cantinho do ôlho. Alta a viseira
O mancebo levava; e o bello rosto
—Que bello era e gentil—se descubria
Entre as luzentes armas de aço fino,
E sob o elmo implumado—qual nos pintam
O triumphante anjo aos pés calcando
Revel esp'rito que venceu nos plainos
Do ceo em regular, campal batalha.

XII

Ao incarar com tam formoso gesto,
O medo todo lhe fugiu do seio;
E a grata persuasão que em corpo e alma
A leva ao ceo um anjo tam bonito,
Certeza foi que de prazer celeste
Lhe inunda o coração.—Mas será sonho?
Nunca elle acabe sonho que é tam bello!
Com medo de acordar, seus lindos olhos
Fogem da luz do dia, e só se entr'abrem
Para gosar da angelica presença
Do roubador gentil.—Entanto o joven
Sente o doce calor do brando corpo
Os membros repassar-lhe, e dar rebate
Ao sangue, que agitado ja circula,
E em seu tropel o espirito involvendo;

Sensações menos puras, logo ideas
Peccaminosas... feios pensamentos,
E ao cabo tentações... Ja não surria,
Mas dava pulo o diabo de contente.

XIII

Eis ao subir de pedregosa incosta
Agra e difficil, do alto da montanha
Vozes mil a gritar: —'Ei-los vão, ei-los!
O roubador infiel ei-lo e a princeza.
Acudi, acudi, vingae no infame
Nossas injúrias todas.'—E redobra
O alarido das vozes tumultuárias;
E gritando corriam, e descendo
Dos lados todos, breve tem cercado
O cavalleiro multidão de moiros
Que em furia cresce, e emtôrno se amontoa.

XIV

É povo mal armado e descomposto,
Gente soez, e sem valor nem brio,
Mas forte pelo número, e terrivel
Na fanatica sanha que os excita.
Embalde o cavalleiro o corcel volta,

Embalde tenta de descer de novo,
E salvar-se na fuga: a turba immensa
De toda a parte acode. Atropelados
Do fogoso cavallo, a muitos prostra;
Mas outros, e outros véem: ceder é fôrça.

XV

Ceder! um portuguez, e um cavalleiro!
Oh! que pesado então lhe foi o leve,
O doce péso que a seu peito apperta!
Que fará? Lança e escudo lhe fallecem.
Mas ceder! isso não: co'a esquerda abraça,
Defende a linda dama que estremece;
A dextra brande a espada formidavel,
A cujos golpes o infiel desmaia;
E cahem como espigas em calmosa
Sésta d'estio aos golpes do ceifeiro.

XVI

E a bella!—Oh! despertada alfim do sonho,
Suas magas illusões se desvanecem.
Cruel realidade! Quem é elle?
Como a roubou, e aonde, onde é que a leva?

Porque assim a perseguem esses moiros?
Oh! isso intende, isso conhece a triste.
Claros os gritos são. Mau fado a espera
Se em suas mãos cahir. Oh Deus que susto!
Com o seu roubador, seu cavalleiro,
Seu defensor... Ou como hade chamar-lhe?...
Se abraça, e esconde o rosto delicado
No seio aspero e ferreo da armadura.
Mas é ja tarde, ja reconhecida
Foi da turba infiel—'Oriana!' bradam:
'Oriana!' soa emtôrno. Co'este nome
Cresce a raiva, o furor nos combatentes,
A quem resiste impavido um só homem.

XVII

Oriana' repettindo, imbravecidos
Investem; mas o nome que os excita,
Como se fôra magica palavra,
Respeito lhes inspira: os golpes vibram,
E no meio do golpe a mão descai-lhes,
E o peito deixa aos botes desarmado
Da espada do christão.—Ja da matança,
Ja de tanto ferir lhe affroixa o braço;
E as fôrças pouco a pouco a fallecer-lhe...

XVIII

Tem pois de succumbir. Pereça embora;
Embora.... Mas á furia d'esses barbaros
Abandonar a victima innocente
Que elle insensato ao sacrificio trouxe!
Uma virgem christan! Ceos! e tam bella!
Jamais.—Resta-lhe a esp'rança derradeira
De chamar pelos socios que lhe acudam:
Se o ouvirem, poderão valer-lhe
E ajudá-lo a salvar a desgraçada.
O corno toca; os sons repette ao longe
O echo das montanhas. Ja o ouviram,
E o ousado som de Mem reconheceram
Os socios que, não longe, começavam
A sentir o alarido da peleja.
O passo dobram: ei-los... oh ventura!
São a milhares a moirisca turba;
Mas seis de Sanctiago!—Ávante! e rompem.
Sanctiago e ávante!—Em roda estão do amigo.
Vidas como éstas caro são vendidas;
E tarde, se a perderem, a victoria
Só coroará os lividos cadaveres
Do vencedor, a que se deu maugrado.

XIX

O inimigo recúa. Seccos troncos
De figueiras, que ahi jazem, incastellam
Uns; em quanto outros á lançada viva
Seu trabalho defendem. Ja completa
É a tranqueira, e a tempo; que os cavallos
De cançasso e feridas se abatiam.
A suas frageis muralhas se acolheram,
E da turba que os cérca se defendem,
Como leões á bôcca do seu antro
Pelos filhos e espôsa combatendo.

XX

Ai da formosa, incognita donzella!
Que ao deslaçar os braços delicados
Do corpo do mancebo, os lindos olhos
Cheios de amor e lagrymas levanta
Para o ceo, para elle, e: 'Adeus' lhe disse:
'Adeus! Que breve foi, e que amargado
O prazer d'este abraço!'—Ai cruas vozes,
Tam meigas, tam crueis! abriu-se-lhe alma
Ao joven; e a paixão, que lhe escondiam
Suas chymeras vans, toda lhe avulta;

Co'esse golpe de morte lhe rebenta
O amor télli no coração occulto.
Oh transe! amor travando o braço á morte!
A eternidade em meio da ventura!

XXI

Os olhos do mancebo se inturvaram,
O sangue que vertiam mil feridas,
Parou. Ja n'esse instante a última vida
Do coração fugia... Suspendeu-lh'a
Co'a fôrça do prazer, da dor o excesso.
Qual soem suspender oppostos ventos
Ao lume d'agua, em cabo procelloso
A soçobrada nau.—Anjo da morte
Porque retiras a aza côr da noite,
Que lhe estendias sôbre a frente livida?
Doce é morrer assim; mas todo o calix
Do passamento, té ás fezes negras,
Bebê-lo!—Oh! cruel es, anjo terrivel.

XXII

De novo jorra o sangue das feridas,
E exanime clamou.—'Oh Deus!' seus labios
Descorados na face da donzella

Osculo imprimem, o primeiro—e o ultimo!
A virgem não corou: solemne, e augusto
É o extremo da vida; não ha pejos
Na despedida ás portas do sepulchro.

XXIII

—'E quem és tu, incognita beldade?'
—'Eu?' volve a virgem: 'eu? Sangue inimigo
Teu e da Cruz nas minhas veias gyra;
Sangue de reis... sangue fatal! Raiou-me
A fe por entre as trevas de seus erros:
Minha mãe foi christan, e a agua sem mancha
Do baptismo banhou meu corpo infante.'
Este é o crime que a plebe amotinada
Persegue em mim. A seu rancor fugida
Tinha vindo acoitar-me n'estes bosques
Onde um velho ermitão, por charidade,
Em sua rustica choça dava abrigo
Á irman de Aben-Afan.'
—'Tu irman d'elle!
E eu fui que te perdi... Ai! fui eu, triste.'
Toma a espada, e com impeto que mostra
Fôrças maiores ja do que as da terra,
E sem mais proferir, dá sôbre os moiros
Com furia tal, que innumeros lhe cahem

Aos pés d'um bote só. Porêm foi esse
De Sansão moribundo extremo esfôrço:
Sôbre o montão das victimas que immola,
O sacrificador exangue accurva;
Sem vida cai. Não o vingueis, amigos:
Não cahiu bravo em campo de batalha
Mais gloriosa quéda; não deis lagrymas
A quem só derramou em vida e morte
Sangue inimigo e seu. Mem não existe:
Folgae, filhos d'Agar, sôbre o seu tumulo.

XXIV

Olhos formosos que lhe a morte déstes,
Chorae vós, sim chorae!... Mas tanta perda
Ignora ainda a bella causa d'ella.
Não o viste cahir, gentil Oriana,
Que no meio dos fortes cavalleiros,
No chão prostrada, supplice invocavas
Ao ceo perdão, do ceo misericordia,
E gemes, como a rôla solitaria
Sôbre o lascado ramo do pinheiro,
Quando os ventos do outomno tempestuoso
Da emigração a quadra lhe annunciam:
Ai! caçador cruel lhe ha morto o espôso,
E seu terno arrulhar o chama ainda.

XXV

Com a morte de Mem coragem ganham
Os infieis, e affroixa nos de Christo
O ânimo não, mas esse mais que humano
Esfôrço gigantesco, enthusiasmo,
Que não só p'rigos sem pavor arrosta,
Mas a infallibil perda, a morte certa,
Sem lhe attentar no horror, com gôsto incara.
Lassos de combater, de sangue exhaustos,
Que a jorros corre dos golpeados membros,
Os que fortes exercitos venceram,
E são terror de bellicosas hostes,
Ante uma vil, desordenada turba
De alvoratada plebe ja succumbem.

XXVI

Eis a correr do alto da montanha
De redea larga vem um cavalleiro
Ancião, de longas barbas venerandas,
Nem armado, nem seu trajar indica
Linhagem nobre; mas nobreza d'alma
Brilha em suas feições. Ao chegar perto
Dos combatentes, moderára o passo,

E grave se approxima do tumulto
Com semblante sereno. Erguendo a dextra:
—'Suspendei' disse: 'suspendei as armas;
Escutae-me um instante.'
A inesperada
Falla do velho á sanha da peleja
O furor suspendeu: pára o combate;
E curiosos da causa que o alli trouxe,
Attentos moiros e christãos o attendem.

XXVII

—'Illustres cavalleiros, escutae-me,
Filhos de Agar, ouvi-me: injusta guerra
Fazeis todos: o sangue desparzido
N'este dia fatal ao ceo bradando
Está vingança, e todo ha recahido
Sôbre minha cabeça. Eu a princeza
Oriona dos reaes paços de Tavira
Na fuga auxiliei, ao respeitado
Bosque d'Almargem a levei, e em guarda
A um eremita sancto a dei eu mesmo.
Mas essa que buscais ha tanto tempo,
Mas essa, por quem hoje heis combatido,
Não é ja vossa, não: Oriana, a bella,
A real Oriana aos erros e mentiras

De vossa falsa lei jamais deu culto.
Christan é, christan foi desde a primeira
Hora da vida.'
—'Ella christan!' exclamam
A maura turba com horror e espanto.

XXVIII

—'Sim, christan sou' lhes diz, alevantando-se
A princeza gentil; e no ar, no gesto
Lhe brilhava um splendor de majestade,
Que, entre essa multidão d'homens armados,
Sanguentos, golpeados, parecia
Anjo de paz que vem de ordem do Eterno
O cru flagello suspender da guerra.
—'Sim christan sou: e o Deus só verdadeiro,
Que á sua sancta luz abriu os olhos
De minha mãe, que em sua glória é hoje,
Constancia me dará para o martyrio,
Para alcançar a immarcessivel palma
Que me espera no ceo. Vinde; essas armas
Para meu peito dirigi: tormentos
Inventae novos; tudo com delicia
Receberei de vós, com prazer d'alma;
Tudo... Piedoso Deus! que hei visto!'—Pára-lhe
A voz e a vida; caí: no gesto livido

Veo de morte se estende. A malfadada
No cadaver de Mem, que jaz por terra,
Fixára acaso os olhos descuidados;
E do golpe fatal, que inda ignorava,
Repentino ferida, á dor succumbe.

XXIX

Alvaro e os mais christãos, que a viram subito
Desmaiar e cahir—não suspeitosos
Da causa de seu mal, hallucinados
Em tanta confusão—de tredo golpe
Por mahometano archeiro a crem ferida.
De horror e indignação furiosos bramam;
E Alvaro lhes clamou:—'Amigos, eia!
Este resto de sangue que inda gyra
Em nossas veias, pouco é, porêm corra
Portuguez té á gotta derradeira.
Que nos sobra de vida? Escassas horas:
Seculos fossem ellas, á vingança
De crime tanto e tal votadas sejam.
Sanctiago, e ávante! nossa é a victoria,
E triumphantes nos receba a morte.'

XXX

As fogosas palavras do mancebo
Nos corações que apenas palpitavam

Exangues, semimortos, vida e fogo
D'enthusiasmo infundem. Quaes rompentes
Leões, investem contra o moiro, em fúria.
A jorros corre o sangue; a vozeria
Dos combatentes, gritos dos feridos,
E o arrancar dos moribundos fórma
Consonancia medonha. Acostumado
Não era á guerra o venerando velho
Que, esperando salvar os cavalleiros
Á custa de sua vida, alli viera.
Conhece todo o Algarve o nome e a fama
De Garcia Rodrigues, o mais ricco
E honrado mercador d'aquellas eras,
Que em seu tráfico honesto, recovando
Entre os moiros do Algarve e as portuguezas
Terras vizinhas, grande accumulára
Haver de oiro e riquezas. Protegido
De frei Hugo, quando este disfarçado
Nos habitos e modos de moirisma
No palacio de Sylves demorava,
Tam prudente e avisado andára sempre
Da defuncta rainha, e íntimo sempre
Que nunca aos musulmanos fôra odioso.
Depois, morta a rainha, e Hugo partido
A fazer-se ermitão em Monteagudo,
Continuára em seu tratto, e a ir ao paço

Vender suas mercancias costumadas.
Co'a princeza Oriana alli fallava,
E em grande segredo lhe trazia
Livros, rezas christans, bentas reliquias
E outras consolações que a confortavam
No desamparo e susto em que vivia.

XXXI

No proprio dia a Sylves era vindo
Que em torrentes de sangue se affogára
O tumulto da plebe amotinada
Contra Oriana; e vendo-a resolvida
A fugir para sempre as impias terras
Dos inimigos de sua fe—deixára
A mercantil, habitual prudencia;
Com grande risco de fazenda e vida
Elle proprio, uma noite bem fadada,
A levou nas recovas escondida,
Que o não sonhou ninguem. Passou as portas
Da alcaçova, e passou as da cidade,
Escapando a perigos infinitos,
Que só pensá-los faz tremer. Andando
A bom andar, chegou áquelle bosque
Do Almargem, e o seu furto precioso
Deu a guardar a um sancto velho monge

Que allí vivia em solitario hospicio
Dos lá da Serra d'Ossa dependente.
Alli a vinha ver o bom Garcia
Sempre quando passava em seu contínuo,
Usual perigrinar. Caminho agora
Ia de Alvor, quando escutou o ruído
E a causa soube do fatal combate,
Que a apaziguar correu.... em vão. 'Salvá-los
É impossivel!.... Pois' disse elle 'morra-se
Como homem tambem.'—Impunha a espada,
E sôbre os moiros deu como homem que era.

XXXII

Novas emtanto da fatal peleja
A Cacella chegaram. Parte á pressa
C'os seus o mestre, esperançado ainda
De soccorrer os nobres combatentes.
Tavira passa; os moiros, aterrados
Do furor com que vem, passá-lo deixam.
Chega... ai!... tarde. Ja lividos cadaveres
Sôbre montões dos que immolou seu ferro
Jazem os sette heroes. Tropheos d'emtôrno
Seus imigos lhes são, que os precedêram,
E ás regiões baixaram do sepulchro
A annunciar do vencedor a vinda.

XXXIII

Mas os moiros do campo da batalha,
Em vendo o mestre vir, se retiraram
Açodados c'o medo da vingança.
E elle, a quem no peito ância rebrama
De punir tam cruel aleivosia,
Os preciosos despojos recolhendo
Dos nobres cavalleiros e do honrado
Mercador, no alcance vai dos moiros,
Que em vão fogem. Cruento sacrificio
As sombras dos heroes alli recebem:
Milhares cahem. De Tavira ás portas
Accossados os leva; e as portas, que abre
Para acolher os seus o musulmano,
Ao mestre foram triumphal entrada
Na capital do sobjugado reino.

XXXIV

Do Algarve a capital cede a dom Paio.
Mas em Sylves o rei no forte alcaçar
Crem todos; e acabar c'o infame jugo
Dos infieis em terras portuguezas
Jurára o mestre. Bem guardada e forte
Deixa Tavira, e sôbre a antiga Sylves
Vai com a flor dos seus ebrios de glória.

CANTO OITAVO

I

Ai de ti, Sylves, de tuas nobres tôrres,
Teu alcaçar tam forte! Quem resiste
Ás espadas terriveis de Sanctiago?
Ja de redor dos muros, que de lanças,
De frechas, de besteiros se coroam,
Suas tendas assentou, suas azes posta
O invencivel mestre. Ja trabucos
Acestam, catapultas véem de rôjo,
Máchinas, ligneas tôrres; e se dobram
Acubertados couros, protectores
De escaladas e assaltos. Mas de dentro

Dos muros os cercados se apercebem
Para a defeza: ardentes alcanzias,
Duros cantos, ferradas longas varas
Que os incendiarios fachos arremessam
Ás inimigas fábricas. Redobra
Corage em uns e outros o perigo.
Pregam no campo frades indulgencias,
Na cidade os imans novas promessas
Fazem de houris e paraizos: folga
Emtanto a morte, e para a ceifa crua
C'o um perfido surriso a fouce affia.

II

Dom Paio em suas tendas, rodeado
Dos cavalleiros principaes, com elles
Nos desenhos do assédio practicava,
E no mais que a seu cargo e pôsto cumpre.
Um homem d'armas entra, e ao conselho
Annuncia que ao campo um mensageiro
Do rei de Portugal n'essa hora chega.

III

—'Que novas traz?'
—'Sabê-lo-heis mui presto,

Que não tarda comvosco; e sua messagem,
Diz só a vós dara.'
—' Embora venha:
E praza ao ceo que do valente Affonso
Nos traga alfim o tam pedido auxilio.
Gran' mister hemos d'elle. Cavalleiro
E generoso é Affonso; a nenhum outro
De toda Hespanha com mais gôsto dera
Preito do que hei ganhado: mas importa
Que a levarmos ao cabo ésta conquista
Nos ajude elle; senão... reis não faltam;
Deus proverá, e a nossa espada ao resto.'

IV

O arauto, com solemne e grave passo,
A dom Paio caminha, e volteando
Tres vezes no ar o seu bastão doirado,
Em som lento e pausado assim lhe falla:
—'Da parte do mui alto e poderoso
E temido senhor, rei dom Affonso
De Portugal e Algarves, a dom Paio,
Mestre de Sanctiago, cavalleiro
Muito nobre e esforçado, vem dom Nuno;
Sua embaixada traz.'
—'Entrae.' Entraram.

V

De suas riccas armàs cizeladas
Vinha armado dom Nuno: por de cima
Da malha sobreveste d'oiro e seda
Orlada com franjões de fina prata,
Passamanes do mesmo, e sôbre o peito
Bordada a Cruz azul, insignia antiga
Do reino, e embaixador que o representa,
Segundo usança é.
Este, inclinando-se
Ao mestre, disse então:
—'Senhor dom Paio,
Elrei, e meu senhor, que a vós me manda,
Vos envia saudar, como a quem preza,
E muito estima vossas nobres partes,
E a respeitavel ordem de Sanctiago,
Cujo sois digno mestre. Sabei como
Prouve ao muito alto rei de Leão, Castella,
De Toledo, de Cordova e Sevilha,
Murcia e Jaen, imperador augusto,
Sempre feliz, a meu senhor e amo,
Elrei de Portugal, n'este seu reino
Investi-lo do Algarve; e vos ordena
Que lhe intregueis castello e fortalezas

E logares e villas que heis tomado;
E preito lhe façais e homenagem,
Como a senhor e rei. E mais vos trago
Que em marcha com sua gente a estes sitios
Vem elrei meu senhor, com tenção firme
De ajudar-vos na sancta imprêsa vossa
De libertar suas terras do pesado
Jugo de moiros: no que muito conta
Comvosco e vossos nobres cavalleiros,
A quem honra e mercês fara condignas.'

VI

—'Venhais embora' o mestre respondia:
'Sejais bem vindo vós, e a vossa alegre
Messagem que trazeis, senhor dom Nuno.
Portuguez sou, e portuguez me prézo
De ser do coração; e muito folgo
De intregar nossas praças e castellos
A rei tal e senhor. Em hora boa
Venha elle tomar nossa homenagem,
E a conquistar o mais que no seu reino
Inda infieis lh'o teem. Com mãos á obra
Nos achais, cavalleiro: d'esta Sylves,
Onde o moirisco rei temos cercado,

O resto da conquista está pendente;
E... Mas vejo-vos rir!... Não sei que o caso..."

VII

Nuno surria, e em gestos se expressava
De quem do mestre aos dictos fe não dera.
—'Não tomeis, senhor meu para má parte
Este surrir:' contendo-se dom Nuno
Lhe tornava: 'De Aben-Afan dizeis
Que o tinheis hi cercado... E sei eu certo
Que algures elle está, que não em Sylves.'
—'Sabeis?'
—'Sim, sei.'
—'Muito sabeis! Contae-me.'

VIII

Nuno então conta ao mestre, que pasmava,
Como, da infante em companhia, a Holgas
Indo, o rei moiro subito os tomára,
E elle só, por estranho caso, a vida
Salvára e liberdade;—que escondido
Na cêrca do convento, deparando
Com um moiro, o matára, e em seus vestidos
Á pressa disfarçado, Aben seguira

Té a uns formosos paços, onde a infante
Só com Aben-Afan entrar poderam,
E que subito os paços se sumiram.
Que certo havia alli incantamento
Ficou elle; porém logar e sitio
Bem o conhece, e taes signaes tem pôsto,
Que hade com elle dar. D'ahi partido
A elrei se fôra a lhe contar do roubo
E desacato da real infante.
Que de vingar sua honra e a de sua filha
Juráva Affonso; e a Beatriz, sua espôsa,
Mandára ao pae a lhe pedir do Algarve
Terras e senhorio, resoluto
A acabar d'esta feita co'a vil raça
De Mahomet. Em tudo consentíra
O bom do imperador: e elrei á pressa
Vem caminho do Algarve, a invicta espada
Jurando não depor sem que no sangue
Do derradeiro moiro a injúria lave.

IX

—'Mas se incantada a infante' diz dom Paio,
'C'o moiro está, que vale guerra e sangue
Para a cobrar?'—'A tudo se ha provido'
Nuno volveu: 'com elrei vem quem sabe,

E tudo póde em coisas taes d'incantos.
Certo, que nomear tereis ouvido
Frei Gil de Santarem...'
—'Frei Gil!... Oh! valha-nos
Sanctiago!' á uma os cavalleiros dizem:
'Traz comsigo esse frade dom Affonso?'

X

—'E porque não?' dom Nuno respondia:
'Sim traz; mas não sabeis quanto mudado
Está frei Gil. Do diabo, a quem vendêra
A alma pelo podêr da bruxaria,
O escripto cobrou que lhe fizera
De obrigação, lavrado com seu sangue.
E agora o diabo, a quem servíra escravo,
Como a senhor o serve; e é maravilha
Ouvir casos e coisas que se hão feito
Por sua intervenção. Peça mais fina
Nunca sancto a pregou a fino diabo,
Do que o padre frei Gil; fa-lo ir ao côro
Rezar c'os frades, ouvir missa inteira,
E confessar-se até.'
—'Mas quem ve isso?'
—'Ninguem senão frei Gil: boa era essa!
Se o víra alguem, forte milagre fôra.'[1]

[1] Veja a nota a este verso, no fim.

XI

Riram os cavalleiros do bom lôgro
Que pregára ao demonio o sancto frade.
E o mestre, incarregado da ordenança
Do cêrco, e mais govêrno que cumpria,
Ao commendador-mor, se foi, com parte
Do conselho da ordem, ao caminho
De Selir, a esperar elrei Affonso,
Que para ahi direito em marcha vinha.

XII

Ja longo o cêrco a parecer começa
Aos sitiantes; rapida a victoria
Télli os precedeu: emfim o auxilio
Do monarcha pora termo ás delongas,
E acabará c'o o imperio musulmano
Nos libertos Algarves.— Se podessem
Todavia vencer sem esse auxilio!
Veda-lh'o a ausencia do esforçado mestre.
Sem elle aventurar-se a dar assalto
Não ousarão, nem devem. Surdas minas
Lavrando vão calladamente emtanto

Com direcção do alcaçar, que o mais forte
Lanço é da praça toda, e decisivo.

XIII

Segue de perto aos que trabalham, prompta
A escolha dos mais bravos e atrevidos
Na subterranea estrada, que ja longa
Cresceu: prestes estão de peito e d'armas
A qualquer caso, ou contramina os cruze,
Ou, repentino, a bem guardada estancia
De inimigos os leve seu trabalho.

XIV

O ardido Nuno entre os primeiros sempre
É na glória e perigos. Voluntario
Se off'rece a ir na subterranea imprêsa.
Por capitão de todos o pozeram
E a direcção da mina lhe intregaram.
Trabalhavam um dia, eis—'Vozes sinto'
Disse parando na obra um dos soldados.
—'Escutemos: silencio!' Nuno accode.
E álerta ouvidos, e callado é tudo.
Vozes se ouviam, mal distinctos echos,
Sons abafados, como uns ais perdidos

De infeliz a quem vivo sepultassem
Nas intranhas da terra, e que em lamentos
— Vãos! — conjurasse o horror de seu destino.

XV

—'Manso continuae vosso trabalho'
Diz Nuno: 'descubramos d'onde nascem
Estes estranhos sons.' Vão pouco e pouco,
Leve e leve, minando a terra dura.
Ja clara a voz se ouvia: feminino
Era o accento gemedor e afflicto,
E como supplicante: crebros golpes
Se ouviam c'os lamentos misturados,
E um rouco murmurar de voz sinistra.
—Supplicio, algoz, e victima parecem.
Tam proximos estão, que se distinguem
As fallas ja.
—'Piedade!' diz voz trémula:
'Piedade! eu desfalleço, eu morro...'
—'Amigos!'
Bradou Nuno: 'á uma os ferros, eia!
Salvemos essa victima innocente
Da mahometana barbara maldade.
Rompei d'um golpe só o estreito espaço.'

XV

Mal dissera, aos alviões nas mãos robustas
Cede a terra, e cahindo patenteia
Á vista dos atonitos guerreiros
O lobrego recinto de medonho
Subterraneo, horrivel calabouço.
Uma lampada funebre, que ardia
Suspensa em meio, triste luz reflecte,
Clara porém, na profundez do antro.
Em pé spadaúdo moiro como estátua,
De medo e pasmo está; seus olhos fixos,
Seu gesto horrendamente contrahido
O pavor, a crueza, o susto, o crime
Alternados debuxa. Tem na dextra
O instrumento de barbaro supplício,
Azorrague sanguento. Juncto d'elle
No chão prostrada ũa mulher... Vergonha
Me abafa os sons nas cordas que estremecem:
A indecorosa posição... pintá-la.
Meus versos ousarão?... Em terra os joelhos
Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas
Cobre-a, de pejo,—o seio incobrem vestes;
Mas o restante... oh! não as tem mais bellas,
Nem mais patentes Callipygia Venus,

As fórmas immortaes que nome e fama
Dão ao cinzel e marmore divino.
Matizam crus signaes o alvo dos lirios,
Como sóe no vergel tulipa roxa
Entre as cecens brotar.—Mais se divisa
Outra flor... Caia o veo sobre o meu quadro.

XVII

Veo de pudor cobriu os olhos castos
Dos guerreiros christãos. Seu manto arroja
Nuno á infeliz, e co'a outra mão travando
Da barba hirsuta do algoz:—'Malvado!'
Lhe brada: 'mas que vejo! tu! É sonho,
Ou es tu mesmo? Como n'estes habitos
Co' esse turbante, infame renegado?
Eterno Deus!.... Vil monstro de maldade,
Falla: quem é ésta innocente victima
De teu furor cruel? porque a ferías
Tam despiedado? Falla, ou n'este instante
A merecida morte...'

XVIII

Um suor frio
Cobría o meirinho, os dentes lhe batiam,
E os membros contrahidos lhe estremeciam.

Qual ceifeiro robusto, a quem na messe
Tomou quartan violenta, co'a mão trémula
Aperta a foice, e em vão chamar os socios,
Bradar procura em vão; no aberto sulco,
Sôbre os feixes d'espigas que ha colhido,
Cai opprimido d'ância e quebramento.

XIX

—'Malvado!' exclama Nuno: 'segurae-o,
Mas não toqueis, por Deus, n'essa cabeça
Ao cutelo votada da justiça.
E vós, senhora, cobrae fôrça e ânimo,
Que não estais com barbaros: respeito
E piedade achareis. Auxílio e amparo
Por cavalleiros e christãos devemos
Ás damas; nem nos veda a differença
Do culto e religião...'
C'um gesto a dama,
Em que, apezar do pejo e abatimento,
Sobresai dignidade e formosura
De nobreza e virtude, alevantando-se
Gravemente, o interrompe co'estas vozes:
—'Meu culto e religião, senhor, é o vosso;
Christan sou, por christan hei padecido,
E de meu padecer uma só queixa

Tenho elévado ao ceo — que lento e brando
Não me haja dado a suspirada morte.'

XX

—'Nobre dama, comnosco ao regio Affonso
Vinde; e recebereis honra e justiça,
Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro
De tam bella senhora, mas porcerto
D'alta progenie o tenho.'
—'Em mal! bem alta.'
—'E portuguez?...'
—'Senhor, moiro é meu sangue,
Musulmano os meus, christan eu unica.
Não me perguntei mais; eu vo-lo rógo
Por vossa cruz: levae-me presto ao campo
Onde os soccorros que ha mister minha alma,
Incontrar possa.'
Prompto, Nuno ordena
Ás guardas e vigias o que devem
Em sua ausencia fazer, e co'a formosa
Dama e c'o velho moiro ao campo volve.

XXI

Soavam atabales e trombetas,
Que tangem menestreis: todo um triumpho

O arraial parecia.—'Ei-lo que chega,
Ei-lo! Real, real por dom Affonso
Do Algarve e Portugal!' mil vozes clamam.
E do mestre e dos seus acompanhado
O magnanimo Affonso, n'um formoso
E suberbo andaluz montado, vinha
O campo entrando. Os vivas de alegria,
As saudações do povo e dos soldados
Benigno accolhe: mas profunda mágoa
No rosto impressa traz; ri-lhe nos labios
Doce affabilidade, que os monarchas
Portuguezes outr'ora distinguia,
Mas a frente pesada de cuidados
Em vão se aliza, as rugas da tristeza
Sob o diadema d'oiro se lh'increspam.

CANTO NONO

I

O estendarte das Quinas tremolava
No pavilhão real; e essa alegria,
Que em deredor festiva se agitava,
Na tenda do monarcha não penetra:
Pezado é tudo ahi. Seus riccos-homens
Se compoem no silencio e na tristeza
Que da frente do principe reflecte.
A mão no rosto pallido, e o'os olhos
Fitos no vago, Affonso meditava.

O que vai por essa alma, ó rei?... Memorias
De Bolonha serão? Lagryma a lagryma,
Estás sentindo as da infeliz Mathilde
No coração traidor cahir-te agora?
Se do vendido thalamo... vendido!
Porque o vendeste, rei; não foi cegueira
Perdoavel de amor, senão cubiça,
Fria crueza de ambição a tua...
Se do vendido thalamo as saudades
Vingadouras talvez véem perseguir-te?
Ou se—que é ricco de remorsos e amplo
O teu quinhão de rei—se outro remorso
Te estará sollevando a lagem negra
Que em Toledo a outro rei... teu irmão era!
Deu extranha piedade por esmola?
Ai Affonso! E perdeste a filha, e choras
E accusas os ceos! Os teus são crimes
Que a Divina justiça não espera
Para os vingar depois na eterna vida.

II

Foi este o derradeiro pensamento
Que por certo o feriu. Turbado, afflicto
Fez signal que o deixassem. Nobres, pagens,
Tudo se retirou.—'E que me chamem'

Disse 'Frei Gil.' E a frei Gil chamaram;
E só entrou a elrei; e a sós são ambos.

III

—'Padre' torvo d'aspecto Affonso clama:
'Padre, que heis descuberto? Que esperanças,
'Que novas me trazeis?'
—'Tem confiança
Em meu podêr, ó rei dos portuguezes.
Tua filha verás, vê-la-has. Mui cedo
É para se cumprir a grande obra
Em que impenhadas tenho minhas artes,
Minha sciencia toda.'
—'Muito ha, padre,
Que o prometteis assim, e... Desculpae-me:
Sou pae; e nenhum pae nunca amou filha,
Como eu a minha Branca; nem mais digna
De amor e de ternura houve outra filha.
A meu pezar, confesso, que aos altares,
Inda mal! a cedi. Triste presagio
Me agourava seu fado.'
—'Rei, es homem:
E como homem es fraco e miseravel.
Péza-te o quê? da filha que has votado

A um Deus que reino a reino te accrescenta?
—'Oh! mas a minha filha, a minha Branca?..'
—'Tua filha verás: sou eu, Affonso,
Que t'o asseguro. Do immundo espirito,
Que hei forçado a servir-me e a obedecer-me,
A resposta alcancei: não está longe
A abbadessa d'Holgas d'estes sitios.

IV

—'Aonde, aonde está?' bradou Affonso
Levando a mão á espada: 'Quero eu proprio,
Eu só, por minha mão...'
—'Tua mão, tua espada,
A tua cr'oa, o teu sceptro que impenhóras
Não são nada sem mim. Que sois vós outros,
Reis da terra, que fôra o vosso throno,
Sem o amparo do altar? Vai perguntá-lo
Á campa de Toledo e aos deshonrados
Ossos de teu irmão...'

V

Accovardado
Tremia o conde de Bolonha; o forte,
O ousado Affonso treme, e respeitoso,

Deante do humilde frade mais humilde,
Com submissão se inclina.
                                        Relaxando
Na asperidão da voz, frei Gil prosegue
Com mais suavidade:—'Ouve, liberta
Será Branca por mim; nem longe é o dia.
Quando o ramo de peste em talha de oiro
For escondido, quando o bento orvalho
Extender seu influxo a terras d'impios,
Quando em noite mais clara do que o dia
Escurecer o ceo sombra de mortes,
E o gallo preto annunciar a hora
Fatal a incantamentos e á possança
Dos espiritos do ar, liberta é Branca.
N'isto confia, ó rei: mas grande e forte
É o podêr que a guarda, grande imperio
É o do genio que a retem captiva.
De confiar-t'o duvidei té-gora;
Porém força é que o saibas: protegido
Da rainha das fadas é o joven
Roubador de tua filha. Nem violenta
Em seus torpes abraços está ella:
Fatal incanto a cega, poderoso
Feitiço a inamorou...'
                                        —'Oh Deus! que horrores!
Meu sangue, a minha filha? Que vergonha

Me annuncias!... Oh! venha a desgraçada:
Seu juiz, seu algoz serei eu mesmo!'

VI

—' Não o permitta o ceo' Gil o interrompe:
Não o permitta o ceo: altos decreto
São do destino eterno; adorar deves,
E conformar tua vontade humilde
Com a vontade summa. Penitencia
De seu êrro fara: e hade applacar-lhe
A penitencia sua as íras justas
Do espôso e do ceo. Mas a salvá-la,
A quebrar seu incanto é necessaria
Uma difficil coisa.'
—'O qué?'
—'Tres gottas
Sem ferro havidas, e do sangue proprio
Do roubador.'
—'De Aben-Afan? Burlais-vos'
Padre, zombais de mim? Não me haveis ditto
Que com ella no mesmo incantamento
Esse perfido moiro está?'
—'Sim disse.'
'E então?...'
Fexando os olhos, e a myrrada

Mão alçando, murmura com voz trémula
Frei Gil:—'Perto de nós está seu sangue.'

VII

Mal éstas vozes pronunciára o frade,
Da tenda o reposteiro alevantava
Um cavalleiro: é Nuno, acompanhado
D'aquella afflicta dama; a el-rei se chega
Ainda transtornado do despeito
E indignação:—'Perdoae minha ousadia,
Rei e senhor, lhe diz: justiça venho
E piedade implorar. Horrendo crime,
Barbara affronta a Deus e á humanidade,
Clama por vós, senhor, a grandes brados.
A queixosa, a offendida é a bella dama
Que aqui vêdes; o réo... Interrogae-a,
E d'ella o sabereis.'

—'Formosa dama,
Justiça vos farei; tende bom ânimo.
E se de vossa affronta é tal o caso,
Que só a desaggrave espada ou lança
Em raso campo; cavalleiros tenho
Que por tam bella dama se appresentem
A defendê-la em cêrco ou estacada
Contra o proprio Amadis. Mas vossos trajos

Á usança moirisca me parecem;
E vós, senhora, sois?...
—'Moira hei nascido;
E christan sou. Mas de meu triste caso
Vos dirá esse honrado cavalleiro.
Desculpae-me, senhor; longos discursos
Meu padecer e mágoas não toleram.'

VIII

Nuno então conta da lavrada mina,
Do subterraneo carcere, e do incontro
Que ahi teve; refere o mais que ouvíra
Dos cavalleiros que ao fatal combate
De Antas em tardo auxilio haviam ido,
E ésta dama em podêr da maura turba,
Quando fugia, a viram: e sabido
Tinha dos prisioneiros como a causa
Do combate ella fôra, e como filha
Era de regio sangue; e convertida
Sua mãe á fe de Christo, a baptizára;
Como por tal dos moiros perseguida,
O mercador Rodrigues lhe valêra
E a levára ao Almargem, onde occulta
Estivera em podêr do sancto monge
Que demorava alli. Aodepois narra

De Antas a crua historia, e como havendo
Succumbido os christãos na fatal lucta,
Os infieis a Sylves a levaram,
E n'um medonho, subterraneo carcere,
Por começo de trattos, a arrojaram.

IX

—'Como foi minha dita libertá-la,
Ja vos disse, senhor' Nuno accrescenta:
Mas os tormentos crus, mas a impiedosa
Injúria atroce que um perverso monstro
Lhe ha feito... oh! não me atrevo a referi-la.
Concedei-me, senhor, que ante vós traga
O reo, e pasmareis de conhecê-lo.'
—'Ide.'
—'Perto elle está. Trazei, soldados,
Á presença d'el-rei esse malvado.'

X

Os soldados c'o velho moiro entravam;
El-rei com attenção fixo o contempla...
—'Approximae-o' disse: 'Um moiro é esse?
Um moiro dizeis vós!... É frei Soeiro.'
—'Um christão!' volve a dama: 'e um religioso!'

—'Frei Soeiro! o confessor de minha filha?...
Miseravel! defende-te se podes;
Treme infiel das penas que te aguardam.
Por que enormes peccados has chegado
A esse estado de infamia e de miseria?
Renegar do teu Deus, teus sanctos votos!
Como, infeliz, como chegaste a tanto?'

XI

Atonitos emtôrno estavam todos,
E com horror ao renegado frade
Observa cadaqual, attento ouvido
Para escutá-lo dando. Mas callado,
Mudo, quêdo, c'os olhos esgaziados,
Como se não ouvíra, immovel fica.

XII

—'Cuidas salvar-te assim?' el-rei prosegue:
'Pensas de me illudir com teu silencio?
Soldados, co'as espadas nas bainhas
Porque as não manche o vil, as duras costas
Lhe macerae com rija mão. Veremos

Se lhe passa a mudez.' Executada
Foi a sentença... em vão: nem signal leve
Da menor dor amostra; mudo, quêdo,
Immovel, impassivel como d'antes.

XIII

Pasma Affonso, e os que vêem todos se espantam,
Se benzem ja. Então de um canto escuso,
D'onde, atélli callado, ésta observava
Scena de maravilha, se approxima
Frei Gil, e com um brado tremebundo,
Erguendo a esquerda mão:—'Falla eu t'o ordeno.'
O criminoso treme, e revolvendo
Com furia os olhos n'um arranco horrivel:
—'O que queres de mim' lhe disse: 'mestre?'
—'És tu frei Soeiro?'
—'Não.'
—'Não es frei Soeiro!
Quem es tu pois?' clamava el-rei pasmado.
Frei Gil tornou:—'Responde.'
—'Sou o diabo.'
—'Zombas de mim, traidor?'
—'Não zomba, Affonso:
Ouve. Escutae-me, todos, em silencio,
E não me interrompais, por vossa vida.'

XIV

Da manga o frade tira gravemente
Curta varinha dobradiça e negra,
Que tres vezes no ar com pausa agita.
No chão depois um circulo descreve,
Emtôrno ignotos characteres fórma,
Palavras caballisticas murmura,
E em silencio, os braços descahidos,
Eriçada na frente a rara grenha,
Com os olhos fechados, como spectro
Que se ergue sôbre a campa em hora aziaga,
Extatico, terribil permanece.

XV

Subito exclama com accento horrido:
—'Espirito infernal, anjo das trevas,
Que ao meu podêr rebelde hei sujeitado!
Pelas sublimes artes, e execrandas
Palavras não sabidas d'homem vivo,
Nem pronunciadas por humanos labios
Deante da luz do sol, eu te esconjuro,
Immunda creatura, que declares
O que pretendes d'esse immundo corpo

De frei Soeiro? como, e por que causa
A renegar da fe e de Deus sancto,
Teu e seu creador, o compelliste?
E paraquê, por suas mãos impuras,
Déste á bella Oriana crus tormentos?
Falla, e verdade, em que te pez, não mintas,
Ou as fataes palavras do castigo
Sôbre ti, vil creatura, pronuncio.'

XVI

Fez-se mais negro o moiro, e assim responde:
—'Essa Oriana é filha do peccado
E de nascença minha escrava e d'elle.
Mas um tal frade bruxo, meio frade
E mais que meio bruxo, que na manga
Trazia os sortilegios co'as reliquias,
Proprio fradinho o tal da mão furada,
O teu vivo retratto emfim...'
—'Adeante!'
Disse frei Gil, doendo-se da graça.
Surriu-se elrei. E o démo proseguia

XVII

—'O tal frade... frei Hugo era o seu nome:
Tanto me andou co'a mãe... Que fina moira

Era a mãe!.. imbruxou, desembruxou-a,
E deu co'ella christan. Ja era velha
A esse tempo: e eu perder, não perdi nada.
Mas est'outra, da infancia m'a tiraram;
E picou-me no vivo. Fez-se linda,
E tam linda, que á fôrça de lisonjas,
De infeites, gallanteios e requebros,
—Bruxaria mais forte que nenhuma—
Estive certo de a apanhar á unha,
E a tornar a fazer mais minha que antes.
Roubou-m'a um tal trattante de Garcia,
Mercador que ahi jaz em Antas morto....
E foi-se a tempo, que por nada o pilho
N'uma onzena em que quasi, quasi o impalmo.

XVIII

Custava-me a perder essa donzella;
E ao velho ermitão que a tinha em casa
Tentei, tentei embalde um anno inteiro:
Debalde, que o mofino, velho e tropego,
Não tinha que tentar.—Quando vi junctos
Em Antas seis tam jovens cavalleiros
Assentei de incaixar-me no mais moço
E mais gentil dos seis. Perto dormia

Essa Oriana; cuidei que a tinha feita:
Mas, por mau fado, os cavalleiros todos
Não se esqueceram de levar ao peito
Aquella coisa que adorais vós outros,
E que nós...'
—'Vai por deante, e não blasphemes.'

XIX

—'Fiquei *desappontado*,—como dizem
Os inglezes;—não ha na vossa lingua
Com que o dizer: e venha ou não do diabo,
Tomem-n'a, que hão mister d'essa palavra.
N'um falcão me inganchei, voei de sorte,
Que o joven me seguiu té juncto d'ella.
Dormia, e em tam formosa, tam lasciva
Postura estava, que eu á fé vos juro
De diabo que sou... arrependi-me
De pôr tam fino mel em bôcca d'asno;
E, não fôra eu falcão n'esse momento,
Meu inculto poder...'
Corou a bella
Oriana; e indignado o interrompia
Frei Gil!—'Spirito immundo, não abuses
Da liberdade que te dei. Prosegue.'

XX

—'Quem tal diria? o parvo do mancebo
Babado a olhar para ella uma hora inteira...
E porfim... e porfim—toma-a nos braços,
E desanda a correr como um damnado,
Para a levar a terra de baptismo,
E fugir— dizia elle lá comsigo—
Da tentação. Sahiram-lhe ao caminho...
E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos
Os seis e o mercador mui direitinhos
Ir com sendos palmitos e capellas
Para o ceo. Eu tambem me fui direito,
Mas raivando e sem palmas nem palmitos,
A Sylves onde a môça me levavam.
Fui dar com tres dos meus alli captivos
Desde a historia da noite da Tremenda,
Em que tanto me ri e ganhei tanto...
Aquillo sim, que é môça de outra casta,
Desinganada, não d'estas piegas
Que não sabem se querem, se não querem,
Que estão morrendo por se dar ao diabo,
E rezando abrenuncios...'
—'Conta a historia,
Maldito: as reflexões nós as faremos.'

—'Melhor do que eu: bem sei. Os taes amigos
Eram Gilvaz, frei Lopo e este Soeiro.

XXI

O medico, judeu no fundo d'alma,
Está visto, custou-me pouca lida
A dar co'elle outra vez na synagoga.
O Lopo, namorei-o d'uma velha
Beata de Mafamede, que o traz gordo,
Cevado de pilau e de badana:
Moiro se fez por chocho namorado.
E a bella voz que tem! é o sino grande
Da mesquita maior, e chama o povo
Com tal graça a rezar, que nunca a teve
Tal a roncar no côro de Alcobaça.
O Soeiro, esse é velhaco mas ladino;
Custou-me a haver com elle: quer ser bispo
Ou geral, quando menos, da sua ordem.
E tinha toda a manha e hypocrisia
De um frade ambicioso. Foi preciso
Que o comprasse um villão fona e sovina,
Que o mettia á atafona, que o mohia
Dia e noite de sovas e trabalho,
E nem toucinho, seu manjar querido,
Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pança,
Lhe dava. Renegou por fome o frade;

Não fui eu que o obriguei: ja negra e moira
A alma tinha, quando eu lhe entrei no corpo.
Renegou; mas ninguem fez caso d'elle:
Moiro ou christão, ficou sempre *bernardo*.
Metti-me n'elle, e fez taes diabruras,
Taes trattos deu a outros christãos escravos,
Que alguns fez renegar, deu cabo d'outros:
E por zêlo da lei tomando-o os moiros,
Lhe incarregaram da princeza a guarda.
O mais que fiz, foi tudo bagatella;
Nada alcancei: ella ahi'stá comvosco.
E eu vou-me embora d'este sujo frade,
Que nunca entrei em corpo tão immundo,
Nem temos lá no inferno lagartixa
De mais nôjo e fedor que este malditto.'

XXII.

—'Ainda não; espera: onde escondeste
A infante dona Branca?'
—'É outro caso
Esse de dona Branca; não sei d'ella.
Cheguei a tê-la escripta em meu canhenho:
Mas tenho certas dúvidas agora.
Anda ahi mor poder que o meu.'
—'Alina,

A rainha das fadas?'
—'Sim.'
—'E quando
Se lhe acaba o incanto?'
—'Á meia noite,
Em dia de san' João.'
—'Com sangue?'
—'Sangue.
Sólta-me, ou nada mais tórno a dizer-te.
Malditto frade! affoga-me de gordo.'

XXIII

—'Vai-te, inimigo, sume-te!'
Um estoiro
Medonho retumbou por todo o campo;
E em negro boqueirão se abriu a terra.
Estremeceram todos, e aterrados
Se benzem.—Enxophrado fummo e cheiro
Exhala o boqueirão.—Com agua benta
Purificam o ar; e a terra fecha-se

XXIV

Frei Soeiro despossesso—como um parvo
Olhava para tudo, e bocejando,
Se é hora de jantar pergunta a Nuno.

CANTO DÉCIMO

I

Caro es, prazer, quando remorsos custas!
Quanto mel de seu favo amor espreme
Na taça das delicias, se o tocaram
Labios impuros, negro fel se torna,
Que imbriaguez de morte, e não suave
Devaneio de languido repoiso,
N'alma agitada convulsivo excita.
—Gôso da vida, amor, tam breve passas!
Males que deixas são tam duradoiros!

II

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos
De ternura e deleite, o adeus extremo
Deu suspirando á virgindade; e morta
De prazer e de amor... cahiu nos braços
Do roubador gentil. As horas correm,
Os dias fogem—voa o tempo a amantes:
E n'um seio de glória adormecidos
Aben-Afan e Branca o mundo esquecem.

III

Eram fins d'esse mez festivo e bello,
Consagrado a João, sancto o mais guapo,
Mais garrido e brincão do kalendario;
Sancto do proprio moiro festejado,
Cujos orvalhos bentos dão saúde,
Ao corpo e alma, cuja noite, amiga
D'amor e dos prazeres, tanto incobre
Gôsto furtivo, beijo namorado,
E o mais que vai por arraiaes, por feiras,
Pelas formosas margens de teus rios,
Muito devota Elysia, quando as môças,
Quando jovens tafues, pimpões da aldeia,

Na abençoada noite vão devotos
Ao milagroso banho!—Sancto amavel,
Advogado das limpidas correntes,
Amigo protector das frescas fontes,
Para quem tece de gentis boninas
Recendente grinalda a mão mimosa
Da donzella innocente! Oh! lindo sancto,
Qual ha hi renegado iconoclasta,
Metaphysico, abstruso protestante,
Que ao ver-te assim gentil c'o surrãosinho
Pastoril d'alvas pelles, e affagando
O cordeirinho que a teus pés nem bala,
Quem será que tal vista não converta?

IV

E então as agoureiras alcachofras,
Oraculos d'amor, e as crepitantes
Fogueiras!—e a torneada, fina perna,
Que se mostra ao saltar, como a descuido...
'Ai maman, que me viram quasi!... Nada;
Não salto mais... Um só, um só.' E o medo
De crestar a orla crespa e bem franjada
Do tafulo vestido, o ergue mais alto:
E viu-se quasi... quasi tudo agora.

Bemdicto san' João, tudo desculpas,
Tam bom que es, sanctificas tudo!

V

Era pois a estação formosa do anno,
Em que todo o seu fasto em luxo e galas
Por nossos meigos climas pavoneia,
De ricca esperdiçada, a natureza.
O sol, que tam benefico despende
Para tanto aderêce os raios do oiro,
Em seu zenith ás vezes dobra o fogo,
E a calma intensa aos ledos habitantes
De seu paiz dilecto a miudo offende.
Mas então vós, ó sombras deleitosas
Do annoso freixo, do alamo copado,
Que aopé da porta respeitado cresce,
E ha gerações que é venerando abrigo
De paes e filhos no queimoso estio!
Mas a floresta espessa, que dá coito
No ardor da sesta ao ceifador cançado,
Ao caçador sequioso; e a grutta fresca
Aopé do rio que salgueiros bordam;
E os regalados pomos saborosos,
Corados—como a face da donzella
Quando ao primeiro amor diz *não* modestia

C'os labios... porque o *sim* la ficou n'alma;
Ficou, se o não revelam olhos languidos,
Que o tem, só para cegos, escondido!

VI

Oh! cressos de Britannia! oh! que vos vale,
Ricassos lords, tanto formoso parque,
Tanta grutta, de *libras* sumidouro,
Tam lindas relvas, tam gentis ribeiros?
Onde a calma que dê valor á sombra?
Que é do sol que dê preço a tanto esmêro
D'arte que em vão luctou co'a natureza?
Em vão:—humida nevoa, fummo negro
Pesam n'esse ar; e as urnas incessantes
Os pluviosos gemeos não descançam,
Quasi fixos no immobile zodiaco,
De as imborcar na terra apahulada.
Meu doce clima, sol da minha terra,
Quando te verei eu! quando á tua branda,
Restea me aquentarei, e ao suspirado
Limiar da minha porta as vestes humidas
D'estes gelos do exilio heide seccá-las!

VII

Abençoado protector d'amantes,
Glorioso san' João que tudo alegras,

Que até descridos moiros te festejam
E canibaes pedreiros te veneram,
Teu sancto dia, tua benta noite
Suspirada d'amor, bem vinda a todos,
Tuas brandas orvalhadas, quem as foge?
Teu serêno saudavel, quem o evita?
Quem teme a vinda de tam fausto dia?
—Dois amantes.—João sancto, advogado
Não es tu d'elles? teu amparo amigo
Negaste-lh'o? porquê?—Fadas o vedam;
E no tempo em que fadas e feitiços
(Antes que a inquisição queimasse as bruxas)
Imperavam na terra, sancto ou sancta,
O mais pintado e milagroso—embalde
Se opporia ao podêr d'um bom feitiço.

VIII

A imbriaguez d'amor e dos prazeres
Ai! perpétua não é: o bello moiro
Da formosa abbadessa aos lindos braços
Ja tam sedento de prazer não corre.
Saciedade fatal!..Em vão te esforças,
Delicado amador, por incubri-la.
Que amante ha hi, que os resfriados osculos,
Que o affroixar do appêrto nos abraços,

O intibiar das caricias não descubra
N'aquelle a cujo amor a vida, a honra,
Tudo sacrificou, toda se ha dado?
Branca o percebe; misera! a seus olhos
Crédito não quer dar: suspiros nascem
No triste peito, que no peito affoga;
Lagrymas véem aos olhos, e olhos bebem
Lagrymas... que as não veja a causa d'ellas.

IX

Oh sexo generoso! e ha tal ingrato
Que traia tanto amor?—Traidor não era
Aben-Afan: mas vós que haveis amado,
Dizei-o vós, quando a explosão primeira
Do faxo se exhalou, que amor o accende?
Culpa é do amante se em quieto fogo,
Mais tranquilla a paixão no peito lhe arde?

X

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a glória,
Esquecida télli, lhe dá lampejos
Na phantasia: acodem, pouco e pouco,

Á memoria que surge do lethargo
Em que o deleite a jouve—ora do sceptro
O brilho, o resplendor do diadema....
Ora a patria em perigo, ora a victoria
Cingindo-lhe na frente outro diadema
Mais refulgente c'os ganhados loiros...
Loiros!—'Ramo fatal do meu destino'
Exclama o joven rei: 'immurchececeste,
Seccaste para sempre! Não ha glória
Mais para mim! a inutil existencia
Arrastarei aqui n'estes doirados
Salões em ocio vil e affeminado!
Ramo fatal! se á custa de meu sangue
Reverdecer podesses!.. Desgraçado,
Que proferi! E amor, e Branca?.. oh sorte!'

XI

Mal os extremos sons dos labios rompem,
O sol se obscureceu; medonha noite
Cai sôbre o ceo, como um funereo manto
Sôbre a urna cinerea; estala um raio,
Com vivido lampejo fende as nuvens,
E horrisono trovão nos ares brama.
—'Voto fatal!' estremecendo disse

O mancebo: seus ramos incantados
Observa: sêcco o myrtho, verde ô loiro...
Oh vista!—esmoreceu. Sem voz, sem ânimo,
Entre a morte e a existencia suspendido
Desfallece, cahiu.—Sophá ditoso,
Que outros desmaios ha tam pouco viste,
Thalamo de prazer, da dor es hoje.

XII

Branca era longe; triste e solitaria
Pelos vergeis sosinha passeiava,
E pelo mais umbroso da espessura
Suas mágoas entre as flores escondia.
Do escurecer do sol, do trovão subito
Assustada, a fugir aos paços vinha,
Vinha acolher-se onde alma lhe ficára,
E aninhar seu terror no seio amado.
O coração batia-lhe no peito,
O respirar violento e apressado
A suffocava. Uma lembrança acode:
—'Noite de san' João é ésta noite!'
Noite de san' João!... E a prophecia
Da fada lhe soou no intimo d'alma,
Como o funebre som descompassado
De sino, ao longe, que por mortos dobra.

XIII

Noite de san' João!... Ja, mais de meio
Seu gyro o sol correu. Prazo terrivel,
Quam perto estás! Affroixa o passo, teme
De o ver, de lhe fallar, de recordar-lhe
Os p'rigos d'essa noite que avizinha.
Mas que perigos são? Não disse a fada
Que emquanto o ramo florecer da murta,
Seguro é seu amor, sua ventura?
Animo cobra, novo alento, e voa
Nas azas da esperança ao doce amado.

XVI

Triste! mal sabes que fatal desejo
No coração entrou d'esse que adoras!
Mal sabes, infeliz, que agouros negros
Esse ramo de esp'rança te hão murchado.
—Suas penas c'os sentidos recobrára
O mancebo real, chegar a sente,
E á pressa os ramos escondeu no peito;
O semblante compõe, serena os olhos,
E da illudida virgem ao incontro
Vem com tranquillo, socegado gesto.

XV

Estreitou-os amor em doce abraço:
Doce direi?.. As lagrymas soffria
A linda infânte... elle os tormentos todos
Do inferno padecia.
—'Ó doce amado,
Ésta noite!...'
—'Ésta noite!...'
—'Tu receias!
O quê? Oh, não! m'o encubras; falla.
Communiquemos nossas mútuas penas,
Nossos temores.'
—'Pois tu temes, Branca?
—'Ai! d'ésta fatal noite não recordas
O que nos disse a fada?'
—'Mas promessas
Tam seguras nos fez!'
—'Se os teus desejos
O sêcco ramo...'
—'Branca!.. não profiras
A sentença fatal.'
—'De quê?'
—'Perguntas?
Queres sabê-lo?.. Misera!.. não queiras.'

—'Que não queira? Porquê?.. Só se... Mas, dize:
Se... Mas tu, doce amor, não desejaste?...'
—'Eu? desejei... desejo só a morte.'

XVI

No chão os olhos d'ambos se cravaram;
E, de todos os males do universo,
Incerteza, o mais cru, co'ás azas fuscas
Lh'esvoaça dentro dos afflictos peitos.
Quanto o extremo prazer ou dor extrema
É maior que a expressão! Silencio, a funebre
Eloquencia da mágoa... com teu sêllo
Os descorados labios lhe cerraste.
—Emtanto o dia se perdeu nas trevas,
E a receada noite, dobra a dobra,
Extende sôbre a terra o veo de lucto.

XVII

Tristes! seus dias de oiro estão fiados;
E na roca fatal ja não ha fevra
Que ripar... Hora acerba, hora terrivel
Que nenhum antevê, que a todos chega,
E soa como a tuba derradeira

Despertando os mortaes do último somno.
Ai! e para isto tantas âncias... tanto
Padecer e esperar! E acabar n'isto!
Cortar-se assim aquelle fio eterno,
Que prendia no ceo, das mãos dos anjos,
E promettia de ir além da vida!
Ah!.. Deixá-los, deixá-los... e voltemos
A outras illusões, menos formosas,
Não menos vans, as da ambição, da glória,

XVIII

Dizei-me, ó fadas que inspirais meu canto,
Espiritos das lobregas cavernas,
Que á meia noite volteais d'emtôrno
Dos tumulos co'as azas membranosas,
Dizei-m'o vós; com que fataes palavras,
Por que terriveis ritos se prepara
No arraial portuguez o formidavel
Incanto em que impenhou suas artes todas
O sabio Gil, d'alta sciencia mestre.

XIX

São horas dez; e clara e doce a lua
Vai pelo azul do ceo, como de gôsto,

Desafiando as cantigas e fogueiras,
Com que tua noite festejar é d'uso,
Milagroso João, aos teus devotos.
Mas a rôgo de Gil, de ordem de Affonso,
Arautos prohibiram pelo campo
Folias e cantares, qualquer mostra
De regosijo, quando, em tanto impenho
Da christandade contra infieis, só preces
E rogações deviam de fazer-se.
Isto o arauto pregoou: e ao regio mando,
Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

XX

Manso, frei Gil na tenda real entrava,
E a Affonso diz:—'A hora se approxima,
Vão consummar-se os horridos mysterios
Que hão de volver-te a filha, e intregar-te
Nas mãos seu roubador, teu inimigo.
N'esta redoma ja sem ferro havidas
Tres gottas levo de seu proprio sangue.
Com bebida incantada adormecida
Oriana foi por mim; do esquerdo braço
Com um vitreo cutello infeitiçado
Lh'as extrahi por magicas palavras.
Vela em que o assalto, no momento proprio
Em que a lua no ceo subitamente

Por esconjuros meus ha de esconder-se,
N'esse instante se dê: não arreceies,
Vai certo da victoria; a mesma hora
Que vir Sylves em mãos de portuguezes,
Verá Branca liberta, e Aben punido.'
Sahiu; e Affonso, que a seus cabos todos
Ordens ja deu e dividiu batalhas,
E prestes fez para o assalto as tropas,
Armado e prompto o prazo dado aguarda.

XXI

Cêrca dos muros da torreada Sylves,
E á falda d'um outeiro, curto valle
Se extende: *Val-de-morte* lhe chamaram
Em tempo antigo; ahi por essas eras
Os seus mortos os moiros sepultavam.
Porêm o aspecto placido e sereno,
Qual convem aos que somno eterno dormem,
Nem medonho, nem lugubre parece,
Triste sim, melancholico; mas doce
É a melancholia que hi respira.
No fim do valle broncas penedias,
Como acaso das mãos da natureza
Esquecidas alli, umas sôbre outras
Em massa irregular se incastellavam.
Ha uma fenda estreita entre os penedos

Por onde uns degraus toscos, porém d'arte
Feitos, á profundeza descem da terra.
Longa caverna ahi jaz, dos reis do Algarve
Antiga, respeitada sepultura.

XXII

Negro manto cubrindo, e abordoado
Em nodoso cajado, atravessava
Frei Gil o Val-de-morte; á bôcca chega
Da lobrega caverna, o manto poisa,
Tira da manga mão de infante, morto
Antes que em fontes baptismaes lavasse
A mancha original—ao dia septimo
Desinterrado á lua, e então cortada
Essa mão, que é a esquerda. Ignotas vozes
Murmurou baixo o frade, e a resequida
Mão se accendeu de si, luz baça e opaca,
Propria a feitiços dando. Co'ella desce
Á escura estancia.—Longo, mas estreito
O subterraneo vasto se extendia;
A um lado e outro pela rocha viva
Os tumulos cavados se infileiram.

XXIII

Co'a infeitiçada luz dia sombrio
N'essa estancia de morte se diffunde.

Ao cabo do carneiro, sôbre a lousa
D'um sepulchro poisando a tocha aziaga,
Éstas palavras diz: —'Morto que dormes!
Lousa que o cobres! cinza que repoisas!
Ossos que vos myrrais! com ésta gotta
De sangue que desparzo, recobrae-vos,
E á minha voz se desincerre a campa.'
Da redoma que traz um golpe verte,
E com rouco estridor os ossos rangem
Dentro da campa. Ja segunda intorna,
E a lousa se ergue. A terceira esparze,
E de dentro da campa um sêcco braço
Surde como buscando, sôbre a borda
Do ataude, apoio para alçar-se.
A carcomida mão firmando a custo,
Se eleva em pé squeleto descarnado,
Mal cuberto de andrajos lacerados
Do sudario que, ha seculos, por último
Vestido, trouxe a estancia dos finados.

XXIV

—'Que pretendes de mim?' disse a voz ouca
Do squeleto: 'a que vens? Porque vieste
De meu eterno somno despertar-me?
Pésa-te a paz dos mortos, homem vivo?

Não tens assás de guerra e de disturbios
Lá sôbre essa inquieta superficie
Da terra que inda habitas? Acabadas
Entre os meus e os christãos pelejas foram?
Ou ja meu sangue o sceptro dos Algarves,
Conquistados por mim, perdeu covarde?'
—'Sobeja-lhe uma hora de reinado
A tua geração: mas da fadada
Ampulheta dos seculos o extremo
Bago d'areia cai; a derradeira
Hora chegou do imperio de teus filhos.'
—'E isso vens annunciar-me?'
—'Isso.'
—'Com honra
Minha progenie acabará aomenos?'
—'De ti depende: ou perecer com glória
Deve hoje o derradeiro rei do Algarve;
Ou longa vida em ocio vergonhoso
E criminaes deleites lhe é fadada.'
—'Pereça.'
—'Alto podêr em prisões doces
O prende e guarda; incanto o defende
Só a ti não impece: da ignominia
Se desejas salvá-lo vem e segue-me
Grypho alado acharás no Val-de-morte
Sôbre elle montarás: voá-lo deixa.

No atrio pousará d'uns bellos paços.
Bate á porta tres vezes quatro... O resto
Lá saberas.'
—'Irei. Porêm se a lua
Clara é no ceo, não posso: não consente
Sombra de mortos o clarão da lua.'
—'Parte: cubrir-lhe-hei com esconjuros
A face, e a esconderei.'
A lento passo
O squeleto caminha; andando, os ossos
Se lhe deslocam e medonhos rangem.
Adeante o frade vai, e á bôcca apenas
Chega da cova, com fataes palavras
Impreca á lua que a sua face bella
Involva em negro veo, nem interrompa,
Com a alva luz, das trevas os mysterios.

XXV

No ceo se apaga o luminar da noite,
Trevas a face do universo cobrem,
E os ares negros negro fende o hyppogripho
C'o finado guerreiro.—Emtanto aos muros
De Sylves mansamente se aproximam
As escadas, as gravidas balistas,
Catapultas que a morte ao longe atiram;
E as movediças tôrres lentas rodam.

Cada um dos chefes o seu lanço toma
Do muro; e divididas as batalhas,
A um signal dado o ataque se começa.

XXVI

Ja sôbre o alto do muro os mais affoitos
Subindo chegam; ja bradar Sanctiago
Ia Affonso mandar; vela de moiros
Os descobre, e gritou: 'Alarma, alarma!'
Os sitiados, que despertos sempre
Prestes estão, á defensão acodem.
Trava a peleja, lanças se arremeçam,
Ardentes alcanzias, duros cantos;
Nuvens de settas pelo escuro á toa
Silvam pelo ar: do alto despenhados
Das escadas uns cahem, sem que aos outros
O ânimo de subir lhes acovarde.
Dobra co'as trevas o terror; augmenta
Com a grita confusa a sanha, a furia
D'um lado e outro; e longo permanece
Entre tanto valor dubia a victoria.

XXVII

Lindos paços que tanta formosura,
Tanto lustre incerrais, tanto amor vistes

E de tanto prazer theatro fostes,
Paços da maga Alina, a vós me volvo.
Velas tu, bella infante?... e tu, formoso
Moiro, velas tambem, ou brando somno
Em repoiso fallaz vos tem sopitos
Para cru despertar?—Tristes! não dormem.
Um c'o outro abraçados, a terrivel
Hora fatal da meianoite aguardam.
—'Tanto não poderão' Branca dizia,
E os soluços palavras lhe cortavam:
'Tanto não poderão que dos meus braços
Te separem. A morte embora...' Bate
Dura pancada n'esse instante á porta
Do paço, e vezes dôze se repete
O mesmo rudo som lento e pausado.

XXVIII

—'Ai!' gritou a donzella, e embalde aperta
O seu amor n'esses formosos braços;
Em vão!—a hora fatal soou: quebrou-se
O incanto. N'um momento os lindos paços
Desapparecem. Sos na ingreme roca
De calvo outeiro ficam. Abraçar-se
Inda c'o amante a misera se esforça:
Sécca mão d'um espectro arrasta e leva

Com invencivel fôrça o mauro joven...
Em alado corcel com elle foge;
Ja nos ares se perdem...
Branca, oh! Branca,
Baldado é teu chamar, baldado o choras;
Nunca mais o verás: leva-t'o... a Morte.

XXIX

C'os olhos longos para o gripho alado
Que se perde nos ares, ella, a triste,
De joelhos sobre o cume dos penedos,
Erguia para os ceos as mãos trementes...
Mas sem uma oração; que é mudo o labio,
E mudo o coração da desditosa.
Abandonou-a a última esperança
Na terra; e Deus no ceo a abandonára
Desde ha muito.—Uma voz, austera e dura
Lhe brada, como a voz de seus remorsos,
E do morto deliquio a despertava:

XXX

—"Teu execrando amor os ceos puniram.
Segue-me: o Deus, que desleal trahiste,
Vem applacar com rijas penitencias,

Vem abjurar tua paixão nefanda;
Vem... ou n'este momento has pronunciado
Sôbre tua cabeça criminosa
Condemnação eterna.'
—'Mis'ricordia,
Senhor meu Deus! Maior castigo ainda
A meu peccado tens?... maior do que este,
Deus de piedade?... separar-me...'
—'Cega!
Immudece, blasphema.'

XXXI

Da mão trava
Á donzella infeliz mão ruda e aspera.
Semimorta da dor, n'um quasi espasmo
Que a vida lhe parou, languida a frente
Lhe descai, como ao lirio delicado
Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços
Frei Gil — d'elle era a voz que lhe fallava:
E por seus incantados poderios
Veloz caminha, e mais veloz que o vento,
Por atalhos ja d'outrem não sabidos,
Por devezas, por bosques, por silvados
Illeso passa; e quando mor se ateia
O furor do combate e assalto, chega

Ante os muros de Sylves.—Despontava
A arraiada no extremo do oriente;
E a luz que nasce de mostrar começa
Os estragos da noite. Mor se augmenta
Co'a vista horrivel, da peleja a furia.
Emtanto Gil co'a a infante á régia tenda
Invisivel entrava.—E sôbre os muros
Da forte Sylves o pendão das Quinas
O intrepido Nuno ovante arvora.

XXXII

Aqui, aqui, ó nobres cavalleiros!
Aqui de Portugal! vêde: o estendarte
Lusitano cahiu; precipitado
Das altas tôrres sôbre os corpos róla
Exangues dos que ardidos o hastearam.
Aqui de Portugal, aqui! salvae-a,
A lusitana glória que vacilla.
O moiro exulta e freme co'a esperança
Recemnada de sangue e de victoria.
Quem lh'a inspirou? que subita barreira
Ao valor dos christãos se poz d'avante?
Fogem, vozes de cabos não escutam:
A fugir portuguezes!... Fogem, tremem.
Quem é esse inimigo formidavel

Que tanto póde? Um só campeão. Armado
De inferrujadas armas, que parecem
Sôbre a campa em tropheo haver jazido
De morto cavalleiro!...É elle; o escudo
Sua devisa tem: de myrtho e loiro
Dois ramos são; é Aben-Afan, que á porta
D'Azoia investe, e qual ferido tigre,
As batalhas dos lusos rompe, acossa,
Affugenta, dispersa. Morre o ousado
Que as costas não voltou; 'Fugir, que é elle!'
Se ouve grito geral: 'Fugir, que é elle!'

XXXIII

Do alto dos muros o infiel responde
Com brados de victoria aos sons covardes,
E a seu rei, que lh'a traz, ledos saúdam.
Porta de Azoia, que sahir o viste
Quando levou comsigo esp'rança e glória
Do vacillante imperio, abre-te agora,
Abre-te a recebê-lo.—É tarde, é tarde;
Os seus dias e os teus estão contados,
Senhorio de Agar, em nossas terras.
A porta abriu-se, mas em vão; ja deante
De Aben, o mestre de Sanctiago em riste
A lança tem.—'Defende-te' lhe brada:

'Rei do Algarve, defende-te: a vergonha
Do nome Portuguez lavo em teu sangue.'

XXXIV

Justaram lanças; lanças se quebraram.
Espadas nuas—e as espadas cruzam.
Golpe é mortal cadaum; broqueis aparam
Os duros botes e'os espontões duros.
Nunca taes campeões juntou a guerra
Em próva singular de brio e fôrça.
Cessa o assalto: na muralha os moiros,
Na esplanada os christãos as armas poisam;
E nos dois cavalleiros se concentra
O combate geral. Mas ja das cottas
Roxeia o sangue, ja desmantelados
Braceletes desprendem, ja partido
Do mestre o escudo c'um tremendo golpe
Do joven rei, cahiu. Brioso arreja
O moiro o seu; lealdade lhe não soffre
Com armas deseguaes peleja ignobil.
Sem defensão á espada fica o peito,
Fica a frente: os cavallos mal supportam
A fadiga, as feridas; pé em terra
Poem: de novo as espadas fogo e sangue
Ferem, redobram.... Mas o alfange quebra

Ao musulmano rei—não quebra o animo;
Ao seu competidor de arteiro salto
Corre, nos braços o travou membrudos;
E inlaçados os dois, de corpo a corpo,
De peito a peito, infatigaveis luctam.

XXXV

Fôras, sorte, imparcial—nenhum vencêra;
Neutros permanecei, fados da terra,
Nenhum succumbirá. Mas os destinos
Nas balanças fatidicas pesaram
A sorte das nações; e o mahometano
Imperio pende.—Aben-Afan succumbe,
Cai: embalde o inimigo generoso:
—'Cavalleiro' lhe diz 'tua vida é minha:
Não queira o ceo que a tal campeão a tire.'
Em vão! nos olhos tremulos vacilla
A derradeira luz, nas faces pallidas
Ja mais sangue não ha que o das feridas
Só morto cede; vivo se não rende
Quem jamais da estacada ou raso campo
Sem victoria sahiu.—'É morto, é morto'
Clamam christãos, e ás portas se arrojaram.
De subito pavor cortado o moiro,
Sem resistir, ao jugo off'rece o collo.

De novo as Quinas nos torreões tremolam,
E no Algarve d'áquem Affonso impera.

XXXVI

Nas ameias da tôrre pendurada
Foi a cabeça do traidor Soeiro.
Em vão por elle supplicou Oriana;
Elrei não cede: atroz, horrendo é o crime,
Pune-o de morte a lei; e á lei não ousa
Para tal delinquente o rei magnanimo
Justo rigor imbrandecer piedoso.

XXXVII

Ás torturas da dor resiste a vida
Da linda Branca, mas razão lhe foge.
Por Aben clama, por Aben suspira,
De remorsos e amor ja ri, ja chora,
E c'os olhos no ceo, a alma na terra,
Ora implora perdões, blasphema outr'ora.
—A Holgas a levam, Oriana a segue:
Oriana que deixar um triste mundo,
Onde tudo perdeu, ao ceo votára.
Unica a vista d'ella a dor acalma
A afflicta Branca: seu formoso gesto

Muda, quêda contempla horas inteiras,
E, uma por uma, nas feições lhe colhe
O parecer d'aquelle que inda adora.
Mas ah! consôlo misero e mesquinho!
Pouco e pouco se esvae o doce ingano,
E a verdade fatal volve mais crua.

XXXVIII

Flor da existencia desfolhou-se n'hástea;
Ramos que amarellecem vão cahindo;
Vejeta o tronco ainda:—mas é vida
Esse viver que se alimenta em lagrymas?

NOTAS

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO

Nota A

Aureos numes d'Ascreu........... pag. 1.

Hesiodo de Ascra, a cuja Theogonia (geração dos deuses) aqui se allude. *(Prim. ed.)*

Nota B

Não rias, bom philosopho Duarte........pag. 2.

Será pouco intelligivel toda ésta II estancia ou secção de versos a quem não souber que a Dona Branca foi escripta em França quando o auctor entrava apenas nos vinte annos, e todo namorado das

melancholias do romantismo, dirigia ao seu amigo Duarte Lessa, então em Londres, as saudosas aspirações de sua alma. O Camões, publicado um anno antes, 1825, foi todavia escripto depois. N'esse porêm a natureza do assumpto obrigou o poeta a transigir de novo com a mythologia pagan que tinha abjurado. E apezar d'isso, foram estes dois poemas que a baniram e desthronaram entre nós.

Nota C

Da minha conversão, sincera é ella......pag. 2.

Deve intender-se este verso e os dois subsequentes no verdadeiro sentido: a tenção do auctor foi impugnar as ficções gentilicas, alêm de absurdas, insossas para nós. E todavia não é propriamente *maravilhoso christão* o de que se serviu n'este poema: julga elle a religião muito sublime coisa para se fazer entrar em poemas cujo assumpto não seja ella mesma, ou um de seus dogmas, como no Paraizo de Milton, no poema didactico de Racine. N'ésta composição seguiu-se visivelmente o exemplo de Wieland no Oberon; todo o seu maravilhoso é tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes.

(Prim. ed.)

Nota D

...Seu avô, essoutro Affonso...........pag. 4.

D. Affonso de Castella e Leão, imperador eleito que veio a ser d'Allemanha, cuja filha era D. Beatriz, mulher de D. Affonso de Portugal o III, e mãe d'el-rei D. Diniz, de D. Branca e outros infantes. D'essa filha D. Beatriz foi elle tam amante, que por seu respeito cedeu ao genro os direitos que reputava ter ao reino do Algarve: direitos que por de boa lei tinha, ja em razão da dominação antiga, ja porque de novamente o ia conquistando a ordem de Sanctiago, cujo mestre, ainda que portuguez (e portuguezes quasi todos os cavalleiros que andaram na conquista) eram todavia elle e sua ordem vassallos de Castella. Por amor d'esta mesma filha quitou depois D. Affonso ao de Portugal a obrigação das cinquenta lanças que com a investidura do Algarve lhe impozera.

(Prim. ed.)

D. Affonso foi um dos maiores philosophos e philologos do seu tempo, e occupa um dos primeiros logares entre os trovadores da nossa peninsula. Está-se actualmente (1850) fazendo em Madrid uma bella e custosa edição do seu cancioneiro. Escreveu n'aquelle mais antigo, menos arabe e mais romano-godo de todos os dialectos hespanhoes que depois se estre-

mou no nosso portuguez por um lado, e no inhospito gallego por outro.

Nota E

Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos teem, e de Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão .... pag. 5.

Quasi toda a varzea de Burgos era feudataria d'este célebre mosteiro.

O meu amigo Sr. Varnhagen, actualmente secretario da legação do Brasil em Madrid, visitou Burgos em 1846, e observou em estado de perfeita conservação o tumulo da infanta-abbadessa.

Nota F

Ao proprio Camisão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhára
Nem o Larraga .... pag. 6.

O Camisão foi célebre canonista e professor da universidade de Coimbra, cuja proverbial estupidez não esquecerá tam cedo. Na casuistica era de uma agudeza comica todavia, e rival dos Larragas e Busembaums com quem o A. o imparelhou. Busembau diz o vulgo, e affectou dizer o poeta, por mais carregar.

Nota G

Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios.....pag. 6

Aos physicos e doutores medicos chamavam d'antes em Portugal *mestres*, ou *messeres* á italiana. E não só aos doutores em medicina, porêm aos outros tambem, como é de ver, nos escriptos do tempo ou que d'elle nos contam. Em Padua era a mais famosa universidade para physicos, assim como em Bolonha para juristas e theologos. A de Coimbra não veio a fundar-se senão no reinado seguinte. *(Prim. ed.)*

Nota H

De monges negros ......pag. 8.

Segundo as côres de sua cogulla os monges bernardos ou de Cister eram os brancos, os benedictinos os negros. São vulgares, não só as rivalidades d'estas ordens entre si, mas as chufas, dicterios e apodos com que se motejavam uns aos outros sôbre negros e brancos, por equivocos e joguetes que d'estas palavras formavam. Em Inglaterra ha ainda hoje sitios, especialmente em Londres, denominados de *black*, e *white friars*: nem era só popular este appel-

lido, que assim lhe chamam estatutos e canones antigos.

E não sei porque fado, sendo em toda a parte os monges negros dados ás sciencias, respeitados e dignos de o ser, os pobres bernardos vieram em Portugal a ser o objecto da mofa geral, que seguramente se não dirige a seu sagrado instituto, mas á crassa ignorancia que por abuso d'esse instituto entre elles reina. *(Prim. ed.)*

Nota I

O que lhes falta, o quê? — Falta a *Tremenda* ... pag. 10.

Este verso não carecia de nota, quanto a mim, porque não suppunha que houvesse em Portugal quem ignorasse o uso venerando (por antigo) dos monges de san' Bernardo: uso conhecido pelo nome de *tremenda*. Advertiram-me porêm que assim não era, porque em Lisboa, por exemplo, muita gente o não sabía, como o sabemos nós provincianos, que mais de perto lidámos com aquelles padres, e lhes sabemos das... virtudes.

A certa hora da noite, depois de ceados, rezados, deitados, adormecidos, e roncados os reverendos padres, iam pelos dormitorios, leigos, donatos, coristas, ou moços, que tanto não sei eu, com uma enorme marmita, ou outra que tal vazilha, cheia de gordas, grossas e pingues postas de cevado toucinho, cozidas

e adubadas com seu môlho de vinagre, e não sei que mais ingredientes; e batendo ás portas das cellas, acordavam aquelles penitentes varões para tam frugal repasto, que suas reverendissimas mui devotamente, e por sancta obediencia devoravam. A isto se chama *tremenda;* porquê e com que etymologia não pude ainda descubrir; mas o facto asseveram ser tam real como a existencia dos cachaços dos reverendos padres. Talvez d'aqui venha aquelle sabido anexim, que ás pessoas de juizo *bernardo* se applica:

Tens muito toucinho nos cascos.

(Prim. ed.)

Nota J

E em caso de mais polpa, um bom milagre...pag. 10.

Não interpréte algum mal-intencionado que o auctor quizesse de maneira nenhuma atacar a pia crença da Egreja. Mas certo, que ha milagres de milagres, que tem havido impostores que abusaram da boa fe pública. Com esses é a ironia d'este e dos versos subsequentes. *(Prim. ed.)*

Nota K

Como atahude egypcio que entre os brindes...pag. 14.

Não commento este verso para explicar a allusão historica tam sabida de toda a gente, mas para dizer

que a comparação não é minha: li-a, porém aonde não me posso lembrar. (*Prim. ed.*)

Nota L

Que por velas de moiros o tomára...... pag. 46

Velas na linguagem d'aquelle tempo, quer dizer vigias, sentinellas. Vejam-se os classicos *passim*, e especialmente D. Nunes na chronica d'el-rei D. Affonso Henriques, pag. 108, ediç. de Lisboa de 1774; ahi: ' E quando veo ao quarto da alva, tempo em que entenderão que as *velas* estavão mais somnolentas.'

Rolda, ou *sobrerolda*, que alguns teem pelo mesmo, é todavia differente. Rolda é a ronda, ou vela que vigia sôbre outras velas: como hoje ha official do dia que visita de noite as guardas e postos para ver se tudo vai em ordem. Outro logar do mesmo D. Nunes, e logo na pag. seguinte, 109, authentica ésta distincção: 'Nisto a *rolda*, que andava pelo muro requerendo as *velas*, chegou perhi, e lhes fallou.' (*Prim. ed.*)

Nota M

Bem travado co'elles
Anda o mestre dom Paio .... pag. 46

D. Paio Correa, portuguez de nascimento, e mestre de Sanctiago em Castella, que com seus commenda-

dores e cavalleiros tomou aos moiros os mais dos logares do Algarve, e depois se fez vassallo d'el-rei de Portugal, a quem intregou todo o ganhado por motivo da cessão de D. Affonso de Castella. Foi homem de singular valor e nomeada prudencia.

(Prim. ed.)

Nota N

Como as sette
Aureas tôrres no escudo lusitano ...
Como ao singelo titulo .... pag. 16.

As sette tôrres do escudo portuguez são pelos Algarves, e *aureas* porque são amarellas, que em brazão é o mesmo que aureas ou de oiro. As quaes tôrres são em campo *vermelho;* e a razão d'isto referem os chronistas, foi *por os logares que erão tomados aos moiros, e por os que sperava tomar com spargimento do sangue delles.* Quanto ao número de sette, é elle mais moderno: vêem-se em lavores antigos, dôze e mais castellos nos escudos portuguezes.

Os primeiros nossos reis intitulavam-se somente com a singela saudação de Ourique, em Lamego confirmada (?) de reis de Portugal, ou dos portuguezes. Depois da tomada do Algarve, accrescentaram — *e do Algarve* — no singular. O plural — *dos Algarves,* com — *d'áquem e d'além mar em Africa* — só o tomaram depois de haver extendido a conquista á outra parte do mar na Barbaria. Com effeito antigamente hou-

vera este reino dos Algarves d'áquem e d'além mar em Africa unidos em um só imperio, e era mui grande estado, que da parte da Europa começava na cidade de Almeria, reino de Granada; e da parte de Africa, desde a bócca do estreito corria até Tremecem, em que entra o reino de Fez, e as cidades de Ceuta e Tangere; ao que antigamente chamavam reino de Benamarim.

'Algarve *Algarb* é a parte occidental ou poente. Assim chamam os moiros á antiga Turdetania. Não pude descubrir onde Duarte Nunes de Leão, Bluteau e outros auctores acharam a etymologia que dão a este nome, dizendo que Algarve na lingua arabica significa *terra plana, cham e fertil,* quando todos os auctores arabes, até o mesmo vulgo o toma pela parte occidental.

Algarb que nós corruptamente chamamos Algarve. Barros, dec. 1, p. 1.ª—Vestigios da ling. arab. em Portugal, por Fr. João de Sousa. Lisboa, 1789.

(Prim. ed.)

Nota O

'A pergunta costumada
De '*Por quem, cavalleiro?*'....pag. 20.

Era o—*qui vive?*—d'então. Ao passar por pontes, logares fortes, etc., ás entradas das terras e castellos, se fazia esta pergunta, que as contínuas guerras e disputas feudaes faziam necessaria. Cavalleiros, ou

gentes d'armas, quando em qualquer parte se incontravam, mutuamente a faziam; e muitas vezes as respostas eram á viva lançada, e amiudo acabou o interrogatorio com morte do perguntador, ou do outro, ou de ambos. *(Prim. ed.)*

Nota P

Hymno exemplar e sancto,
Extrahido do cantico dos canticos.......pag. 24.

Voltaire, que foi tammanho impio como todos sabem, tentou mostrar que o *Cantico dos canticos* era um poema lascivo oriental, e não inspirada canção do rei sabio: paraphraseou-o a seu modo para este fim, e com tal arte diabolica o fez, que parece que tem razão, a quem só em Voltaire o ler. O Cantico dos canticos é um sublime trecho de inspirada poesia, mas que não é para de todos ser lido e intendido. *(Prim. ed.)*

AO CANTO SEGUNDO

NOTA A

A ventura, o prazer d'um nó separa.....pag. 28.

Tudo quanto aqui se diz a respeito dos votos religiosos não é sôlta generalidade, nem invectiva contra os sanctos asylos que para o infortunio, para a virtude, para a fraqueza humana abre o claustro, e principalmente a um sexo que per si é destituido da fôrça, da energia que as difficuldades da vida precisam. Mas ninguem póde negar que terriveis e funestos abusos teem solapado éstas instituições. É geralmente demasiado tenra e inexperta a edade da profissão: e muitos varões de grande doutrina e religião contra esse êrro fatal teem clamado: êrro que priva a sociedade de tanta boa mãe, de tanta espôsa excellente, e atulha o claustro de tanta má religiosa.

A estes abusos, e só a elles se refere o que no poema é ditto. *(Prim. ed.)*

NOTA B

Largas postas do nitido cevado....pag. 30.

Assim chamam na minha provincia ao porco ingordado em casa, e na *cortinha* ou *eido*, como diz a

nossa gente. Piague é substantivo em dialecto minhoto, e significa manteiga de porco.

NOTA C

E em manta enorme atassalhando um naco ... pag. 36.

Manta, é de toucinho; e atassalhar, de qualquer carne. São vulgares expressões; mas para exprimir ideas vulgares, como se hade fazer sem ellas, ou sem cahir em Gongorismos e Elmanismos? — Não disse Virgilio: *Pars in frusta secant?* *(Prim. ed.)*

NOTA D

Tremendo *Allá* soou pelas abobedas ... pag. 43.

Voz ou grito de accommetter e de guerra dos mahometanos. Em arabe é—*Alla acbar—Deus é todo poderoso.* *(Prim. ed.)*

NOTA E

D'onde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pela offendida
Honra da loira virgem .... pag. 46.

Allusão á entrada dos moiros nas Hespanhas, por ajuda e chamamento do conde Julião, que para vin-

gar a honra de sua filha, infamada por el-rei D. Rodrigo, foi traidor á patria. Sir Walter Scott nas notas á 'Visão de D. Rodrigo' parece dar algum pêso ás dúvidas de Voltaire (hist. gen.) sôbre a authenticidade d'este facto, e talvez porque Gibbon lhes dera tambem valia. Certo é porêm que uma tradição tam geral e constante não é para ser destruída com simples dúvidas, mas que sejam de grandes auctores.

(Prim. ed.)

Nota F

Tal em cheiroso banho aspide amigo
Voluptuoso suicida .... pag. 51.

O que se conta de Cleopatra, a este respeito, era frequente uso dos orientaes, até na morte voluptuosos—ou *deliciosos*, que é expressão do nosso Lucena.

(Prim. ed.)

AO CANTO TERCEIRO

Nota A

E vós, formosas moiras incantadas,
Na noite de san' João aopé da fonte
Aureas tranças .... pag. 55.

É crença popular entre nós que na noite de san' João todos os incantamentos se quebram; as moi-

ras incantadas, que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam n'essa noite sua bella e natural presença, e vão pôr-se aopé das fontes, ou á borda dos regatos a pentear os seus *cabellos de oiro*. Os thesouros sumidos no fundo dos poços véem á tona d'agua e mil outras maravilhas succedem em tam milagrosa noite. *(Prim. ed.)*

Nota B

Ja indo, ás duzias, em casquinha d'ovo.....pag. 56.

Ainda hoje é superstição commum nas aldeias o quebrarem as cascas dos ovos depois de comidos, por temor, dizem e crem, que d'elles se não sirvam as bruxas para ir á India, ou a outras partes longes, onde costumam de ir imbarcadas em taes navios, chupar sangue de meninos por baptisar, ou fazer alguma outra maldade de seu officio. Todavia é mister que se recolham cedo, e antes do cantar do gallo—preto que são os mais certeiros co'a meianoite—porque a essa hora acaba-se-lhes o incanto e podêr: assim muitas teem morrido affogadas por esses máres de Christo. A isso allude o verso mais abaixo:

E ai! se o gallo cantou, que á meianoite
Incantos quebram, e o podêr lh'acaba.

(Prim. ed.)

Nota C

Não gôsto de Irminsulfs, nem de Theutates.....pag. 56.

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macpherson, que tantos annos correram mundo com o nome de Ossian, foram de tanta moda aqui ha tempos, que os phantasmas scandinavios, caledonios e todas as outras invenções e mythologia runica andavam na baila por versos e versinhos de toda a gente. Cesarotti, o erudito e profundo Cesarotti, quasi que dá preferencia ao imaginario bardo escocez sôbre o proprio Homero; e elle, que ambos os traduziu, certo que os tinha estudado. Bonaparte, cuja imaginação gigantesca se apprazia em tudo o que era d'este genero, foi grande prezador de Ossian, e o preferia a todos os poetas: n'esse tempo em França a torrente dos trovadores ia com o vento imperial. O elegante Lebrun, em uma gallante odesinha graciosamente combate e mette a ridiculo ésta preferencia.

Quanto a mim, tenho que as artes filhas da natureza devem andar a par d'ella, e com ella. Essas phantasmagorias druidicas são bellas, são magnificas nas montanhas dos despenhadeiros da alta Escocia, nos gelos e neves das terras polares; mas nos nossos dulcissimos e risonhos climas, não podem ter mais va-

ler do que a impressão extraordinaria do primeiro momento; e repitto que essas bellezas glaciaes

Do sol do meio dia aos raios vividos
Parvos! — se lhes derretem; a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos christaes, em agua chilra.

(Prim. ed.)

Nota D

O saxeo promontorio, que de Sagres
Tem hoje nome .... pag. 61.

Para explicação de tudo o que vai ditto até o fim da estancia IX, copiarei aqui um tracto de uma mui breve, porêm mui bem escripta descripção d'esta parte do Algarve, cujo auctor supponho ser um doutor Silva, medico e homem de muito saber e gôsto, de quem possuo alguns preciosos manuscriptos.

'Entrando na praça de Sagres, dois contrarios effeitos se observam; por uma parte admira-se um quasi isthmo composto de um enorme rochedo, onde tudo são bancos de *saxum,* ora horisontaes, ora obliquos, ora verticaes, cuja revolução assás mostra a existencia de vulcões, testemunhada com os dois grandes hiatos que lá se incontram; por outra, ve-se com espanto o que fôra theatro das observações astronomicas do nosso famosissimo infante D. Henrique reduzido a ruínas, que, á exceição das baterias, mais inculcam uma praça abandonada que guarnecida: quanto mais se reflecte que d'este porto sahiram as

expedições que abriram o primeiro caminho á descuberta das nossas colonias, cuja epocha faz figurar tam gloriosamente a nação portugueza no mundo, e que este mesmo porto é demandado como asylo de todos os navios que atravessam os nossos máres, tanto mais se magôa todo o bom portuguez: porque se não accredita a origem de tanta honra que d'alli resultou á nossa patria, invergonhando-se de que o extrangeiro, esperando achar um padrão distincto de tam heroicos feitos, não incontre se não uma face cadaverica de fortaleza, sem viveres, sem cultura nas terras adjacentes, d'onde possa fornecer ás suas embarcações os generos de que necessitam: tanta é a penuria e despopulação d'aquellas pobres terras!...

'Na distancia de mil passos andantes do nordeste da praça, fica uma pequena lagoa...As plantas que crescem dentro d'aquelle recinto são a mor parte de *fragaria*, alguns ranunculos aquaticos, alguns juncos, e poucos almeirões, azedas e grama... alecrim, rosmarinho, tojos e carqueja...' *(Prim. ed.)*

Nota E

Esbroados pardeiros—oh vergonha!
São as tôrres d'Henrique .... pag. 62.

O Sr. Visconde de Sá-da-Bandeira, no tempo da guerra civil em 1833, que governava o Algarve, oc-

correu-lhe, á vista da peninsula de Sagres, o desejo de reparar essa affronta á memoria do infante D. Henrique, levantando alli uma columna rostral que recordasse aos que passam por aquelle promontorio, o nome do illustre principe e as glórias navaes dos portuguezes. Mas estando depois no ministerio da marinha, não póde mais, apezar de seus vivos desejos, do que fazer lavrar uma lapide que aomenos se collocasse alli. Levou-se a effeito ésta determinação, porque estando feita a lapide em 1839, apezar de sahir o Visconde do ministerio, a obra progrediu—ao revez de nossas costumeiras—e se concluiu.

A lapide é de marmore, com um corpo de dez palmos e meio de altura, cinco palmos e meio de largura, dividido em dois planos. No superior, em meio relêvo, o escudo das armas do infante; ao lado direito do escudo uma esphera armilar, á esquerda um navio á véla. No plano inferior duas almofadas ao alto, n'uma d'ellas a inscripção latina, na outra a traducção portugueza, d'este modo.

INSCRIPÇÃO LATINA

Aetern. Sacrum.
Hoc. Loco.
Magnus. Henricus. Joan. I. Portugal. Reg. Filius.
Ut. Transmarinas. Occidental. Africae. Regiones.
Antea. Hominibus. Impervias. Patefaceret.
Indeque. Ad. Remotissimas. Orientis. Plagas.
Africa. Circumnavigata.
Tandem. Perveniri. Posset.
Regiam. Suae. Habitationis. Domum.
Cosmographiae. Scholam. Celebratissimam.
Astronomicam. Speculam. Amplissimaque. Navalia.
Propriis. Sumptibus. Construi. Fecit.
Maximoque. Reipublicae. Litterarum. Religionis.
Totiusque. Humani. Generis. Bono.
Ad. Extremum. Vitæ. Spiritum.
Incredibili. Plane. Virtute. Et. Constantia.
Conservavit. Fovit. Et. Auxit.
Obiit. Maximus. Princeps.
Postquam. Suis. Navigationibus. Ab. Aequinoctial. Ad. VIII.
Versus. Septemtrionem. Gradum.
Pervenit.
Quampluresque. Atlantici. Maris. Insulas. Detexit.
Et. Colonis. Ab. Lusitania. Deductis.
Frequentavit.
XIII. Die. Novembr. An. Dom. MCDLX.
Maria. II. Portugal. Et. Algarb. Regina.
Ejus. Consanguinea.
Post. CCCLXXIX. Annos.
H. M. P. J.
Curante. Rei. Navalis. Administro.
Vice. Comite. De. Sà. Da. Bandeira.
MDCCCXXXIX.

TRADUCÇÃO

monum. consagrado. á. eternidade. o. grande.
infante. d. henrique. filho. de. elrei. de. portugal.
d. joão. I. tendo. emprehendido. descobrir. as. regiões.
até. então. desconhecidas. de. africa. occidental.
e. abrir. assim. caminho. para. chegar. por. meio.
da. circumnavegação. africana. até. ás. partes. mais.
remotas. do. oriente. fundou. n'estes. logares. á. sua.
custa. no. palacio. da. sua. habitação. a. famosa.
escola. de. cosmographia. o. observatorio.
astronomico. e. as. officinas. da. construcção.
naval. conservando. promovendo. e. augmentando.
tudo. isto. até. o. termo. da. sua. vida. com.
admiravel. esforço. e. constancia. e. com.
grandissima. utilidade. do. reino. das. letras.
da. religião. e. de. todo. o. genero. humano. falleceu.
este. grande. principe. depois. de ter. chegado.
com. suas. navegações. até. o. 8.° gr. de. latitude.
septentr. e. de. ter. descoberto. e. povoado. de.
gente. portugueza. muitas. ilhas. do. atlantico.
aos. XIII. dias. de. novembro. de. 1460. d. maria. II.
rainha. de. portugal. e. dos. algarves. mandou.
levantar. este. monumento. á. memoria. do.
illustre. principe. seu. consanguineo. aos. 379.
annos. depois. do seu. fallecimento. sendo.
ministro. dos. negocios. da. marinha. e.
ultramar. o. visconde. de. sá. da. bandeira.
1839.

A inscripção foi composta pelo cardeal-patriarcha San' Luiz. Em 24 de Julho de 1840 a lapide foi collocada na parede de uma tôrre que ainda alli existia, e que pareceu ser o mais antigo edificio da praça.

A estreiteza de uma nota não permitte alargar-me, segundo quizera, n'este assumpto.

Seja muito louvor ao Sr. Visconde de Sá, e ao seu successor o Sr. Conde de Bomfim.

Nota F

A sacarina flor no botão pica ..... pag. 63.

O insecto que se gera, ou desinvolve no figo de certa especie de figueiras, e que tomando corpo, fura o figo em que nasceu e vae picar os das outras. É o que se chama caprificação. Plantam ésta casta de figueiras entre as mais, porque o figo assim picado incha, augmenta de volume e melhora de sabor. Digo *sacarina flor*, porque é sabida decisão de botanicos não ser o figo fructo, senão flor, ou antes involucro de flores.

(Prim. ed.)

Nota G

Não lhe descubriria o proprio Volney...
Nem tu, famoso Jones .... pag. 65.

Volney nas viagens do Egypto, e Sir. W. Jones *Essays on eastern poetry and on the imitative arts*,

(Lond. 1777) os mais intelligentes antiquarios, que de coisas orientaes escreveram. Não sei se me ingano' mas tenho por mais profundo o inglez.

(Prim. ed.)

NOTA H

As duas bellicas phalanges
Que ora na arena litteraria pugnam...pag. 65.

Pelo tempo em que se compunha este romance, de 1824 a 25, era a grande lucta dos classicos e romanticos no continente, e principalmente em França. Pesava a censura prévia sôbre os jornaes, e a questão era o que lhes valia para supprir os vazios que deixava a politica em suas columnas.

NOTA I

Ja em Cacella, preço offerecido
Por Estombar e Alvor.........pag. 69.

D. Paio, mestre de Sanctiago, e os seus commendadores e freires tinham tomado aos moiros do Algarve os logares de Alvor e Estombar; e estes lhes offereceram por elles a praça de Cacella, que apezar de mais consideravel, ficava proxima a Tavira, praça tambem forte e mui defensavel, dos moiros. D. Paio acceitou, e d'ahi com mais fôrça continuou e acabou a conquista.

(Prim. ed.)

Nota J

Abre-te, porta,
Porta d'Azoia.............pag. 70.

Célebre porta de Sylves, da qual faz menção o citado D. Nunes no mesmo logar. *(Prim. ed.)*

Nota K

Nunca o rosto volveu á sancta kaaba.... pag. 71.

A kaaba é um piqueno edificio quadrado que sempre se conserva cuberto de seda preta, e que é uma especie de sancta-sanctorum do templo de Mecca, dentro do qual está collocado. Todo bom mahometano, em qualquer parte em que esteja, deve volver o rosto á sancta kaaba, quando reza as suas orações.

AO CANTO QUARTO

Nota A

Falso o meu Deus!... E o teu é verdadeiro?....pag. 81.

Note-se que falla um infiel, dirigido pela falsa luz das suppostas verdades naturaes, e sem a guia

da revelação. Assim na estancia seguinte, a VI, se diz:

Os theologos sabem mil respostas...

(Prim. ed.)

Nota B

Flexivel, curta vara tem na dextra.....pag. 86.

A célebre varinha de *condão*, ou *divinatoria*, insignia e instrumento de fadas, incantadores, etc.

(Prim. ed.)

Nota C

Sois vós outros,
Portuguezes, imigos do descanço,
E delicias da paz....................pag. 95.

São expressões de um rei, ou régulo da India, em carta ou falla a um de nossos capitães por aquellas partes, nos bons tempos da glória da nossa gente.

(Prim. ed.)

AO CANTO QUINTO

Nota A

Imbriagando-se em sangue de parentes,
De amigos..........................pag. 103.

Superstição muito geral no Oriente, que veio a prevalecer depois para o septentrião da Europa. O

nome de *Vampyro* é hoje célebre pela historia de Lord Byron, ou de quemquer que é seu auctor.

(Prim. ed.)

Nota B

Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso..pag. 150.

Os mahometanos citam, e dão crédito a grande parte dos livros do Testamento-Velho, e fallam de Moisés, Abraham, etc. com a mesma veneração que judeus e christãos. *(Prim. ed.)*

Nota C

O burel do santão......pag. 111.

Nome que dão os musulmanos a certos loucos ou fanaticos que por devoção se dilaceram. Catam-lhes grande respeito; e não é de admirar que um mahometano como Aben-Affan confundisse os seus miseraveis *santões* com os nossos sanctos ermitães.

(Prim. ed.)

Nota D

Christo e Mahomet foram prophetas;
Mas Deus é o mesmo Deus.........pag. 113.

Tal é a impia fe e misero credo dos mahometanos. Dizem elles em sua cegueira que, não sendo com-

pleta a missão de J. Ch. porque o mundo, que Deus lhe mandou reformar, ficára peior do que estava, mandára Deus a Mahomet, que emfim acabára a obra começada por J. Ch. *(Prim. ed.)*

Nota F

O propheta, se a vira nesse instante,
Emendára o Koran .... pag. 116.

Todos sabem que Mafoma no seu Koran, ou Alkoran negou a entrada do paraiso ás mulheres, e apenas concede por especial mercê ás mais virtuosas, obedientes e amantes dos maridos, que de longe estejam vendo a glória de seus antigos esposos.

(Prim. ed.)

AO CANTO SEXTO

Nota A

Como estrellas namoradas .... pag. 129.

Allusão ás harmonias das espheras de Pythagoras, cuja antipathia ás favas é bem conhecida.

(Prim. ed.)

AO CANTO OITAVO

Nota A

Se o víra alguem, forte milagre fôra .... pag. 162.

A Egreja reconhece os milagres; e a crença dos fieis se deve conformar com ésta: mas não se segue d'ahi que não haja n'este ponto muita superstição entre o vulgo, e sôbre tudo n'aquelles seculos ignorantes. Além de quê, a bem intendida piedade nos deve fazer aguardar a decisão da Egreja antes de prestarmos fe; pois em verdade muitos falsos milagres teem havido, que para serem taes foi mister que ninguem os visse: com o que se dá gôsto e triumpho a hereges e inimigos de nossa religião. *(Prim. ed.)*

AO CANTO NONO

Nota A

Lagryma a lagryma
Estás sentindo as da infeliz Mathilde ... pag. 172.

A condessa Mathilde de Bolonha, primeira mulher de Affonso III, que elle tam ingrata e cruelmente repudiára depois que se viu rei.

Nota B

Que em Toledo a outro rei.......:.pag. 172.

D. Sancho II que ahi morreu, e ahi foi sepultado expensas e por charidade d'elrei de Castella.

Nota C

Quando o ramo de peste em talha de oiro...pag. 185

Allusões a várias crenças populares sôbre a noite e madrugada de San' João.

Nota D

Meu incubo podêr..............pag. 185.

Veja a respeito de *incubos* e *sucubos*, S. Clemente Alexandrino, Tertuliano e Lactancio, padre da Egreja que todos accreditaram n'este podêr dos demonios. Veja tambem as notas do P. Pereira ao VI. cap. do Geniess, e á I. epistola, XI, 10, Cor. de S. Paulo: dois logares da biblia, que deram origem, por mal intendidos, áquella imaginação pouco decente.

(Prim. ed.)

Nota E

Cevado de pilau e de badana.......pag. 187.

O pilau, especie de papas de arroz cozido, com carneiro quasi sempre, é a usual e favorita comida dos turcos e orientaes quasi todos. Badana é a mais vil carne de açougue que ha: ovelha velha, que, por inutil para mais nada, se mandou ao matadoiro.

AO CANTO DÉCIMO

Nota A

Ahi por essas eras
Os seus mortos os moiros sepultavam.....pag. 205

Os mahometanos fazem sempre seus cemiterios fóra das cidades, e escolhem para elles appraziveis e amenos, senão alegres sitios. Veja-se Volney, Viag. ao Egyp. — Chateaubriand, Itinerario, etc.

(Prim. ed.)

Nota B

Tira da manga mão de infante morto......pag. 206.

Toda esta estancia é compilada das crenças vulgares e supersticiosas do nosso povo. Todavia é isto

commum em toda a parte, e não é só a nossa gente a *que cré em bruxas*. Veja-se *Dictionnaire infern*. etc.

(Prim. ed.)

Á PREFAÇÃO

Nota unica

Conseguiu passar por obra posthuma .... pag. x.

A primeira edição de D. Branca trazia no rosto: —Obra posthuma de F. E. Com éstas iniciaes mysteriosas, com a protestação—que aqui transcrevo, como curiosidade litteraria que é—com certa imitação de stylo, ou mais exactamente de linguagem, muitos a tomaram por coisa de Filinto-Elysio: e é a maior lisonja que podiam fazer ao A. Eis-aqui a tal protestação:

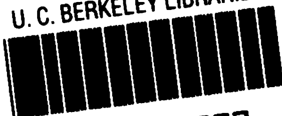
'Protesto que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, incantamentos, etc. são puramente poeticas. Outro-si que ainda quando ataquei algum d'aquelles abusos a que tam propensa é a natureza humana, nunca tive a peccaminosa intenção de desacatar a veneranda crença de nossos paes. Antes foi meu principal fim n'esta obra mostrar o castigo do vicio, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triumpho porfim da virtude e da religião.

Se a calúmnia quizer lançar fel, ou a impiedade veneno em minhas ingenuas trovas, desde-ja as desminto e d'ahi lavo minhas mãos. Ésta obra deixo em depósito ao quasi unico amigo que toda a vida tive: só depois de minha morte verá luz pública. Mas comquanto a essa hora ja estarei a salvo, no sepulchro, de todas as malevolencias dos homens, desejo comtudo que a memoria (se alguma restar) do obscuro auctor d'estes versos seja bemditta dos bons Portuguezes, dos homens de verdadeira religião e temor de Deus. Nasci, vivi, e não tardarei a morrer no seio da Egreja Catholica, Apostolica, Romana: a ella sujeito o meu humilde escripto; e se na minima coisa involuntariamente incontrei seus preceitos, do coração me desdigo e retracto.'

F. E.

' N. B. Esta declaração estava autographa em um papel avulso entre a primeira e segunda folha do manuscripto, (esse em lettra que desconheço) o qual recebi de F. E. poucos dias antes de sua morte.—O EDITOR.'

INDICE


U. C. BERKELEY LIBRARIES
C042591977